

José Arantes Junior



HERÁCLITO: O OBSCURO - ILUMINADO

REAL ACADEMIA DE LETRAS

Mário Pacheco Scherer – Editora

Rua Dom Pedro II, 903 – Conj. 203

Porto Alegre/ RS – CEP 90550-142

Telefone (51) 3342-8906

Cel. Editor: (51) 8489-0532

e-mail : escritoresbrasileiros@gmail.com

EDITOR:

Mário Scherer

**Dados internacionais de catalogação na publicação
(CIP)**

(Câmara Brasileira do livro, SP, Brasil)

Arantes Junior, José

Heráclito: O obscuro iluminado / José

**Arantes Junior. – São Paulo : J. Arantes
Junior, 2000**

Bibliografia

- 1. Filosofia antiga 2. Heráclito de Éfeso**
- 3. Poesia brasileira I. Título**

00-5440

CDD-182.4

Índices para catálogo sistemático:

- 1. Heráclito : Interpretação : filosofia
Pré-socrática 182.4**

Impresso no Brasil
2012



Heráclito de Éfeso: 540 – 475 a. C.

HERÁCLITO

O OBSCURO - ILUMINADO

Verdadeiramente, o pensar reúne tudo,
tanto matéria quanto energia natural,
e é possível assimilar este conteúdo
pela expansão e pela sintonia mental.

Desde a época de Platão existe uma rejeição por parte dos pensadores e filósofos em relação à possibilidade de união da poesia com a filosofia. Remando contra este fluxo milenar de idéias e conceitos, chegamos quase a desistir, vislumbrando as adversidades reservadas àqueles que ousam contrariar a opinião e o senso da grande maioria. Todavia o sonho foi mais forte e constatamos que a poesia ao invés de tornar a filosofia algo piegas, a tornou límpida, coerente e bela. Por sua vez a filosofia emprestou raciocínio lógico à poesia retirando-a dos improfícuos devaneios. Isto apenas serve para ratificar que a razão deve, sempre que for possível, unir-se à emoção e vice versa.

HERÁCLITO

O OBSCURO

ILUMINADO



Heráclito de Éfeso – (540 – 475 a. C.)

ÍNDICE

- 12. Prefácio
- 14. Introdução
- 11. Heráclito – O obscuro iluminado
- 13. Filosofia em rimas
- 15. Heráclito – Histórico
- 17. Tributo a Heráclito
- 18. A Doutrina Heraclítica
 - 21. O Fogo
 - 23. O Logos
 - 25. Os Contrários
 - 27. Os Homens
 - 29. As Almas
 - 31. A Sabedoria
 - 33. Deus

- 35. SOBRE A NATUREZA – FRAGMENTOS
- 36. DEDUÇÕES EM RIMAS E EM PROSA
(Obs: F. 01 = Fragmento 01.)
 - 37. F. 01 - O Logos
 - 39. F. 02 - A conjuntura
 - 41. F. 03 - Dimensão do sol - I
 - 43. F. 04 - A felicidade
 - 45. F. 05 - Os rituais
 - 47. F. 06 – Renovação do sol
 - 49. F. 07 – Capacidade do olfato
 - 51. F. 08 - A relação dos contrários
 - 53. F. 09 - O lixo e o ouro
 - 55. F. 10 – Conjunções
 - 57. F. 11 – Participação na terra
 - 59. F. 12 - O rio – I
 - 61. F. 13 - A lama e a água limpa
 - 63. F. 14 – Os iniciados nos mistérios
 - 65. F. 15 – Dionísio e Hades
 - 67. F. 16 - Luz da inteligência
 - 69. F. 17 – Interpretação individual
 - 71. F. 18 – Predisposição científica
 - 73. F. 19 – Ouvir e falar

75. F. 20 – Destinos mortais
77. F. 21 – Desperto e adormecido - I
79. F. 22 – Muito e pouco
81. F. 23 - Justiça- I
83. F. 24 - Honra divina e humana
85. F. 25 – Azar e sorte
87. F. 26 – Desperto e adormecido - II
89. F. 27 – Surpresa na morte
91. F. 28 – Justiça – II
93. F. 29 – Glórias eternas e mortais
95. F. 30 - O fogo eternamente vivo
97. F. 31 – transformações do fogo
99. F. 32 - O Único Sábio
101. F. 33 - A vontade de um só
103. F. 34 – Os presentes ausentes
105. F. 35 – Os amante da sabedoria
107. F. 36 – O ciclo dos elementos
109. F. 37 – Hábitat natural
111. F. 38 – Tales de Mileto
113. F. 39 – Bías, filho de Teutames
115. F. 40 – A erudição
117. F. 41 - Interdependência
119. F. 42 – Homero e Arquíloco
121. F. 43 – Presunção - I
123. F. 44 – As leis humanas - I
125. F. 45 – Dimensão do Logos - I
127. F. 46 – Presunção - II
129. F. 47 – Reflexão consciente
131. F. 48 – Arco – vida e morte
133. F. 49 – Um igual a mil
135. F. 49a - O rio - II
137. F. 50 – O todo é um
139. F. 51 – Tensões opostas
141. F. 52 – O tempo
143. F. 53 – A guerra
145. F. 54 – O invisível e o visível
147. F. 55 - Visão e audição – I
149. F. 56 – Equívoco de Homero – I
151. F. 57 – Hesíodo – I, dia e noite
153. F. 58 – Médicos – (curar e ferir)

155. F. 59 – Caminho reto e curvo
157. F. 60 – Para cima e para baixo
159. F. 61 – Água potável e impura
161. F. 62 – Imortais e mortais
163. F. 63 – Guardiões de vivos e mortos
165. F. 64 – O raio
167. F. 65 – Indigência e fartura
169. F. 66 – Dinâmica do fogo - I
171. F. 67 – Dinâmica do fogo - II
173. F. 67a – Instinto de sobrevivência
175. F. 68 – Remédios para a mente
177. F. 69 - Os sacrifícios
179. F. 70 – As idéias dos homens
181. F. 71 – Esquecer e recordar
183. F. 72 – A coerência do Logos
185. F. 73 - Sonambulismo
187. F. 74 – Inconveniência infantil
189. F. 75 – O labor no sono
191. F. 76 – O ciclo dos elementos - II
193. F. 77 – O ciclo dos elementos - III
195. F. 78 – Sabedoria divina - I
197. F. 79 – Sabedoria divina - II
199. F. 80 – Justiça e discórdia
201. F. 81 – Discursos e embuste
203. F. 82 – Escala evolutiva - I
205. F. 83 – Escala evolutiva - II
207. F. 84 – Transformação e repouso
209. F. 84a – Fadiga e rotina
211. F. 85 – Desejo e alma
213. F. 86 – A falta de fé humana
215. F. 87 – A indolência humana
217. F. 88 – Ação dos contrários - I
219. F. 89 – Desperto e adormecido – III
221. F. 90 – Dinâmica do fogo - III
223. F. 91 – O rio - III
225. F. 92 - O dom da profecia
227. F. 93 – A intuição do Senhor
229. F. 94 – Dimensão do sol - II
231. F. 95 - A insipiência - I
233. F. 96 – Valor dos cadáveres

235. F. 97 – Reação de estranheza
237. F. 98 – As almas no Hades
239. F. 99 – Utilidade do sol - I
241. F. 100 – Utilidade do sol - II
243. F. 101 – A busca interior
245. F. 101a - Visão e audição - II
247. F. 102 - Sabedoria divina - III
249. F. 103 – Princípio e fim
251. F. 104 – Sentimento e razão
253. F. 105 – Equívoco de Homero - II
255. F. 106 – Hesíodo – II, dias bons e maus
257. F. 107 - Visão e audição - III
259. F. 108 – A diferença do sábio
261. F. 109 - A insipiência - II
263. F. 110 – Necessidade da busca
265. F. 111 - Ação dos contrários - II
267. F. 112 – A virtude máxima
269. F. 113 – O ato de pensar
271. F. 114 - As leis humanas - II
273. F. 115 – Dimensão do Logos - II
275. F. 116 – Conheça-te a ti mesmo
277. F. 117 – Alma úmida - bêbado
279. F. 118 – Alma seca - sóbrio
281. F. 119 – Índole – gênio divino
283. F. 120 – Limite dos contrários
285. F. 121 – As leis humanas - III
287. F. 122 - Aproximação
289. F. 123 – Natureza misteriosa
291. F. 124 – O cosmo, dispersão e arranjo
293. F. 125 – Decomposição e harmonia
295. F. 125a – Riqueza e pobreza
297. F. 126 – Ação dos contrários – III

300. Considerações finais



O Ágora era o centro comercial de Éfeso

PREFÁCIO

É de consenso que escrever é uma arte. Quando acreditamos ter algo a dizer, escrevemos, porque a escrita permanece ali, pode ser lida e relida sempre que quisermos, sempre que outro quiser saber do pensamento expresso. Diferente das palavras faladas, que esvoaçantes se perdem no espaço, e cujo eco não permite mais o mesmo entendimento.

Como seria nosso conhecimento hoje se nos primórdios não tivesse havido corajosos para tentar gravar de alguma forma suas imaginações e percepções, suas elucubrações a partir de experiências de que possuíam apenas a expectativa como resultado? E não apenas as fáticas, mas também suas reflexões sobre o mais profundo sentido da realidade, sobre valores, verdades, propósitos. E é por meio da escrita que, desde sempre, nos apossamos de inumeráveis sistemas filosóficos contraditórios que há vinte e cinco séculos surgem como explicações do que seria nossa vida, nosso mundo.

Nós, do Ocidente, encontramos em alguns fragmentos dos antigos gregos, aos quais denominamos pré-socráticos, as primeiras especulações e suposições sobre a existência. O conteúdo de tais escritos aparece de forma tão desafiadora, que sobre eles ainda nos dias atuais muitos se debruçam para o compreender.

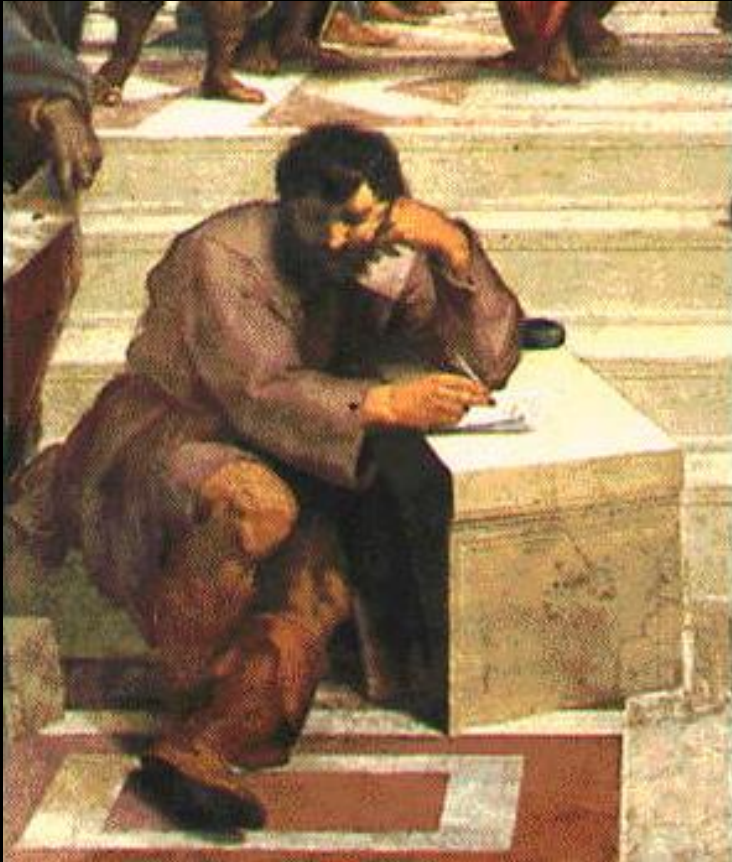
Heráclito é um destes pré-socráticos, cujo legado - os aforismos - nos permite saber da sua busca no compreender a multiplicidade do real. Provavelmente o primeiro de então a não rejeitar as contradições, mas querendo apreender a realidade na sua mudança, no seu devir. Sua filosofia notoriamente obscura foi popularmente resumida na fórmula “*tudo flui*”. Inúmeros são seus críticos, comentaristas, analistas, seguidores. Cada um, à sua maneira, deixou suas impressões por escrito.

José Arantes Junior, criador da Escola da Alquimia Literária, buscou traduzir os aforismos heraclíticos sob forma de poemas, cujo ritmo e rima auxiliam a compreensão dos mesmos, despertando entusiasmo por este pensador.

Escrever implica em ter coragem e confiança na escolha do assunto e das palavras, e Arantes demonstra toda a sua criatividade e talento neste criterioso trabalho.

Na certeza que esta nova escola literária auxiliará a despertar interesse aos estudantes e amantes das boas letras, este livro é um marco para uma nova forma de estudar os pensadores.

Hertha Costa Scherer
Filósofa



**Heráclito sentado ao pé da escada do templo de Ártemis.
Por Rafael, pintor italiano renascentista (1483 – 1520).**

INTRODUÇÃO

É de essencial importância apresentar ao leitor o móvel fundamental de nossa iniciativa, no que concerne à elaboração deste livro, a tentativa de interpretação deste enigmático filósofo, respeitando juntamente o cultivo e os princípios das convicções que apresentem embasamento dentro da verdade para possibilitar, desta maneira, um entrelaçamento de ideias que naturalmente fará com que a resultante possa ser classificada como sendo uma ousadia ou um atrevimento dentro do mundo da filosofia.

Neste livro direcionamos as nossas energias no sentido de apresentar, da maneira mais didática dentro do possível, os fragmentos de Heráclito a partir dos subsídios que conseguimos extrair dos outros fragmentos escritos por ele próprio, assim, procuramos associar cada idéia que o filósofo apresenta com as outras pertinentes aos demais fragmentos; visando, logicamente, formar u'a malha de interdependência na qual um pensamento elaborado pelo pensador sirva de substrato de coerência para as verdades veiculadas pelos outros fragmentos transcritos.

É perfeitamente dedutível que, a partir desta premissa, alguns devam ser mais utilizados do que outros para a explicação do conjunto, justamente por serem mais abrangentes, e por isso mesmo deixamos claro ao leitor que, em nossas deduções, principalmente em prosa, tomamos a liberdade de mencionar quantas vezes se fez necessário, as referências de determinado fragmento, assim, por exemplo, mencionamos as verdades que o filósofo transcreveu nos fragmentos: (2), (29), (35), (102) e (104) como fonte de respaldo para diversos outros fragmentos, almejando uma explicação mais coerente dentro da própria obra.

Reafirmamos a nossa postura de bom senso no sentido de deixar claro que a interpretação que fazemos a respeito de Heráclito, é de nossa inteira responsabilidade, e mantemos, deste modo, a plena consciência de que existirão outras interpretações diferentes desta que apresentamos, entretanto, como a filosofia distingue inúmeros canais de possibilidades para todos, procuramos iluminar aquele

"canal de imaginação" que nos possibilitou o ensejo de pretender a compreensão deste polêmico amante da sabedoria, pautados nos subsídios de todo o conjunto.

Sabemos, outrossim, que muitos entusiastas deste filósofo poderão mesmo esconjurar esta iniciativa e, alguns, certamente dirão: "mas eu não vejo desta forma", ou ainda: "é uma heresia fazer filosofia em rimas" e incontáveis outras observações a mais, todo este questionamento, porém, é viável e pertence ao mundo da filosofia, o que de certa forma nos deixa a vontade, porque obviamente não pretendemos impor, mas simplesmente expor a nossa interpretação e se ela servir para levantar polêmicas, bem, elas são naturais e pertencem ao mundo da filosofia; se ela contribuir para um novo enfoque para os conceitos de Heráclito, que, até então o leitor não tinha considerado em suas reflexões, diremos a nós mesmos que começa a valer a pena o esforço despendido para a interpretação destes fragmentos e, finalmente, se para algumas pessoas ela representar um acréscimo de idéias, de tal forma que, a partir delas, outras idéias do seu próprio mundo interior venham a aflorar para uma proffuca dinâmica de reflexões em interação com o pensamento original do filósofo e as deduções em poesia e em prosa, seguramente nos sentiremos honrados e satisfeitos no propósito idealizado.

Em nosso entendimento cada pessoa traz dentro de si o "amante da sabedoria", nem que seja em estado de vida latente, algumas pessoas abrem "canais mentais" que lhes possibilitam interpretações que muitas vezes nem sequer havíamos imaginado, existem outras que, pelo potencial de erudição, acabam detendo em suas mãos dados bibliográficos e históricos de significativa importância, assim, esperamos que este livro possa colaborar com a imaginação, com a capacidade de reflexão e quem sabe até mesmo de produção literária de alguns leitores.

José Arantes Junior
São Paulo – SP



Teatro central da cidade de Éfeso para 24.000 pessoas sentadas. Sediava jogos, músicas e cerimônias religiosas. (Visão da frente).

HERÁCLITO: OBSCURO - ILUMINADO

Heráclito de Éfeso, é um pensador pré-socrático que há mais de XXV séculos deslumbra as mentes de pessoas que têm acesso aos seus polêmicos fragmentos, sentimos também, ao primeiro contato, um fascínio natural pela profundidade dos pensamentos aqui expressos. Deste modo, constatamos que o pensador empresta uma complexidade significativa às palavras que compõem cada um de seus fragmentos, mas o faz com uma síntese tão expressiva que ele abre incontáveis possibilidades para o leitor que tiver a ousadia de tentar interpretar as suas misteriosas narrativas.

A toda dificuldade própria deste pensador ainda temos que acrescentar as dificuldades e até mesmo perdas literárias no que se refere ao processo sempre inevitável da tradução do original de seu trabalho escrito na língua grega para os fragmentos traduzidos que são apresentados na língua portuguesa, que por mais fiéis que sejam sempre apresentarão algumas diferenças previsíveis.

Conseqüentemente, devemos somar todos esses empecilhos ao caráter irreverente de Heráclito, que fazia com que ele não se preocupasse com o fato de escrever de maneira bastante enigmática, assim, é com frequência que ele resume toda uma idéia que conseguiu abstrair de suas auscultas ao Logos, numa única frase e até mesmo numa única palavra, tal como é o caso do fragmento (122), onde ele sintetiza todo o somatório de diferentes elucubrações representadas apenas pela palavra "aproximação".

Desta forma, por tudo isto, Heráclito é conhecido pelo epíteto de "o obscuro", entretanto, acreditamos haver algo de injustiça ou de inexatidão nesta expressão, pois os seus fragmentos, ainda que sintéticos, encerram profundos fundamentos filosóficos, que procuraremos demonstrar e esmiuçar ao longo das páginas deste livro.

A ponte que une a precária realidade do mundo antigo com a moderna ciência de nossos dias é exatamente a fina intuição característica daquela potência mental que era Heráclito, assim, convictos de que existe um enfoque mais filosófico, literário, científico e até mesmo religioso para se interpretar este pensador, apresentamos aqui a nossa

iniciativa, que logicamente não pretende ser a voz da verdade, mas talvez uma forma mais humana de se lidar com a aridez que o tempo e a interpretação superficial se incumbiram de emprestar aos fragmentos de Heráclito.

A própria condição de eremita em que Heráclito vivia emprestava à sua vida algo de obscuridade ao menos aparentemente, segundo a interpretação da maioria das pessoas, as quais preferem viver na condição de vida gregária, ainda que sob a égide de valores duvidosos com os costumes que acabam se degenerando para a hipocrisia.

A condição de vida em sociedade, em princípio, é um estilo de vida salutar, construtivo e bom, entretanto, pelas deturpações na conduta do ser humano, os mais influentes e poderosos da sociedade passam a manipular toda a população para fazerem prevalecer os seus conceitos e preconceitos de acordo com as suas intenções e ambições inconseqüentes, parciais e freqüentemente injustas.

Em conseqüência destas injustiças que passam a vigorar vamos ver os cidadãos que tinham influência na cidade de Éfeso se agruparem em sociedade para então, juntos, utilizarem a força e a influência do conjunto social para discriminarem o cidadão Hermodoro, relegando-o ao ostracismo, usando como álibi o fato de que eles não queriam alguém que fosse o melhor dentre eles, como se vê descrito nas palavras do fragmento (121).

Por tudo isto Heráclito opta pela condição de vida solitária e obscura, distante daquele abuso de poder, e obscura também se tornou a sua obra escrita, pois foi elaborada com um poder de síntese que aqueles cidadãos mais influentes da cidade não puderam compreender.

Finalmente, embasados na sua própria doutrina que defende a coexistência e a inter-relação dos contrários, julgamos estar fazendo uma interessante justiça a este pensador eremita, ao associarmos o seu sombrio cognome: "o obscuro", ao seu ígneo contrário, para lhe atribuir à denominação final de "o obscuro - iluminado".

O autor



Teatro central da cidade de Éfeso. (Visão dos fundos).

FILOSOFIA EM RIMAS

Reconhecemos que tentar abordar um filósofo da envergadura de Heráclito e, além do mais, fazê-lo usando rimas, pode ser considerado uma heresia dentro do mundo da filosofia. Sacrilégios a parte, preferimos acreditar que as mentes desconhecem seus próprios limites, e que filosofar é projetar-se para o conhecimento de si mesmo, e, se por ventura, algum dia pudermos fazer esta projeção em poesia, estaremos abrindo um caminho para alcançar a plenitude mental que a filosofia almeja, em sintonia com a harmonia emocional que as rimas nos podem proporcionar.

Não pretendemos ter alcançado este objetivo quase utópico, porém, nos reservamos o contentamento e a consciência de haver tentado, nesta verdadeira aventura de buscar a mais adequada análise e a melhor interpretação para a essência do pensamento deste homem singular.

Procuramos, na medida do possível, não sair do contexto original dos fragmentos no que se refere à parte poética, ao tentarmos encontrar a rima certa, para que a raiz filosófica própria deste pensador da antiga Jônia não sofresse um processo de descaracterização.

A Jônia era uma vasta região da Grécia antiga que ficava na parte litorânea asiática e hoje corresponde a um território da nação da Turquia, e a cidade de Éfeso era uma das cidades integrantes daquela região que na época se destacava pelo cultivo à filosofia ou ao saber.

Durante a elaboração das interpretações houve fragmentos, principalmente em relação às deduções em prosa, que para se conseguir uma explicação plausível, foi necessário recorrer à luz de discernimento da ciência que temos em nossos dias, como é o caso, por exemplo, dos fragmentos (64), (75), (105), (106) e (115).

Seria muito difícil, evidentemente, explicar de maneira coerente, como no caso específico do fragmento (64), de que modo poderia o raio equilibrar todas as coisas se não o fizéssemos recorrendo à dinâmica pertinente à eletrostática que é estudada pela física moderna.

Da mesma maneira, recorreremos aos modernos conhecimentos da astronomia para constatar que o universo apresenta-se em expansão, caracterizada pelo afastamento gradual das galáxias, como sugere o pensamento original do filósofo no fragmento (115), e tantos outros que requereram o conhecimento científico que temos em nossos dias.

Por tudo que acabamos de esboçar, obviamente, que esta nossa iniciativa não pode pretender de forma alguma ser a única linha para a abordagem do pensamento de Heráclito, que chega até nós com esta alcunha *sui generis* de "o obscuro", justamente em consequência da dificuldade de interpretação de seus enigmáticos fragmentos, pois seria demasiada presunção que o próprio Heráclito de Éfeso condena veementemente nos fragmentos (43) e (46).

Em que pese todas as nuances e particularidades destas considerações apresentadas, acreditamos que esta iniciativa, entretanto, se satisfaz plenamente no que se refere à curiosa e até atrevida possibilidade de se filosofar explorando ao mesmo tempo a harmonia das rimas.

As rimas e a poesia frequentemente têm sido elaboradas com o intuito de se cultivar devaneios e isto se consagrou através dos séculos e até dos milênios. O próprio Heráclito nos deixou como legado cultural da antiga Grécia estes seus fragmentos, mas não o fez explorando a harmonia sonora das rimas e tal como ele, a maioria dos outros filósofos e pensadores da época também rejeitaram a possibilidade de se cultivar a poesia enquanto apresentavam a essência de suas investigações filosóficas.

Assim, remando contra esta correnteza milenar já consagrada, na qual passou a ser comum e até tradicional apresentar o pensamento filosófico ou mesmo científico praticamente rejeitando a possibilidade de se cultivar as rimas, apresentamos este trabalho poético-filosófico por acreditarmos que a harmonia sonora das palavras não vá subtrair em nada o teor do saber.

Desejamos assim, que o leitor atento faça uma associação entre estes milenares fragmentos filosóficos tão misteriosos para extrair deste importante pensador solitário as suas próprias nuances de interpretação.



69ª olimpíada (504 – 501 a. C.)

HERÁCLITO - HISTÓRICO

Heráclito, filho de Blosson, ou, segundo outra fonte, de Heraconte, nasceu na antiga colônia asiática da Grécia, a Jônia, na cidade de Éfeso. Ele possuía uns quarenta anos na época da 69ª olimpíada (504 - 501 a. C.); era um homem de sentimentos incontestavelmente elevados e de caráter um tanto quanto orgulhoso.

Certa vez, tendo ele se retirado do templo de Ártemis, pôs-se a jogar dados com as crianças, entretanto, vendo-se cercado pelos efésios lhes dirigiu estas palavras: "de que vos admirais homens perversos? não é melhor fazer isto do que governar o Estado convosco?", (fazendo desta forma, a provável alusão ao fato de que eles, além de tantas ignomínias e manipulações que praticavam, ainda tinham expulsado o cidadão Hermodoro, simplesmente porque ele era o melhor cidadão dentre todos os efésios).

Finalmente, Heráclito tornou-se misantropo e se retirou às colinas onde passou a viver alimentando-se de ervas e plantas. Disseram que por esse motivo ele foi acometido de hidropisia e então, desceu à cidade e se pôs a perguntar enigmaticamente aos médicos se podiam fazer de um aguaceiro uma seca. Como eles não o compreendessem foi enterrar-se num estábulo e esperou que a água fosse evaporada pelo calor do estrume. Como não conseguiu obter êxito, findou a vida aos sessenta anos de idade, tendo sido enterrado na praça da cidade de Éfeso.

Heráclito deixou escrito este livro na forma de fragmentos, que se intitula "sobre a natureza", o qual se divide em três partes, que tratam sobre o universo, a política e ainda sobre a teologia; o filósofo o depositou no templo de Ártemis (deusa irmã de Apolo, correspondente à Diana dos romanos - deusa da caça e da fertilidade).

Segundo alguns Heráclito redigiu de uma forma obscura para que, dele, somente se acercassem os amantes da sabedoria e ele não fosse menosprezado pelos homens vulgares; desta forma, o confirma também o escritor Timon, quando ele descreve: "Entre eles se ergueu prontamente

Heráclito, que fala em termos enigmáticos, cantando como um galo e injuriando ao povo".

Tão célebre e famosa se tornou esta sua obra na antigüidade, que se organizou em torno dela uma espécie de seita com vários discípulos, os quais eram denominados de heraclíticos.

(DIÓGENES LAÉRCIO IX, 1-17 / DK 22 A 1).

NOTA DO AUTOR: Até hoje Heráclito ainda é conhecido como "o obscuro", e a idéia que aqui é veiculada, mostra que alguns acreditaram que ele tivesse escrito de forma obscura com a intenção de sonegar o seu discernimento aos outros homens, nós, particularmente, não acreditamos nisso e, ao longo deste livro, vamos mostrar um lado até altruísta de Heráclito, e se ele quisesse mesmo guardar o seu saber para si próprio, obviamente não teria deixado escritos estes fragmentos, que mostram verdades primordiais captadas por ele em suas auscultas, para as gerações futuras.

Heráclito também foi convidado a viver na corte do rei Dario da Pérsia e então passaria a levar uma vida cheia de futilidades e de superficialidades convencionais da época, entretanto, deixando de lado as mordomias e regalias que passaria a ter naquele local optou altruisticamente pela condição de eremita, pois foi nesta condição de vida que ele adquiriu subsídios para nos deixar esta obra de valor inestimável, tanto como documento histórico da antigüidade quanto de valor filosófico que o tempo não apagou, ao contrário, enobreceu muito mais.

Desta maneira, Heráclito é apresentado como um homem orgulhoso e vaidoso, mas na intimidade deste homem que parece degenerado em relação às verdadeiras virtudes, existe um outro solitário altruísta, meditando, auscultando ao Logos e escrevendo em seus fragmentos verdades insólitas para deixar de herança à toda a humanidade de uma forma atemporal sem pedir nada em troca.

Sim, Heráclito é um valor atemporal, pois até hoje é como se ele tivesse escrito tudo isto ontem.



TRIBUTO A HERÁCLITO-I

O fogo, o ar, a água e ainda a terra,
são substratos desta rica imaginação
cuja estrutura e perspicácia encerra
o mais elevado grau de viva reflexão,

esses elementos, o Logos e os homens
se inserem num contexto bem racional,
que preserva suas harmonias e ordens
e tem Deus como a origem fundamental,

desta maneira, Heráclito é grandioso,
legando-nos este pensamento precioso
por ele, bem engendrado e assimilado,

as suas idéias permanecerão no tempo
tal como uma homenagem ao pensamento
deste gênio que é: obscuro-iluminado.

JOSÉ ARANTES JUNIOR

TRIBUTO A HERÁCLITO-II

Apenas religiosos cuidam da religião,
somente os astrônomos, da astronomia,
só físicos vêem nas fórmulas a razão,
só se entende Heráclito na filosofia,

só quem estuda filosofia tem bagagem
para se analisá-lo com os contrários,
caso contrário será uma fútil viagem
sem os nobres estudos universitários.

Heráclito também viu homens *genuínos*,
mas preferiu jogar dados com meninos
do que se unir a eles como insensato,

sabia que só representavam presunção,
tudo para se deter um poder nas mãos
e foi criar sua obra no meio do mato.

JOSÉ ARANTES JUNIOR



Demócrito de Abdera e Heráclito de Éfeso
O Filósofo que ri O Filósofo que chora

Pintado por Rubens (1577 – 1640)

HERÁCLITO E DEMÓCRITO

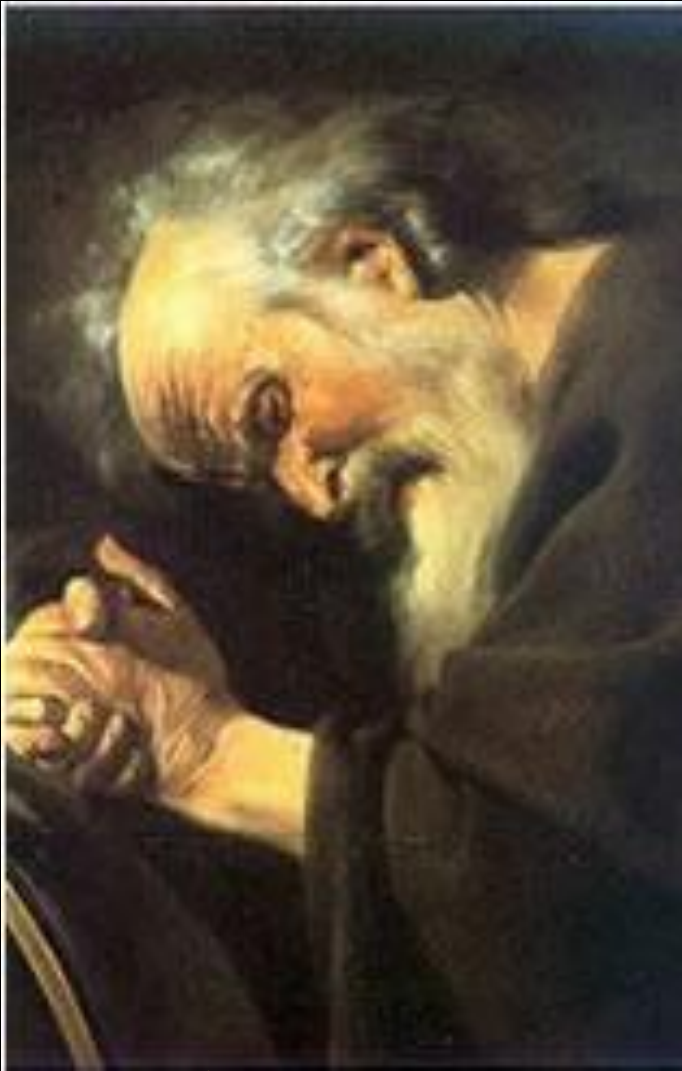
Para Heráclito a lógica é metafísica,
e o Logos dos seres é um referencial,
é necessário uma ausculta específica,
para se alcançar a meta de seu ideal.

Para Demócrito a lógica é bem física
os átomos geram união íntima e séria,
a estrutura atômica é característica
como amálgama que sustenta a matéria.

Heráclito vislumbrou uma nova aurora,
e ele se tornou o filósofo que chora
pelo desgaste ao passar seus valores.

Demócrito passava sua arte com gosto,
era o filósofo que ri de modo oposto,
formando contrários entre pensadores.

JOSÉ ARANTES JUNIOR



**Heráclito de Éfeso por Johannes Paulus Moreelse
Pintor holandês do século XVII (1603 – 1634)**

A DOUTRINA HERACLÍTICA

Heráclito expandiu o seu pensamento de amante da sabedoria a todas as coisas e seres, desde a lama na qual vivem os porcos, até o espaço ilimitado do cosmo, revelando assim, que o infinito traduzia a dimensão de sua própria imaginação já que o Logos é o denominador comum.

Nos extremos lampejos de sua projeção mental, dependendo, muito provavelmente, um esforço hercúleo, no intuito de criar condições para uma adequada ausculta ao Logos, entendendo que, obviamente por dedução, ele tenha assimilado em sua consciência a necessidade da existência da inteligência ígnea, ou seja, Deus, e que esta inteligência divina tenha possibilitado a gênese do Logos, e como detentora do tempo e do espaço, ela também dá sustentação à vida de todos os seres existentes neste Logos.

A partir do momento que Heráclito aceita Deus como inteligência ígnea a iluminar todos os seres e o próprio universo, a sua filosofia passa a ganhar uma característica de doutrina religiosa a defender a existência de um ente supremo coordenando a vida em todo o Logos. No momento em que ele aceitou esta concepção, podemos imaginar que imediatamente ele tenha escrito o fragmento que confirma esta convicção, que é o fragmento (33), que também é enaltecido pelas palavras do fragmento (102).

Heráclito de Éfeso que era um filósofo solitário e incompreendido na sua época, levando uma vida limitada em consequência da escassez de denominadores comuns com os homens de seu tempo, acabou tendo a sua própria doutrina projetada no mesmo terreno de incompreensões e, assim, na idade média, a leitura de seus fragmentos chegou mesmo a ser proibida nos mosteiros que cultivavam o aprendizado filosófico, talvez por terem visto na guerra de Heráclito, não o mecanismo de ação e reação, ou ainda, o inter-relacionamento que envolve e dinamiza a existência dos contrários, mas sim a guerra propriamente dita entre os homens, ou talvez ainda pela maneira agressiva que o filósofo se reporta aos efésios, quando ele transcreveu que seria preferível que todos eles se enforcassem em massa e

deixassem a cidade para ser governada pelos meninos, tal como se pode ler no fragmento (121). Entretanto, nutrimos a convicção de que este fragmento tenha funcionado mais como uma forma de desabafo por parte do pensador, mesmo porque, não se tem notícias de que ele tenha sequer participado de guerras, e, além do mais, ele assim se referiu, justamente para externar a sua repulsa diante da injustiça que os líderes de Éfeso estavam fazendo como no caso em que expulsaram Hermodoro simplesmente porque ele era o melhor homem dentre eles, é claro que nós também não concordamos com a circunstância de se enforcar todos os homens, devido à sua conduta ser errônea, entretanto, também não podemos concordar com a discriminação feita pelos efésios em relação ao cidadão Hermodoro, relegando-o ao ostracismo de forma arbitrária, parcial e injusta. Assim, pelo menos aquele sentimento de repulsa, é perfeitamente justificado para uma ação como aquela. De qualquer forma, Heráclito veio como uma espécie de pioneiro do monoteísmo entre os gregos, que se caracterizavam pelo politeísmo, que apregoava a existência de deuses mitológicos vivendo no "olimp", a sua imaginária moradia.

A confirmação de que Heráclito de Éfeso possuía concepções monoteístas encontra respaldo nas citações dos fragmentos (16), (32), (33), (78), (79), (83), (86) e (102), e isto o diferenciava seguramente dos demais gregos, e como ele também não gostava de injustiças tal como foi possível perceber pelos comentários anteriores e até mesmo pelas palavras dos fragmentos (28) e (107), obviamente, não iria concordar com a falta de piedade daqueles que se iniciavam nos mistérios em voga entre os homens como menciona o fragmento (14). Assim, ao contrário, ele se fortalece nesta idéia com as palavras que nos apresenta no fragmento (71), mostrando a sua viva preocupação de alertar ou despertar aos homens que tinham esquecido o seu caminho, seguindo esta mesma linha de raciocínio, no que se refere à preocupação com a retidão da conduta do ser humano, vamos vê-lo alertando aos homens para que não se expressem superficialmente como as crianças dos genitores e, ainda, no fragmento (35), onde ele sugere que os homens se transformem em amantes da sabedoria no intuito de se

capacitarem para a investigação e para a compreensão dos acontecimentos existentes no Logos de todos os seres.

Deste modo, percebemos que Heráclito não só possuía concepções monoteístas, demonstrando a sua crença num único Deus que ele denomina de único sábio, mas também, paradoxalmente à sua aparente condição de misantropo, preocupava-se com a sorte e o bem estar de seus semelhantes. Tudo isto torna Heráclito, um homem nobre, e toda a sua doutrina, excetuando-se o seu lado temperamental externado em alguns fragmentos, digna de apreço e de elevada consideração, posto que realmente nos encontramos num universo pautado pela coexistência dos contrários tais como o dia e a noite, a saúde e a doença, o princípio e o fim e ainda tantos outros equilíbrios por ele detectados em sua preciosa ausculta ao Logos (natureza).

A título de melhor interpretar os fragmentos do pensador da antiga jônia, será dividida, de uma maneira particular, ou segundo uma óptica mais didática, toda a sua gama filosófica em 7 (sete) tópicos principais, para uma ligeira análise e uma correlação sucinta entre os diversos fragmentos, interligados numa mesma linha de raciocínio.

Estes tópicos, naturalmente, são muito diferentes entre si já que Heráclito era muito eclético e expandia a sua imaginação para todas as coisas, acontecimentos e seres existentes na natureza, criando um tipo de raciocínio que vai da descrição da restrita e acanhada lama onde vivem os porcos até os confins das dimensões superlativas do amplo, deslumbrante e ilimitado cosmo.

Assim, o expressivo somatório de tópicos que pretenderão sintetizar a rara essência do pensamento deste intelectual que já surpreendeu tantos intelectuais ao longo de tantos séculos diferentes, será apresentado de uma forma muito breve, entretanto com uma coerência bem fidedigna à sua doutrina da seguinte maneira: o Fogo, o Logos, os Contrários, os Homens, as Almas, a Sabedoria e Deus.



O F O G O

O fogo é o elemento primordial que, na convicção de Heráclito, possibilitou a formação de todos os outros elementos, considerados também como básicos, que são: o ar, a água e a terra e, desta maneira, passaram a constituir o amálgama para a gênese do Logos, ou a natureza tal como a conhecemos, compreendendo ainda, logicamente, o espaço sideral com todos os astros do universo.

Desta forma, as várias transformações do fogo possibilitariam o aparecimento da matéria que é visível aos nossos olhos, e entendemos que este fenômeno possa se estabelecer através de uma possível perda de energia, tal como poderíamos imaginar, pelo menos em tese, se uma grande labareda se desprendesse do sol no espaço sideral e posteriormente, gerasse a matéria densa por intermédio do resfriamento de seu poder ígneo inicial, possibilitando a aglutinação dos átomos, moléculas e espaços inter atômicos de sua estrutura íntima, dando formação assim, a um planeta no espaço ilimitado. Este planeta, por atração gravitacional, continuaria gravitando em torno do sol, evitando um resfriamento muito acelerado de toda a sua estrutura, pelo distanciamento da fonte original de calor.

A partir desta realidade os outros elementos: o ar, a água e a terra passariam a surgir pelo resfriamento relativo com perda parcial de energia, que ocorreria pelo distanciamento desta labareda em relação à fonte energética ígnea inicial representada pelo sol.

A partir deste amálgama inicial de matéria, o único sábio, que é Deus (o Criador), passaria a possuir o substrato necessário para construir o Logos (natureza), com todas as suas particularidades e princípios estabelecidos pela coexistência dinâmica dos contrários.

Consumada esta gênese, estes mesmos elementos formados e estabilizados, apresentar-se-iam em constantes transformações de uns nos outros, como é possível de se confirmar pelas palavras do fragmento (36).

Esta gênese, ainda como possibilidade teórica, seguramente foi detectada pelo raciocínio holístico de Heráclito, embora ele tenha externado estas deduções de

uma maneira um tanto quanto enigmática, como se pode confirmar através da leitura do fragmento (66): "O fogo há de distinguir e reunir todas as coisas".

Sim, é coerente imaginar, de maneira contrária, numa viagem hipotética, onde o nosso planeta terra, ou mesmo qualquer outro, se movimentasse em direção ao sol, que ele, antes mesmo de se chocar, já estaria com todos os seus elementos na condição primitiva de fogo, o elemento fundamental concebido por Heráclito.

Pode-se, desta forma, assimilar que o fogo inicial daria origem a todas as coisas e seres existentes na natureza, e estas mesmas coisas inertes e seres vivos, contrariamente, pelo aquecimento, retornariam ao mesmo fogo.

O cérebro privilegiado de Heráclito de Éfeso, que permanecia sempre atento em sua ausculta ao Logos, atinge esta compreensão e ainda que seja exclusivamente através se sua poderosa intuição, ele enuncia, como uma verdadeira ratificação desta conscientização o fragmento (90): "Pelo fogo, tudo se troca, e por tudo o fogo, como pelo ouro, as mercadorias, e pelas mercadorias, o ouro".

Muito provavelmente o fogo é, para Heráclito, uma espécie de essência íntima da inteligência ígnea que é Deus, cujo ígneo amálgama, o Criador expande durante o processo de gênese do Logos e em sentido contrário faria uma convergência de todos os contrários que passariam a existir deixando todo o conjunto coeso novamente no mesmo "estado de tensão inicial" como é possível de se depreender por intermédio das palavras do fragmento (8).

Para quem tem dúvidas se Heráclito acreditava ou não em Deus é suficiente ler atentamente as palavras do fragmento (102), e se Deus existe em sua concepção todas as coisas e seres surgiram a partir de sua intervenção, pois Ele é o único sábio como cita o fragmento (33).

O fogo se mostra como um elemento que guarda estreita relação com Deus, pois ele há de distinguir e reunir todas as coisas como cita o fragmento (66) e, porque Deus exerce o controle, ele se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas como cita o fragmento (30).



1. Eléia	6. Atenas	11. Clazômenas	16. Samos	21. Abdera	26. Maratona
2. Crotona	7. Delfos	12. Colofão	17. Delos	22. Tróia	27. Salamina
3. Agrigento	8. Corinto	13. Éfeso	18. Rhodes	23. Estagira	28. Termópilas
4. Leontino	9. Olímpia	14. Priene	19. Creta	24. Tebas	29. Micenas
5. Siracusa	10. Mt. Olimpo	15. Mileto	20. Kós	25. Tarento	30. Esparta

<u>Eléia</u> : Parmênides – Zenão	<u>Atenas</u> : Sócrates e Platão	<u>Clazômenas</u> : Anaxágoras
<u>Crotona</u> : Pitágoras e Filolau	<u>Kós</u> : Hipócrates (Pai da Medicina)	<u>Colofão</u> : Xenófanes
<u>Agrigento</u> : Empédocles	<u>Abdera</u> : Demócrito – Protágoras	<u>Éfeso</u> : Heráclito
<u>Leontino</u> : Górgias	<u>Estagira</u> : Aristóteles	<u>Mileto</u> : Tales – Leucipo – Anaximandro – Anaxímenes
<u>Siracusa</u> : Arquimedes	<u>Tarento</u> : Filolau e Arquitas	



O L O G O S

O conceito de Logos, como é bem notório de se depreender da visão do filósofo, encerra em si mesmo uma significação bastante abrangente em relação ao mundo em que vivemos, entretanto a visão que mais lhe corresponde à melhor tradução é a que se identifica com a idéia de que ele possa ser considerado o princípio racional do mundo.

Assim, o Logos traduz a própria natureza que vivencia um equilíbrio singular, a qual, como ele mesmo menciona no fragmento (123), costuma ocultar-se, ou seja, existe inserida numa realidade de princípios tão íntimos e profundos, que escapa à compreensão dos homens comuns e até aos amantes da sabedoria de um modo geral.

Desta maneira o Logos preserva a intimidade de seus elos e mecanismos, exigindo, conseqüentemente, do homem, que se torne amante da sabedoria para poder investigar-lhe com acuidade de discernimento.

Através do fragmento (1), vemos que o pensador refere que o Logos é real, e que ainda possui a sua própria conjuntura, ou como se pode deduzir comparativamente, a harmonia, como cita o fragmento (2), e assim, dentro desta realidade caracterizada por um encadeamento lógico entre os seres, o Logos reserva um habitat natural específico para cada qual das diferentes espécies de animais que nele existem, como é possível de se confirmar pelas idéias que o filósofo expõe nos fragmentos (13), (37) e (61).

Portanto este Logos de todos os seres, citação que se lê no fragmento (30) e que confirma esta grande variação de seres pelo que ele nos transcreve no fragmento (11), preserva o seu equilíbrio característico, para que possa se apresentar na estrutura visível que é a estrutura da vida pertencente à matéria, expressando-se como natureza, onde existem todos os homens, animais, vegetais e minerais de todo o planeta e, extensivamente, até mesmo os astros que preservam as suas medidas específicas, dentro da realidade que é particular a cada um deles, como podemos ratificar por meio das palavras encontradas no fragmento (94).

Conseqüentemente, o Logos abrangente passa a ser mantido e também equilibrado, não somente no planeta

terra através da natureza visível, mas igualmente, em todo o universo ilimitado em que vivemos.

Há que se ressaltar que Heráclito identificava no Logos uma harmonia visível (a matéria) e uma harmonia invisível (o Hades) e que a harmonia invisível é mais forte do que a visível como cita o fragmento (54).

Assim o Logos, por se encontrar equilibrado, já vive esta plenitude de equilíbrio, passando a existir dentro de sua conjuntura estabilizada como se pode comprovar pelo que está escrito no fragmento (2); enquanto que a massa humana passa a vislumbrar predicados equivocados numa espécie de miragem promovida pela aparência das formas que a energia concentrada que faz surgir a matéria pode proporcionar. Então essa massa humana passa a viver fora da conjuntura do Logos e passa a cultivar valores que parecem seus, que, no entanto a instabilidade da matéria se encarregará de apagar e de mostrar que não eram seus.

Finalmente nós podemos acrescentar, de maneira bastante significativa, a esta noção e conceituação de Logos desenvolvida pelo pensador, as palavras do fragmento (45): "Não se encontraria a caminho os limites da vida, mesmo quem percorresse outros caminhos, tão profundo é o Logos que possui", dando-nos a percepção de que ele identificava o Logos com o próprio universo ilimitado.

Para a nossa grata surpresa, vamos encontrar em Heráclito, mais uma descrição a respeito do Logos, que o identifica totalmente com o universo, tal como o entendemos hoje em dia, através das palavras do fragmento (115): "A vida tem um Logos que se aumenta a si mesmo"; sim, pelos estudos astronômicos atuais, as galáxias apresentam-se em expansão, fazendo, logicamente, com que todo o universo esteja em expansão, assim, podemos identificar o raciocínio filosófico de Heráclito com a realidade de nossos dias.

Desta maneira, após 2.500 anos de elucubração mental, em sua ausculta ao Logos, vamos constatar que o inusitado pensador da antiga Éfeso jônica ainda permanece admiravelmente atual na humanidade.



Ruínas da antiga cidade de Éfeso

OS CONTRÁRIOS

Posteriormente à gênese do Logos (natureza) pelo fogo, surge o mecanismo de equilíbrio para que, todas as coisas, entrem na possibilidade de serem governadas por meio de todas, tal como está escrito no fragmento (41), para ainda, manter o Logos na mesma razão e na mesma medida, comparativamente ao que Heráclito de Éfeso se manifesta por intermédio das palavras do fragmento (31).

Poder-se-ia questionar: como pode o Logos se manter na mesma razão e na mesma medida, como foi relatado e ainda apresentar-se em expansão como cita o fragmento (115)? O Logos (natureza e universo), segundo os conhecimentos atuais, está inserido na lógica pertinente ao mundo da matemática, assim, por exemplo: uma fração de $\frac{4}{2}$, poderá sofrer uma aparente expansão numérica, e tornar-se igual a $\frac{8}{4}$ e, deste modo, progressivamente, ela poderá se ampliar para $\frac{16}{8}$, $\frac{32}{16}$, ou $\frac{64}{32}$ e, assim, sucessivamente; esta progressão numérica mostra uma forma de expansão no Logos e, no entanto, mantém a mesma razão e a mesma medida, pois $\frac{64}{32}$ continua sendo exatamente igual à fração inicial que é $\frac{4}{2}$.

Assim, também os diferentes seres evidenciados na natureza, que nada mais representam do que os seres biológicos existentes, os quais promovem as suas uniões baseados na “convergência” de sexos contrários, vão se reproduzindo e se “divergindo” pela natureza, ampliando as suas diferentes espécies e ocupando cada vez mais espaço físico de acordo com a expansão, mas, apesar de estarem os seres se proliferando no meio ambiente, o Logos se mantém na mesma razão e na mesma medida, pois o planeta terra continua com a sua massa planetária sem alteração.

O pensador ainda menciona no fragmento (8): "O contrário em tensão é convergente; da divergência dos contrários, a mais bela harmonia, e o todo se engendra pelos contrários", vamos perceber igualmente, pelos comentários apresentados neste fragmento (8), que também a harmonia dos contrários no mundo atômico, obedece, em tudo, a estes princípios esboçados por Heráclito em seus fragmentos.

Assim, desde as minúcias da intimidade atômica até os confins superlativos do infinito, e desde a parcela visível a até o âmago da parcela invisível o Logos é regido pela dinâmica e pela coexistência dos contrários.

Esses ditos contrários “em tensão num estado convergente” coexistiriam regidos pelo Criador do Logos inicialmente, o qual, utilizando de sua sabedoria inigualável já que ele é o único sábio do fragmento (32), promoveria uma divergência destes contrários e o Logos passaria a se expressar tal como nós o vemos na condição de natureza exterior, que nada mais é do que energia concentrada, obedecendo o princípio de relação entre estes contrários.



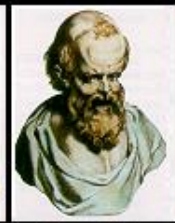
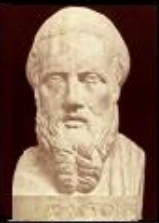


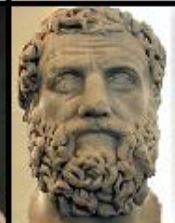
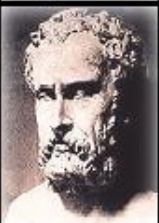




Portanto, através da “divergência” que implica em “separação”, mas havendo também a coexistência destes contrários na natureza, passaria a existir a mais bela harmonia. Assim, o conjunto todo passa a se engendrar e a se exprimir com este sentido de coerência.

Analogamente, os seres humanos também se diferenciam em suas potencialidades dentro do Logos, inseridos nestes princípios mencionados, como podemos comprovar com as palavras do fragmento (53).

Percebemos igualmente, na obra de Heráclito, a coexistência dos contrários também dentro do ser humano, e o próprio Heráclito pode ser tomado como exemplo, pois foi ele quem condenou a presunção do ser humano nos fragmentos (43) e (46) e, no entanto, também permitiu que ela existisse dentro de si mesmo ao atribuir ausência de inteligência a vários intelectuais gregos tais como Pitágoras, Hesíodo, Homero e tantos outros, portanto, mesmo sendo Heráclito um amante da sabedoria, antes de tudo, era um ser humano e como tal, apresentava a coexistência dos contrários dentro do seu próprio mundo interior.

Finalmente podemos analogamente constatar que Heráclito ressalta, pelo menos indiretamente, a coexistência dos contrários nos seguintes fragmentos: (8), (9), (10), (15), (23), (29), (34), (48), (49a), (51), (53), (56), (57), (58), (59), (60), (61), (62) (65), (67), (69), (80), (88), (89), (100), (103), (106), (111), (120), (125) e (126).

**Alguns homens citados por Heráclito.
Pelas citações, ainda que pela crítica,
revelava que os conhecia no dia a dia.**

			
Tales Fragmento (38)	Pitágoras Fragmento (40)	Demócrito Fragmento (38)	Heródoto Fragmento (38)
			
Hesíodo Frag (40, 57 e 106)	Homero Frag (42, 56 e 105)	Arquíloco Fragmento (42)	Xenófanes Frag (38 e 40)
			
Bias Fragmento (39)	Mapa de Hecateu Fragmento (40)	Eudemo-Rhodes Fragmento (38)	Hermodoro Fragmento (121)

OS HOMENS

Heráclito deixa transparecer no fragmento (1) que subdivide os homens em duas categorias distintas, a primeira seria a dos amantes da sabedoria, ou seja, a dos filósofos (filo = amante e sofos = sabedoria), todavia que, mesmo contando com os subsídios que eles armazenam em suas auscultas ao Logos, ainda assim, se demonstrariam carentes de experiência e de discernimento para auscultar a intimidade dos mecanismos harmônicos da natureza.

A outra qualidade de homens seria a dos não amantes da sabedoria, isto é, os não filósofos, aos quais tudo ficaria realmente encoberto, tanto o que fizessem acordados, quanto em relação aos diferentes acontecimentos que se lhes sucedessem durante o sono, estes homens que na verdade representariam a expressiva maioria, (a massa tal como o filósofo menciona), passariam a viver fora da conjuntura do Logos, como se apresentassem um entendimento próprio e particular, como o pensador escreve no fragmento (2).

Desta maneira passariam a buscar a felicidade nos prazeres do corpo, tal como a alusão que podemos encontrar do fragmento (4), e não no amor à sabedoria que o filósofo recomenda no fragmento (35), desta maneira, pela superficialidade de considerações que passariam a ter ou ainda pela indolência que passaria a caracterizá-los, como podemos assimilar do que está escrito no fragmento (87).

Uma boa parcela de homens se deixaria conduzir por cantores populares e pela própria multidão, como cita o fragmento (104), e passariam a utilizar seus olhos e ouvidos como más testemunhas como é possível de se avaliar através do fragmento (107), há outros que, por sua vez, passariam a se embriagar tornando as suas almas úmidas, segundo o vernáculo utilizado por Heráclito no fragmento (117) e se deixariam, conseqüentemente, conduzir até por crianças, devido à sua instabilidade física e psíquica.

Obviamente, por todos estes deslizes, os homens passariam a caminhar pela vida de uma forma errônea contraindo débitos dos mais variados aspectos, ou, segundo a terminologia religiosa, eles passariam a caminhar pela

vida cometendo pecados variados; posteriormente para se purificarem iriam se aspergir com sangue dos rituais da época, como menciona o fragmento (5), e ao invés de se proporem à sincera ausculta ao Logos, eles se envolveriam nas bacanais descritas no fragmento (15), demonstrando sobremaneira a insipiência do fragmento (95).

Portanto, para completar esta análise sucinta que Heráclito faz a respeito dos homens, eles passariam a falar como crianças dos genitores como relata o fragmento (74), preferindo uma vida sem reflexões, ou sem a ausculta ao Logos, deixando atrás de si filhos para que outros destinos semelhantes se originassem como sugere o fragmento (20), transformando-se então nos ignorantes do fragmento (34) ou nos insipientes do fragmento (109).

Conseqüentemente, somente uma minoria é que se preocuparia em seguir esta conjuntura de coerência do Logos, detectando assim o equilíbrio do imaginário ideal que deveria existir entre a natureza e os seres humanos, para que então subseqüentemente pudessem se transformar em filósofos na verdadeira acepção da expressão.

Desta forma, esta massa ou a maioria dos homens passaria, em decorrência de ter tão somente discernimento superficial, a cavar muita terra para encontrar o que vale pouco como cita o fragmento (22), pois o ouro que seria encontrado continua sendo apenas um metal a mais na natureza e diante da estabilidade do Logos invisível, que é a mais forte, este ouro se diminui ainda mais, pois além de pertencer à parcela visível do Logos é apenas um metal com características simplesmente materiais e densas.

Estes homens com discernimento equivocado ou superficial logicamente não recusariam o alto cargo que Heráclito recusou numa corte de aristocrática ostentação, justamente pela diferença de valores mentais perante a realidade do Logos. Assim qualquer um dos antigos efésios no lugar de Heráclito teria ido viver as regalias da corte e não deixariam como não deixaram estes fragmentos que representam tão raro e verdadeiro diamante literário da antigüidade que ainda é referência em nossos dias.



Éfeso era a maior cidade da costa oeste da Ásia Menor

AS ALMAS

Uma interpretação perspicaz dos fragmentos de Heráclito nos permite afirmar que o pensador da antiga Éfeso jônica não só acreditava na sobrevivência das almas, mas que ele concomitantemente foi bastante além, em seus arroubos mentais, e de forma clarividente se colocou a tecer considerações filosóficas a respeito das mesmas, e desta maneira, vamos constatar que ele descreve no fragmento (98): "As almas olfateiam, isto é, respiram ao baixarem ao Hades (reino dos mortos ou mundo espiritual)".

Esta, pela análise dentro da lógica, é uma clara alusão à sobrevivência da alma no Hades, e o filósofo ainda acrescenta no fragmento (96): "Mais do que a excrementos deve-se jogar fora os cadáveres", numa demonstração de posicionamento filosófico contrário ao de seus vizinhos que habitavam do outro lado do mar egeu, os egípcios, pois de acordo com a crença milenar deste povo, eles passavam a preservar os seus corpos no formato de múmias, para a ocasião em que, uma alma que retornasse do Hades, pudesse reivindicar o seu corpo de matéria para si novamente.

Assim, exteriorizando as suas idéias, Heráclito deixa claramente transparecer que acreditava numa vida da alma após a morte do corpo e então enuncia o fragmento (27): "Na morte advém aos homens o que não esperam e nem imaginam", ou se pode, a título de complementação desta convicção na sobrevivência da alma por parte do filósofo, analisar a citação do fragmento (26): "O homem acende a si mesmo uma luz na noite e ao morrer apaga a sua vista, vivendo, porém entra em contato com o morto ao dormir...". Algumas pessoas, entretanto, ainda não se dariam por satisfeitas e diriam que estas citações seriam insuficientes para poder confirmar que Heráclito realmente acreditava na sobrevivência da alma, desta forma, passamos a perguntar: se Heráclito não acreditava numa vida após a morte, porque então ele escreveria o fragmento (25): "As maiores mortes obtêm maiores sortes"? Onde estariam as maiores sortes, se a morte do corpo físico representasse o fim de toda e qualquer forma de vida?

Sem a sobrevivência da alma, também ficaria muito difícil tentar entender o fragmento (63): "Ante ele que ali está, se levantam e, despertos, se convertem em guardiães de vivos e mortos", sim, como poderia qualquer ser se tornar guardião de vivos e mortos, cujo corpo já não tivesse morrido, para que pudesse ver a alma numa outra dimensão, já que não haveria necessidade de guardar aos corpos dos mortos e, sim, de jogá-los fora mais do que a excrementos, tal como se vê relatado no fragmento (96)?

Por tudo isto o pensador cita no fragmento (29): "Preferem, pois os melhores, uma única coisa em vez de todas as demais, glória eterna (eu eterno) antes das coisas mortais, a maioria, entretanto, prefere empanturrar-se como o gado", sendo aqui fácil perceber que Heráclito dava importância aos valores íntimos da alma, pois somente ela é capaz de cultivar a glória do seu eu eterno, em detrimento das coisas meramente materiais como foi citado.

As almas, portanto, nesta teoria, representariam a essência pensante, ou seja, o "piloto", enquanto os corpos humanos representariam apenas os seus "veículos carnavais".

É perceptível que, na medida em que Heráclito tentasse exteriorizar este seu raciocínio tão abrangente, que envolve até mesmo as verdades pertinentes às almas dos seres humanos e que logicamente habitam o Logos invisível no Hades, a maioria das pessoas passaria a rir de suas idéias por considerá-las tolas e sem fundamento apenas porque a alma não nos é visível, ora, entretanto invisível é o próprio pensamento do ser humano e nem por isso ele é irreal. A voz do ser humano pode ser audível, todavia também é invisível, assim como as ondas de uma televisão ou de um rádio ou analogamente do forno de micro-ondas e o próprio oxigênio que respiramos e que existe na atmosfera, contudo todos eles continuam sendo tão reais quanto a alma o é. Desta forma, Heráclito enuncia-lhes o fragmento (97): "Os cães também ladram para quem não conhecem".



**Possíveis aparências do templo de Ártemis (Diana) em Éfeso
Este templo era uma das sete maravilhas da antiguidade.**

A SABEDORIA

Para Heráclito, que se retirou para as colinas da antiga Jônia, para poder empreender a ousada e constante ausculta a si mesmo e ao Logos, com bastante acuidade a fim de assimilar o saber em todas as suas nuances, nada mais natural do que enunciar o fragmento (112): "Ser sábio é a virtude máxima e a sabedoria é acolher a verdade e atuar de acordo com a natureza auscultando-a", ele, no entanto, sabia que a maioria dos homens, por viver fora da conjuntura, para estabelecer um entendimento próprio e particular, como já foi considerado, não se dispunha a uma verdadeira ausculta ao Logos, constituindo, por isso mesmo, a categoria dos não amantes da sabedoria.

Em relação a essa mesma sabedoria Heráclito ainda cita o fragmento (108): "De quantos ouvi os discursos, nenhum chega a ponto de reconhecer que o sábio é diferente de todos os demais", preferimos não utilizar a palavra sábio e sim denominar de amante da sabedoria por entendermos que, verdadeiramente, ninguém conseguiria ser um sábio, isto é, ter conhecimento pleno de todas as coisas no mundo, assim, enquanto o amante da sabedoria estaria empenhado na busca de uma maior sintonia com a meta estabelecida pelo fragmento (35), os outros estariam empenhados na busca do ouro relatado no fragmento (22).

Outro raciocínio análogo pode ser ressaltado: enquanto o amante da sabedoria estaria buscando a sintonia e a compreensão do Logos assimilando o conhecimento da razão pela qual todas as coisas são governadas por meio de todas como Heráclito menciona no fragmento (41), os não amantes da sabedoria estariam buscando a felicidade aos moldes do que é relatado no fragmento (4).

No caso do fragmento (9), Heráclito mostra que os burros elege o lixo como tesouro, enquanto que os homens elege o ouro, é claro que a diferença nesta escolha ou nesta preferência é diretamente proporcional ao grau de sabedoria que cada qual possui assim, os asnos, por não saberem trabalhar o ouro, derretendo-o e dando-lhe uma nova forma através de uma solidificação orientada, não podem mesmo apreciar este ouro em absolutamente nada.

Por outro lado os homens, racionais, em relação aos burros, já têm uma parcela de sabedoria bastante diferenciada e com ela eles podem transformar o ouro em moedas, utensílios domésticos, adornos religiosos e tantas outras transformações a mais, o que os levaria a valorizar expressivamente este ouro em relação ao lixo e justamente com este ouro eles poderiam comprar alimento nutritivo e limpo bastante melhor do que aquele que estaria no lixo.

Todavia, a estes mesmos homens, o pensador os dividiu em duas qualidades no fragmento (1), assim, os homens não filósofos teriam como ouro o metal encontrado na natureza e se empenhariam arduamente na sua busca como demonstra o fragmento (22), enquanto que para os filósofos o ouro passaria a ser o amor à sabedoria que ele descreve como virtude máxima no fragmento (112), pois com ela o filósofo passaria a entender que o ouro (metal), em verdade, constitui tão somente uma fração que é mesmo insignificante dentro de um Logos que é infinito.

Assim, com este “amor à sabedoria” cultivado, chegaria ao elevado estágio de compreensão em que pensar reúne tudo, como menciona o fragmento (113), e então, a plenitude mental que passaria a existir neste clímax de discernimento, se constituiria no verdadeiro ouro, segundo os valores característicos de um filósofo.

Deste modo, Heráclito, diferentemente daqueles homens que se caracterizavam pela insipiência e até pelos desregramentos, na busca dos prazeres do corpo, faz um sacrifício supremo relegando estes prazeres corporais ao esquecimento, já que ele escolheu a solitária condição de eremita para viver, mas foi justamente esta condição que lhe possibilitou a concentração de energia necessária para mergulhar nos mecanismos íntimos do Logos, para assim, nos deixar verdades que, ainda hoje, nos fascinam pelo poder de revelação, de síntese, de coerência, de investigação científica, de originalidade e de senso de justiça, mostrando sua forte intuição e sua profunda racionalidade.



D E U S

Como já foi referida, a convicção monoteísta de Heráclito se expressa através das palavras do fragmento (33): "É lei obedecer à vontade de um só", ele também cita no fragmento (32): "Um, o único sábio, não se dispõe e se dispõe a ser chamado pelo nome de Zeus", Heráclito deixa ainda subentendido no fragmento (16), que não é possível ocultar-se desta onipresente inteligência ígnea, cuja luz de discernimento não experimenta jamais o ocaso.

No fragmento (30) o filósofo deixa entrever que o Logos de todos os seres não foi feito pelos homens ou pelos deuses do olimpo, mas sim pelo fogo vivo ou a inteligência ígnea, e então ele ainda acrescenta que este fogo se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas.

A complexidade desta dinâmica ígnea que o pensador captou, via intuição, logicamente só pode ser compreendida e controlada pelo ser que é o único sábio e assim, Heráclito conclui no fragmento (78): "O hábito humano não tem um conhecimento verdadeiro, o divino, ao contrário o tem", ele também extrapola o fragmento (79), nesta mesma linha de interpretação.

É evidente que ao contemplar toda a harmonia existente no Logos, o pensador, por interpretação, detecta a real necessidade da existência de uma inteligência superior (Deus), coordenando todas as coisas e seres, e, mesmo este fogo, ao qual ele atribuiu a gênese do Logos, obviamente também estaria à mercê da vontade e do discernimento desta inteligência onisciente, que o submeteria a processos de resfriamento ou de superaquecimento dentro de medidas que lhe atendessem aos desígnios de coerência pertinente à sua obra, ou seja, o universo propriamente dito.

Assim, vemos, claramente, a idéia de Deus se expressar em sua doutrina, emprestando-lhe uma feição filosófico-religiosa; Heráclito, entretanto, percebe que a maioria dos homens pensa e vive como materialista e assim, na época, as pessoas tinham suas crenças voltadas para os deuses do olimpo, os quais eram representados por estátuas, como se estátuas possuíssem vida e assim, ele sintetiza o

fragmento (86): "As coisas divinas, para a maioria, escapam ao conhecimento por falta de fé", (a verdadeira fé).

A comprovação de que Heráclito aceitava Deus como inteligência que controla não só o fogo inicial, mas todas as coisas existentes na natureza e ainda todos os homens, promovendo coerentemente o equilíbrio universal, encontra-se no fragmento (102), onde o pensador menciona: "Para Deus, todas as coisas são belas, boas e justas, os homens, porém consideram umas injustas outras justas".

Este fato se torna verdadeiro porque os homens analisam os diferentes acontecimentos que se desencadeiam no Logos visível, o qual possui uma realidade menos estável, isto é, mais fraca como nos informa o fragmento (54), que constitui a própria natureza visível que os seres reconhecem enquanto que Deus assimila tudo dentro de uma onisciência abrangente que engloba a harmonia visível (natureza) e a invisível (Hades - reino espiritual).

Deus, em sua sabedoria, sabe que as leis de ação e reação ou de causa e efeito no dia a dia estarão plenamente equilibradas para todas as coisas e seres dentro de seu Logos, ainda que o equilíbrio final tenha que se estabelecer no Hades como sugere o fragmento (28).

Deus usa a matéria (energia concentrada) como uma espécie de palco que serve de sustentáculo para um autêntico desenvolvimento da tragicomédia humana, onde os amores e as iras, os estudos e os fanatismos, as virtudes e os vícios, os conceitos e os preconceitos, as flexibilidades e as intransigências, as meiguices e as prepotências, os dons e as carências, as índoles e as susceptibilidades, as determinações e as indolências, as generosidades e as avarezas, as verdades e as mentiras, os sonhos e as realizações, as honestidades e as retóricas e ainda tantas outras facetas que diferenciam e marcam o comportamento humano, poderão ser observadas e avaliadas em livre ação entre os diferentes seres humanos durante o convívio numa existência que expõe as fases da criança, da adolescência, do adulto jovem e do adulto senil.

O inter-relacionamento que passa a existir entre os diferentes homens e até entre os animais atinge níveis de complexidade dentro da lei de ação e reação que somente uma divindade teria condições de avaliar e julgar.

A liberdade de ação existente entre os homens faz com que o destino de se encontrarem uns com os outros possa abrir um gigantesco leque de possibilidades de ações para o livre arbítrio individual subsequente. Se por um lado o destino colocou o ser humano neste imenso palco existente que é a matéria, por outro lado é a índole de cada um que determinará o que fazer diante do livre arbítrio que cada momento e cada oportunidade acabaram de gerar.

No fragmento (119) Heráclito demonstra que já havia detectado a importância que a índole de cada homem tem neste contexto de avaliação individual: “Disse Heráclito que, para o homem, a sua índole é o seu gênio divino”.

Deus então passa a avaliar a índole ou o gênio divino de cada ser humano nas decisões de livre arbítrio que define o caminho de cada um neste imenso palco de matéria, onde ele criou o destino de convívio para todos os seres.

Durante a vida na matéria o homem não se sente observado e avaliado por um ser maior o que torna essa avaliação divina muito autêntica e verdadeira e até alguns homens passam a julgar os outros, mas sem embasamento suficiente para isto, como demonstra o fragmento (28).

O citado fragmento (28) mostra os homens mais dignos de confiança vivendo aqui na matéria ou no Logos visível, dando custódia somente aos que lhes parecem dignos de fé ou de apreço, entretanto Heráclito relata neste mesmo fragmento que a verdadeira justiça saberá condenar a estes artifices e testemunhas de mentiras. É evidente que esta verdadeira justiça só poderá se efetivar no Hades.

É óbvio que esta verdadeira justiça existente no Hades para julgar aos homens, só pode estar vinculada a este senso de justiça de Deus citado no fragmento (102).

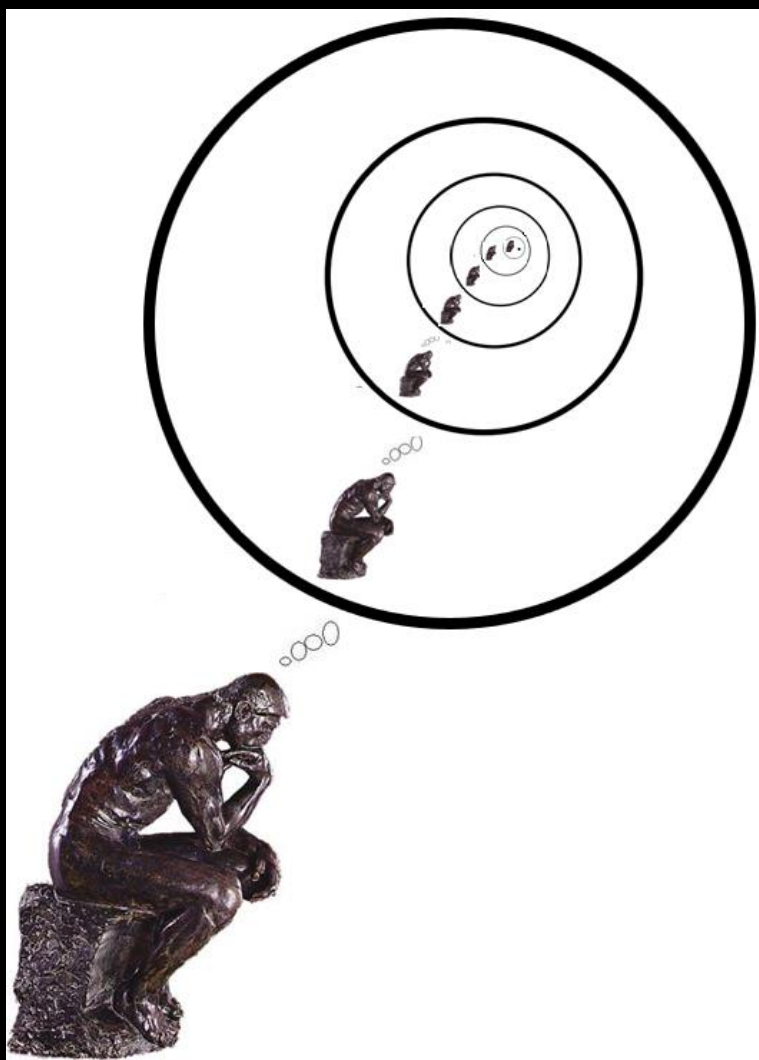
Justamente por ainda ignorar todos estes fatos relativos à divindade o homem acaba se comportando mais como um menino em relação a este entendimento como se vê descrito no fragmento (79), e também pelo que o filósofo escreveu no fragmento (27): “Na morte, advêm aos homens, o que não esperam e nem imaginam”.



SOBRE A NATUREZA

FRAGMENTOS

HERÁCLITO DE ÉFESO



DEDUÇÃO EM ESTROFE

DEDUÇÃO EM PROSA

JOSÉ ARANTES JUNIOR

FRAGMENTO (1): O LOGOS

Embora sendo o Logos real, sempre se mostram os homens incapazes de compreendê-lo, tanto antes como depois de tê-lo auscultado, pois apesar de que tudo se sucede conforme esse Logos, eles se demonstram carentes de experiência ao tentar palavras e ações como as que exponho, distinguindo cada coisa de acordo com a natureza e explicando como esta, aos outros homens porém, lhes fica encoberto tanto o que fazem acordados, como se lhes volta a encobrir o que fazem durante o sono.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Embora seja o Logos nitidamente real, os homens mostram a sua incapacidade de conseguir captar este ígneo ideal de perfeição e natural reciprocidade.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como se pode perceber, Heráclito deixa entrever que divide todos os seres humanos em duas qualidades: os filósofos (ou amantes do saber) e os não filósofos (ou homens insipientes), os primeiros por sua condição de amantes da sabedoria, procurariam auscultar a intimidade do Logos, todavia, ainda assim, se mostrariam carentes de experiência para fazê-lo. Quanto aos não filósofos, eles passariam a constituir uma categoria de homens aos quais os valores sutis da vida lhes permaneceriam plenamente encobertos e conseqüentemente entenderiam muito menos do que os filósofos em relação aos acontecimentos e às interpretações do dia a dia, tanto no que fizessem enquanto estivessem acordados, quanto no que se lhes sucedesse durante o sono.

Pelo fragmento (101) Heráclito nos revela que buscava a si mesmo, e pelo fragmento (26) ele nos leva a

perceber que procurava compreender-se a si mesmo até durante o sono, sendo que também aqui no fragmento (1), podemos deduzir algo semelhante, pois ele menciona que as atividades que são desenvolvidas durante o sono ficariam encobertas aos não amantes da sabedoria, ora, se tal fato era pertinente somente aos não filósofos, logo, os amantes da sabedoria, tal como ele próprio, teriam alguma espécie de conscientização com relação a estes acontecimentos.

É bastante difícil podermos avaliar a que grau de conscientização, durante o sono, chegava Heráclito, alguns poderiam até considerar que ele devesse alcançar algum tipo de desprendimento consciente fora do corpo, levando-se em conta que ele levava uma vida desinteressada do ouro, como podemos comprovar através do fragmento (22), de prazeres do corpo citados no fragmento (4), das bacanais do fragmento (15) e empenhando-se na ausculta ao Logos com o amor à sabedoria dos fragmentos (35) e (112). Assim, a conscientização de sua vida tanto como desperto, quanto como adormecido, pode ter atingido proporções realmente superlativas, em consequência desta singular modalidade de vida, que lhe deixava à disposição um tempo expressivo para que a sua ausculta ao Logos mergulhasse nos arcanos mais secretos da natureza, detectando os seus mecanismos de ação e depreendendo-lhes a finalidade da existência.

O desapego de coisas mundanas da vida deixa a mente do filósofo, desde que bem orientado e disciplinado por férrea vontade e determinação, livre para alçar vôos inconcebíveis no espaço virtual de sua imaginação e para assimilar valores que para os não filósofos, ou ainda para os insipientes, parecerão até mesmo delírio ou simplesmente loucura, embora se trate apenas de uma realidade que se lhes escapa ao entendimento vulgarizado; pois a realidade pertencente ao Hades (ou ao reino invisível) onde as almas olfateiam sobrevivendo, tal como Heráclito de Éfeso escreve no fragmento (98), para a maioria das pessoas não passa de uma credence sem fundamento plausível.

FRAGMENTO (2): A CONJUNTURA

Torna-se necessário seguir a conjuntura, mas enquanto o Logos vive essa conjuntura, a massa vive como se tivesse um entendimento próprio e particular.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O Logos traz sua perfeita conjuntura
Que se identifica como rara harmonia,
todavia a massa humana em desventura
faz seu equilíbrio somente à revelia.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Existe uma conjuntura ou ainda um equilíbrio de forças, de princípios e de associações que tornam o Logos (natureza) estabilizado, coexistindo, portanto nesta perene conjuntura harmônica, o Logos visível e o invisível, tal como Heráclito menciona no fragmento (54).

Nesta referida conjuntura, o Logos vive o seu equilíbrio a partir da essência invisível, extraindo dela o seu princípio de coerência e de harmonia em íntima relação com a inteligência ígnea que possibilitou a gênese do Logos, sendo que esta própria inteligência logicamente deve ser identificada como sendo o mesmo Deus citado no fragmento (102), ou igualmente o único sábio do fragmento (33) e que também existe com sua harmonia invisível.

Assim, a partir do Logos invisível expande-se uma malha energética por todo o cosmo, que os esotéricos modernos denominam de éter físico, uma espécie de fluido vital que envolve todos os astros, formas e seres existentes no universo, sendo esta energia, segundo alguns, emanada da própria mente do criador dos mundos, e, assim, esta energia, sob determinadas circunstâncias pertinentes à sua vontade, vai se condensando até possibilitar o aparecimento

da energia visível, que passa então a constituir a matéria, ou o Logos visível, ou a natureza onde vivem os seres.

Passa, por isto mesmo, a existir uma conjuntura de coerência que se expande desde o complexo amálgama do Logos invisível até a realidade aparente que desfruta a matéria na facção pertinente ao Logos visível, desta forma, ela traz em si os princípios que os homens deveriam captar, na medida em que cultivassem o hábito de auscultar ao Logos, para que esta conjuntura detectada pudesse lhes servir de referencial para nortearem a vida dentro de fundamentos mais harmônicos. Entretanto essa "massa" humana, como o filósofo denomina, vive segundo um outro enfoque que seguramente não se identifica com esta harmonia do Logos já mencionada, mas sim, segundo um entendimento próprio e particular. Desta maneira, nesta miragem de valores que passa a existir, os homens deixam turvar o seu acanhado discernimento para supervalorizar, por exemplo, um dos metais encontrados na natureza que é o ouro citado no fragmento (22) e outras tantas aberrações a mais, que nada têm a ver com a sutileza e com a coerência da verdadeira conjuntura do Logos.

O filósofo cita que: “torna-se necessário seguir a conjuntura, mas enquanto o Logos vive essa conjuntura...”, ora essa conjuntura de harmonia só pode pertencer à harmonia invisível, como invisível é a própria inteligência ígnea que possibilitou a gênese do Logos. Este Logos vive essa vital harmonia de existência cuja base de sustentação encontra-se na parcela invisível, pois esta é mais estável como menciona o fragmento (54).

O filósofo finaliza o fragmento citando: “... mas a massa humana vive como se tivesse um entendimento próprio e particular”, sim, pois a multidão das pessoas passa a procurar o elo de coerência para suas vidas na parcela mais frágil e instável do Logos que é justamente a parcela visível, a energia condensada na forma de matéria, e assim passam a viver fora da conjuntura verdadeira que só pode ser encontrada no Logos, na harmonia invisível.

FRAGMENTO (3): DIMENSÃO DO SOL - I

(O sol), da largura de um pé humano.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O sol tem uma dimensão com a relação exata, quanto ao seu ângulo ou plano, que, da terra, apresenta a proporção da largura (tamanho) de um pé humano.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como sabemos, Heráclito de Éfeso imaginava o fogo criador de todas as coisas que existem no cosmo, como sendo "um fogo que se acende e se apaga segundo medidas", como relata o fragmento (30), ele tinha a convicção de que o sol não ultrapassaria as suas medidas, visto que as Eríneas, ministras de Dike (a deusa da justiça), saberiam encontrá-lo, para simbolicamente o trazer às justas medidas como menciona o fragmento (94) e entendemos que Heráclito aqui estabelece para o sol a largura de um pé humano, apenas para deixar claro que estas suas medidas que ele observava todos os dias ao nascer deste astro no horizonte pela manhã, se manteriam imutáveis todos os dias, pois tanto as medidas quanto o próprio sol se encarregam de manterem o Logos ativo e fazem parte deste equilíbrio já alcançado.

Heráclito relata que preferia o que aprendia a sua visão e a sua audição, como se vê no fragmento (55) e que os olhos (a visão), são testemunhas mais preciosas do que os ouvidos (a audição), como se pode perceber através das palavras encontradas no fragmento (101a).

O pensador deixa bem evidente que buscava a harmonia própria do Logos, o princípio racional que faz com que toda a natureza exista inserida na lógica e que exatamente por se tratar de um equilíbrio já estabelecido, as

dimensões do sol não iriam se alterar. Heráclito, no entanto, não dispunha de telescópio ou de qualquer tipo de lente de aumento em sua época para poder constatar que este mesmo sol que ele estava vendo a olho nu é, na verdade, gigantescamente maior do que a sua aparência percebida do planeta terra, entretanto, cabe considerar que, mesmo este astro sendo muito maior do que sua aparência pode sugerir, continua sendo verdadeiro que ele mantém as suas medidas, ou seja, as mesmas proporções e dimensões, e que observado da superfície de nosso planeta, apresenta "o tamanho de um pé humano", segundo esta linguagem um tanto quanto curiosa utilizada por este singular pensador.

Finalmente podemos analisar mais intimamente esta consideração aqui feita pelo filósofo na qual ele afirma categoricamente que o sol tenha o "tamanho de um pé humano", entendemos que ele assim o fez levando em conta, obviamente, apenas a visão em perspectiva do planeta terra. O pensador, no entanto, ressalva-se a si mesmo, de maneira magistral, com o fragmento (46) onde ele menciona: "... a visão induz a erro", e logicamente, como ele não possuía nenhum tipo de lente, a sua visão estava muito deficiente em relação àquela que temos hoje em dia. Mas temos de convir que, mesmo usando quaisquer lentes ou telescópios, o agente principal da pesquisa atual ainda continua sendo a visão, ressaltada por ele nos fragmentos (55) e (101a).

Esta expressão: "da largura de um pé humano", logicamente devia ser uma linguagem em uso na Grécia antiga, enquanto que hoje em dia nós dispomos dos sistemas de medida como o centímetro, a polegada, o metro e a jarda que não eram do conhecimento do grego antigo; entretanto Heráclito se faz entender em relação às medidas que queria exprimir, não empregando as expressões convencionais de medida, mas fazendo-se entender perfeitamente através da dimensão do pé humano que por mais que variasse entre os gregos se manteria dentro de limites bem delimitados.

Mantendo-se da largura de um pé humano o sol preserva a vida na natureza tal como ela harmonicamente é, pois é com esta dimensão que o Logos já está equilibrado.

FRAGMENTO (4): A FELICIDADE

Se a felicidade estivesse nos prazeres do corpo, deveríamos chamar felizes aos bois quando encontrassem capim para comer.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A felicidade é algo deveras abstrato, muito além dos prazeres só materiais, e este anseio num ser humano é inato com importante diferença dos animais.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O filósofo de Éfeso deixa subentendido aqui, que a verdadeira felicidade deva ser algo subjetivo e se relaciona à compreensão dos acontecimentos (sabedoria), porque ele afirma no fragmento (112): "ser sábio é a virtude máxima e a sabedoria é acolher a verdade e atuar de acordo com a natureza auscultando-a". Desta forma, percebemos que ele coloca a busca da felicidade num patamar mais alto, difícil de se alcançar, uma felicidade que não seria conquistada centripetamente, isto é, de fora para dentro, por exemplo, com todo o luxo e a mordomia que uma aquisição de ouro possibilitaria, mas sim, centrifugamente, ou seja, de dentro para fora, através da busca do conhecimento de si mesmo, elevando na medida do possível a percepção e a abrangência que a sua própria mente pode extrapolar.

No caso de Heráclito podemos afirmar que ele deveria ter levado sua mente, nem que fosse intuitivamente, aos confins do infinito, comprovação que as palavras do fragmento (113) nos pode dar: "pensar reúne tudo", ou ainda as palavras do fragmento (45): "Não se encontraria a caminho, os limites da vida, mesmo para quem percorresse outros caminhos, tão profundo é o Logos que possui".

Desta maneira, torna-se mais fácil concluir que a felicidade heraclítica, só poderia ser alcançada de dentro para fora, onde o indivíduo se projetaria em plenitude de discernimento consigo mesmo e com o Logos.

Assim, é compreensível que, para Heráclito, a felicidade do ser humano fosse algo abstrato, muito além dos prazeres materiais, como ele próprio testemunhou ao preferir a sua vida de eremita, em que pesasse todas as dificuldades que seguramente ela lhe reservou, mas ainda assim, foi essa vida solitária que lhe proporcionou o ensejo de cultivar o amor à sabedoria e a expansão intelectual até onde a sua mente foi capaz de se projetar.

Concluimos, portanto, que embora o anseio à verdadeira felicidade seja algo inato em todo ser humano, apenas alguns indivíduos percebem a real extensão que este conceito pode pretender alcançar e assim, diferentemente dos filósofos, a maioria passa a cultivar apenas os prazeres materiais tal como os animais, pois estes são mais fáceis de se alcançar já que são visíveis, palpáveis e aparentemente concretos, enquanto que os prazeres dos filósofos seriam considerados como meros delírios.

Para se pretender obter a verdadeira felicidade, sintonizando a harmonia invisível que é a mais forte como se lê no fragmento (54), o ser humano deve experimentar mudança de valores em relação à realidade aparente, pois o que é visível é apenas matéria vibrando numa determinada frequência e que um dia está fadada a desaparecer.

Entendendo que a harmonia invisível é a mais forte e que um dia todos nós passaremos a viver no Hades, pois como disse Heráclito no fragmento (98): “As almas olfateiam ao baixarem ao Hades”, o ser humano deveria naturalmente procurar auscultar com mais profundidade esta harmonia invisível, tentando se equilibrar melhor com as suas diretrizes e assim poderia encontrar a verdadeira felicidade e então deixaria de se surpreender com o que vem depois da morte como se lê no fragmento (27): “Na morte advêm aos homens o que não esperam e nem imaginam”.

FRAGMENTO (5): OS RITUAIS

É em vão que se purificam, aspergindo-se com sangue, como se alguém que tivesse pisado na lama, quisesse lavar-se com lama; e fazem suas preces às imagens como se alguém pudesse falar com as paredes.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Certamente é em vão que se purificam os homens com o sangue até coagulado, os sonhos e a lama então se unificam na ilusão de uma remissão de pecados.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Embora Heráclito reconhecesse algum poder oculto nas sibilas, como se lê no fragmento (92): "A sibila, segundo Heráclito, com a sua boca delirante, proferindo palavras sem risos, sem adornos e sem perfume, trespassa com sua voz milhares de anos por virtude de Deus", dando, desta forma, o pensador, respaldo às várias possibilidades proféticas, mas, ainda assim, deixa escrito que não é com o sacrifício de animais que habitualmente essas sacerdotisas efetuavam, que alguém poderia se purificar de seus erros, aspergindo-se com sangue, e cita: "... como se alguém que tivesse pisado na lama, quisesse lavar-se com lama".

O filósofo acrescenta neste mesmo fragmento que: "... fazem suas preces às imagens como se alguém pudesse falar com as paredes", ele mesmo menciona no fragmento (93) que isto seria impossível: "O senhor cujo oráculo está em Delfos, não fala e nem oculta", no entanto, ele deixa entrever que este mesmo senhor não recusaria a intuição quando complementa o fragmento escrevendo: "... apenas indica", ou intui o que teria, evidentemente, de ser

captado, no entendimento do pensador, através de uma ausculta para o discernimento em relação ao Logos.

Como Heráclito de Éfeso acreditava que a justiça (a verdadeira), haveria de reparar as discrepâncias entre os homens, e que as possíveis injustiças cometidas ou sofridas aqui na matéria (Logos visível), haveriam de ser reparadas no Hades (reino espiritual), que pertence ao Logos invisível, justiça esta que ele faz menção nos fragmentos (27) e (28) de maneira muito clara, seria ridículo tentar qualquer artifício por intermédio dos rituais, fossem eles quais fossem, para tentarem se redimir de seus equívocos quotidianos.

Assim, se o ser humano vai ter que se submeter à verdadeira justiça, no Hades, de que adiantaria tentar se purificar com qualquer espécie de ritual e, o que é pior, utilizando sacrifícios com a participação de animais para a obtenção de sangue, que nada mais representaria do que lama de coágulos diante da lama de pecados existentes?

Seria, portanto, apenas mera ilusão ou tentativa de desviar a atenção em relação a um débito de si mesmo acusado por sua própria consciência?

As pessoas vivem no Logos visível lesando a verdadeira harmonia que preexiste e que está no mundo invisível, onde haverá a efetivação da verdadeira justiça tal como Heráclito descreve no fragmento (28), mas antes de chegarem naquele Hades que haverá de julgar e reparar os deslizes cometidos aqui na parcela visível do Logos, elas ainda estão se deparando com as aparências da matéria.

Assim, equivocados nesta miragem de valores, “... fazem suas preces às imagens como se alguém pudesse falar com as paredes.” e tentam retificar os erros próprios de sua jornada errônea com preces dedicadas a algum ídolo de pedra que nada tem a ver com os seus erros cometidos.

Heráclito demonstra a inutilidade dos rituais que tentam compensar as deficiências e as injustiças dos seres humanos na parte visível do Logos (a matéria), buscando paradoxalmente uma ajuda naquele Logos invisível para compensar as suas faltas cometidas por insipiência, quando na verdade terão que se submeterem à verdadeira justiça que está naquele Logos invisível que é o Hades.

FRAGMENTO (6): RENOVACÃO DO SOL

O sol é sempre novo a cada dia continuamente.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Um astro solar permanece sempre novo depois de cada dia, equilibradamente, porque do astro essencial e luminoso deverá surgir outra aurora novamente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Apesar de que o sol preserve as suas medidas, como citado anteriormente e de que ele mantenha a sua dimensão aparente (na visão em perspectiva da terra): "do tamanho de um pé humano", ainda assim o pensador relata que ele é sempre novo a cada dia continuamente aqui no presente fragmento, desta forma, podemos considerar na tentativa de interpretação e de assimilação deste fragmento, que o sol se faz novo de duas maneiras significativamente distintas, quais sejam:

A) EM APARÊNCIA: para quem usa a visão em perspectiva, isto é, a visão relativa, da superfície do planeta terra, mantendo um ângulo de visão definido, com uma distância constante no espaço sideral, constata-se que, 24 horas depois, o sol estará nascendo experimentando uma nova aurora, em consequência, obviamente da dinâmica dos movimentos de rotação a que o planeta está submetido.

Através deste renascer o sol pode ser considerado como aparentemente novo a cada dia continuamente.

B) EM VERDADE: esta é uma explicação que só é possível à luz da ciência de nossos dias, mas que o filósofo, através de sua poderosa intuição, já havia captado nas rebuscadas auscultas que fazia ao Logos. Desta forma, não sabemos a que níveis de arrebatamento mental o pensador

deva ter chegado, entretanto nos pomos a perguntar que maravilhas mentais não deveria vislumbrar o filósofo da antiga Jônia em suas espetaculares auscultas?

Aqui neste fragmento constatamos que a sua mente se projetou até o sol, para esquadrihá-lo, para poder assimilar-lhe as dimensões e o contexto de sua existência para depois incorporá-lo na própria mente, confirmando realmente a sua convicção nas palavras muito significativas do fragmento (113): "Pensar reúne tudo".

Assim, ao assimilar o sol em sua mente Heráclito enuncia que ele seria novo a cada dia e sabemos que, em verdade ele o é, pois ao considerarmos a sua existência sob a luz da compreensão da astronomia e também da física atual, podemos afirmar que ele é o sol do dia anterior subtraindo-lhe os fótons que foram emitidos nas 24 horas e, ainda, ocupando um novo lugar no espaço sideral, visto que ele também se encontra em movimento em torno da galáxia (via láctea) e a própria galáxia ainda se movimenta como se estivesse se afastando da área central do universo levando consigo, o sol para um local diferente do anterior.

Ao emitir incontáveis fótons em sua dinâmica própria de iluminação, o sol passa a ser um novo astro que agora existe sem aquelas minúsculas partículas luminosas que foram emitidas nos dias anteriores.

Ao ocupar um novo lugar no espaço sideral em consequência de sua movimentação em torno da galáxia e afastando-se do centro do universo, o sol passa a ser novo em relação ao seu "endereço sideral".

Todas as estrelas possuem um tempo de vida no universo e depois disto elas podem explodir dando origem às estrelas supernovas, demonstrando que apresentavam um tempo de vida útil, como se uma espécie de "bateria" fosse se extinguindo, para finalmente encerrarem suas funções luminosas. Ora, mesmo nesta dinâmica de enfraquecimento progressivo do potencial luminoso o sol vai sendo sempre novo a cada dia, numa comparação grosseira, tal como uma pilha que vai se enfraquecendo à medida em que vai sendo usada, mas sempre com um potencial diferente a cada dia.

FRAGMENTO (7): CAPACIDADE DO OLFATO

Se todas as coisas se transformassem em fumaça, o nariz é que as diferenciaria.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Se tudo neste Logos se transformasse apenas em fumaça da noite para o dia somente um olfato, que nele restasse, é que a tudo e a todos diferenciaria.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como foi mencionado anteriormente, o filósofo refere que prefere o que aprende a visão e a audição, porém no caso deste fragmento (7), Heráclito projeta a sua mente para um Logos imaginário onde tudo teria se transformado em fumaça, na sua faina de detectar todas as situações em que um ser pudesse se defrontar, evidentemente, a partir daí estariam muito prejudicados tanto o sentido da visão quanto o da audição, que o pensador claramente relatou preferir para as suas auscultas e buscas de interpretação das coisas e seres existentes no Logos.

Entendendo que os sólidos, líquidos e até alguns gasosos são diferenciados pelo emprego da faculdade da visão, que também é seguramente auxiliada pela faculdade da audição, onde cada um dos sólidos inseridos no processo de transformação, de acordo com sua consistência, passaria a apresentar um som característico que naturalmente a audição captaria e assimilaria com as devidas distinções para a posterior interpretação do cérebro.

No caso do líquido, por exemplo: a água de um rio, a visão lhe detectaria a maleabilidade no preenchimento do leito e a audição lhe detectaria os sons característicos da movimentação. No caso do mar, os sons característicos das

ondas proporcionariam à audição o ensejo de participar na captação e projeção para o cérebro de todo o conjunto.

É claro que ver o rio ou o mar, impressiona mais significativamente à imaginação do que simplesmente ouvi-los, sendo essa percepção, da visão, o móvel principal da preferência do pensador como foi citado no fragmento (55).

Aqui no presente fragmento, Heráclito de Éfeso, no entanto, projeta mentalmente, numa clara demonstração de quão profunda era a sua elucubração a respeito do Logos, todos os sólidos e líquidos da natureza para o estado gasoso, convergindo assim, todos os elementos para um mesmo denominador comum, o elemento ar. Heráclito identifica que neste estado específico da matéria um órgão dos sentidos que ele nitidamente relegava à uma condição secundária, que é o olfato, passaria a ser, nesta condição, superior até mesmo à visão e à audição, e tornar-se-ia imprescindível para se sentir e diferenciar as coisas e os acontecimentos existentes neste Logos fictício que ele, do acme de sua privilegiada imaginação, concebeu como sendo constituído exclusivamente de fumaça.

Heráclito procurava intuitiva e conscientemente os “instrumentos” para a sua profunda e rigorosa ausculta ao Logos, e o principal “instrumento” era o cérebro o qual por sua vez precisava contar com outros “instrumentos” coadjuvantes nesta dinâmica imaginária que eram os olhos (a visão) e os ouvidos (a audição) e com uma expressão secundária o nariz (o olfato), a boca (a gustação) e a pele (o tato). Mas no caso da hipótese do presente fragmento o olfato passaria a ter a mais relevante expressão.

A diferença de Heráclito de Éfeso para os demais habitantes da antiga Jônia era muito nítida, pois enquanto o filósofo estava fazendo estas viagens mentais buscando o entendimento do Logos invisível para também compreender a sua imaginação inusitada os não filósofos estavam vivendo as sensações pertinentes às aparências da matéria (Logos visível), assim Heráclito pareceria um louco para eles e eles também muito provavelmente seriam tão somente loucos, pelo embotamento, no entendimento do pensador.

FRAGMENTO (8): A RELAÇÃO DOS CONTRÁRIOS

O contrário em tensão é convergente; da divergência dos contrários a mais bela harmonia, e o todo se engendra pelos contrários.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O contrário apresenta-se convergente quando se revela em estado de tensão, todavia, quando se mostra divergente há uma harmonização em contraposição.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Para facilitar a compreensão deste fragmento, pode-se trazer este conceito dos contrários para um enfoque mais moderno, onde é possível analisá-lo sob a óptica da química atual, assim, compreendemos hoje em dia que um próton apresenta-se em tensão com um elétron, mantendo-se positivo e negativo dentro de um estado convergente, pela atração entre ambos, nós adaptamos aqui o vocabulário do filósofo a este conceito da química moderna, assim, quando o elétron abandona o seu átomo, numa reação química, estabelecendo um estado divergente em relação ao próton, surge a mais bela harmonia, justamente pela formação de cátions e ânions, (divergência dos contrários).

Poderíamos citar por exemplo, a reação química entre cloro e sódio e então, em consequência de uma maior eletronegatividade do cloro em relação ao sódio e devido ao fato de que esta reação possibilitaria ao cloro o ensejo de tornar-se semelhante ao elemento argônio que é um gás nobre, passaria a existir também no elemento cloro um equilíbrio análogo devido à estabilidade dos elétrons nas camadas e subníveis. Quanto ao sódio ocorre também um fato contrário, e assim, pela perda de seu elétron mais

externo para o cloro ele também ficaria semelhante a um gás nobre que, no caso aqui presente, é o elemento neônio, representando os modelos atômicos de estabilidade para os elementos assim, tanto a convergência quanto a divergência dos contrários levam a diferenças no equilíbrio, deste modo os íons contrários estão dissolvidos ou livres no solvente universal, a água, ora eles estão combinados por meio de uma reação química possibilitando o aparecimento do sal de cozinha e toda essa alteração e estabilidade. Desta maneira, a divergência dos elétrons na reação representaria, segundo a superlativa percepção de Heráclito, a mais bela harmonia.

Com senso de lógica poderíamos considerar que seria impossível associar estes conceitos da química atual ao filósofo, já que mais de 25 séculos separam a nossa realidade daquela em que Heráclito viveu, entretanto nos sentimos a vontade para esta associação exatamente por conhecermos a profundidade da intuição deste pensador pré-socrático em suas significativas e superlativas auscultas.

Deste modo, esta associação dos contrários com a dinâmica e estabilidade atômica, poderia até mesmo ser relacionada à própria química, porque, por mais estranho que pareça, um filósofo contemporâneo de Heráclito já esboçava conceitos sobre os átomos na antiguidade, trata-se de Demócrito de Abdera, que inclusive é mencionado por Heráclito no fragmento (38) para testemunhar o valor de Tales de Mileto. Heráclito ficou conhecido como o filósofo que chora e Demócrito, ao contrário, o filósofo que ri.

Finalmente, poderíamos imaginar todos os seres e as coisas da natureza existindo previamente numa espécie de “convergência original”, onde prevaleceria um quê de tensão própria entre os contrários preexistentes, clamando silenciosamente para se expandirem através de um “estado de divergência” e de liberdade para dar origem à vida e à natureza tal como ela é. Então o Criador, usando de Sua sabedoria divina, promoveu a alteração daquele “estado de tensão pré existente e também convergente dos contrários” promovendo por intermédio da divergência dos mesmos a mais bela harmonia por intermédio da gênese da vida.

FRAGMENTO (9): O LIXO E O OURO

Os asnos elegeriam o lixo antes do ouro; pois para os asnos o alimento é preferível ao ouro.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Os asnos ou burros almejariam o lixo,
Enquanto que, homens, quereriam ouro,
os contrários, como que por capricho,
almejam, até mesmo, opostos tesouros.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Dentro da sua linha de raciocínio que enaltece a coexistência dos contrários, Heráclito deixa evidente que tanto o ouro, quanto o seu contrário, o lixo, podem ser importantes dependendo de quem os aprecie, assim, os burros (irracionais) teriam mais facilidade para valorizar o lixo do que o ouro, porque no lixo eles poderiam encontrar subsídios alimentares, enquanto que o ouro seria valorizado apenas pelos (racionais), pois com certeza este metal não teria nenhuma utilidade prática para seres irracionais.

Por mais inútil que o lixo possa parecer aos olhos do um ser humano ele continua tendo sua possibilidade de apreciação por parte dos asnos, pois no lixo é possível que estes animais possam encontrar algum alimento em bom estado e que lhe poderia servir de sustentação para a sua estrutura orgânica, enquanto que com o ouro o ser humano poderia comprar não apenas alimentos, mas toda a sorte de utensílios domésticos. A incapacidade do asno em relação ao manuseio do ouro e ao seu comércio, obviamente torna o mencionado ouro inútil para a sua espécie.

Evidentemente que este mesmo ouro teria e tem para os homens, utilidade em diversos setores, pois ao ser

derretido este metal pode ser direcionado no sentido de voltar a se solidificar, assumindo uma forma específica de acordo com a preferência ou o ideal de um ser humano e que ele previamente determine por intermédio de moldes que antecipadamente possa ter fabricado.

É claro que a partir daí ele passa a ter um valor inestimável, pois pode ser utilizado em diversos afazeres ou até mesmo como adorno além, é óbvio, do valor sentimental, pois passou a ter a forma que o homem desejou, passando a ser um objeto de sua criação e, é lógico, que estes objetos são apreciados de uma maneira totalmente diferente.

Todavia a diferença de valorização do ouro pela maioria faz com que os seres humanos se dividam nas duas qualidades citadas no fragmento (1), onde os não filósofos teriam como ouro o referido metal encontrado na natureza, que poderia ser trocado por qualquer mercadoria como cita o fragmento (90), visando os prazeres do fragmento (4).

Desta forma, para os filósofos, o ouro passaria a ser o amor à sabedoria que é mencionado pelo pensador no fragmento (112), como sendo a virtude máxima, pois com ela o filósofo passaria a entender que o ouro (metal), não passa de uma fração insignificante dentro do Logos (cosmo ou natureza) que desconhece seus próprios limites.

Aqui no presente fragmento, todavia, Heráclito não faz nenhuma menção ao ouro idealizado pelos filósofos, ele apenas ressalta mais uma coexistência dos contrários, onde o lixo poderia ser valorizado assim como o ouro também, dependendo simplesmente de qual tipo de ser os estivesse avaliando, se por seres irracionais como os burros ou se por seres racionais, como é o caso dos seres humanos.

Comercialmente é lógico que o ouro se constitui no contrário do lixo em termos de valorização, de estética e de envolvimento emocional, enquanto que paralelamente os asnos por terem percepção limitada, representam um tipo de inteligência com um senso contrário ao do ser humano, estabelecendo outro duplo equilíbrio nos contrários.

FRAGMENTO (10): CONJUNÇÕES

Conjunções: completo e incompleto, convergente e divergente, concórdia e discórdia, de todos um, e de um todos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Ligam-se um completo e um incompleto, um convergente e ainda um divergente, analogamente, um afeto e um desafeto, tal como contrários interdependentes.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Neste fragmento se vê constatada a coexistência dos contrários, deste modo o completo se caracteriza tendo como padrão de referência o incompleto, o convergente se evidencia relativamente ao divergente e da mesma forma, a concórdia se diferencia ante a comparação com a discórdia.

Portanto todas as mais diferentes conjunções se estabelecem através dos contrários que passam a coexistir como elos, numa verdadeira interdependência, e este inter-relacionamento dos opostos têm como denominador comum, o Logos, que dá plena possibilidade para esta existência conjunta, justificando a frase complementar: "... de todos um, e de um todos", este fragmento também é ratificado pelo fragmento (50): "Auscultando não a mim mas ao Logos, é sábio concordar que o todo é um".

Desta maneira o somatório das associações, ou conjunções, numa grande gama de contrários, passaria a constituir o amálgama fundamental para a formação do Logos Heraclítico, e assim, entre estes contrários existentes no Logos, passa a existir como que um vínculo de elos primários, tal como será analisado no fragmento (122),

possibilitando, conseqüente e espontaneamente, a conversão de um lado no outro que lhe é contrário.

Respaldados pelo discernimento que o enfoque anterior nos proporciona, nós podemos considerar que o incompleto mencionado aqui no presente fragmento, um dia, por intermédio deste vínculo de elos primários, que determina uma espécie de lei de conversão de uns nos outros, se tornará completo, sendo logicamente correta a oportuna conversão num sentido inverso.

Vamos extrair do fragmento (51) subsídios para projetá-los numa associação de idéias com este que aqui analisamos, deste modo, naquele fragmento o filósofo deixa sugerido que muito embora a maioria dos homens não compreenda, mas é verdadeiro que o divergente converge consigo mesmo numa harmonia de tensões opostas sendo, portanto uma idéia que se identifica em todos os aspectos com estas conjunções próprias dos contrários que aqui são apresentadas no presente fragmento.

Já a expressão do filósofo: “... de todos um e de um todos” mostra que os contrários, por intermédio de suas conjunções, também retornariam ao conjunto unitário que é representado pelo próprio Logos numa “convergência dos contrários em tensão preexistente” e, inversamente, a partir deste Logos, todos os contrários poderiam se esboçar.

“... De todos um...” pode também simbolizar a íntima relação que todos os contrários guardam com Deus, o único sábio do fragmento (33), ou com a inteligência ígnea sugerida no fragmento (16) que não conhece o ocaso.

“... De um todos.” Aqui representa implícita e intuitivamente a gênese de todas as coisas e seres existentes no Logos a partir de um que só pode ser engendrado por Deus mencionado no fragmento (102).

Assim, todos os contrários integrantes do Logos retornariam para a unidade e desta mesma divina unidade eles se expandiriam, tal como sugere uma filosofia milenar indiana, é como se o universo fosse exaurido e assimilado pela “inspiração de Deus” e depois ele fosse originado em expansão numa espécie de “expiração divina” “Manvatara” a preencher o espaço sideral do mesmo Criador.

FRAGMENTO (11): PARTICIPAÇÃO NA TERRA

(Todos os animais, tanto os selvagens como os domésticos, os que vivem no ar, como sobre a terra, ou na água, nascem e chegam à sua maturidade obedecendo aos decretos de Deus): "Tudo pois, que rasteja, partilha da mesma terra", como disse Heráclito.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Tudo, pois, que é vivo e que rasteja,
Partilha de uma mesma parte da terra,
para que no Logos dos homens se veja
a força e a harmonia que lhe encerra.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Esta alusão relativa ao que rasteja, partilhando da terra, traz subentendida a realidade do mecanismo harmônico que rege a intimidade do Logos, já possuindo a plenitude do equilíbrio necessário para lhe assegurar a existência e exterioriza-se como natureza visível.

Esta expressão: "tudo pois que rasteja partilha da mesma terra", traz em seu âmago um princípio de coerência que podemos identificar com o equilíbrio que é estudado pela ecologia, no qual nada mais se exterioriza no Logos visível do que a relação de estabilidade procedente do Logos invisível, que naturalmente é muito mais forte, como se pode deduzir das palavras do fragmento (54).

A ecologia propriamente dita representa uma ciência moderna que estuda os seres existentes no Logos, suas subdivisões em vários agrupamentos, caracterizando gêneros, espécies e raças que se distribuem em diferentes regiões para dar formação aos diversos ecossistemas e seus

variados habitats naturais nos quais os seres se adaptam, dentro da dinâmica própria que cada espécie apresenta.

Assim, podemos tomar como exemplo a ideia que é veiculada por intermédio do fragmento (61): "O mar, a água, a mais pura e a mais impura. Para os peixes, potável e vivificante, para os homens não potável e mortal", e na mesma linha de raciocínio o fragmento (13): "Os porcos se comprazem na lama mais do que na água limpa", que naturalmente, também traduz uma ideia de adaptação dos seres em seu meio ambiente de predileção, da mesma forma e analogamente o fragmento (37): "Os porcos se lavam na lama e as aves rasteiras na poeira e nas cinzas".

Se nós pensássemos em alterar o habitat destes animais, já adaptados, seguramente haveria uma quebra da harmonia existente no Logos (natureza).

Assim, tanto os animais domésticos quanto os selvagens só poderão atingir a maturidade se a sua espécie, como um todo, permanecer em seu habitat natural porque assim eles poderão extrair do meio ambiente os recursos próprios para a sua sobrevivência, e toda esta harmonia, obviamente, só poderia estar filiada aos desígnios que Deus, o único sábio que Heráclito mencionou no fragmento (32), determinou para o Logos desde a sua gênese.

Dos quatro elementos: a terra, a água, o ar e o fogo, neste fragmento Heráclito ressalta a importância da terra para todos os animais e seres biológicos em geral, pois ele menciona: "tudo, pois que rasteja..." e então isto inclui logicamente anelídeos, crustáceos, moluscos e diferentes seres que estão relacionados a tantos filos biológicos e é exatamente o elemento terra que será partilhado na forma de denominador comum a todos eles.

O elemento terra assume assim neste fragmento a importância capital em relação aos seres que vivem na natureza; e se o fogo possibilitou a gênese do Logos, como o filósofo relata no fragmento (31), na natureza já com as dinâmicas estabelecidas entre os seres, a terra como palco que serve de gigantesco sustentáculo passa a ser o principal elemento de equilíbrio para todos eles.

FRAGMENTO (12): O RIO - I

Para os que entram nos mesmos rios, afluem sempre outras águas; e do úmido exalam também os vapores.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Para a parte interna de um mesmo rio outras e bem diferentes águas afluem, e também os vapores quentes ou frios, diferentes leitos de rios constituem.

DEDUÇÃO EM PROSA:

As transformações a que o rio está sujeito são enaltecidas tanto neste fragmento quanto nos fragmentos (49a) e (91). Heráclito aqui destaca estas transformações da seguinte maneira: "Para aqueles indivíduos que entram nos mesmos rios afluem sempre outras águas...", entendemos este fato como verdadeiro, na medida em que a dinâmica constante das águas do rio, pela ação da correnteza natural, possibilita estas alterações referente ao conjunto todo.

Podemos neste fragmento fazer uma associação do rio que Heráclito auscultou com a dinâmica do próprio Logos, já que, pela cinética de seus elementos, tanto o rio quanto o Logos se mantêm em constante renovação, assim, o Logos apresenta-se em transformações diárias, pois os seres que nele vivem, se movem, se alimentam, se reproduzem, crescem e morrem, alterando as feições do cenário onde se encontram, tudo isto somado à fenomenologia própria da natureza que implica em alterações no cotidiano, tais como a chuva, o raio, a neve, os ventos, o sol, o calor, etc., que complementam a sua dinâmica diária.

O rio passaria a ter uma grande similaridade com o Logos, pois está sempre no mesmo local e mesmo assim, ele nunca pode ser considerado como sendo o mesmo.

O Logos de todos os seres é sempre o mesmo e curiosamente todos os dias ele é um Logos diferente, pois a natureza aqui está tal como a vemos todos os dias com suas árvores, seus animais tanto da terra quanto do ar e também da água e este cenário geral se mantém dia após dia. No entanto neste mesmo Logos cada árvore dá os seus frutos, cada animal move-se de um local a outro e aparentemente expande o Logos com os seus filhotes, um pássaro voa a consideráveis distâncias, os peixes mudam de lugar na água e os animais da terra fazem o mesmo, modificando ao menos parcialmente aquele conjunto já estabilizado. O rio tem o mesmo tipo de ação, visto que ele continua no mesmo lugar, mas as suas águas se movem diariamente mudando todo o conjunto e assim às pessoas que entram nos mesmos rios afluirão sempre outras águas e conseqüentemente já estarão entrando em rios algo diferentes à posteriori.

Heráclito considera também aqui as alterações experimentadas pelo volume aquoso através da exalação dos vapores que certamente vai determinar a diminuição de uma parcela do volume total do líquido deste rio, alterando, pois, todo o conjunto resultante.

Esmiuçando um pouco mais esta análise aqui apresentada vamos considerar que as moléculas de água pela ação do sol, se aquecem e também se volatilizam e entram num processo de evaporação, este fenômeno acaba provocando um rearranjo energético em toda a estrutura atômico molecular da água do rio, representando, portanto, esta fenomenologia, a transformação de todo o conjunto em reorganização que modifica o rio em questão.

Em relação aos vapores relatados por Heráclito ainda podemos considerar que eles formam nuvens e lá se condensam até possibilitarem o fenômeno da chuva para que depois a água possa retornar ao mesmo rio, e assim manter o rio e o Logos na mesma razão e na mesma medida, tal como o filósofo deixa evidenciado através das palavras que se encontram no fragmento (31).

FRAGMENTO (13): A LAMA E A ÁGUA LIMPA

Os porcos se comprazem na lama, mais do que na água limpa.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Os porcos se comprazem mais com lama
do que fariam se fosse em água limpa,
desta maneira este Logos se programa
por meio de uma harmonia que é ímpar.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Existe a preferência por um determinado meio ambiente ou por particularidades do mesmo, relativamente aos animais integrantes de cada espécie, aqui, no caso deste fragmento, Heráclito relata a preferência dos porcos pela lama, o que obedece aparentemente a uma sintonia íntima, algo de intuição, que cada espécie possui em sua consciência coletiva resultante do somatório de todos os seus seres, na busca de um adequado equilíbrio entre os da sua espécie e o meio ambiente em que vivem no Logos.

Obedecendo a este conceito de consciência global, encontramos a menção que o filósofo faz no fragmento (37), onde ele cita que as aves rasteiras se comprazem muito mais na poeira e nas cinzas, ou ainda, vinculado a este princípio de sintonia encontramos os peixes na água do mar e o homem fora dela, como se nota no fragmento (61).

Neste fragmento podemos perceber mais uma vez que Heráclito, ainda na Grécia antiga, já esboçava conceitos que se identificam com os modernos estudos pertinentes à ecologia, onde as diferentes espécies dos mais variados seres

existentes na natureza ocupam habitats naturais específicos, mais condizentes com o seu *modus vivendi* no dia a dia.

A preferência pela lama pode parecer estranha para a maioria das pessoas, pois para qualquer homem seria loucura preferir a lama ao invés da água limpa, entretanto Heráclito já deixou comentado no fragmento (1), que mesmo aqueles homens que se dispusessem a tentar decifrar o Logos se mostrariam carentes de experiência e incapazes de compreendê-lo, tanto antes quanto depois de o terem auscultado, assim, é fácil considerar que, se até para aqueles que são amantes da sabedoria é difícil a noção dos acontecimentos que se desenrolam no Logos, quanto mais não seria para a maioria dos homens, já que esta maioria citada vive fora da conjuntura do equilíbrio do Logos, tal como se pode ler no fragmento (2).

Conclusão: os homens que em sua maioria não esperam os acontecimentos ou eventualidades de maneira atenta como Heráclito deixa sugerido no fragmento (18), permanecendo portanto indolentes, tal como se constata através das palavras do fragmento (87), naturalmente que acabam se deixando espantar pela evidência de os porcos preferirem a lama mais do que a água limpa, porém, é esta lama o local de predileção que o Logos lhes reservou.

A tendência do ser humano é a de imaginar-se como um referencial de normalidade para todos os outros homens e até mesmo para os animais, assim é muito comum percebermos ao longo da história alguns povos colonizarem outros e imporem os seus costumes como se eles fossem não só os melhores, porém também os únicos aceitáveis e que deveriam nortear todas as outras vidas da localidade.

Os povos indígenas foram descaracterizados em relação às suas culturas originais, assim como os povos africanos e os aborígenes da Oceania indicando uma falta de respeito e de consideração por determinados costumes e por culturas que destoam muito daquelas que estão no poder e se este fato se evidencia até entre os homens é natural que estes mesmos homens fiquem inconformados pelo fato de os porcos preferirem mais a lama à água limpa, entretanto, é nesta lama que está o seu equilíbrio primordial.

FRAGMENTO (14): OS INICIADOS NOS MISTÉRIOS

(Para quem profetiza Heráclito de Éfeso?): "para os que participam de procissões noturnas, os magos, os sacerdotes, ou sacerdotisas de Baco e os iniciados nos mistérios" (a estes os ameaça com o que os espera depois da morte, a estes profetiza o fogo), "pois os mistérios criados entre os homens começam pelo mais ímpio".

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Heráclito profetiza um fogo infernal aos iniciados nos mistérios em união, porque os mistérios começam como tal pelos homens mais iníquos da direção.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito, por sua condição de eremita na antiga Jônia, muito provavelmente não deve ter sido iniciado em nenhuma das ordens a que ele faz menção aqui no presente fragmento, todavia se por uma eventualidade ele foi, com certeza abominava os mistérios a elas pertinentes.

Outra forma de tradução deste fragmento (14) que chega até os nossos dias atuais traduz este fragmento da seguinte maneira: "(Para quem profetiza Heráclito de Éfeso?) "Para os errantes noturnos, os magos, os bacantes, as mônades, os mistas. (...) é sem piedade que se iniciam nos mistérios em voga entre os homens. As duas versões mostram Heráclito distante das atividades dos iniciados, possivelmente porque ele era avesso às atrocidades que estas atividades acabavam envolvendo.

Apesar da aparente austeridade de solitário, Heráclito tinha claramente um caráter humanista e, assim, confirmando estas considerações ele enuncia: "... é sem piedade que se iniciam nos mistérios em voga entre os

homens" e, posteriormente, ratificando este seu caráter altruísta ele escreve no fragmento (71): "É necessário recordar também ao que esquece aonde leva o caminho".

Este caráter humanista de Heráclito percebido claramente no fragmento (71), curiosa e paradoxalmente à sua condição de misantropo, estabelece uma íntima relação com uma bússola ideológica própria e característica do cristianismo, pois Cristo, no sermão da montanha citado em São Mateus, relata no capítulo 5 - versículo 15: *“Não se acende uma candeia para colocá-la sob o alqueire, mas colocar-se-á sobre o candeeiro, para que ilumine todos os que estão na casa”*. Lê-se também em São Lucas capítulo 8 - versículos 16 e 17: *“Não há ninguém que depois de ter iluminado uma candeia, a cubra com um vaso ou a coloque debaixo da cama; mas colocam-na sobre o candeeiro, para que aqueles que entram vejam a luz; - porque não há nada secreto que não deva ser descoberto, nem nada escondido que não deva ser conhecido e apareça publicamente”*.

Outra citação bíblica que encontra sintonia com este fragmento de Heráclito está em São Mateus – cap. 23 – versículos de 1 a 4: *“Então falou Jesus às turbas e aos seus discípulos dizendo: Sobre a cadeira de Moisés se assentaram os escribas e os fariseus (os iniciados judeus do templo de Salomão), observai, pois e fazei tudo quanto eles vos disserem, porém não obreis segundo a prática de suas ações, porque dizem e não fazem, porque eles atam cargas pesadas e incomportáveis e as põem sobre os ombros dos homens, mas nem com um só dedo as querem mover”*. E no mesmo São Mateus - capítulo 23 – versículo 15: *“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazerdes um novo prosélito (iniciado), e depois de o terdes feito, o fazeis em dobro mais digno do inferno do que vós”*.

Mesmo considerando o modo obscuro e muito sintético de exteriorizar esta sua filosofia, ainda assim, constatamos uma evidente preocupação de Heráclito em despertar os homens da ignorância referida no fragmento (34), da indolência do ser humano citada no fragmento (87) e da insipiência referida nos fragmentos (95) e (109).

FRAGMENTO (15): DIONÍSIO E HADES

Se não fosse em honra de Dionísio, que fazem a procissão e cantam o hino fálico, praticariam algo mais monstruoso, entretanto Hades (deus dos mortos), e Dionísio (deus dos ciclos vitais), representam o mesmo deus, em honra do qual deliram e fazem bacanais.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Fosse por homenagem ao deus Dionísio, ou também por seu contrário, o Hades, as bacanais traduziam só os delírios que ofuscavam totalmente a realidade.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os antigos gregos costumavam fazer procissões, cantando hinos fálicos ao deus Dionísio, homenageando-o para que o mesmo retribuísse as honrarias na forma de abundância na natureza e por isso mesmo, devido ao fato de estar a massa (tal como o filósofo menciona), vivendo como se tivesse um entendimento próprio e particular a verdade permanecia encoberta a esta maioria de homens, assim, Heráclito afirma que se não fizessem estas orgias talvez praticassem coisas ainda mais grotescas.

Neste fragmento se pode observar também a abrangente associação dos contrários, quando o pensador afirma que Hades (deus dos mortos) e Dionísio (deus dos ciclos vitais), coexistem no mesmo Deus para quem os homens deliram e fazem as suas bacanais; este fenômeno é explicável pelo fato de se ratificar na ideologia do filósofo que o todo é um, como ele cita no fragmento (53).

Desta maneira, as bacanais que a multidão fazia exaltando deuses mitológicos, tanto Hades quanto Dionísio, nada mais representavam do que uma forma de delírio e de

má compreensão da verdadeira conjuntura harmônica do Logos, pois ao invés de detectarem que a harmonia invisível era a que devia ser sintonizada para afastá-los dos deslizes do dia a dia; primeiro eles cometiam as suas atrocidades quotidianas, como foi o já citado caso do banimento de Hermodoro, para depois se entregarem numa ritualística insensata e distanciada do verdadeiro Deus.

Apesar de tudo isto tanto Hades quanto Dionísio continuavam a pertencer ao verdadeiro Deus, pois tudo o que há no Logos pertence ao único sábio do fragmento (32).

Desta forma, ainda que os homens inventassem os mais diferentes deuses possíveis, teriam que obedecer à vontade de um só, tal como o pensador se faz compreender por intermédio das palavras do fragmento (33).

No Hades (deus dos mortos) existe também a vida, pois as almas nele olfateiam, isto é, respiram, dando uma demonstração de que elas sobreviveram como podemos interpretar pelas citações do fragmento (98) e também Dionísio (deus dos ciclos vitais) também experimenta a morte já que nele, isto é, nos ciclos vitais, todos os elementos estão "morrendo" na sua condição primitiva para dar origem a outra, como é possível de se confirmar pelas ideias exteriorizadas nos fragmentos (76) e (77).

Evidentemente estes supostos seres mitológicos que o filósofo cita, atribuindo-lhes características próprias, a morte ao Hades e a vida a Dionísio, nada mais são do que integrantes de um todo universal que pertence ao mesmo Deus, já que na concepção do pensador ele é um só.

Finalmente ainda podemos considerar que estes homens ao invés de cultivarem a fé em Deus que é unitário, o subdividiam de modo absurdo em fantasias mitológicas e passavam a adorar estátuas como se quisessem falar com as paredes, como no fragmento (5), pois estas paredes eram visíveis e eles com o discernimento bastante limitado e equivocado passavam a acreditar somente naquilo que estavam vendo, neste caso, nos ídolos de pedra, pois para eles o Logos invisível ao invés de representar um equilíbrio mais forte, por ser invisível, é simplesmente inexistente.

FRAGMENTO (16): LUZ DA INTELIGÊNCIA

(Pois se alguém conseguisse se ocultar da luz sensível, porém ser-lhe-ia impossível ocultar-lhe da luz da inteligência) ou, segundo Heráclito, como poderia alguém ocultar-se do que nunca tem ocaso?

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Descartando-se a existência do acaso, como poderia qualquer ser se ocultar daquilo que nunca conhecerá um ocaso como ocorre com a inteligência no ar?

DEDUÇÃO EM PROSA:

Esta é uma visível alusão de Heráclito ao único sábio, que se dispõe e não se dispõe a ser chamado pelo nome de Zeus, tal como está relatado no fragmento (32) e complementado pelas palavras do fragmento (33): "É lei obedecer à vontade de um só". Desta maneira, entendemos que para se obedecer a uma única inteligência, há a necessidade de que a mesma tenha um poder de visão tal que nunca conheça o ocaso e, portanto seja onividente, que a tudo e a todos consiga ver simultaneamente.

Heráclito tinha fé nesta inteligência ígnea com poderes divinos, como temos a oportunidade de constatar através das palavras do fragmento (86).

É de senso comum que fomos feitos à imagem e semelhança do criador dos mundos que é Deus, e se tal versão constitui um fato que é verídico, nós precisamos necessariamente guardar similaridades com este criador e é lógico que estas semelhanças só podem ter conotações que reflitam a intimidade de nossas mentes.

Assim, é nas próprias considerações do filósofo que vamos encontrar subsídios para fortalecer essa tese,

pois ao lermos o fragmento (113): "Pensar reúne tudo", realmente passamos à conscientização de que nossa mente desconhece limites e que pode sempre ampliar ainda mais os seus próprios horizontes e, em sua vasta dinâmica, pode imaginar um acontecimento do outro lado do planeta instantaneamente, ignorando, pois, a possibilidade do acaso, tal como Heráclito citou aqui no presente fragmento.

A vasta amplitude do pensamento abrange não somente um único planeta como o nosso, mas somos capazes de deslocar nosso pensamento na velocidade que desejarmos numa espécie de viagem mental por todo o cosmo infinito e numa espécie de semelhança com o criador do universo ela também desconhece o tempo, ou melhor, é dona dele, assim, ela pode abandonar o presente e se projetar ao passado de acordo com a vontade, ou igualmente se projetar ao futuro vislumbrando novos projetos e ideais que poderão vir a se concretizar. Desta maneira, por analogia, se a nossa mente desconhece acaso e limites, imagine a inteligência ígnea maior que deu origem ao Logos e a nós outros!

A mente de cada um de nós pode realizar viagens até o outro lado do planeta terra e a outros planetas da galáxia e ainda a outras galáxias desconhecendo quaisquer limites, mas o faz apenas imaginado o percurso, numa espécie de criação de uma tela em um panorama virtual.

A luz de inteligência que Heráclito menciona no presente fragmento, vê a todos os lugares e acontecimentos numa abrangência que é muito maior, pois em sua mente divinizada a clarividência já se tornou plena; enquanto que nós os seres humanos apenas esboçamos os ensaios daquela faculdade íntima que um dia se desenvolverá totalmente.

De que forma o Criador dos mundos é capaz de enxergar a tudo e a todos ao mesmo tempo? Que mecanismo curioso é este que lhe possibilita uma visão tão percuciente e ao mesmo tempo tão abrangente? Estas são perguntas que ainda não podemos responder em consequência de nossas limitações, seria o mesmo que tentar explicar para um cego de nascença o que significa o dom de enxergar.

FRAGMENTO (17): INTERPRETAÇÃO INDIVIDUAL

Não entendem, pois, coisas semelhantes a maioria dos que se encontram com elas, nem as conhece também quando se as ensinam por si mesmo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Em muitas coisas que são semelhantes pode-se ter múltiplas interpretações, e assim precisa-se conhecê-las antes para se poder transmitir suas lições.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Em consequência da diversificação do Logos, a maioria dos acontecimentos ou fenômenos, passa a dar margem às mais variadas interpretações para os diferentes homens que com eles se deparam e os procuram analisar, além do mais, dentro das duas categorias de seres humanos mencionadas no fragmento (1), os filósofos buscariam uma ausculta mais profunda para entender melhor a essência íntima da verdade de cada fato em si, para assim tentarem traduzir de maneira mais coerente os eventos fenomênicos ou simplesmente acontecimentos corriqueiros do Logos.

Paralelamente, os não filósofos, devido à falta de razão, de perspicácia e de amor à sabedoria, passariam a interpretar os acontecimentos do Logos de uma forma superficial ou mesmo errônea, inseridos numa deficiência de subsídios mentais. Conseqüentemente, torna-se mais fácil perceber porque o filósofo escreveu o fragmento (34): "Os ignorantes, embora ouvindo assemelham-se aos surdos e o dito lhes atesta: achando-se presentes estão ausentes".

É claro que a disposição mental de um e de outro tipo de ser humano, levaria a conclusões e compreensões totalmente diferentes, portanto, há a necessidade de se

aprender as coisas, mantendo a linguagem do filósofo, com amor à sabedoria, assimilando-as em si mesmo para se poder transmitir suas lições após auscultar sua coerência.

Assim, podemos concordar que, realmente, para os homens citados nos fragmentos (2), (95), (104) e (109), encontrarem-se com o ouro mencionado no fragmento (22) e (90), teria uma significação materialista muito mais ampla do que para os homens que se posicionassem em sintonia com as palavras dos fragmentos (35) e (112), pois a avidez por prazeres materiais por parte daqueles, geraria uma espécie de embotamento mental em relação aos prazeres que a mente humana poderia auferir se estivesse cultivando os predicados inerentes à sabedoria.

Finalmente, ainda se pode mencionar a grande diferença de interpretações e considerações diante dos fatos, entre os filósofos e aqueles homens que se caracterizariam pela participação nos rituais de sangue do fragmento (5), ou nas procissões de hinos fálicos do fragmento (15), ou mesmo aqueles que cultivavam a dolosa retórica nos discursos para ludibriarem as pessoas com mentiras e hipocrisias.

O filósofo é um amante natural do saber e só existe saber na verdade, assim, para se cultivar a sabedoria só é possível sendo também um amante da verdade. Por decorrência destes atributos que necessariamente devem ser inerentes ao filósofo, é claro que Heráclito não encontraria sintonia com os indivíduos que cultivavam a retórica como forma de se passar ilusões como verdades e ele adverte como sendo a primeira fonte do embuste no fragmento (81).

Aqui neste fragmento Heráclito de Éfeso ressalta: “Não entendem, pois, coisas semelhantes a maioria dos que se encontram com elas...”, sim, no caso dos homens que cultivavam a vil retórica com o intuito de ludibriarem as pessoas, nem eles entendiam o fato como Heráclito o estava entendendo, pois ignoravam a justiça do Hades e nem como as pessoas que os estavam ouvindo. Este entendimento dos acontecimentos ficaria ainda mais distanciado quando se tratasse dos insipientes citados no fragmento (109).

FRAGMENTO (18): PREDISPOSIÇÃO CIENTÍFICA

Se não se espera não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Se não se aguarda, muito atentamente, não se pode interpretar o inesperado, pois acaba passando inadvertidamente sem que, nem mesmo, seja evidenciado.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este é um fragmento que, em partes, se relaciona com o fragmento (17), pois, também aqui, se pode perceber que somente os filósofos teriam condições de esperar, com presença de espírito, um acontecimento novo ou inesperado, para interpretá-lo à luz do discernimento mais adequado; não sendo amante da sabedoria, este acontecimento novo, porém, seria "sem caminho de encontro" com a luz de razão da mente que o estaria observando e, conseqüentemente "sem vias de acesso" para a compreensão e a assimilação coerente deste fato novo e inesperado.

Como uma espécie de derivação do pensamento original de Heráclito também se poderia extrair sem muito esforço o seguinte aforismo que foi dito brilhantemente por Claude Bernard: "Quem não sabe o que procura não pode interpretar o que encontra". A rigor, entendemos que o pensamento original de Heráclito deva ser mais abrangente do que este, pois neste aforismo de Claude Bernard existe a sugestão para que o ser humano se posicione mentalmente numa situação de procura e que se saiba previamente aquilo que se está procurando, para que, depois, ao encontrá-lo, consiga interpretá-lo com os subsídios mentais prévios que orientaram a própria busca em si mesma.

No caso de Heráclito esta disposição mental sugerida ao amante da sabedoria, tem um alcance muito mais abrangente, visto que, a mente em questão, estaria

esperando indistintamente e ainda atentamente a qualquer acontecimento que tivesse lugar no Logos e assim, ela estaria em condições de interpretar não somente aquilo que se estaria procurando especificamente, mas estaria em condições de vigília suficiente para analisar e interpretar quaisquer acontecimentos, indistintamente.

Desta maneira, imaginamos a possibilidade de um acontecimento ou um fenômeno raro que pudesse acontecer no Logos e que, pela condição de esporádico, a maioria das pessoas o desconhecessem, assim, para alguém que nunca tivesse tido a oportunidade de entrar em contato com aquele fenômeno e nem mesmo ouvido falar a seu respeito, seria obviamente impossível a situação de o estar procurando, como sugere o elevado aforismo anteriormente comentado, mas se por outro lado estivesse "esperando", como sugere Heráclito, isto é, atento a qualquer evento do Logos, a assimilação seria dentro de uma abrangência mais significativa, e somente os amantes da sabedoria poderiam pretender possuir esta inusitada condição.

Os viáveis acontecimentos inesperados deveriam acontecer em proporções superlativas para Heráclito, pois além da realidade do Logos visível somos forçados a acreditar que ele também devesse auscultar ao Logos invisível. Assim ele menciona no fragmento (98): “As almas olfateiam ao baixarem ao Hades (reino dos mortos)”, ora, se ele sabia que as almas estavam vivas e respirando no Hades, supostamente é porque ele as estava vendo e procurando entendê-las em sua ausculta ilimitada.

Ante os acontecimentos que Heráclito passava a esperar atentamente para se compreender o inesperado, criava-se uma situação como aqui no fragmento é sugerida que abrangia o nosso mundo e o mundo das almas.

Em São Marcos capítulo 5 - versículo 9, Cristo também se encontrou com um espírito e perguntou o seu nome, ao que o espírito respondeu de forma evasiva que era legião, por que eles eram muitos. Assim, Cristo também dava demonstrações surpreendentes e inequívocas de que enxergava e auscultava ao Logos invisível.

FRAGMENTO (19): OUVIR E FALAR

Quem não sabe ouvir, não sabe falar.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Quem ainda não sabe calmamente ouvir,
naturalmente também não saberá falar,
pois é necessário saber bem refletir
para que, melhor, possa se expressar.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A condição de saber ouvir, ou seja, escutar com discernimento deixa no homem a predisposição para um aprendizado mais amplo e mais consciente, onde a atenção com o que se ouve conscientemente passa a ser mesmo diretamente proporcional ao grau de aprendizado e de compreensão das coisas, para que, como se pode ler no fragmento (17), ao ouvir coisas que são semelhantes possa diferenciá-las através do discernimento armazenado pela mente que "soube ouvir" durante o seu aprendizado.

Aqui cabe a lembrança de que Heráclito relata no fragmento (55) que prefere o que aprende a visão e a audição, esta audição que aqui neste fragmento é ressaltada, logicamente deve ser assimilada com o amor à sabedoria referido no fragmento (35), para se ampliar o conhecimento que depois sofrerá um natural processo de expansão através da reflexão mental, para só então, o indivíduo pretender saber falar embasado num discernimento de filósofo.

De maneira complementar, entendemos que as palavras que o pensador apresenta no fragmento (18), também colaboram para a melhor elucidação do presente fragmento, pois, para o amante da sabedoria que espera com clareza de compreensão, na tentativa de poder decifrar um evento, para subseqüentemente assimilá-lo em sua

mente, torna-se mesmo necessário que já tenha cultivado, previamente, o dom de saber ouvir em incontáveis situações.

O saber ouvir também engloba a situação das pessoas que se punham a ouvir os discursos dos oradores mencionados nos fragmentos (42) e (81), para que não se deixassem levar pelas palavras rebuscadas, todavia com vacuidade de conteúdo, que normalmente estes oradores cultivavam e assim toda aquela retórica empregada passaria pelo crivo mental criterioso dos homens que "souberam ouvir" e que passariam a analisar com um discernimento mais adequado as "verdades" ou somente a tentativa de "driblá-las" que estavam tentando ser veiculadas.

Deste modo, podemos considerar que este "saber ouvir" associado ao amor à sabedoria do fragmento (35), levaria os indivíduos a escutarem os cantores e a própria multidão mencionada no fragmento (104) com mais cautela e prudência e, desta maneira, não se deixariam conduzir de forma leviana ou pouco refletida, muitas vezes apenas para satisfazerem fúteis caprichos e, ao falarem com eles, os filósofos o fariam com ponderação e reserva de princípios.

"Quem não sabe ouvir não sabe falar", é um conceito que é referente ao ser humano vivendo no Logos visível, e no caso de Heráclito, é um conceito que pode ser expandido para outro mais abrangente envolvendo os dois mundos, o da harmonia visível e o da harmonia invisível que é: "Quem não sabe auscultar não sabe filosofar".

Saber ouvir também representa uma condição de amadurecimento cerebral pela plena aquisição dos valores próprios do mundo para que se possam identificar os seus princípios corriqueiros, para depois saber falar pautado nos parâmetros dos princípios compreendidos.

Entretanto, saber auscultar já representa uma característica cerebral muito mais expressiva que envolve o mundo visível e o mundo invisível e na medida em que o pensador assimile a conjuntura própria do Logos global ele começa a filosofar corretamente com um discernimento muito mais amplo, e não somente saberá falar, mas também saberá agir, embora viva em conflito com a maioria.

FRAGMENTO (20): DESTINOS MORTAIS

Os nascidos preferem viver e ter seus destinos mortais a deixar de viver e deixam atrás de si filhos para que outros destinos mortais se formem.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Os homens nascidos preferem o prazer vivenciando os seus destinos mortais, e aos seus filhos, eles fazem nascer, entretanto, eles não refletem jamais.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os nascidos, (mantendo o mesmo vernáculo do filósofo), preferem viver os prazeres do corpo mencionados no fragmento (4), e terem os seus destinos mortais, isto é direcionando a inteligência e o sentimento para os valores meramente materialistas, ao invés de deixarem de viver estes prazeres; ao invés de preferirem a glória eterna, ou seja, a glória do seu eu eterno, antes das coisas mortais, preferindo empanturrarem-se tal como o gado, como está descrito nas palavras do fragmento (29), tornando-se, assim, homens leigos, aos quais o verdadeiro sentido da vida fica encoberto, tanto quando estão acordados quanto quando estão dormindo segundo os dizeres do fragmento (1).

Estes homens nascidos deixam atrás de si, filhos para que outros destinos mortais se formem pautados na insipiência que os caracteriza no dia a dia, transmitindo, posteriormente, os seus conhecimentos supérfluos ou vazios e até mesmo equivocados a esses filhos, que passam a falar como crianças de seus genitores, como se vê relatado no fragmento (74), conseqüentemente, um dia serão os homens que vão elaborar ideias semelhantes aos jogos de crianças tal como descreve o fragmento (70).

Estes homens passariam a ter um equilíbrio esdrúxulo dentro do Logos, supervalorizando a busca pelo ouro citado no fragmento (22), os prazeres do corpo do fragmento (4) ou os rituais de sangue do fragmento (5).

Existe uma teoria espiritualista que advoga a tese de que estamos aqui no planeta terra apenas para cumprir várias etapas evolutivas de nosso próprio desenvolvimento espiritual, que se processaria de modo muito lento, porém gradativo e, desta maneira, quando a nossa humanidade tivesse alcançado a cristianização plena, isto é, o verdadeiro amor ao próximo, as almas não mais necessitariam envergar corpos de matéria, posto que teriam adquirido o direito de existirem inseridas dentro da liberdade tal que lhes fosse permitido viajarem pelo cosmo de acordo com o seu livre arbítrio. Desta forma, quando a humanidade alcançasse esta condição, o planeta ficaria desabitado e a evolução primária ficaria reservada a outros orbes que ainda não tivessem alcançado este entendimento libertador.

Heráclito, em sua profunda ausculta ao Logos, intuitivamente também detectou esta verdade esotérica e aqui lamenta a ignorância de seus semelhantes.

Esta citação: “Os nascidos preferem viver e ter seus destinos mortais a deixarem de viver...” também pode ser compreendida relativamente às verdades pertinentes ao Logos visível e ao Logos invisível, desta maneira, os homens insipientes passariam a viver as suas fúteis ilusões e para alcançarem estas ilusões empregariam a retórica e às vezes até a violência ignorando o amor ao próximo deixando, pois de exemplo, destinos mortais e equivocados aos seus filhos.

Devido ao fato da matéria pertencer ao Logos visível e ser mais fraca ou instável esta miragem de valores tem naturalmente a tendência de ir se degenerando à medida que o tempo vai passando e desta forma o que é belo envelhece e os valores cultivados passam a pertencer a um destino mortal. Um dia o homem deverá compreender que o verdadeiro valor está no Logos invisível.

FRAGMENTO (21): DESPERTO E ADORMECIDO - I

Morte, tudo o que vemos acordados, sono, o que vemos adormecidos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Tudo o que nós podemos ver acordados se deteriora bastante e um dia morre, mas aquilo que nós vemos adormecidos é vivo no sonho e o mesmo não ocorre.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Tudo o que vemos acordados, pertence à parcela visível do Logos, isto é, energia vibrando numa frequência tal que possibilite o aparecimento da matéria, entretanto, esta energia visível estaria em contínua transmutação; o filósofo expõe este princípio no fragmento (76), onde cita: "A morte da terra é tornar-se água, a morte da água, tornar-se ar, e a do ar, tornar-se fogo e vice versa", e, seguindo o curso deste raciocínio, ele ainda menciona o fragmento (77): "Para o ar é morte transformar-se em úmido e é prazer para ele cair no ciclo vital".

Desta maneira, tudo o que se vê acordado é matéria, que está morrendo dia a dia dentro do seu próprio ciclo vital e, desta forma, até o metal mais duro chega a se enferrujar, submetido ao processo de oxidação com o tempo e se carcomer, morrendo desta maneira na sua condição primitiva em relação à aparência original, para ceder lugar, posteriormente, a um novo aspecto desta mesma matéria.

Como já foi citado, no fragmento (54) Heráclito escreve a seguinte verdade filosófica: "A harmonia invisível é mais forte do que a visível" e desta maneira, devemos

considerar que, o que vemos adormecidos, pertence ao equilíbrio do Logos invisível e este, por sua vez, como o filósofo escreveu, é mais forte. Assim, a harmonia invisível é mais forte do que a visível, justamente porque não entra no ciclo vital propriamente dito, não conhecendo, portanto, a morte tal como a mesma ocorre na matéria e é esclarecida pelas palavras dos fragmentos (76) e (77).

Aqui também é possível observar a coexistência dos contrários, pois, o mesmo indivíduo passaria a vivenciar o que morre e o que não morre em si mesmo, já que seu corpo pertence à matéria e os seus sonhos não. Assim, o corpo físico é pertinente ao equilíbrio próprio do Logos visível, enquanto que os sonhos passam a existir no que os esotéricos chamam de éter físico, ou seja, o fluido vital que interliga todas as coisas no universo e ainda eterniza em seu âmago, como se fosse uma película de um filme os fatos e as emissões cerebrais. Assim, aquilo que estivesse gravado no éter físico não sofreria nenhuma espécie de decomposição ou de morte, enquanto que aquilo que nós estamos vendo acordados pertence à matéria e morre no dia a dia.

Quando menciona: “Morte, tudo o que nós vemos acordados...”, Heráclito ratifica a sua consciência de que as coisas próprias da matéria possuem uma realidade efêmera e estão morrendo constantemente, alterando sua aparência primária para conceber a origem de outra e após sucessivas degenerações acaba morrendo em relação à condição inicial, entra no ciclo biológico e passa então a ter outra forma, muitas vezes completamente diferente, morrendo assim integralmente em relação à aparente condição anterior.

Quando Heráclito cita: “... sono, o que vemos adormecidos.”, ele coloca em evidente contraste de situações mostrando que o que é pertinente à matéria (energia em estado grosseiro) é perecível e o que vemos em sono tem um aspecto contrário e não está sujeito à decomposição ou à oxidação de seus elementos. Assim mesmo após a morte do ser humano, os subsídios típicos de seus sonhos continuarão existindo tal como eles ocorreram durante a sua vida por pertencerem ao Logos invisível e estável.

FRAGMENTO (22): MUITO E POUCO

Os que buscam ouro cavam, pois, muita terra e encontram pouco.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Aqueles homens que buscam ouro cavam utilizando todas as forças possíveis, entretanto, ilusoriamente se deparam só com alguns valores bem perecíveis.

DEDUÇÃO EM PROSA:

É clara referência de Heráclito à superficialidade dos homens que tomam como parâmetro de valorização de si mesmos, o ouro, já que ele poderia ser trocado por qualquer tipo de mercadoria como cita o fragmento (90), ele, evidentemente, também facilitaria os prazeres do corpo descritos no fragmento (4), ou até mesmo os excessos, como por exemplo, "empanturra-se como o gado", como está relatado de maneira complementar no fragmento (29).

É lógico que com o fato de poder trocar esse ouro por qualquer mercadoria ele acaba se constituindo numa fonte de prazeres principalmente para o corpo e, assim, a parte principal fica relegada ao esquecimento, ou na melhor das hipóteses a um segundo plano, que é a parte intelectual, porque para os filósofos, como era o caso de Heráclito, os prazeres do corpo são considerados muito inferiores aos prazeres que o cultivo da sabedoria pode proporcionar à mente em expansão justamente por meio da ampliação do discernimento que o próprio cultivo em si possibilita.

Desta forma, com esta ampliação de horizontes mentais, o amante da sabedoria passa a experimentar um prazer, ou seja, uma espécie de plenitude que supera em

muito as emoções quiméricas plenas de ilusões passageiras dos prazeres pertinentes aos materialistas.

Se refletirmos um pouco mais demoradamente sobre o fragmento (113): Pensar reúne tudo, possivelmente conseguiremos sintonizar, de verdade, qual qualidade de prazer fascinava Heráclito; lógico, só poderia ser algo que também sintonizasse os dizeres do fragmento (112), daí ele considerar que para se conseguir o ouro relatado aqui no presente fragmento, os homens acabam cavando bastante terra para encontrar o que não tem tanto valor assim, justamente por ser apenas um metal a mais na natureza.

Podemos, finalmente, neste fragmento, constatar, ainda que de maneira um tanto quanto obscura, mais uma forma de coexistência dos contrários que aqui se traduzem por "cavar muito" e "encontrar pouco" e assim o é, pois, mesmo que o homem viesse a encontrar o ouro e mesmo que ele desse a valorização que os materialistas referidos no fragmento (69) lhe dão, todos sabem que é preciso cavar muita terra para se encontrar pouca quantidade, posto que este metal é relativamente raro na natureza.

Ao rejeitar uma vida de prazeres e de facilidades numa corte palaciana, Heráclito também estava rejeitando tudo aquilo de mais cômodo e de mais confortável que o ouro pudesse comprar e se ele rejeitou aquela condição de vida logicamente não o fez por ser um masoquista, mas sim porque na condição solitária de eremita ele podia auscultar ao Logos e encontrar o que vale muito mais, a compreensão do verdadeiro significado da existência na vida.

Assim, o ouro pode proporcionar facilidades na vida material e então os homens passam a “cavar muita terra” para encontrá-lo, visando obter os visíveis valores superficiais da matéria com o seu poder de compra, o que no entendimento do filósofo “vale pouco”.

Heráclito deixa bem evidente que ele não iria cavar muito para obter este ouro que na verdade não passa de um metal, mas passou a “cultivar muita auscultação” para entender o profundo significado do Logos, que “vale muito mais” para qualquer ser humano consciente.

FRAGMENTO (23): JUSTIÇA - I

Não conheceriam o nome da justiça se não existissem estas coisas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A justiça também não seria conhecida, se não existissem elos em contrários, então uma disparidade é estabelecida para surgirem prudentes e temerários.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A Grécia antiga, neste período em que Heráclito viveu e escreveu esta enigmática e profunda obra literária, atravessava um episódio de guerra e conseqüentemente os gregos estavam sendo invadidos e pilhados pelos guerreiros persas e, deste modo, diante das injustiças que seguramente passaram a caracterizar aquela atribulada época da história grega, seria de se estranhar bastante se o solitário amante da sabedoria simplesmente se calasse.

É possível que, satisfazendo esta expectativa, ele tenha extrapolado a coexistência dos contrários e, aqui, ele menciona que os gregos não conheceriam o nome da justiça se não existissem coisas como essas (as injustiças da guerra), deixando um sentimento de vil indignação nas pessoas que reivindicaria a existência do seu contrário, a justiça.

Heráclito descreve no fragmento (80): "É preciso saber que a guerra é comum a todos os seres e a justiça nasce da discórdia e todas as coisas se formam por discórdia e necessidade". Poderíamos imaginar que a guerra e a discórdia aqui mencionadas fariam às vezes dos contrários em interação, gerando como conseqüência, uma lei de ação e reação, que muito naturalmente pode englobar os conceitos analisados, onde o temerário coexistiria como contrário do

prudente, estendendo-se a partir daí as diferentes situações, as particularidades e os conceitos de justiça e injustiça entre todos os homens existentes no Logos.

Mesmo que o pensador estivesse se referindo à guerra propriamente dita, ele iria observar com a sua mente analítica, por exemplo, um combate entre dois homens e consideraria, com lógica, que uma guerra normalmente se desencadeia por motivos que somente os líderes conhecem e a população os acompanha como que induzida, mas muitas vezes sem saber os motivos que levaram àquele desfecho, assim, um homem chegaria mesmo a matar outro que ele nem conhecia e que, de pessoa para pessoa, nunca fora um inimigo, assim, Heráclito, que observava os acontecimentos dentro de sua fantástica amplitude mental, intui e considera que a verdadeira justiça se encarregaria de reequilibrar estes desajustes e injustiças como é possível de se confirmar com as palavras dos fragmentos (27) e (28).

Assim, o pensador, em sua ausculta, conclui: se não existissem estas coisas (como as atrocidades de uma guerra) os homens não conheceriam o nome da justiça.

Poderíamos ainda considerar que as injustiças do cotidiano, destacadas das situações de guerra, como no caso em que o cidadão Hermodoro foi banido da cidade de Éfeso, recebendo dos mesmos a condição de ostracismo pelo fato de ser o melhor dentre todos eles; mas logicamente que este álibi não passava de hipocrisia já que os homens chamaram Heráclito para governar o Estado com eles na situação em que Heráclito recusou e se pôs a jogar dados com os meninos. Ora, se Heráclito não quis governar o Estado com eles então é porque existiam os melhores dentre eles, os quais se encarregariam do governo, contrariando assim o próprio motivo do banimento citado.

Assim, diante da injustiça ocorrida, Heráclito menciona que se não existissem estas coisas as pessoas não conheceriam e nem reivindicariam o nome da justiça, e neste caso ela só seria percebida no Logos invisível de acordo com as palavras do fragmento (27).

FRAGMENTO (24): HONRA DIVINA E HUMANA

Os mortos em batalha honram aos deuses e aos homens.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Honram aos deuses e ainda aos homens
todas as pessoas mortas numa batalha,
pois, estão cumprindo as suas ordens
e livrando os seus entes da mortalha.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Uma honraria é diretamente proporcional ao grau de evolução da sociedade vigente, assim, na idade média era considerado um ato digno e até mesmo uma honraria para os líderes religiosos, quando estes queimavam pessoas que já tinham desenvolvido dons esotéricos como clarividência, clariaudiência, telepatia, etc., nas fogueiras daquela época de trevas, atribuindo-lhes o cognome de bruxo ou de feiticeiro por ignorarem os seus valores.

Numa batalha também estão associadas várias circunstâncias de cegueira coletiva e, desta maneira, os líderes designam pessoas para combaterem até a morte e aqueles que não concordam com tais ações são considerados desertores e deixam de honrar aos homens.

Um combatente na Grécia antiga estaria também honrando aos deuses do olimpo, de acordo com a crença da época e, assim, em batalha, estaria repelindo o inimigo que poderia representar a perda para seus entes mais queridos.

Permitimo-nos aqui fazer uma ressalva filosófica pautados nos argumentos do fragmento (1), onde se pode depreender que até mesmo os amantes da sabedoria (e Heráclito era um deles) que buscariam uma auscultação mais profunda aos mecanismos do Logos, teriam dificuldades

para interpretar e assimilar a verdadeira significação das coisas. Assim, esboçamos a nossa convicção respaldada pela própria afirmação do filósofo de que os homens mortos em batalha, ou na guerra propriamente dita, não estariam honrando nem aos homens, nem aos deuses do olimpo e muito menos à inteligência ígnea que possibilitou a gênese do Logos, pois como o pensador jônico se faz entender no fragmento (78): "O hábito humano não tem conhecimento verdadeiro, o divino, ao contrário o tem".

Consequentemente, percebemos que o próprio filósofo considerava Deus como sendo um só, concepção ideológica que podemos confirmar através das palavras dos fragmentos: (32), (33), (79), (83), (86) e (102), então logicamente, não teria sentido exprimir que os homens estariam honrando aos deuses do olimpo, já que eles nem sequer existem e eles também não estariam honrando aos homens, mesmo porque estes nem sequer merecem tais honrarias, pois comumente desencadeiam guerras visando interesses particulares e mesquinhos, enquanto poderiam estar cultivando uma diplomacia mais coerente e flexível.

Diante dessa modalidade de ação numa batalha os contrários também passariam a coexistirem na mesma dinâmica durante o combate, pois enquanto os homens estão lutando contra o inimigo que poderia representar a perda dos seus familiares, eles “estão salvando as vidas destes familiares”, entretanto ao matar estes inimigos, os quais, em sua maioria, nem sequer os conheciam, passam a “matar pessoas”, deixando de honrar até ao senso crítico.

Assim, diante destes contrários que passariam a existir na mesma ação os homens estariam honrando aos deuses e aos homens somente se analisasse um aspecto parcial daquela ação, pois na medida em que se analisa em conjunto observando também os seus aspectos contrários qualquer pessoa pode perceber que não se está honrando nem aos seres humanos e nem aos deuses, e muito menos à Inteligência Ígnea que é Deus porque intuitivamente todos nós sabemos que Ele espera a evolução do ser humano através da auscultação ao Logos e do amor à sabedoria.

FRAGMENTO (25): AZAR E SORTE

As maiores mortes obtêm maiores sortes.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Aqueles que obtiverem maiores mortes,
ou as mortes que forem mais honradas,
terão merecimento ou melhores sortes
em suas vidas agora espiritualizadas.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Associando-se as palavras deste fragmento com aquelas mencionadas no fragmento (27): "Na morte advêm aos homens o que não esperam e nem imaginam", torna-se coerente afirmar que Heráclito acreditava em uma vida depois da morte do corpo físico e corroborando com esta afirmação pode-se associar estas palavras com as citações complementares encontradas nos fragmentos (26) e (63).

Está obviamente subentendido neste fragmento a possibilidade de vida para a alma depois de abandonar o corpo, inclusive a perspectiva de se ter mais ou menos sorte nesta possível vida espiritualizada que, conforme os dizeres do presente fragmento que deixa sugerido ser diretamente proporcional ao tipo de vida e aos ideais cultivados pela alma quando ainda estava vivendo num corpo de matéria.

Seguindo esta linha de raciocínio vamos verificar que os incautos não se dispõem a uma demorada ausculta ao Logos, para lhe detectar o princípio de causa e efeito que englobaria até mesmo a vida no Hades (reino dos mortos) e, assim, eles passariam a dar custódia apenas ao que lhe parecesse digno de fé, como Heráclito relata no fragmento (28), fazendo desta maneira um claro descaso, devido à ignorância, à verdadeira justiça, que logicamente é a que se encontra no lado invisível do Logos e existe sob a égide da

lei de Deus, para assim, poder sanar as injustiças cometidas por estes homens na terra principalmente estes que seriam os homens mais dignos de confiança e que, por isso mesmo, poderiam ludibriar com grande facilidade as leis humanas existentes, muitas vezes elaboradas por eles mesmos.

É perfeitamente dedutível que, o que Heráclito queria dizer com “maiores sortes” fosse algo relacionado com o cultivo do eu eterno relatado no fragmento (29) para que assim pudesse alcançar até mesmo o valor de mil como ele menciona no fragmento (49) e os indivíduos que assim se comportassem, passariam a cultivar um tipo de vida que os situaria num patamar superior à maioria dos homens, como era o caso de Tales de Mileto citado no fragmento (38), ou ainda de Hermodoro do fragmento (121).

Assim, ainda que a injustiça dos homens viesse a lhes prejudicar, continuaria sendo real e verdadeiro que as maiores mortes obtêm melhores sortes no Hades (mundo espiritual), pois, nele, as injustiças poderiam ser plenamente corrigidas pela lei de ação e reação pertinente a cada alma.

As referidas maiores mortes podem também ser compreendidas dentro de uma significação bastante restrita, traduzindo apenas a perda da vida do corpo de matéria e neste caso as “maiores mortes”, englobariam aqueles casos de mortes heróicas onde as pessoas teriam experimentado este desfecho funesto sem que merecessem este episódio nefasto; representando aparentemente um certo azar, sim, somente aparente, porque para Deus, por intermédio do mecanismo de ação e reação, todas as coisas são belas, boas e justas como Heráclito descreve no fragmento (102).

Por outro lado as “maiores mortes” em relação ao corpo de matéria acabam levando às “maiores sortes” que obviamente só poderão ser compreendidas no Hades, pois no que se refere à matéria o desfecho já se definiu por si só com a “morte”, o que pode ser ratificado com as palavras do fragmento (27): “Na morte advêm aos homens o que não esperam e nem imaginam.”, assim o “azar” inicial passa a coexistir com a “sorte” que a mesma pessoa, por consequência, terá no Hades (mundo espiritual).

FRAGMENTO (26): DESPERTO E ADORMECIDO - II

O homem acende a si mesmo uma luz na noite e ao morrer apaga sua vista, vivendo, porém entra em contato com o morto ao dormir, apagando sua vista, portanto, o desperto tem contato com o adormecido.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Na vida, o homem acende a luz mental,
na morte, seu corpo perde esta visão,
porém, ao dormir, seu ser espiritual
vê o homem morto numa outra dimensão.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os comentários do fragmento anterior deixam evidente que Heráclito aceitava a sobrevivência da alma após a morte do corpo, esta convicção também pode ser enaltecida pelas palavras do fragmento (98): "As almas olfateiam (respiram), ao baixarem ao Hades (reino dos mortos)". O raciocínio lógico nos diz que esta alma somente poderia sobreviver com o seu corpo espiritual, que as escolas espiritualistas modernas denominam de perispírito.

Heráclito, possivelmente em suas auscultas ao Logos, já havia assimilado esta verdade esotérica e, por entender que as pessoas não mais necessitariam daqueles seus corpos de matéria, deixa transcrito no fragmento (96): "Mais do que excrementos deve-se jogar fora os cadáveres".

O filósofo estabelece aqui uma relação bastante curiosa entre o vivo e o morto ao dormir que tentaremos esmiuçar gradativamente em etapas.

A expressão filosófica que Heráclito de Éfeso nos apresenta no início do fragmento: "O homem acende a si mesmo uma luz na noite...", poderíamos entender como

sendo o princípio vital que se acende e anima a própria vida, que o pensador preferiu associar como sendo um princípio ígneo do próprio homem em si mesmo, mas que sem dúvida está vinculada com a vontade de Deus, pois como o próprio Heráclito cita no fragmento (33): “É lei obedecer à vontade de um só”.

Em seguida o filósofo menciona: “... ao morrer apaga a sua vista...”, sim, aqui o filósofo só poderia estar se referindo ao término do elo biológico vital que animava o corpo de matéria já que a vida espiritual, em sua profunda percepção, continuaria existindo como podemos comprovar pelas citações dos fragmentos: (25), (27), (63) e (98).

O pensador ainda dá prosseguimento em suas considerações filosóficas escrevendo: “... vivendo, porém, entra em contato com o morto ao dormir...” pode significar literalmente um contato que o indivíduo venha a fazer com uma outra pessoa que esteja no Hades (mundo espiritual), utilizando também o seu corpo espiritual, o perispírito.

Dentro das verdades espiritualistas e esotéricas ainda existe a hipótese de se estar dormindo e entrar em contato com outra pessoa, em relação ao perispírito (corpo do espírito), que esteja igualmente vivo na matéria e também dormindo. Os dois entrariam em contato um com o outro embora estivessem com os seus corpos de matéria em condição de repouso “semelhante à morte” e assim o “vivo” estaria em contato com o “morto” ao dormir em sentido simbólico, pois enquanto os corpos de matéria parecem “mortos”, os indivíduos estariam “vivendo” e trocando diferentes experiências vitais entre si.

Pode assim simplesmente significar uma morte aparente onde a relação estabelecida na própria pessoa seria o fato de o indivíduo "apagar a sua vista", e, mesmo estando vivo, tornar-se semelhante ao morto.

Finalmente, aqui no presente fragmento se pode observar mais uma característica heraclítica na forma de coexistência dos contrários, onde o “vivo” e o “morto” estariam coexistindo na mesma pessoa, ao dormir.

FRAGMENTO (27): SURPRESA NA MORTE

Na morte, advêm aos homens, o que não esperam e nem imaginam.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Enfim depois da morte vem aos homens o que eles, normalmente, não esperam, desta forma, ação e reação interagem num retorno daquilo que eles fizeram.

DEDUÇÃO EM PROSA:

É bem sugestivo que Heráclito acreditasse numa espécie de mecanismo de ação e reação que teoricamente estabeleceria um vínculo entre as atitudes e atividades do homem no Logos visível (reino dos “vivos” na matéria) e as reações que estas ações passariam a desencadear quando o mesmo entrasse no Hades que é o (reino dos "mortos") onde haveria a vida espiritual depois da morte na matéria).

Pode-se depreender através destas referências feitas aqui pelo filósofo, que este conceito poderia passar despercebido para a maioria dos homens, já que os mesmos vivem sob a égide de um equilíbrio atípico dentro do Logos estabelecido por eles mesmos, desta forma, passariam a desencadear ações sem se preocuparem com as possíveis consequências a que estariam submetidos, ao atingirem o citado reino dos mortos, ou seja, o Hades.

O presente fragmento se destina mais aos não amantes da sabedoria, relatados no fragmento (1), que não conseguiriam diferenciar as suas atividades nem quando estivessem acordados e nem quando estivessem dormindo, sim, por não alcançarem esta amplitude de discernimento. Assim, eles passariam a ignorar tudo o que lhes poderia acontecer após a morte do corpo tal como se pode ler no

fragmento (63), já que Heráclito cita que determinados indivíduos se transformariam em guardiões de vivos e de mortos e, em qualquer situação que imaginarmos, se os mortos necessitarem de guardiões, esses relatados mortos seguramente não seriam representados pelos seus corpos e sim pelas suas almas, já que o próprio filósofo menciona no fragmento (96) que os corpos, isto é, os cadáveres deveriam ser jogados fora mais do que a excrementos e, portanto, chegamos à lógica conclusão de que existe uma infinidade de situações, neste reino dos mortos, que a maioria dos homens nem desconfiam, inclusive de que necessitam de proteção.

Desta forma, torna-se fácil compreender porque o mais digno de confiança mencionado no fragmento (28) daria custódia somente ao que lhe parecesse digno de fé, é justamente pelo fato de que ele estaria ignorando que suas decisões e abusos de poder gerariam conseqüências tais que o envolveria diretamente nestas leis de ação e reação e esta disposição de somente dar respaldo a quem a sua vontade determinasse acabaria projetando-o como um equivocado numa situação adversa no Hades, ou reino espiritual.

É compreensível que para a maioria dos homens, acostumados a cultivar valores ilusórios próprios da vida na matéria, valores superficiais que são facilmente comprados com o poder comercial do ouro mencionado nos fragmentos (22) e (90), acostumados a valorizarem apenas os valores visíveis próprios da matéria, os valores que pertencem ao mundo invisível (Logos invisível) seriam valores irrealis, ou quiméricos e aqueles que vivessem cultivando estes valores sutis, passariam por indivíduos com raciocínios delirantes, pessoas apragmáticas, com até mesmo algum tipo de fuga da realidade, ou até com diagnóstico de esquizofrenia.

As pessoas habitualmente se comprazem com os prazeres citados no fragmento (4) e outros similares e isto lhes basta porque estes prazeres satisfazem os cinco sentidos da matéria, enquanto que contrariamente o filósofo (amante do saber) ama o que está além dos cinco sentidos e só pode ser “visto”, auscultado, percebido, imaginado e sentido pelo cérebro num aspecto muito mais abrangente.

FRAGMENTO (28): JUSTIÇA - II

O mais digno de confiança, pois, conhece e dá custódia somente ao que lhe parece digno de fé, entretanto a justiça saberá condenar aos artífices e testemunhas de mentiras.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O mais digno de crédito, pela cobiça,
dá sua custódia para que não se fira
um pupilo seu, mas a elevada justiça
condenará o artífice e suas mentiras.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os moldes para a aplicação da justiça na antiga Grécia eram diferentes daqueles que utilizamos em nossa justiça moderna, desta forma, como se sabe, naquela época predominavam os pareceres dos anciões e então Heráclito cita que o mais digno de confiança, (um ancião ou mesmo ainda outro tipo de líder), daria custódia e reconhecimento somente àquele que lhe parecesse digno de fé, ou àquele que satisfizesse às suas expectativas e interesses particulares.

O pensador, entretanto, deixa evidente que cedo ou tarde a verdadeira justiça saberia condenar os artífices e testemunhas de mentiras; é fácil de se deduzir que esta verdadeira justiça só poderia vir após a morte do homem, pois na vida material seria muito difícil a possibilidade de se conseguir subsídios ou autoridade para se poder julgar e até condenar aqueles líderes, caso viesse a ser comprovada alguma falha ou culpabilidade, a verdade com relação a esta dificuldade vinculada às barreiras sociais, abrange também os dias contemporâneos em que estamos vivendo.

As falhas na justiça, distanciando-a do que seria ideal, são diretamente proporcionais à avidez da população

pelo ouro mencionado nos fragmentos (22) e (90), pois, na medida em que estes homens "mais dignos de confiança" enxergassem a possibilidade de auferir principalmente os benefícios monetários, o julgamento já tenderia a se alterar, tal como ainda acontece na nossa própria sociedade atual, pois se o indivíduo tem dinheiro suficiente, em incontáveis situações ele pode pagar fiança, ou conseguir facilidades com relação à obtenção de um *habeas corpus* e assim já estaria em liberdade. Deste modo, o dinheiro, ou o ouro, entra como fator significativo que pode alterar a sorte ou o destino de um réu em nossa sociedade na matéria.

Como percebemos estes homens "mais dignos de confiança" já existiam na época de Heráclito e ele que permanecia vigilante em sua ausculta aos fatos que tinham lugar à sua volta, os adverte com este fragmento para que eles viessem a se conscientizar de que a parcialidade de seus julgamentos ou de suas custódias, poderiam se reverter contra eles próprios quando a verdadeira justiça, a do Hades (reino espiritual), se encarregasse do julgamento.

Depois de Heráclito relatar no fragmento (47): "Nas grandes coisas não nos acordemos apressadamente." ele chegou à conclusão no fragmento (50) de que "... o todo é um." Se o todo é um e, além disso, "É lei obedecer à vontade de um só" tal como ele escreve no fragmento (33), então não adianta nada os "mais dignos de confiança" dar crédito e custódia apenas àqueles que mais lhes parecem dignos de fé, porque o único sábio que se dispõe e não se dispõe a ser chamado pelo nome de Zeus, tal como se lê no fragmento (32), saberá julgar com o mesmo senso de justiça a todos os homens, como é possível se confirmar com as palavras do fragmento (102): "Para Deus todas as coisas são belas, boas e justas...", ora, se todas as coisas são justas, é porque Deus há de julgar com senso de verdadeira justiça e, portanto estes artífices e também testemunhas de mentiras algum dia compreenderão que ludibriaram a si mesmos.

FRAGMENTO (29): GLÓRIAS ETERNAS E MORTAIS

Preferem, pois, os melhores, uma única coisa em vez de todas as demais, glória eterna antes de coisas mortais, a maioria, entretanto, prefere empanturrar-se como o gado.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Preferem, as personalidades melhores,
apenas uma coisa ao invés das demais,
inversamente às que ainda são piores,
o seu eu eterno, aos valores mortais.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Uma visão dos últimos fragmentos interpretados mostra um inter-relacionamento complementar com este pensamento aqui exposto, desta maneira, as possibilidades de melhores sortes como está referido no fragmento (25), associadas, evidentemente à sobrevivência da alma, já que a mesma seria vista por um vivo adormecido, tal como se vê relatado no fragmento (26), correlacionando-os ainda à surpresa com relação ao inesperado que aguarda a maioria dos homens após a morte do corpo, transcrita no fragmento (27) e unidos finalmente à certeza de haver uma justiça verdadeira, como se observa nos dizeres do fragmento (28), transmite a estes homens descritos por Heráclito como "melhores", a consciência e a convicção de que devem direcionar o seu raciocínio e a sua própria vida no sentido de cultivar a glória eterna, isto é, a glória do espírito que será uma espécie de tributo ou de recompensa para estes que souberam se conduzir no Logos de todos os seres.

Assim, entendemos que estes indivíduos citados como melhores por Heráclito se conduziriam na vida com um discernimento tal que passariam a se preocuparem em

esperar atentamente quaisquer acontecimentos no Logos, na tentativa de detectarem uma significação mais coerente em relação ao fenômeno ou mesmo a um simples fato qualquer, passando assim, a compreender melhor a realidade à sua volta e evidentemente esta é uma maneira de se cultivar o eu eterno para que através da plenitude alcançada, pudessem conseqüentemente almejar a glória eterna.

Entendemos que esta glória eterna mencionada pelo filósofo, seja diretamente proporcional ao cultivo do amor à sabedoria relatado nos fragmentos (35) e (112), que constitui uma aquisição subjetiva, mas que, sem dúvida, para o filósofo é bastante significativa e objetiva e traduz a verdadeira aquisição que um homem deve almejar, bastante superior às conquistas proporcionadas pelo ouro que, como já foi citado, seriam voltadas para o cultivo dos prazeres do corpo ou tão simplesmente da própria alimentação.

Assim, Heráclito conclui de uma forma bastante irônica que a maioria preferiria empanturrar-se como o gado ao invés de cultivar os valores do eu eterno.

Somos levados a considerar que essa tal “glória eterna” era bem cultivada por Hermodoro mencionado no fragmento (121), pois se esforçava para ser o melhor dentre todos eles optando pelo cultivo da glória eterna embora tenha recebido aqui no Logos visível (Logos da matéria) o ostracismo por parte dos homens devido à existência da hipocrisia dos líderes de Éfeso. Outro homem que também deveria cultivar bem esta “glória eterna” era Bías do qual Heráclito disse que sua fama era maior do que a dos outros, e pelos relatos históricos sobre a sua pessoa é possível se confirmar que ele realmente cultivava valores acima da média dos homens em geral, ele também se empenhava no cultivo dos dons e das virtudes humanas de modo especial.

Neste mesmo contexto podemos incluir o filósofo Tales de Mileto que os filósofos Heráclito juntamente com Demócrito chegam juntos a testemunhar, confirmando o seu inusitado valor que indubitavelmente estava voltado para a “glória eterna”, enquanto que os outros homens optavam apenas pela busca dos prazeres materiais.

FRAGMENTO (30): O FOGO ETERNAMENTE VIVO

Este cosmo, o mesmo para todos os seres, não o fez nenhum dos deuses e nenhum dos homens, mas sempre foi, é e será fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O cosmo, o mesmo para todos os seres,
Não o fez, homens e deuses do olimpo,
porém, ele é fogo vivo que por vezes
se acende em certas medidas no tempo.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Quando Heráclito escreve que este cosmo de todos os seres não foi feito por nenhum dos deuses e nenhum dos homens, é perceptível que ele não estivesse com isto querendo descartar a possibilidade de que uma inteligência o tivesse feito, sim, porque basta analisar o restante do fragmento: "... é e será fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas".

Pode-se perceber que o filósofo, neste fragmento, atribui a existência do Logos a um "ser" vivo, isto é, o fogo eternamente vivo e pode-se finalmente depreender que este "ser" não é simplesmente vivo mas também dotado de inteligência, posto que além de ser eternamente vivo ainda "acende segundo medidas e se apaga segundo medidas".

Apesar de seus contemporâneos nutrirem uma concepção politeísta, Heráclito já se diferenciava com a sua convicção numa única divindade como é possível de se constatar através dos dizeres dos fragmentos: (16), (32), (33), (78), (83), (86) e (102). Sim, comprovadamente o filósofo acreditava em Deus e assim, podemos aqui destacar mais uma vez as revelações do fragmento (102), onde o

pensador menciona que todas as coisas que se sucedem no Logos são belas, boas e justas, segundo a óptica de Deus, já que, evidentemente, reserva mecanismos de correção das possíveis injustiças terrenas no Hades (mundo espiritual) como relatam os fragmentos (27) e (28).

Assim, com as palavras do presente fragmento, podemos facilmente concordar que toda a idéia encontra-se inserida dentro dos princípios defendidos por ele, pois como acabamos de confirmar Heráclito de Éfeso era de concepção monoteísta e logicamente que não acreditava que qualquer dos deuses do Olimpo (apenas estátuas de pedra) pudesse ter engendrado a gênese do cosmo (Logos).

Quanto aos homens é praticamente desnecessário comentar esta possibilidade, pois a maioria sequer consegue saber o que está verdadeiramente fazendo acordados ou dormindo, em clara demonstração de ignorância enquanto que os amantes da sabedoria, por mais que auscultassem ao Logos, ainda assim, não estariam aptos para compreendê-lo de maneira satisfatória tal como o pensador se expressa por intermédio das palavras do fragmento (1).

É evidente que, um ser que detém o poder de acender um fogo que possibilite a gênese do Logos, detendo paralelamente o poder de apagar este fogo segundo a sua vontade e a sua consciência superlativa no cosmo, distancia-se, sobremaneira, das características de quaisquer seres humanos, os quais nem mesmo acreditam na possibilidade de que tal fenômeno possa sequer ocorrer por se distanciar demasiadamente de suas capacidades naturais.

Assim, Heráclito em suas meditações profundas e significativas que ele chamava de ausculta ao Logos, detecta que o universo é formado pelo Deus que ele mencionou no fragmento (102), detentor daquela inteligência que jamais experimenta o ocaso como ele se manifesta no fragmento (16) e que por sua vez detém o controle total do fogo que aquece e ilumina o cosmo e este mesmo fogo ele acende e apaga segundo medidas. Este fragmento tem real sintonia com uma crença indiana de que Deus inspira e expira o universo a cada grande “ciclo bramânico”.

FRAGMENTO (31): TRANSFORMAÇÕES DO FOGO

Transformações do fogo: primeiro o mar, logo do mar a metade terra e a metade vapor inflamado, que volta a ser derramado no mar mantendo o Logos na mesma medida e na mesma razão.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Transformando-se o fogo, surge o mar,
e conjuntamente a terra e os vapores,
transforma-se o fogo, ao se resfriar,
dando origem a tantos outros valores.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Mantendo a citada teoria de que tudo teria sido originado a partir do fogo eternamente vivo, Heráclito de Éfeso mantém a sua concepção sobre a gênese do cosmo (natureza), a partir de um raciocínio singular, descrevendo as inusitadas possibilidades de surgimento da matéria em suas diferentes fases obtidas por intermédio do resfriamento deste mencionado fogo primordial.

Hoje, nossos cientistas contemporâneos aceitam a possibilidade teórica de que a formação dos planetas possa ter acontecido a partir de grandes labaredas desprendidas do sol (fogo), para que assim, por intermédio do já citado resfriamento pudesse dar origem à matéria que pertence ao Logos visível, com os seus variados elementos, formando o planeta numa gênese imaginária no espaço sideral.

Subsequentemente o inter-relacionamento que passaria a existir entre esses elementos, aconteceria de tal forma que o Logos (neste caso o planeta), manteria as suas proporções de volume e de tamanho constantes, já que a proporção de matéria envolvida seria a mesma.

O filósofo descreve de forma bastante curiosa as diversas parcelas representadas pelos diferentes elementos que compõem a natureza, assim, ele menciona o elemento água denominando-o como sendo o mar e conferindo-lhe simbolicamente a metade do Logos visível e a outra metade correspondendo à terra e o último elemento, o ar, viria da evaporação do elemento água, (o mar), e, assim, este ar passaria a ocupar uma parcela dentro do Logos visível envolvendo todo o planeta, constituindo o ar atmosférico.

Desta maneira, é do conhecimento de todos que passa a existir um verdadeiro inter-relacionamento entre os diferentes elementos na natureza dentro de uma dinâmica própria que caracteriza a existência do ciclo vital, assim, do mar, ininterruptamente, continua ocorrendo a evaporação, até possibilitar a formação de nuvens, que passarão a existir dentro do elemento ar, então estas nuvens, com o tempo se saturam de tal maneira a possibilitar uma ocorrência das chuvas, que passarão a cair na terra e no mar: "... para manter o Logos na mesma medida e na mesma razão", mantendo, pois, todo o equilíbrio e toda a proporção que acontece no ciclo vital, tal como Heráclito se faz entender com o que relata no final do presente fragmento.

Assim, como é lei obedecer à vontade de um só como Heráclito menciona no fragmento (33), Deus passa a utilizar o referido fogo primordial, o qual através de simples resfriamento vai gerando progressivamente as nuances mais densas que são próprias da matéria, então passa a existir o ar, depois condensando-se mais a matéria surge a água, e condensando-se mais ainda passa a surgir a terra com todos os metais a ela pertinentes, sendo esta a condição mais densa que a energia ígnea universal pode assumir.

A matéria densa nada mais é do que a energia concentrada, ou seja, este fogo primordial é condensado segundo o entendimento do Criador do universo (Deus) relatado no fragmento (102). De que maneira Deus dispõe destes atributos? Bem, esta capacidade só é pertinente ao seu discernimento e tanto os seres humanos ignoram quanto obviamente os ilusórios deuses de pedra do Olimpo.

FRAGMENTO (32): O ÚNICO SÁBIO

Um, o único sábio, não se dispõe e se dispõe a ser chamado com o nome de Zeus.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Um, o único sábio, ente do fogo vivo,
não mostrou nenhum nome reivindicado,
todavia não nega seu poder intuitivo
se, com o nome de Zeus, for invocado.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Ratifica-se o raciocínio monoteísta de Heráclito, onde ele admite a existência de apenas um, como único sábio em todo o cosmo e que seria, por dedução, o ente ou ser de inteligência ígnea mencionado no fragmento (16) que teria possibilitado a formação e o desenvolvimento do Logos e de todos os seres que nele se relacionam.

Podemos fazer uma reflexão em relação ao nome "Zeus", e sem muita dificuldade constatar que ele, o único sábio, realmente não se dispunha como não se dispõe, a ser chamado por este nome "Zeus", pois, não deixou escrito, dito ou mesmo subentendido em nenhum local que desejasse ser chamado pelo referido nome.

De maneira análoga consideramos a afirmação contrária, na qual o citado único sábio, ao mesmo tempo, também se dispõe a ser chamado de "Zeus", posto que, na medida em que é invocado por este nome mitológico não reage negativamente, manifestando algum tipo de proibição, ou deixando em evidência alguma mensagem ou algum sinal contrário em relação à aceitação, ou até quanto ao emprego deste epíteto por parte dos homens.

Seguramente, se existe um único sábio no Logos e que além deste destaque singular, poderia ser chamado pelo

nome que naquela época se identificava com o mais nobre e poderoso Deus do Olimpo, de acordo, é claro, com a crença vigente naquele tempo, este ser deveria ter íntima sintonia com o "um só" relatado pelo filósofo no fragmento (33) e logicamente que, no Logos todos os seres deveriam obedecer as suas leis, o qual também poderia ser identificado com o ser divino mencionado nos fragmentos (78) e (79).

Trata-se de um ser de inteligência extremamente superior à do homem e chega a ser denominado de divino e que, para se tentar assimilar-lhe as verdades, o ser humano deveria cultivar a fé, tal como está relatado no fragmento (86) e poderia ainda ser associado ao Deus mencionado nos fragmentos (83) e (102), que é dono da sabedoria, da beleza, da bondade e da justiça, para finalmente identificá-lo como sendo também a mesma inteligência ígnea que desconhece o acaso, mencionada no fragmento (16).

Aqui se pode ver a coexistência dos contrários, onde o único sábio "se dispõe" e ao mesmo tempo "não se dispõe" a ser chamado pelo nome de Zeus, permitindo que estes contrários coexistam relativamente em seu ser divino e ainda uma vez Heráclito demonstra o cerne de sua doutrina, agora envolvendo a própria divindade.

Justifica-se aqui a condição de sabedoria para o único sábio que é Deus, pois se Ele dissesse aos homens que "desejaria" ou "não desejaria" ser chamado pelo nome de Zeus, inevitavelmente ele teria que aparecer aos homens ou pelo menos teria que deixar uma mensagem escrita com características que somente ele fosse capaz de fazê-lo. Ora, se tal acontecesse os seres humanos estariam entrando em contato direto com as vontades do Criador, e logicamente teriam comprovado a sua divina existência e a partir daí eles mudariam as suas condutas em relação a eles mesmos e em relação aos outros, todavia seria uma mudança hipócrita visando interesses num possível relacionamento com Deus. Assim, Deus se mantém presente e ao mesmo tempo ausente para que o homem seja livre cultivando suas virtudes pelo desenvolvimento de uma índole que seja natural.

FRAGMENTO (33): A VONTADE DE UM SÓ

É lei obedecer à vontade de um só.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Verdadeiramente o Logos tem harmonia que o único sábio universal lhe doou, sendo que é lei obedecê-lo dia a dia visto que, no Logos, Ele nos colocou.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Da mesma maneira como fizemos no fragmento anterior, vamos, evidentemente, correlacionar este "um só" com o "único sábio" que lá foi citado, justamente porque entendemos que, se todas as leis devam obedecer à vontade de um só no Logos, este "um só", necessariamente tem que ser também o "único sábio" que "se dispõe" e "não se dispõe" a ser chamado pelo nome mitológico de Zeus.

Este ser de inteligência ígnea, que também é o mesmo o fogo eternamente vivo relatado no fragmento (30), possibilitou a gênese do Logos e o fez segundo princípios que permitissem esta origem para depois se auto preservar obedecendo as relações dos contrários.

O homem ao ser inserido neste contexto passa a vivenciar as suas experiências dentro dos princípios que caracterizam o surgimento do Logos (meio ambiente) regido por este "um só" que é o "único sábio".

Por tudo isto, mesmo que o indivíduo não possua discernimento suficiente para admitir, continuará sendo verdadeiro que: "É lei obedecer à vontade de um só", já que todo homem está vivendo no Logos e obedece, ainda que inconscientemente, às leis traçadas para a sua existência, pelo único sábio, citado por Heráclito no fragmento (32).

Esta lei, como foi citada, é o princípio de relação vigente na coexistência dos contrários e desta maneira o dia passa a ser diferenciado e caracterizado ante a comparação com a noite, embora ambos sejam provenientes da mesma potencialidade luminosa que emana da fonte solar.

Podemos considerar o princípio desta existência na harmonia apresentada no fragmento (60), desta maneira, o caminho para baixo, deverá ser diferenciado ante uma comparação com o caminho para cima, porém levando-se em consideração que tudo faz parte de um único contexto, regido por uma única mente controladora deste Logos, tal como podemos depreender pelo presente fragmento.

Heráclito de Éfeso relata que ambos os caminhos, tanto para baixo quanto para cima acabam constituindo um único caminho, assim podemos comprovar esta verdade ao considerarmos a rotação planetária proporcionando uma situação na qual os caminhos simplesmente se invertem, este mecanismo e todos os outros do Logos estão subvencionados à mesma inteligência superior que engendrou, sustenta e supervisiona todo o cosmo e que, naturalmente, se identifica como sendo este "um só" aqui mencionado e que também se identifica com o mesmo Deus citado no fragmento (79).

A principal relação que une as duas facções do Logos existentes a visível (a matéria) e a invisível, o Hades (ou mundo espiritual) é o mecanismo de ação e reação que é pertinente a todos os seres e Heráclito mostra que já tinha auscultado este fato transdimensional quando ele elabora o fragmento (28): “O mais digno de confiança dá custódia somente ao que lhe parece digno de fé, entretanto a justiça (a do Hades) saberá condenar aos artífices e testemunhas de mentiras.” Como a maioria ignora estas verdades, Heráclito ainda acrescenta as palavras do fragmento (27): “Na morte, advêm aos homens, o que não esperam e nem imaginam”.

Sim, a dinâmica de ação e reação fica claramente evidenciada nesta análise dos fragmentos de Heráclito, por isso ele acreditava que apesar de todas as várias injustiças humanas e até das atrocidades das guerras, pois tudo seria reequilibrado no Hades, todas as coisas continuariam sendo boas, belas e justas para Deus como cita o fragmento (102).

FRAGMENTO (34): OS PRESENTES AUSENTES

Os ignorantes embora ouvindo assemelham-se aos surdos e o dito lhes atesta: achando-se presentes estão ausentes.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Embora ouvindo, os vários ignorantes mostram melhor semelhança com surdos, mesmo presentes, eles estão ausentes, porque somente assimilam os absurdos.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os indivíduos ignorantes aqui identificados como sendo pertencentes à segunda categoria de homens relatada no fragmento (1), aos quais pela falta de amor à sabedoria e conseqüentemente de perspicácia para detectar ou decifrar os mistérios do Logos em que vivem, passariam a elaborar idéias semelhantes aos já mencionados jogos de crianças, deixando, que suas mentes se tornassem superficiais, para extrapolar, nesta obtusa condição mental, interpretações limitadas sobre si mesmos e sobre o Logos.

Desta maneira, mesmo estando ouvindo, é como se estivessem surdos, ou ainda analisando os acontecimentos sob um ângulo diferente e distante da harmonia própria do Logos, é como se eles estivessem presentes e mesmo assim, estivessem ausentes, justamente pela deficiência de análise e de compreensão adequada de uma situação.

A recomendação que vemos escrita no fragmento (18) reflete uma das condições que o pensador visualizou para que um indivíduo pudesse pretender a condição de amante da sabedoria, pois como podemos deduzir através das considerações que nele vem expressa, o homem deve estar sempre atento, isto é, esperando com sua luz de

discernimento qualquer eventualidade, para enxergar, com o melhor enfoque, a condição de coerência para aquele acontecimento dentro da realidade em que ele vive.

Entendemos aqui, pelo presente fragmento, que este estado de alerta mental com certeza não deveria ser a característica dos cérebros daqueles indivíduos classificados como ignorantes pelo filósofo e, a bem da verdade, podemos projetar esta referência dentro de uma maior abrangência, englobando a maioria dos homens, tal como é mencionado no fragmento (2) e igualmente com a multidão relatada no fragmento (104) para estabelecer, entre eles e os ignorantes aqui referidos, o denominador comum da falta de prática desta auscultação aos princípios naturais do Logos e ao amor à sabedoria citado no fragmento (35).

Ao expressar, à sua maneira, as limitações dos ignorantes e o evidente embotamento que lamentavelmente lhes turva e dificulta a compreensão dos fatos, Heráclito o faz dentro de sua doutrina dos contrários, relatando que estes ignorantes achando-se "presentes" estão "ausentes", sendo obviamente mais uma ênfase de expressão e de defesa dos princípios característicos de sua doutrina.

Estes ignorantes, ao escutarem quaisquer fatos, chegam a se assemelhar às crianças dos genitores citadas no fragmento (74): “Não convém agir e falar como crianças de seus genitores, isto é, mais simplesmente segundo nos hão ensinado.” e passam a não ter consciência do que estão falando e fazendo, tornando-se obviamente apenas homens insipientes que nem sequer podem se responsabilizar por suas próprias consciências equivocadas.

Por isso mesmo o Cristo disse no sermão da montanha em São Mateus capítulo 5 - versículo 3: “Bem aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus”. Sim, se o indivíduo é realmente um pobre de espírito, isto é, se está “presente”, mas é como se estivesse “ausente”, já que não está entendendo nada, acaba não se tornando culpado dos deslizes humanos que são típicos dos hipócritas. Heráclito, no entanto, almejava apenas cultivar a consciência e despertar os seres humanos.

FRAGMENTO (35): OS AMANTES DA SABEDORIA

É bem necessário serem, os homens, amantes da sabedoria para se investigar muitas coisas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Naturalmente é necessário aos homens tornarem-se amantes da boa sabedoria, para obter, do Logos, as suas ordens, o seu funcionamento e a sua harmonia.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito, em sua peregrinação pelas colinas da antiga Jônia, na qualidade de eremita, auferindo, apesar de todas as dificuldades, a evolução mental que uma vida solitária pode proporcionar, desde que o homem esteja convicto desta necessidade de evolução, projetava-se para um melhor conhecimento de si mesmo, de seus limites e tendências, expandindo-se desta forma graças à proverbial ausculta que fazia ao Logos, abrangendo a natureza sob todos os seus parâmetros e até mesmo os astros, que ele conseguia identificar com sua visão, é claro, desprovido de telescópios, mas munido com a sua avantajada perspicácia e profunda intuição que lhe eram tão características.

Assim, este pensador jônico passa a vivenciar de corpo e alma a ausculta aos mecanismos, fundamentos e leis da natureza em sua dinâmica quotidiana, ao mesmo tempo analisando no inter-relacionamento com os seres humanos que nela vivem, os contrastes em relação a ele mesmo.

O amor à sabedoria que é cultivado no dia a dia leva o filósofo a praticamente se fundir com o Logos em que vive, entendendo que na verdade ele é apenas uma diminuta parcela do mesmo, para se projetar mentalmente em todos os seres e coisas, buscando em cada qual a essência que lhe

dá caracterização e razão de ser, para que assim, com este discernimento assimilado, possa refletir melhor sobre si mesmo e sobre os atributos deste Logos.

Heráclito de Éfeso assim se comportava porque acreditava que a sabedoria era o veículo essencial para que um homem atingisse sua plenitude como ser. Como forma de ratificação deste princípio pode-se relembrar as palavras do fragmento (113): "Pensar reúne tudo".

“O amor à sabedoria também leva o pensador a se encontrar com as coisas”, como refere o fragmento (17), com presença de espírito para que os acontecimentos que se sucedam à sua volta sejam notados com agudeza de mente, visando melhor interpretação, para que oportunamente ele possa ministrar esses ensinamentos com um discernimento mais coerente perante as eventualidades.

Sem um amor à sabedoria, que seja profundo, os homens tornam-se superficiais e nesta superficialidade de valores passam a vislumbrar somente os atributos palpáveis do Logos visível na matéria e passam a vivenciar uma vida equivocada em completa miragem de pseudo valores, assim, passam a cavar muita terra para encontrarem o ouro do fragmento (22), para com este ilusório valor material poder comprar outros valores também materiais, cercando suas vidas destes predicados palpáveis, porém efêmeros, de vida transitória e depois passam para o Hades enceguecidos, pois com aquele ouro conseguido muitos acabam burlando ou comprando a precária justiça dos homens, mas finalmente neste Hades (mundo espiritual) ou no Logos invisível lhes advêm o que não esperam e nem sequer imaginam tal como Heráclito menciona no fragmento (27).

Finalmente, com este amor à sabedoria cultivado, um pensador pode refletir com mais propriedades sobre os animais citados nos fragmentos: (11), (13), (37) e (97) sobre o comportamento dos homens dos fragmentos: (1), (2), (5), (15), (34) e (108), sobre as particularidades do Logos citadas nos fragmentos: (45) e (115) e sobre a realidade de causa e efeito que abrange todas as coisas, até mesmo no Hades, tal como se lê nos fragmentos (27) e (28).

FRAGMENTO (36): O CICLO DOS ELEMENTOS - 1

Para o ar (vapor) é morte converter-se em água, para a água é morte converter-se em terra, mas da terra nasce a água, e da água o ar (vapor).

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A água apresenta sua origem na terra e desta mesma água surgem os vapores, já o contrário desta mutação encerra a alteração nos elementos anteriores.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como Heráclito relata no fragmento (90): "Pelo fogo tudo se troca e por tudo o fogo, como pelo ouro as mercadorias e ainda pelas mercadorias o ouro", aqui neste fragmento já se pode observar o inter-relacionamento dos vários elementos obtidos a partir deste elemento primordial, o fogo; assim, a citação: "É morte para o ar (vapor), ao transformar-se em água", mostra a liquefação deste ar em água e, de maneira contrária, ao se transformar em ar o faz através do oposto fenômeno da evaporação.

As diversas possibilidades de transformações, tais como condensação, fusão, liquefação, sublimação, ebulição, solidificação, etc., passam a representar as possibilidades de alterações da matéria, do Logos visível, a partir do fogo.

A partir destas considerações podemos perceber que realmente o Logos, com toda a matéria que nele há, encontra-se inserido nos princípios do fragmento (31): "... mantendo o Logos na mesma medida e na mesma razão", em similaridade de idéias e de proporção.

A coexistência dos contrários também é evidente, pois, dentro de um mecanismo de conversão, os diferentes elementos teriam a oportunidade de surgir a partir do fogo

(elemento quintessenciado), até possibilitar o aparecimento da terra (o mais denso de todos) e contrariamente também acontece o mecanismo inverso, aonde as transformações iriam desde o mais denso (a terra), até a origem primordial de todas as possibilidades de conversões (o fogo), que, como já foi citado, pode ser identificado com o próprio sol.

É importante nos familiarizarmos com a curiosa linguagem escolhida pelo filósofo e então se assimila que, quando ele cita a "morte" para o ar..., está tão somente se referindo ao processo de transformação do elemento do estado gasoso, o ar, para o elemento do estado líquido, a água, promovendo, assim, a liquefação deste ar.

O pensador ainda evidencia a "morte" da água se transmudando em terra, que interpretaremos como um estado líquido se tornando estado sólido, num processo de condensação para o surgimento de uma matéria mais densa; isto para especificar que as várias fases de transformações são fases da mesma matéria em dinâmica harmônica no Logos advindas a partir do sol (fogo) primordial.

O presente fragmento guarda íntima relação com o fragmento (76): “A morte da terra é tornar-se água, a morte da água, tornar-se ar, e a do ar, tornar-se fogo, e vice versa.” e com o fragmento (77): “Para o ar é morte tornar-se úmido e é prazer para ele cair no ciclo vital. Nós vivemos a sua morte e ele vive a nossa.” Neste fragmento (77) além da transformação dos quatro elementos primordiais de uns nos outros se tem a entrada de todo o conjunto no ciclo vital por intermédio do úmido e este vivenciando com prazer esta entrada no ciclo biológico. Este ciclo vital é representado pelo próprio ser humano que respira (inspira e expira) o ar atmosférico, então este se torna úmido através da hematose que troca o dióxido de carbono e absorve o oxigênio nos pulmões e automaticamente passa a fazer parte integrante do sangue com o seu teor líquido. Nós vivemos a sua morte, pois ele deixa de ser tal como era antes e ele vive a nossa morte parcial que analogamente pode ser identificada, pois enquanto o ser humano vive para constatar este fenômeno, também experimenta a sua morte parcial no dia a dia.

FRAGMENTO (37): HABITAT NATURAL

Os porcos se lavam na lama e as aves rasteiras na poeira e nas cinzas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Os porcos preferem se lavar com lama,
enquanto as aves, em cinzas e poeira,
acontecem equilíbrios de toda a gama
neste Logos em que não há fronteiras.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Ao analisar a harmonia que se lê nos fragmentos (13) e (37), o ser humano passará a detectar um equilíbrio diferente daquele que teoricamente ambicionaria para si e é numa situação como esta que, às vezes, erroneamente, os homens passam a "acordar apressadamente" tal como se pode ler no fragmento (47), para uma conclusão precipitada da situação com a qual se deparam e conseqüentemente não entendem os fatos por não conseguirem entrar em sintonia com a dinâmica própria em que vive o Logos.

Assim, acabam se deixando espantar por ele em tudo, como ainda cita o fragmento (87).

Poderíamos, numa visão puramente hipotética, imaginar a convivência de todos os seres do Logos por mais contrários que fossem entre si, numa espécie de estado convergente de existência que, obviamente, se apresentaria em tensão, tal como menciona o fragmento (8), entretanto ocorrendo a divergência, isto é, os seres se espalhariam buscando cada qual o seu próprio espaço ou habitat natural e surgiria a "mais bela harmonia", como o pensador sugere e é como realmente os encontramos na natureza.

É claro que esta existência prévia de todos os seres neste estado de tensão, vivendo num Logos imaginário,

seria um atributo pertinente à abrangência racional da inteligência ígnea que possibilitou a gênese do Logos e que para todos nós fica muito difícil até mesmo de conjecturar a respeito deste substrato ou amálgama prévio que o Criador utilizou para a origem do universo (Logos).

De qualquer forma, o Logos já vivencia a sua vida que podemos apreciar, nos vários seres que formam agrupamentos específicos que são as espécies, as quais se distribuem de maneira harmônica, buscando um equilíbrio ou um habitat que mais se identifique com o seu modo de ser, respeitando as necessidades básicas para sua existência; assim, a água do mar relatada no fragmento (61), passa a ser o meio ideal e até mesmo indispensável para a vida dos peixes, enquanto que para os homens seria mortal; as aves rasteiras passariam a viver nas cinzas e poeira, como se lê no presente fragmento e, finalmente, por mais estranho que pareça, constata-se que é na lama que os porcos criam uma sintonia mais íntima pelo seu peculiar jeito de ser.

O Logos de todos os seres adquire seu equilíbrio pleno na medida em que os diversos animais se distribuem em meios ambientes específicos de acordo com as suas preferências naturais, assim os peixes mencionados no fragmento (61) encontrarão na água o seu habitat natural de predileção e para eles a água do mar será potável e vivificante enquanto que contrariamente para os homens ela será não potável e até mesmo mortal.

Da mesma maneira vamos ler no fragmento (9) a escolha dos asnos pelo lixo ao contrário do que costumam fazer os homens que naturalmente preferem o ouro, assim vemos que não somente o meio ambiente diferencia os seres, porém também as suas predileções e gostos pelos atributos e pelas particularidades existentes no Logos.

Vamos encontrar também a aranha mencionada no fragmento (67a) se preocupando com a integridade de sua teia, pois esta integridade representa a estabilidade de sua própria vida pelo estilo e também pelos valores que ela desenvolveu para viver a sua vida no Logos.

FRAGMENTO (38): TALES DE MILETO

Tales parece segundo alguns, haver sido o primeiro a investigar os astros e predizer os eclipses do sol e dos solstícios, como disse Eudemo em sua história dos astrônomos, pelo que o admiram Xenófanés e Heródoto e lhe são testemunhas Heráclito e Demócrito.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Tales é tido como primeiro astrônomo e o reverenciam Xenófanés e Heródoto, e para confirmar este homem fenômeno, testemunham-no Heráclito e Demócrito.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A altiva cidade de Mileto era uma das prósperas cidades da antiga Jônia e ali, em meio a um expressivo comércio que passou a vigorar, uma rica vida cultural pode germinar e florescer entre os seus habitantes, dentre todos, um merece deferência especial, trata-se do pensador Tales, considerado o primeiro filósofo, primeiro astrônomo e hábil matemático e fazendo jus aos seus predicados, ele previu o eclipse do sol no ano 585 a. C., comenta-se ainda que devido à sua profunda abstração tivesse caído num poço enquanto contemplava os astros, demonstrando a que páramos de arrebatamento mental deveria chegar em suas reflexões, o que muito nos faz lembrar o próprio Heráclito que também ignorava a vida material para auferir os deslumbres e o arrebatamento de sua auscultação mental ao Logos.

Tales, o filósofo pioneiro viveu provavelmente entre o final do século VI a. C. e a sua tese fundamental era de que tudo se origina a partir da água, esta então seria o primeiro elemento natural e dele todas as coisas seriam obtidas, desta maneira a água ao se resfriar, se tornaria

densa e transmudando-se neste adensamento da matéria, proporcionaria o surgimento da terra, esta mesma água aquecendo-se tornar-se-ia vapor, caracterizando o elemento ar, que por sua vez possibilitaria a formação de nuvens e de chuvas. Deste ciclo vital que passa a existir onde ar, nuvens, chuva, rios, mares e terra estariam em amplo movimento de conversão entre si, nasceriam as diversas formas de vida mineral, vegetal e animal, enfim, a própria natureza.

Com este pensamento original, Tales de Mileto cria uma espécie de argila filosófica, cujas propriedades e cujas nuances tomariam diferentes formas nas mãos dos filósofos ao longo do tempo na Grécia e mesmo fora dela.

Assim a característica fundamental de Tales é o esforço em buscar o princípio único para a explicação do mundo. Dois filósofos subseqüentes fizeram abstrações no mesmo curso de idéias, mantendo um estilo próprio, que são Anaximandro e Anaxímenes, dois pensadores tipicamente característicos da cidade de Mileto daquela época.

Outros pensadores gregos seguramente foram influenciados direta ou indiretamente por Tales de Mileto por intermédio desta argila filosófica que ele deixou como legado intelectual na concepção helênica da antigüidade e Heráclito de Éfeso sem dúvida também está entre aqueles que de alguma forma envolveram o seu raciocínio com este amálgama inicial ora concordando e acrescentando, ora divergindo e subtraindo, entretanto, mantendo um elo de relação com o pensamento original de Tales.

É claro que para Tales de Mileto a água era o elemento primordial que possibilitou a origem de todos os outros elementos da natureza enquanto que para Heráclito era o fogo o elemento fundamental de todas as coisas, mas mesmo assim, existe algo de sintonia nas duas concepções. Nós particularmente encontramos muito mais coerência no raciocínio de Heráclito que em sua ausculta ao Logos parece ter mergulhado na essência original da vida para lhe extrair o verdadeiro significado; mas Tales de Mileto inegavelmente também permanecerá como uma poderosa mente que muito contribuiu para a cultura da antigüidade.

FRAGMENTO (39): BÍAS, FILHO DE TEUTAMES

Em Priene nasceu Bías, filho de Teutames, a sua fama é maior do que a dos outros.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Bías é natural da cidadela de Priene,
é filho do patriótico grego Teutames,
e a partir de sua fama se compreende
que ele já é o destaque dos certames.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Embora Heráclito se posicionasse contrariamente à presunção como se percebe nos fragmentos (43) e (46), que constitui provável alusão ao comportamento prepotente que, por exemplo, deveriam possuir Homero e Arquíloco mencionados no fragmento (42), ainda assim, admitia que um indivíduo pudesse ter o valor de mil se fosse o melhor, como ele cita no fragmento (49) e ainda no seu modo de ver: "os melhores preferem uma única coisa em vez de todas as demais, glória eterna, ou seja, a glória do espírito antes das coisas mortais ou materiais...", como ele deixa perceptível pelas palavras que se encontram no fragmento (29).

Assim, torna-se dedutível que Bías pudesse ser o melhor se passasse a cultivar em si mesmo os valores que enaltecem este eu eterno, mencionado como glória eterna no fragmento (29) e desta maneira, naturalmente, se tornar o maioral de quaisquer certames, em que por ventura viesse a participar tanto no sentido olímpico da expressão, onde, portanto, estariam em pauta os valores que ressaltariam o primor da forma física e, dando respaldo ao aforismo: "*mens sana in corporis sano*", com esta plenitude de saúde orgânica, criar-se-ia condições muito mais adequadas para o desenvolvimento de uma higidez mental, por intermédio

do cultivo do amor à sabedoria e conseqüentemente com uma ampliação de horizontes mentais com discernimento de si mesmo, dos outros homens, do Logos em que se vive e da inteligência ígnea que possibilitou a sua gênese, sendo ela identificada como sendo Deus, relatado no fragmento (102) assim como no fragmento (79).

Considerando a realidade dos gregos antigos, onde era comum e natural um indivíduo se expressar em praça pública, torna-se óbvio que este cultivo da oratória passaria a ser importante para os certames intelectuais que pudesse haver na época, este cultivo deveria ser efetuado com o cuidado para não descambar para a presunção que o pensador chama de enfermidade sagrada no fragmento (46).

Obedecendo a esta linha de raciocínio devemos concluir que Tales de Mileto, que também era um homem dentre os melhores, ou ainda Hermodoro mencionado no fragmento (121), eram seres humanos que deveriam estar preocupados com a glória do eu eterno, sem deixarem a presunção lhes afetar a alma; e Bías, por similaridade, pertencia a esta mesma categoria de homens.

Bías de Priene é um filósofo do século VI a. C. é um dos sete sábios da Grécia antiga e na opinião de muitos como Satyrus, o mais destacado deles. Seus concidadãos o consultavam sempre a respeito de assuntos polêmicos e ele sempre se negou a empregar o seu talento em prol da injustiça. Num dos exemplos de sua bondade ele pagou um resgate por algumas mulheres que haviam sido capturadas. Depois de educá-las tal como suas próprias filhas ele as devolveu de regresso aos seus país em Messina.

Em uma outra ocasião os habitantes decidiram abandonar a cidade em conseqüência do assédio a que estavam submetidos pelo imperador persa, Ciro, e todos pegavam os objetos de valor que possuíam e um cidadão perguntou a Bías se ele não fazia os seus preparativos para a marcha. Então Bías lhe respondeu: eu levo comigo todas as minhas coisas, dando a entender que já estavam com ele os seus bens mais preciosos que eram o amor à sabedoria e o tesouro dos seus próprios pensamentos.

FRAGMENTO (40): A ERUDIÇÃO

Muita erudição não ensina a ter inteligência, pois teria ensinado a Hesíodo, Pitágoras, Xenófanes e Hecateu.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Pode-se adquirir bastante a erudição estudando-se euforicamente a ciência, entretanto, toda essa rica aquisição não ensina a ter a real inteligência.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Analisando este fragmento em sua intimidade, podemos estabelecer duas diferentes considerações:

A) Heráclito deixa exposto que o fato de se tentar estudar muitas coisas, ou de procurar assimilar os variados acontecimentos do dia a dia, traduzidos e relatados pela ciência vigente, não ensina o indivíduo a ter a verdadeira inteligência, desta maneira, ele subdivide os homens em duas categorias diferentes, uma representada por aqueles que estudaram muito, os cultos, e a outra, representada pelos indivíduos inteligentes, ou seja, aqueles que possuem capacidade para poder auscultar a intimidade dos vários mecanismos do Logos, isto é, os filósofos ou os amantes da sabedoria, aqueles que teriam mente aberta o suficiente para detectar as verdades do Logos e assimilá-las em si mesmos com coerência, tal como sugere o fragmento (18).

Heráclito também destaca a erudição de Homero no fragmento (56): “No seu esforço para conhecer o visível, os homens são ludibriados como Homero, mais sábio do que todos os gregos. Pois é a ele que ludibriaram os garotos...”, mesmo que Homero tenha sido ludibriado pelos meninos, Heráclito reconhece nele a erudição que havia cultivado, mas nega-lhe a verdadeira inteligência; Heráclito ainda

critica o mesmo Homero no fragmento (105): “Heráclito intitula Homero de astrólogo, assim como no lugar em que o poeta diz: “Nego que ao destino logre escapar algum dos homens.”, enquanto que Heráclito contrariamente advogava que o homem traçaria o seu próprio destino tornando-se amante da sabedoria ao auscultar ao Logos.

Heráclito também critica a erudição de Hesíodo nos fragmentos (57) e (106), dizendo que ele não conseguia diferenciar corretamente o dia da noite e que a sua erudição não tinha colaborado para que sua inteligência entendesse aquelas diferentes situações filosóficas.

Poderíamos então considerar que, na maneira do filósofo ver, os personagens mencionados neste fragmento poderiam ter estudado, lido e compreendido muitos fatos e situações, contudo, ainda assim, faltava-lhes a verdadeira inteligência para auscultarem, com presença de espírito, as nuances das verdades pertinentes ao Logos.

B) O segundo aspecto que é possível de se derivar deste fragmento é que de alguma forma Heráclito, ainda que de maneira completamente inconsciente, deixou que os contrários coexistissem dentro dele mesmo, visto que ele mencionou no fragmento (43) que a presunção deveria ser apagada mais do que a um incêndio e ainda diagnostica esta mesma presunção como enfermidade sagrada no fragmento (46), mesmo assim, atribuiu falta de inteligência a vários contemporâneos seus de comprovada perspicácia mental, respeitados e até reverenciados pelos gregos daquela época, cuja fama chega inclusive aos nossos dias e alguns deles nos deixam perplexos ainda hoje como é o caso de Pitágoras ao enunciar o seu interessante teorema na equação matemática que mostra que o quadrado da hipotenusa é igual a soma dos quadrados dos catetos num triângulo retângulo.

Este contraste, entretanto, somente ressalta que os contrários coexistem de uma forma natural dentro dos homens e, Heráclito, mesmo sendo um admirável amante da sabedoria era, antes de qualquer adjetivo qualificativo, um homem com sentimentos, pensamentos e conflitos que são comuns a todos os diferentes seres humanos.

FRAGMENTO (41): INTERDEPENDÊNCIA

Uma só coisa é o sábio, o conhecimento da razão pela qual todas as coisas são governadas por meio de todas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Uma só verdade um grande sábio busca:
o vital conhecimento de toda a razão
pela qual todas as coisas são justas,
e muito dependentes de ação e reação.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Entendemos que esta palavra sábio, deva ser melhor veiculada por intermédio da expressão "amante da sabedoria", porquanto nenhum homem, conseguiria ser um sábio na superlativa amplitude que esta expressão pode pretender abranger, pois, pode mesmo pretender a total plenitude de discernimento para um único homem, o que seria, obviamente, um absurdo; o amante da sabedoria, entretanto, é um estado de alma onde o homem abre com perspicácia a inteligência para poder assimilar de maneira ininterrupta as verdades de cada acontecimento ou de cada particularidade que se sucede na vastidão do Logos.

Desta forma surge o filósofo, que passa a buscar o fundamento da verdade do conhecimento da razão que rege toda a dinâmica da natureza ou Logos, enquadrada nos princípios derivados da ação e da reação;

Isaac Newton, muitos séculos depois de Heráclito ter elaborado estes seus enigmáticos fragmentos elaborou a sua lei de ação e reação que se observarmos com atenção e senso de associação poderemos ver denominadores comuns entre ambas as leis, a de Heráclito e a de Isaac Newton sim, pois na medida em que todas as coisas são governadas por

meio de todas, a cada ação corresponde uma reação de igual intensidade e em sentido contrário.

Muito curiosamente esta lei de Isaac Newton é fundamentada na relação existente entre os contrários e ele mostra que a sua validade reside justamente neste vínculo de elos primários entre as diferentes forças na natureza.

Mas, enquanto Isaac Newton estava preocupado somente com a ação e a reação que ocorre aqui no Logos visível, o pensador Heráclito vai mais longe entendendo e recomendando aos homens para auscultarem ao Logos adequadamente para não se surpreenderem com o que viria após a morte do corpo como reação espiritual.

Heráclito que, através deste fragmento, mostra que havia captado esta verdade em suas auscultas, pois quando escreve: "todas as coisas são governadas por meio de todas" deixa subentendido as ações de umas provocando reações em outras como consequência natural e previsível.

Assim, podemos ver a ação dos homens citados no fragmento (1) que não conseguiram a real compreensão do que estavam fazendo em suas vidas nem despertos e nem durante o sono e, por isto mesmo se mostrando ignorantes como a massa humana do fragmento (104), agravando esta lei de ação e reação por ações que poderiam se descambar para a realidade nociva apresentada no fragmento (107), fazendo até mal uso de seus olhos e ouvidos, prejudicando outras pessoas e os fundamentos do Logos e, depois, diante das reações, procurariam se purificar nos rituais de sangue mencionados no fragmento (5): "como se alguém que tivesse pisado na lama quisesse lavar-se com a lama".

Logo, o "sábio" ou o "amante da sabedoria", que passaria a se empenhar na compreensão das coisas e dos acontecimentos à sua volta para uma melhor compreensão de si mesmo e do mundo em que está vivendo, tanto sob o prisma da ação e da reação quanto sob o envolvimento de causa e efeito, chegaria à conclusão que Heráclito de Éfeso vislumbrou, de que realmente todas as coisas existentes na natureza são governadas por meio de todas as outras em associação justamente num mecanismo de causa e efeito.

FRAGMENTO (42): HOMERO E ARQUÍLOCO

Este Homero deve ser expulso dos concursos e bastonado, este Arquíloco também.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Tanto Arquíloco quanto também Homero,
de nossos concursos merecem expulsão,
pois ainda que deles adviesse esmero,
haveria o claro exagero da presunção.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito parecia ter uma espécie de animosidade com relação às idéias de Homero, ou pelo menos com relação à sua maneira de se expressar e de se conduzir nos referidos concursos. Esta animosidade em relação às suas idéias também é veiculada através das palavras que são percebidas nos fragmentos (56) e (105). Pelo exposto no fragmento (56): "Em seu esforço para conhecer o visível, os homens são ludibriados como Homero, mais sábio do que todos os gregos...", percebe-se que Heráclito reconhecia-lhe a superlativa porcentagem de sabedoria que deveria lhe caracterizar o intelecto, podia até divergir de suas opiniões e seus conceitos, mas considerava suas idéias dignas de serem analisadas, ele até mesmo o chamou de mais sábio do que todos os gregos e vemos que sua animosidade também era extensiva a Arquíloco citado no presente fragmento.

Quando o pensador Heráclito censura a ambos, com as citações deste fragmento, possivelmente deveria estar fazendo alusão à presunção com que provavelmente eles se conduziam nestes concursos, justamente, é dedutível, devido ao fato de possuírem intelectos privilegiados, assim, as palavras do fragmento (43) expressam: "É a presunção que deve ser apagada mais do que a um incêndio", porém, a

sua ânsia de destruir a presunção de Arquíloco e de Homero foi tão intensa que acabou permitindo que a mesma nascesse dentro dele mesmo, porque ao deixar sugerido que ambos mereciam ser expulsos dos concursos existentes e até mesmo bastonados, Heráclito acaba se arvorando na condição de juiz, para então aplicar-lhes este fragmento de maneira imperativa, como uma sentença punitiva.

Heráclito também deixa bastante transparente esta coexistência dos contrários dentro dele próprio, no fragmento (24), pois ele refere que os mortos em batalha estariam honrando aos homens e aos deuses e paralelamente menciona no fragmento (79) que o hábito humano não tem conhecimento verdadeiro e o divino ao contrário o tem, sim, os mortos em batalha não poderiam estar honrando nem ao Deus verdadeiro e nem aos deuses do olimpo pois eles nem sequer existiam, assim, podemos visualizar a coexistência dos contrários dentro de Heráclito e concluir que se até mesmo um amante da sabedoria como ele apresentava a coexistência destes contrastes, acreditamos que podemos generalizar e estendê-la aos demais seres humanos.

Heráclito escreve no fragmento (46): “Chamava a presunção enfermidade sagrada...” sim, é muito fácil para os homens eruditos experimentarem o defeito ou o vício da presunção e tanto Arquíloco quanto Homero e o próprio Heráclito experimentaram este fenômeno de exaltação de si mesmos, entretanto Heráclito complementa o fragmento (46) escrevendo: “... e dizia que a visão induz a erro.” e Heráclito não exclui-se a si mesmo ao enunciar este conceito na forma de fragmento já que o filósofo escrevia de forma sintética e objetiva, mas muito abrangente.

Ao menos Heráclito de Éfeso, ao que parece não se preocupava em participar e se destacar nestes relatados discursos da época, talvez mesmo por acreditar que eles levavam freqüentemente ao cultivo da enganosa retórica e como ele entendia que esta era a primeira fonte do embuste, iria piorar ainda mais o defeito da presunção. Talvez por isso mesmo ele tenha rejeitado um lugar de destaque e de honraria na corte do rei Dario I da antiga Pérsia.

FRAGMENTO (43): PRESUNÇÃO - I

É a presunção (insolência) que deve ser apagada mais do que a um incêndio.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Compreende-se, pois, que a presunção somente mereça, de nós, o vilipêndio, e que deva ser sem nenhuma hesitação apagada mais que a qualquer incêndio.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento é a confirmação de que, o que Heráclito de Éfeso mais reprovava nos outros pensadores, contemporâneos seus da antiga Jônia, era a presunção ou a insolência, como aqui neste fragmento está mencionada e, no fragmento (46), classificada como enfermidade sagrada, muito provavelmente por ser própria e característica dos homens eruditos e dos pensadores natos.

Heráclito lembra aos homens no fragmento (35), que é muito importante tornarem-se amantes da sabedoria, para poderem investigar muitas coisas, proporcionando desta maneira, o ensejo para uma evolução mais ampla para a mente, projetando-a para uma realidade mais próxima da que é expressa pelas palavras do fragmento (112), passando conseqüentemente a ter uma compreensão avantajada em relação ao Logos, aos seres que nele vivem, em relação à natureza humana e ainda com possibilidades de conjecturar melhor a respeito da divina inteligência ígnea que promoveu a gênese do Logos e sustenta todos os seres.

A aquisição de um discernimento superior em relação aos demais seres humanos possibilita ao filósofo uma melhor elaboração de idéias, melhor interpretação dos eventos e fenômenos e até uma melhor fluência em sua

maneira de se expressar, entretanto todas essas aquisições podem deixar proliferar no íntimo do pensador o germe da presunção, que Heráclito reprovava e chama de enfermidade sagrada, assim, a possibilidade de se contrair esse mal seria diretamente proporcional ao poder mental que o pensador conseguisse desenvolver, já que através da utilização das potencialidades cerebrais agigantadas pelo cultivo do amor à sabedoria, o filósofo poderia dar largas às circunstâncias de poder se expressar com as características que revelassem a prepotência ou a presunção em sua personalidade.

O próprio Heráclito, como podemos perceber, pela sua maneira de viver, pelo seu modo original de ser e pelas idéias que conseguiu sintetizar nestes fragmentos, como um legado precioso à cultura do planeta terra, pode e deve ter tido o ensejo de se ver contaminado pelo germe simbólico desta enfermidade sagrada, porém reconhecendo que, na medida em que um pensador cultiva o seu saber, esta possibilidade se torna viável, ele deixa este fragmento como um alerta para as mentes em expansão.

Heráclito relata no fragmento (49): “Um para mim vale mil, se for o melhor.”, sim, o pensador confirmou que chegava a dar o valor de até mesmo mil para um único ser humano se ele fosse o melhor; este é um processo de exaltação do indivíduo que pode funcionar como faca de dois gumes, pois na mesma proporção que pode levar uma pessoa a se diferenciar com determinação significativa para se tornar o melhor, pode também deixar desenvolver em seu analítico íntimo de pensador, ainda que inadvertidamente, o indesejável defeito da presunção.

Mesmo que a pessoa se preocupe com o aspecto mais relevante da evolução individual para se tornar o melhor que ele puder ser em termos de virtudes cultivando como no caso do fragmento (29) a inusitada glória eterna lá mencionada, mesmo assim um indivíduo deve permanecer sempre atento, pois como cita o fragmento (18): “Se não se espera não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro nem vias de acesso.” E então a presunção de ter o valor de até mesmo mil poderia passar despercebida.

FRAGMENTO (44): AS LEIS HUMANAS - I

O povo deve lutar pela lei, como se luta pelas muralhas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Pela sua lei todo um povo deve lutar afim de construí-la isenta de falhas, e depois deve lutar para a preservar assim como se lutasse pelas muralhas.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este é um fragmento que encontra a sua análise complementar nas interpretações do fragmento (114), onde Heráclito escreve: "Para os que falam com inteligência é mister que se fortaleçam com o que é comum a todos, assim como a cidade com a sua lei, pois todas as leis humanas são alimentadas por uma única lei divina e esta, com efeito, impera tanto quanto quer a todas as coisas e as transcende".

Desta maneira, por esta idéia exposta, concluímos que as leis dos seres humanos tentam se basear na lei divina, justamente porque é preciso que se fortaleçam naquilo que é comum a todos, ou que pelo menos tentem fazê-lo, para que o equilíbrio da sociedade possa, pelo menos em tese, ser transportada para um ideal de convívio entre os homens, e assim, possam vivenciar a liberdade no cotidiano, com a verdadeira percepção e a consciência de que os seus limites terminam onde começam os direitos do alheio.

Conseqüentemente, para que uma cidade possa sobreviver de maneira estável, dentro de uma harmonia pelo menos parcial, onde cada homem permita a existência do outro em liberdade, há a necessidade de que todos os homens que compõem esta população estejam obedecendo a uma única lei e, é evidente, de preferência a que mais se

aproxime da lei divina, visto que, relembrando as palavras do fragmento (33): "É lei obedecer à vontade de um só". Desta maneira, a harmonia conseguida entre os homens será sustentada pela lei que estiver em vigor e esta será tanto mais estável quanto maior a sua identificação ou os seus denominadores comuns com a lei primordial, que é a lei excelsa, que sustenta todos os seres no Logos.

Toda a população teria então, dentro da sua lei estável e aceita por todos os cidadãos de vivenciar a sua liberdade de ação e de expressão, respeitando, é lógico, os limites próprios de cada ser humano, da forma que mais pudesse satisfazer os diferentes anseios, garantindo a todos uma convivência relativamente harmônica.

Heráclito que auscultava atentamente todos os fenômenos do Logos e principalmente aqueles relacionados aos homens, extrapola que, pelo que já foi exposto, o povo que já tivesse conseguido estabelecer a sua lei em prol da manutenção do equilíbrio comunitário, deveria lutar para preservá-la como se estivesse batalhando para defender as próprias estruturas das muralhas da cidade.

É claro que a lei implantada pelos seres humanos deveria refletir o senso de justiça comum e de preferência de imparcialidade em relação a todos os homens, entretanto, como podemos perceber pelas palavras do fragmento (121) estas leis elaboradas pelos homens muitas vezes nada mais representam do que injustiças improcedentes como foi o caso de se relegar o cidadão Hermodoro ao ostracismo em consequência paradoxal de suas virtudes pessoais.

Se Heráclito aqui citou no presente fragmento: "O povo deve lutar pela lei, como se luta pelas muralhas." é evidente que ele estava se referindo a uma lei elaborada com o verdadeiro senso de justiça e não com aquela hipocrisia típica dos efésios como já foi mencionado anteriormente.

Esta condição hipotética de justiça perfeita é tão rara e difícil de ser alcançada que se, algum dia, alguma comunidade conseguir esta quase utopia, deveria lutar para preservá-la como se lutasse pelas próprias muralhas.

FRAGMENTO (45): A DIMENSÃO DO LOGOS

Não se encontraria a caminho, os limites da vida, mesmo quem percorresse outros caminhos, tão profundo é o Logos que possui.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Não seria próprio encontrar no mundo, os limites que fossem demais na vida, já que o Logos global é tão profundo e o infinito representa suas medidas.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O filósofo transcreve aqui para este fragmento a idéia de que estamos vivendo num Logos (universo) que tem dimensões verdadeiramente infinitas, já que nele não se encontraria a caminho os seus limites, mesmo quem ainda percorresse outros caminhos. Este conceito de infinito está obviamente associado à percepção de universo tal como o imaginamos hoje em dia que evidentemente corresponde a uma concepção muito mais ampliada do que aquela que as pessoas poderiam ter de um modo geral na Grécia antiga, justamente porque em nossos dias esta idéia de infinito está muito mais ampliada, se é que podemos nos expressar desta maneira, pelo auxílio de satélites e telescópios.

Os dizeres do fragmento (115): "A vida tem um Logos que se aumenta a si mesmo", além de se identificar com a idéia de infinito subentendida no presente fragmento, ainda vai mais além referindo que o Logos aumenta-se a si mesmo, isto é, apresenta-se em expansão. Esta idéia se enquadra bem nas concepções que advogamos nos dias atuais sobre o universo. É do conhecimento geral que os cientistas defendem a tese de que o universo também se apresenta com as suas galáxias em expansão, ou seja, um

Logos que existe ampliando incessantemente seus próprios limites na dinâmica constante do espaço e do tempo.

O respaldo para esta concepção da dinâmica expansionista encontra-se consubstanciado pela moderna tecnologia que, através de lentes gigantescas, nos fornece subsídios avantajados para esta conclusão, muito embora saibamos que Heráclito não possuía tais recursos científicos para lhe facilitar a tentativa de compreensão do universo, sabemos, igualmente, que o mesmo era dotado de uma intuição que supera em muito quaisquer expectativas. Desta maneira, percebemos que o pensador mergulhava com tamanha profundidade na essência dos acontecimentos, coisas e fenômenos que tomava para se tornar tópico de seus fragmentos, que identificou que a sua própria imaginação desconhecia limites, de maneira semelhante ao universo, e como ele acreditava que "o todo é um", como menciona o fragmento (51), podemos crer que a partir daí ele tenha identificado a sua própria realidade individual com a do Logos (universo) e como a sua imaginação era infinita por desconhecer seus limites, porque o universo não seria?

Cada indivíduo pode ser considerado como sendo um universo em miniatura e naturalmente cada universo é infinito e ao ser humano é importante se tornar amante da sabedoria como se lê no fragmento (35) para se adquirir a sabedoria do fragmento (112) para assim, finalmente, por intermédio desta sabedoria perceber que pode colocar a sua mente em expansão como o próprio Logos que aumenta a si mesmo como Heráclito cita no fragmento (115).

Conseqüentemente, aquilo que é mencionado no presente fragmento: “Não se encontraria, a caminho, os limites da vida, mesmo quem percorresse outros caminhos, tão profundo é o Logos que possui.” pode perfeitamente ser correlacionado com a realidade mental e poderia ser dito da seguinte forma: “Não se encontraria, na evolução, os limites da mente, mesmo quem experimentasse outras evoluções, tão profunda é a dimensão que cada imaginação possui.” Comprovando assim a íntima relação de similaridade que a mente humana guarda com o Logos e com Deus.

FRAGMENTO (46): PRESUNÇÃO - II

Chamava a presunção, enfermidade sagrada, e dizia que a visão induz ao erro.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Presunção é como enfermidade sagrada,
e, assim, atingindo um homem erudito,
torna sua percepção muito equivocada,
para deturpadamente se ver como mito.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como já foi mencionado anteriormente, podemos perceber que por intermédio da união deste fragmento com os fragmentos (40), (41) (42) e (43), que é possível de se obter a resultante de confirmação que Heráclito identificava na presunção a doença que acomete os homens de alto nível intelectual, que ele chamou de enfermidade sagrada, como podemos pressupor que fosse o caso de Homero e Arquíloco relatados no fragmento (42), pois com a aguda perspicácia mental que seguramente lhes caracterizava o raciocínio, acabavam fazendo prevalecer muitos dos seus pontos de vista e, naturalmente, com facilidade, podiam dar vazão à presunção, que não raro acomete aos homens de elevado quociente de inteligência ou de comprovada genialidade.

A partir desta premissa, estes homens eruditos, começam a verem-se a si mesmos como verdadeiros mitos em forma humana, conseqüentemente, portanto, já teriam adquirido a mencionada enfermidade sagrada.

Esta conclusão, nós também podemos projetá-la para os nossos dias, onde seguramente podemos contemplar a auto exaltação, ou a excessiva estima de si mesmos e de suas idéias de determinados pensadores que, na medida em que conseguem, numa espécie de verdadeiro malabarismo

mental, exercitar a imaginação, no intuito de projetarem seus conceitos de tal forma a fazer prevalecer os seus pontos de vista, passam a dar vazão a esse tipo de enfermidade sagrada segundo esta conceituação do filósofo.

Notoriamente esta enfermidade sagrada é uma enfermidade da mente e não do corpo e é muito difícil, numa análise superficial, detectar as nuances de sua origem ou mesmo saber onde ela tem os seus limites extremos, já que o próprio Heráclito se enquadrava nas características desta enfermidade sagrada, como por exemplo, na situação em que ele se arvora na condição de juiz, censurando e até mesmo condenando Arquíloco e Homero.

Em nossa concepção somente o cultivo diário da virtude da humildade poderá conseguir em qualquer tempo, representar a terapêutica adequada para esta enfermidade denominada de presunção, justamente porque ela também é sagrada, entretanto ela nasce de um fundamento que tem uma força contrária; finalmente, para estes eruditos que se enxergam com excessiva auto-estima, Heráclito termina este fragmento escrevendo: "... a visão induz ao erro".

Alguns homens que têm a presunção como um baluarte mental, ainda que até inconscientemente, jamais poderiam compreender porque Heráclito teria recusado aquela oportunidade de usufruir dos privilégios numa corte palaciana, visto que para estas pessoas um local de tanto destaque seria o topo de suas aspirações egocêntricas.

É evidente que quando Heráclito se pôs a jogar dados com os meninos em frente ao monumental templo da deusa Ártemis, a irmã gêmea do deus Apolo, a Diana dos romanos, que era uma das sete maravilhas da antiguidade, a presunção dos líderes de Éfeso se lhes aflorou de súbito e eles se puseram a rir com certo escarnecimento do filósofo, imaginando que aquele comportamento o rebaixaria diante da sociedade, mas, Heráclito que não queria ser injusto com eles no governo da localidade, se justifica: "... Não é melhor fazer isto do que governar o Estado convosco?" deste modo, fica mais fácil ainda de entender aqui o final do presente fragmento quando ele escreve: "... a visão induz ao erro".

FRAGMENTO (47): REFLEXÃO CONSCIENTE

Nas grandes coisas, não nos acordemos apressadamente.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Para poder solucionar grandes coisas é muito importante, fundamentalmente, refletir com as suas melhores forças e, ainda, não decidir apressadamente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

No entendimento de Heráclito, devido ao fato de estarmos sobrevivendo num Logos que é infinito, tal como podemos ratificar com as palavras do fragmento (45): "Não se encontraria a caminho os limites da vida mesmo quem percorresse outros caminhos, tão profundo é o Logos que possui", as possibilidades de interpretação de um fenômeno ou de um fato corriqueiro, ou ainda de uma particularidade de alguma situação que nos pudesse interessar, passam a ser muitas vezes amplas e variadas, não raras vezes pode haver a necessidade de uma ausculta profunda ou de uma reflexão prolongada, para se poder alcançar uma condição mental embasada num discernimento tal que permita ao pensador tomar uma decisão pessoal mais apropriada.

Esta atenção deve ser diretamente proporcional ao grau de importância que o assunto ou a situação possa representar para o indivíduo em questão, conseqüentemente nas grandes coisas ou nos grandes eventos, é conveniente, primeiramente, auscultar-lhes as íntimas verdades.

O filósofo tinha a consciência de que a maioria dos homens vivem como que possuindo um entendimento próprio e particular, como menciona o fragmento (2) e que esta maioria de pessoas se deixaria conduzir por cantores

populares, ou pela própria multidão tal como menciona o fragmento (104), desta forma, se o seu discernimento, de maneira genérica, era tão superficial a ponto de permitir um disparate como este, então, para esta maioria de seres humanos, com sobra de motivos, era e é perfeitamente recomendável que, nas grandes coisas ou nas situações de evidente importância, não se deixem levar por atitudes que reflitam a imprudência ou a precipitação.

Assim, é possível constatar que até os amantes da sabedoria revelariam inequívocas limitações em relação às suas melhores considerações, justamente pela incapacidade ou deficiência na compreensão dos princípios harmônicos que comandam a intimidade da realidade que caracteriza o Logos, tal como ele deixou sugerido no fragmento (1).

A situação que muito provavelmente demandou bastante reflexão por parte do filósofo da Jônia antes de responder se sim ou se não, foi a respeito do convite que ele recebeu para se viver numa corte aristocrática gozando de regalias e privilégios que aquele local lhe proporcionaria.

O que deve ter passado na mente de Heráclito diante de um convite como aquele? Logicamente é muito difícil de avaliar plenamente, mas sem dúvidas podemos considerar que antes de ter recusado aquelas regalias, o pensador deve ter realizado um mergulho prévio em sua poderosa mente, auscultando a si mesmo, para somente depois chegar à conclusão de que a melhor resposta para aquele convite seria um não. Por mais difícil que tenha sido a sua condição de ser um eremita, foi ela que lhe deu plena condição para se filosofar longe das vãs superficialidades.

Se Heráclito tivesse aceitado apressadamente aquele convite para se viver naquela corte aristocrática, cultivando os predicados e os costumes próprios daquele local, será que ele teria escrito estes profundos e originais fragmentos que representam um verdadeiro e atemporal tesouro cultural para toda a humanidade?

Se ele tivesse cultivado a ambição de ter o seu tesouro pessoal a humanidade, de modo contrário, poderia ter perdido este tesouro literário para sempre.

FRAGMENTO (48): ARCO - VIDA E MORTE

O arco, pois, tem nome de vida, mas obra de morte.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

São arcos que traduzem nomes de vida:
arco íris e, idem, arco do horizonte,
todavia, quando uma seta é desferida,
o arco pode até trazer obra de morte.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O presente fragmento traz uma correlação muito misteriosa, mas que, ainda assim, podemos depreender-lhe no cerne de sua expressão, a coexistência dos contrários, pois os opostos "vida" e "morte", aqui estão coexistindo na mesma realidade inerente ao arco propriamente dito, desta maneira, procurando traduzir o que o filósofo quis dizer com nome de vida, poderíamos buscar uma possibilidade de associação para uma possível interpretação, com relação ao arco íris, ou ainda o arco do firmamento (horizonte), pois tanto numa quanto na outra condição, ainda que o nome não traduza efetivamente a vida em si mesma representada através de seres vivos, tal como poderíamos imaginar, é do conhecimento geral que esta mesma vida se encontra na crosta planetária manifestando-se sob a égide da realidade deste arco do firmamento ou do horizonte, assim, até onde a visão alcança, sob este arco existe a vida; poderíamos também considerar numa avaliação em sentido figurado e sob um outro tipo de enfoque filosófico, que mesmo não havendo a vida, no que se refere aos seres biológicos, ela estaria presente também no arco íris, já que lá em sua intimidade energética, existe pelo menos a "vida" atômico-

molecular e finalmente poderíamos apreciar a vida do arco íris como um "vivo adorno" sobre a vida planetária.

No mesmo sentido em que foi considerado que existe a vida tanto vegetal quanto animal sob o arco do firmamento por toda a extensão (crosta) que se tem sob a sua semicircunferência, também é possível de se considerar que esta mesma vida também continua existindo em baixo do arco íris quando ele é formado e também em baixo de sua semicircunferência continua existindo tanto uma beleza vital simbólica quanto a vida propriamente dita.

O arco íris e o arco do firmamento (horizonte) trazem a vida em seus limites visuais, mas contrariamente “morte é tudo o que vemos acordados...” como se lê no fragmento (21) e além do mais um arco, no sentido comum da expressão, é usado com o propósito de doar vida em termos de dinâmica à uma flecha (seta) a qual é animada pela energia cinética e passa a ganhar o movimento através da força propulsora que ele consegue proporcionar, devido à sua elasticidade na ação e na medida em que passamos a interpretar a resultante da ação desta seta ao atingir o alvo, assimilamos que realmente este arco pode ter uma obra de morte, como Heráclito menciona neste fragmento.

Considerando paralelamente a circunferência de um círculo, ainda poderíamos depreender que ao se mover a semicircunferência teria obra de vida ao ir delimitando em seu interior o espaço correspondente à sua ação geradora do círculo em si, e este ato poderia ter passado para Heráclito em sua ausculta como tendo por isso mesmo um nome de vida, entretanto quando a mesma circunferência se fechasse concluindo o círculo a obra estaria encerrada e ele poderia ter interpretado como sendo um final daquela ação em si mesma ou como ele cita: “... obra de morte.”

É lógico que esta análise certamente ainda deixa lacunas a serem preenchidas e nem nutrimos a convicção de ter traduzido exatamente a concepção de Heráclito de Éfeso ao conceber este enigmático fragmento, porém, nos sentimos à vontade nestas considerações porque, ainda que de forma abstrata, elas respeitam integralmente a coexistência dos contrários no arco expressa de diversas modalidades.

FRAGMENTO (49): UM IGUAL A MIL

Um para mim vale mil, se for o melhor.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A personalidade de um homem para mim,
Poderá ter um valor de até mesmo mil,
comportando-se tal como anjo serafim,
para distinguir um edificante perfil.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Preservando, é claro, a mesma linha de análise dedutiva onde cada fragmento é interpretado a partir dos subsídios extraídos dos outros fragmentos enunciados pelo próprio filósofo, pode-se tomar mais uma vez o auxílio dos dizeres do fragmento (29): "preferem, pois, os melhores, uma coisa em vez de todas as demais, glória eterna, (que evidentemente associamos como sendo a glória do espírito), antes das coisas mortais..." desta maneira, torna-se fácil entender porque um poderia ter o valor de mil, pois, enquanto a maioria estaria vivendo fora da conjuntura estabilizada do Logos, como se tivesse um entendimento particular, tal como foi citado anteriormente no fragmento (2), os melhores, ao contrário, estariam preocupados com o real conhecimento de si mesmos, tal como é possível de se constatar através das palavras do fragmento (116), para que conseqüentemente, com o discernimento ampliado, tivessem a oportunidade de se tornarem cada vez melhores, abrindo assim, possibilidades para uma conquista mais ampla do referido eu eterno dentro de si mesmos.

O próprio pensador Heráclito de Éfeso, ainda que inconscientemente, vivenciava este princípio, por ele aqui exposto, pois, esta sua forma singular de viver como um eremita e a sua paixão quase alucinada pelo cultivo da

sabedoria em todos os diferentes aspectos que ele conseguiu vislumbrar, coloca-o num patamar bastante diferenciado em relação aos demais homens do cotidiano.

Se o pensador chegou ao ponto, como foi dito, de recusar a vida de abundância junto a uma corte de nobreza, é porque, dentro de uma dedução plausível, ele considerava naquele tipo de vida, algo de fútil ou pelo menos superficial, ao passo que, contrariamente, em sua vida de ermitão, em que pese a simplicidade e possíveis carências que a solidão lhe tenha trazido, ou mesmo dificuldades alimentares, ainda assim, ele tinha toda a liberdade para externar na forma de expressivos fragmentos toda a sua vasta interpretação.

Um gênio como Heráclito, que mesmo em meio a tão acerbos dificuldades conseguiu superar-se a si mesmo, alçando a sua mente a altos páramos de discernimento, pode ser enquadrado neste seu próprio fragmento (49), para que possamos atribuir-lhe o valor de mil, pois, é através de seus curiosos e profundos fragmentos que temos a oportunidade de mergulhar a imaginação na vida da Grécia antiga, para apreciar e analisar valores que só o filósofo notou em meio a tantos homens que, em sua época, com ele conviveu.

Conseqüentemente, muitas particularidades que eram próprias daqueles antigos gregos como o oráculo de Delfos e a frase que nele existia: “Homem - conheça-te a ti mesmo”, a atividade das sibilas como sacerdotisas da época, as procissões em homenagem ao deus Dionísio ou ao deus Hades, a discriminação e o conseqüente ostracismo relegado a Hermodoro, a utilização dos pontos cardeais como bússola estelar, a existência de cantores populares na Grécia antiga, a ambição pelo cobiçado ouro por parte dos materialistas, a presunção dos eruditos nos concursos intelectuais da época, os choques de opiniões como no caso de Homero e Hesíodo e até mesmo Pitágoras e tantos outros, as referências a Tales de Mileto e a Demócrito de Abdera e a despreocupação do grego em relação aos cadáveres diferentemente dos egípcios, tudo isto nós podemos observar, num mergulho na Grécia antiga graças ao valor de um, Heráclito, e não graças a tantos outros milhares de homens que lá viveram.

FRAGMENTO (49a): O RIO - II

No mesmo rio entramos e não entramos, estamos e não estamos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Na intimidade de um rio nós entramos,
todavia suas águas já são diferentes,
portanto ali, novamente, nós estamos,
porém, não como antes, evidentemente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este é um fragmento complementar em relação aos fragmentos (12) e (91), entretanto, no fragmento (12), Heráclito apenas transcreve a concepção que tinha em relação à transformação dos vapores em água, deixando subentendida a conscientização que já possuía em relação aos fenômenos de mudanças dos estados físicos da matéria, desta maneira naquele mesmo fragmento é possível de se constatar o mecanismo inverso a este descrito, onde o ar voltaria a existir por intermédio de uma evaporação, estas transformações que aconteceriam ininterruptamente na água do rio, determinariam uma alteração significativa ao longo de um dia, em relação ao volume ou ainda em relação à qualidade do referido líquido.

Aqui neste fragmento o pensador se preocupa em abordar a noção filosófica de inter-relação dos contrários, pois, entrar e não entrar, estar e não estar, coexistem na mesma ação de uma pessoa que esteja se banhando em um determinado rio e num determinado momento.

Assim, entrar neste rio significa entrar no mesmo leito que tem os mesmos contornos com particularidades de margens e profundidade específicas e, não entrar ou não estar, significa inversamente encontrar-se em outras águas

devido à alteração natural que todo o rio sofre pelo fluxo sempre constante das suas águas, já que em sua dinâmica incessante ele acaba trazendo novos elementos orgânicos e minerais e espalhando-os por todo o leito.

Há que se considerar que até mesmo o próprio leito do rio que aparentemente permanece sendo o mesmo, também sofre alterações, pois o volume das águas acaba trazendo detritos variados que acabam se depositando no fundo e removendo outros que eram típicos daquele local, alterando as margens e todo o conjunto do leito anterior.

Ocorrem ainda outras alterações mais sutis em relação ao tempo e ao espaço, assim o rio é o mesmo rio em que entramos, entretanto já nos encontramos no segundo e no minuto seguinte em que a ação se processou, portanto já nos encontramos num outro “tempo” referente ao período em que a ação comparativamente começou.

Nós também podemos considerar as alterações pertinentes ao “espaço”, pois num sentido mais abrangente, o planeta esta girando em torno do sol e o sol levando os planetas em torno da galáxia e se afastando do centro do universo, portanto todo o conjunto necessariamente está ocupando um novo “espaço”, num local talvez nunca antes ocupado e obviamente levando o rio junto.

Assim, tanto no que se refere ao “tempo” quanto no que se refere ao “espaço” o rio continua sendo sempre novo a cada instante e é verdadeiro que experimentamos neste mesmo rio uma série de transformações em diferentes aspectos tanto qualitativos quanto quantitativos, já que o Logos é sempre dinâmico e mutável.

Conclusão: se as águas do rio e até mesmo o leito dele sofrem modificações constantemente em relação às suas características iniciais quanto à estética, quanto ao volume e quanto à porcentagem dos seres orgânicos que nele vivem, podendo ainda sofrer modificações em suas bordas, onde até o ser humano seria o agente da modificação e se apesar de tudo isto o rio ainda permanece no mesmo local e com o mesmo nome, então é correto dizer que: "No mesmo rio entramos e não entramos, estamos e não estamos".

FRAGMENTO (50): O TODO É UM

Auscultando não a mim, mas ao Logos, é sábio concordar que o todo é um.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Auscultando ao Logos, atenciosamente, é deveras sábio refletir e concordar, que o Logos total é um e que somente o único sábio (Deus), o pode ordenar.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Comprovadamente Heráclito auscultava-se a si mesmo como nos mostra o fragmento (101): "Eu me busco a mim mesmo", pois nutria a convicção que é veiculada por intermédio das palavras do fragmento (116): "É dado a todo homem conhecer-se a si mesmo e pensar", mas para quem busca a sabedoria acolhendo a verdade e atuando de acordo com a natureza auscultando-a, tal como se vê relatado no fragmento (112) deve, no intuito de melhor sintonizar estas verdades, se inspirar nos dizeres do fragmento (114), onde se vê transcrito que as leis humanas são alimentadas por uma única lei divina; esta lei divina, logicamente, encerra o princípio monoteísta no qual um único Deus governa sobre todos os seres vivos e sobre as coisas inanimadas.

Esta convicção que o filósofo possuía pode ser confirmada pelo fragmento (102) já citado anteriormente; assim, a busca do conhecimento de si mesmo, da lei divina e do Logos em que se vive, leva o amante da sabedoria a refletir e concordar que só existe um único sábio a dirigir todo o universo e o todo universal é um nele mesmo.

Se a auscultar se direcionar a si mesmo o filósofo perceberá todo um universo infinito em si próprio onde a expansão da mente lembra a expansão do cosmo, mas, ainda

assim com as mentes em expansão, continuamos a pertencer ao Logos fazendo parte de seu conjunto global.

O universo apresenta-se em expansão contínua com o afastamento de suas galáxias ininterruptamente, confirmando as palavras do fragmento (115): “A vida tem um Logos que se aumenta a si mesmo”, e o ser humano, por ser um universo em miniatura também se assemelha ao universo e também se encontra em expansão contínua.

Na medida em que o ser humano pensa, aprende e evolui e sua mente mostra que realmente experimentou um processo de expansão, cada palavra nova aprendida, cada pensamento como um conjunto novo e cada nova ação vivenciada traz inevitavelmente uma dinâmica de expansão mental que lembra um universo em miniatura também em expansão dentro da própria imaginação.

Desta maneira, o pensador perceberá que, por mais variações que todo o conjunto possa apresentar, pelo somatório de animais que existem no Logos ou ainda pelas grandes variedades dos vegetais, pelos diferentes formatos atípicos e inertes dos minerais ou pelas particularidades e características que refletem cada personalidade humana, variando desde as mentes dos ignorantes mencionados no fragmento (34) ou dos indolentes do fragmento (87) até um grau de discernimento superior cultivado pelos amantes da sabedoria como mostram os fragmentos (35) e (108) tudo isto somado à realidade que desfrutam todos os astros do cosmo, referidos no fragmento (99), ainda assim, o conjunto global permanece sendo apenas um todo único.

Desta forma, Heráclito de Éfeso considera que auscultando não somente a ele, isto é, apenas a um único ser humano, mas a toda a natureza ou ao Logos, o pensador concluirá que o todo universal é um, e que, este conjunto todo, obedece ao "um só" do fragmento (33).

Conseqüentemente, se uma pessoa auscultar aos seres humanos, ela vai chegar à conclusão que o conjunto todo é múltiplo já que existem muitas pessoas em ação na natureza; porém, auscultando ao Logos, percebe-se de modo contrário que o todo é apenas um conjunto universal.

FRAGMENTO (51): TENSÕES OPOSTAS

Não compreendem como o divergente converge consigo mesmo: harmonia de tensões opostas como as do arco e da lira.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Converge consigo mesmo um divergente com um equilíbrio de tensões opostas, o arco e a lira também são coerentes com a sua harmonia contrária exposta.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Pode-se refletir aqui, em relação à primeira parte deste fragmento, com o direcionamento de sua análise da seguinte maneira: tanto o arco quanto a lira são constituídos por duas extremidades opostas, sendo, pois, uma divergente em relação à outra, porém, traçando-se os prolongamentos tanto do arco quanto da lira, de tal modo que se feche uma circunstância obter-se-á a resultante do fragmento (103), onde Heráclito de Éfeso escreve: "Princípio e fim se reúnem na circunferência do círculo" e, desta maneira, é possível considerar que, o que eram inicialmente divergentes, isto é, dois pontos afastados um do outro então constituindo duas extremidades, e passam a ser convergentes consigo mesmos na medida em que os seus prolongamentos se fecham numa hipotética circunferência. Desta maneira, constata-se que uma análise, é complementar em relação à outra.

Sobre a segunda parte do fragmento, que é a harmonia de tensões opostas, tanto o arco quanto a lira apresentam a face interna que é côncava, em contraposição à outra face que é convexa (a face externa), mostrando a característica primordial da filosofia de Heráclito que é a relação dos contrários e além deste inter-relacionamento

que é perfeitamente perceptível aqui no presente fragmento, ainda é possível de se detectar o fenômeno da transformação de um contrário em outro, e paralelamente o divergente estaria convergindo consigo mesmo, para comprovar mais uma vez que todas as coisas e até mesmo os seres no Logos convergem para a unidade fundamental tal como Heráclito menciona no final do fragmento (50): "... o todo é um".

É possível fazer ainda uma análise dentro da possibilidade de ação das cordas da lira ou analogamente da corda do arco, pois se passa a obter um movimento de vai e vem de tal forma que o lado da corda, que era inicialmente côncavo, passa a se apresentar com uma característica convexa contrariamente e vice versa, estabelecendo desta maneira, uma verdadeira harmonia de tensões opostas, tal como Heráclito mencionou aqui neste fragmento.

Portanto, tanto o "corpo" do arco quanto o da lira apresentam um estado de divergência inicial tal como hastes e pontos que se distanciam de um centro hipotético original e na medida em que vão se afastando da origem, começam a fazer as curvas naturais que o corpo do arco e da lira determinam para que no final ao se encontrarem em seus prolongamentos resultantes se façam espontaneamente convergentes em harmonia de tensões opostas.

Outra forma de coexistência dos contrários aqui no presente fragmento é a da possibilidade pertinente às "cordas" dos referidos instrumentos, isto é, o arco e a lira. Primeiramente estas cordas ajudam a manter o estado divergente inicial de um e de outro instrumento e somente serão convergentes se se traçar os prolongamentos fictícios complementares para que então se tenha a convergência resultante. Por outro lado os movimentos das cordas farão com que o divergente mude em convergente e vice versa.

Assim, ao mencionar as harmonias de tensões opostas como as do arco e as da lira, estivesse Heráclito querendo se referir ao corpo de ambos os instrumentos ou simplesmente às suas cordas, nos dois casos, podemos avaliar que existe uma significativa e mesmo complementar coexistência e convergência dos contrários.

FRAGMENTO (52): O TEMPO

O tempo é um menino que joga e espalha os seus dados; o reino é de um menino.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O tempo se comporta mais como menino que joga e também espalha seus dados, traçando a cada um, um certo destino, conforme os seus números encontrados.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os vários acontecimentos ao longo do tempo são desencadeados pelo somatório das ações individuais, dentro das possibilidades de livre arbítrio onde, os amantes da sabedoria, preocupados em conhecerem-se a si mesmos e em auscultarem aos fatos e fenômenos pertinentes ao Logos, conviveriam com aqueles outros homens que cavam muita terra para encontrarem o que vale pouco, já que serviria apenas para lhes facilitar o cultivo dos valores materiais.

Seguindo o curso destas análises constatamos que o "sábio" mencionado nos fragmentos (41) e (112) estaria ao longo do tempo, convivendo no Logos com os ignorantes do fragmento (34) e os insipientes dos fragmentos (95) e (109), com os que preferem a glória eterna (glória do espírito) citada no fragmento (29) e até em convívio diário com os indolentes do fragmento (87); da mesma forma os bêbados do fragmento (117) estariam coexistindo com os sóbrios do fragmento (118) e desta maneira, todas as variantes de caráter e de comportamento entre os homens, acrescido da coexistência com os animais como poderíamos citar os bois do fragmento (4), os asnos do fragmento (9), os porcos do fragmento (13), as aves rasteiras do fragmento (37), os peixes do fragmento (61), as aranhas do fragmento (67a), os

macacos do fragmento (83) e os cães do fragmento (97), acabariam gerando situações particulares e mesmo exóticas fazendo um dia se diferenciar bastante do outro.

O somatório dos acontecimentos tenderia a ser totalmente aleatório, ou seja, imprevisível no dia a dia, então, as diferentes ações e reações que todo este conjunto passaria a apresentar determinariam uma ampla sucessão de acontecimentos que poderiam ser únicos sem parâmetros similares ao longo do tempo em cada dia.

Observando o comportamento humano relatado no fragmento (15): “Se não fosse em honra de Dionísio, que fazem a procissão e cantam o hino fálico, praticariam algo mais monstruoso, entretanto Hades (deus dos mortos), e Dionísio (deus dos ciclos vitais) representam o mesmo Deus, em honra do qual deliram e fazem suas bacanais.”, vamos considerar porque Heráclito disse que: o reino é de um menino, sim, pois um procedimento como este só leva à confirmação de que os homens adultos estão fazendo papel de meninos ao errarem previamente e depois buscarem o perdão para os seus erros por intermédio destas procissões fálicas, desejando que um equívoco purifique o outro.

Levando em consideração a superficialidade de discernimento dos homens relatados no fragmento (104): “Qual é, pois, a razão e o sentimento deles? Creem em cantores e utilizam como mestre a multidão sem saber que a maioria é má e a minoria é boa.” e sabendo que por causa desta superficialidade de entendimento eles iriam cavar muita terra para encontrar aquilo que vale pouco, como se pode depreender das palavras que se notam no fragmento (22), e o somatório das ações destes seres humanos iria traduzir um fato aleatório e casual tal como o arremesso de dados de um menino, visto que mentes tão ignorantes e tão indolentes passam a viver evidentemente quase que a esmo e os diferentes arremessos de dados de um menino também trazem resultados eventuais sem nenhuma estimativa prévia ou previsão dentro de qualquer lógica plausível e por todas estas demonstrações de insipiências da maioria das pessoas, Heráclito finaliza: “... o reino é de um menino.”

FRAGMENTO (53): A GUERRA

De todas as coisas a guerra é pai, de todas as coisas é o rei, a uns revela deuses e a outros homens; a uns faz homens livres e a outros escravos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A guerra que há nos contrários é rei ordenando que prevaleçam equilíbrios, ação determinando reação é a sua lei, para diferenciar homens e princípios.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A guerra dos contrários é classificada como pai ou como rei de todas as coisas, desta maneira, passa a ser a autoridade sobre todas as dinâmicas que se desenrolam no Logos, a guerra em si mesma, nada mais representa do que a interação destes contrários que coexistem inseridos no princípio de ação e de reação a que estão submetidos, desta forma, nós podemos interpretar e considerar que eles se apresentam no Logos para dar-lhe significação plausível, como se estivessem numa verdadeira "guerra" entre si.

Podemos então considerar que o frio trava uma "guerra" evidentemente simbólica com o quente, tal como é descrito no fragmento (126), ainda no mesmo fragmento, o estado úmido trava a sua "guerra" com o seco, o sábio mencionado nos fragmentos (41) e (112) trava a "guerra" em sentido figurado com o insipiente dos fragmentos (95) e (109), ainda podemos narrar que o sono e a vigília, o velho e o jovem, da mesma maneira, travam a sua "guerra" no fragmento (88), os homens despertos com os adormecidos no fragmento (89), a doença com a saúde, a fome com a saciedade, a fadiga com o repouso vivenciando também esta "guerra" simbólica dos contrários no fragmento (111), ou

ainda os mortais travando a sua "guerra" com a existência dos imortais, tal como se lê no fragmento (62).

Esta "guerra" enaltece a força e a interação que um contrário exerce sobre o outro, desta maneira, podemos conjecturar, num sentido mais pragmático, que os homens que conseguirem com o seu discernimento um domínio das situações tal como os casos citados de doença e saúde, de calor e frio, de fadiga e repouso, de desperto e adormecido, teriam conseqüentemente um melhor controle de suas vidas, passariam a ter um limite mais ponderado para a fadiga, e o período de sono passaria a ser aproveitado de maneira mais equilibrada, tal como nas situações de calor e de frio que, naturalmente, existiriam dentro dos limites de temperatura que fossem compatíveis com a sua existência, desta forma, podemos finalmente considerar que aqueles homens que melhor conseguissem dominar esta "guerra dos contrários" no Logos gozariam de uma mais ampla liberdade de ação, contrariamente àqueles que ainda estariam presos a uma relativa deficiência na interpretação destes valores.

Os filósofos ou os amantes da sabedoria também travariam a "guerra" em sentido figurado com as pessoas comuns que são indolentes e insipientes como é possível de se depreender do fragmento (1), assim enquanto que o ouro dos insipientes é exatamente o ouro (metal) encontrado na natureza, pois com ele os homens comuns poderão comprar as coisas materiais que seus olhos da matéria observaram e cobiçaram; por outro lado o ouro dos filósofos é o amor à sabedoria, pois com este amor o filósofo abre um "olho mental" para com ele enxergar as maravilhas do Logos invisível que possui uma maior estabilidade, por ter uma harmonia mais forte tal como se lê no fragmento (54).

Os insipientes somente conseguem enxergar com os seus olhos materiais e por isso mesmo só podem almejar os valores pertencentes a harmonia do Logos visível, já os amantes da sabedoria também se dividem em duas espécies diferentes, aqueles que não conseguem saber plenamente o que estão fazendo acordados ou quando estão dormindo; já alguns, como o próprio Heráclito, "enxergariam" melhor.

FRAGMENTO (54): O INVISÍVEL E O VISÍVEL

A harmonia invisível é mais forte do que a visível.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Existe um equilíbrio que é invisível na essência do Logos que é universal, e é mais forte do que o lado visível pois ele se fortalece no que é ideal.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A harmonia invisível para a nossa capacidade de visão desarmada de qualquer aparelho óptico ou eletrônico é mais forte do que a visível, pois possui um equilíbrio mais perene, assim, nesta harmonia invisível é possível encontrar as ligações covalentes e iônicas entre os átomos e moléculas, a força de atração que sustenta os elétrons vibrando em torno do núcleo de prótons e nêutrons na intimidade do átomo, enfim toda a malha eletromagnética que determina a estabilidade atômico-molecular inacessível à nossa visão desarmada, paralelamente, também temos as partículas de fótons que compõem a intimidade da luz.

Há que se considerar, analogamente, a realidade do macrocosmo, com uma estabilidade que é similar à do microcosmo, já que nele os planetas permanecem girando em torno do sol sustentados por uma força gravitacional, que também nos é invisível, mas, existe e se expressa com grande poder sustentando a harmonia global.

Da mesma forma, as galáxias possuem uma força invisível que sustenta bilhões de sóis e planetas orbitando no núcleo delas, demonstrando evidentemente uma força muito poderosa que sustenta e respeita a dinâmica específica de cada astro mostrando que, mesmo sendo invisível, dá uma

verdadeira sustentação aos astros notoriamente gigantescos e preservando-os em equilíbrio no espaço sideral.

A harmonia invisível ainda inclui a realidade dos sonhos e pensamentos do ser humano e as energias que fluem pelo éter físico, que é chamado de "akasha" pelos esotéricos, assim, constatamos que tanto os pensamentos quanto os sonhos e ideais do ser humano, são inacessíveis aos caprichos alheios que queiram transformá-los somente para satisfazerem vontades particulares e então eles passam a depender primordialmente da mente que os concebeu e os memorizou e se não se realizarem, permanecerão intactos.

Portanto, podemos considerar que até mesmo a harmonia pertinente ao Logos visível deriva diretamente daquela que existe no Logos invisível, já que a matéria é energia condensada e, assim, é a partir da junção atômico molecular que é pertencente à (harmonia invisível) é que se obtêm a formação de corpos dos diferentes seres no Logos, pertencentes à harmonia visível que obviamente é a mais fraca, pois com o tempo os corpos de matéria morrem e se decompõem, enquanto que a harmonia, invisível aos olhos humanos, sobrevive a estas transformações aparentes e transitórias que ocorrem na matéria densa.

Finalmente, pode-se lembrar a existência do Logos invisível no local que os gregos antigos chamavam de Hades, ou o mundo espiritual, onde ocorreria a verdadeira justiça tal como se lê no fragmento (28): “O mais digno de confiança, pois, conhece e dá custódia somente ao homem que lhe parece digno de fé, porém a justiça saberá condenar aos artífices e testemunhas de mentiras.” e dando respaldo a esta revelação tem-se o fragmento (27): “Na morte, advêm aos homens, o que não esperam e nem imaginam.”

Desta forma, no Logos (harmonia) invisível existe a verdadeira justiça, que os amantes da sabedoria como o próprio Heráclito identificam sua existência por intermédio da “ausculta” e da “visão mental” ou ainda da imaginação desenvolvida na incessante busca pela verdade. Portanto, não só a harmonia, mas também a justiça do Hades (mundo invisível) são mais “fortes” e mais verdadeiras.

FRAGMENTO (55): VISÃO E AUDIÇÃO - I

O que prefiro é o que aprende a visão e a audição.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Prefiro aquilo que distingue a visão,
Porque vendo eu memorizo mentalmente,
e, ainda, aquilo que capta a audição
pois com ela se ouve, avalia e sente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Para o cultivo e o desenvolvimento da sabedoria o pensador deve, logicamente, fazer uso em primeiro lugar dos cinco sentidos, para que assim, com eles, possa detectar as variadas nuances em que se pode apresentar a energia concentrada (matéria) no Logos ou natureza, na proverbial busca de discernimento a que ele se propunha, no intuito de auscultar-lhe e de decifrar-lhe os íntimos princípios de sua existência, dinâmica e inter-relacionamento.

Desta maneira, Heráclito estabelece uma relação de prioridades, para exaltar a importância dos sentidos e colocar em destaque, os aprendizados conseguidos através dos dois sentidos principais, ou seja, a visão e a audição, deixando assim, por dedução, numa espécie de segundo plano, as aquisições que um pensador poderia assimilar utilizando-se dos outros três sentidos: o olfato, a gustação e o tato, pois forneceriam subsídios menos significativos para o cérebro durante a "ausculta ao Logos".

Assim, a audição capta os ruídos dos animais, do rio que nunca é o mesmo, dos homens com seus argumentos nos discursos nos quais o pensador censurava a retórica como a primeira fonte do embuste, enfim, o somatório dos

sons de todo o conjunto de seres e coisas do meio ambiente para a adequada análise e assimilação.

O filósofo, com sobra de motivos, considerava a visão preferível em relação aos predicados que a audição poderia auferir, mas vamos reservar as considerações deste comentário para a dedução do fragmento (101a).

Conclusão: pelo que é possível de se ver exposto neste fragmento, nos certificamos de que a visão e a audição foram os órgãos do sentido que mais colaboraram para fornecer atributos do Logos à inteligência do filósofo já que a visão leva imagens precisas dos seres e dos objetos que se encontram ao alcance de seu horizonte próximo ocorrendo, pois, uma projeção simbólica do ser ou do objeto na forma de imagens virtuais para o cérebro e somente a visão goza de propriedades necessárias para se transmiti-las.

Desta maneira, a visão transmite tão somente uma imagem virtual de um elefante para o cérebro, é óbvio que não cabe um elefante no cérebro humano, mas a sua imagem virtual sim, o mesmo ocorre com as árvores, as montanhas, os vales, os rios e também o oceano.

A audição também representa, com certeza, um subsídio muito importante para o cérebro, transmitindo-lhe os sons que os sólidos, líquidos e gasosos são capazes de produzir, para que assim, somados às características de aparência, forma e volume que a visão detectará possam auxiliar o pensador em sua busca para a interpretação da essência das coisas e dos seres no Logos.

No caso de Heráclito e de uma boa parte dos amantes da sabedoria a visão adquire um conceito que se expande em si mesmo para dar ao pensador uma “visão mental” que abrange a vida no Hades (mundo invisível) e passa a ver as almas que olfateiam ao baixarem ao Hades como se lê nas palavras do fragmento (98).

A audição dos amantes da sabedoria, como no caso de Heráclito sofre também um processo de expansão para que possa lhe abrir a possibilidade de “auscultar” a harmonia invisível com mais propriedade, detectando-lhe a harmonia e a percepção da verdadeira justiça, permitindo concluir que visão e audição são sentidos diferenciados.

FRAGMENTO (56): EQUÍVOCO DE HOMERO - I

Em seu esforço para conhecer o visível, os homens são ludibriados como Homero, mais sábio do que todos os gregos. Pois é a ele que ludibriaram os garotos que matavam piolhos, dizendo: "tudo o que vimos e pegamos, deixamos, tudo o que não vimos nem pegamos, trouxemos conosco".

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Até Homero, algo sábio entre humanos,
se enganou muito quando lhe dissemos:
tudo o que nós pegamos, nós deixamos,
o que nós não pegamos, nós trouxemos.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como se vê, Heráclito satiriza Homero, não por considerá-lo insipiente, mas justamente por reconhecer nele uma inteligência acima da média dos homens, pois relata: "... mais sábio que todos os gregos...", mas deixa claro que mesmo os mais inteligentes se deixam ludibriar na parcela visível do Logos, como ironicamente o grande Homero se deixa enganar por meninos nesta charge sobre os piolhos.

Assim, pode-se perceber que embora Homero provavelmente se deixasse até mesmo contaminar pela enfermidade sagrada relatada no fragmento (46), dedução cabível para se explicar toda a indignação de Heráclito no fragmento (42), ainda assim, este mesmo Homero vaidoso se deixou enganar em suas considerações, demonstrando uma espécie de obstáculo ao provável malabarismo mental que ele era capaz de apresentar, deixando-se ludibriar, por simples meninos como Heráclito cita no fragmento (56).

Se os homens são ludibriados na parcela visível do Logos, que constitui a natureza propriamente dita, aqui

no caso representada pelos piolhos que, embora pequenos, ainda assim, pertencentes à parcela do Logos visível, então com muito mais motivos eles seriam e são enganados na parcela invisível deste Logos, já que a harmonia na qual ela se mantém é tão sutil que nem sempre se torna acessível ao discernimento e à assimilação do ser humano.

É exatamente pela dificuldade de assimilação destas verdades que o homem precisa se tornar amante da sabedoria, como sugere o fragmento (35), na medida do possível, esforçando-se para que se torne consciente, mas evitando-se a presunção dos fragmentos (43) e (46).

Desta maneira os homens são ludibriados na parcela invisível e até mesmo na visível tal como Homero o foi, assim, a parcela invisível do Logos, que se refere à vida no Hades ou mundo espiritual, à qual pertence a alma do ser humano, torna-se muito difícil de ser analisada o que só poderia ser feito por clarividentes que apresentassem algum tipo de “visão mental ou cerebral” e que talvez fosse o caso do próprio Heráclito, pela profundidade das deduções que vemos transcritas em seus fragmentos.

Consequentemente é muito fácil se deixar iludir pelas aparências em relação às coisas pertinentes ao Logos visível, com sobra de motivos o indivíduo se deixará iludir pelos atributos próprios do Logos invisível, como Homero se expressa no fragmento (105): “... nego que ao destino logre escapar algum dos homens.” enquanto que Heráclito lhe censura esta concepção, pois no discernimento já alcançado por Heráclito ele compreendeu que os homens não tinham seus destinos traçados previamente pelos deuses mitológicos da crença vigente na época. Deus ou o Único Sábio coloca as pessoas para se relacionarem como uma determinação que lembra as imposições do destino, mas na medida em que os seres humanos se relacionam, o livre arbítrio entra em evidência. Assim o destino, por intermédio das diretrizes do Único Sábio coloca as pessoas em vários relacionamentos e as auxilia com a sua intuição e com os ensinamentos sobre o livre arbítrio por parte dos amantes da sabedoria.

FRAGMENTO (57): HESÍODO - I (DIA E NOITE)

O mestre de quase todos, Hesíodo: estão convencidos de que ele sabe quase tudo, ele que sequer distinguia dia e noite, pois são uma coisa só.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Até mesmo um grande pensador Hesíodo não diferenciou certo a noite do dia, visto que, eles, em um mesmo período, são oriundos da mesma ígnea harmonia.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Aqui também Heráclito faz uma sátira, desta vez a Hesíodo, que seguramente considerava inteligente, como é possível perceber através deste próprio fragmento onde ele menciona: "O mestre de quase todos, Hesíodo...", e ainda uma vez deixa em evidência que mesmo os mais inteligentes são susceptíveis de errar, e deixa entrever que Hesíodo se perdera tentando diferenciar o dia da noite, enquanto que Heráclito deixa transcrito que ambos (os contrários) podem ser considerados como sendo uma coisa só.

Por outro lado, não podemos deixar de analisar que, no que se refere à contemplação das duas situações "dia" e "noite", é possível de se abstrair que, em relação à aparência, realmente o dia é diferente da noite, pois nele a luz solar ilumina todos os seres humanos, coisas, objetos, etc., para possibilitar a manutenção da vida tal como a conhecemos, por intermédio da cinética que esta energia solar proporciona e inversamente a noite traz a deficiência de luminosidade para o meio ambiente, numa espécie de repouso ou de acomodação da dinâmica existente no Logos, é óbvio que se trata de um repouso relativo.

A visão, que traduz a potencialidade do sentido preferida pelo filósofo, também constatará que é possível captar imagens durante o dia, entretanto à noite sem luzes artificiais, o mesmo fenômeno relatado já se torna bastante dificultado, prejudicando sobremaneira as possibilidades de ausculta e de interpretação do Logos.

Entretanto, mesmo considerando estas situações caracterizadas por diferenças aparentes que, com certeza não escaparam à capacidade de apreciação do filósofo da antiga Jônia, ele cita que ambos são uma coisa só.

Pode-se trazer a compreensão deste fragmento para o conhecimento que já possuímos em nossos dias, pois sabemos que a terra gira em torno de si mesma e em torno do sol; neste seu giro (rotação), ela possibilita o surgimento do dia e da noite, que seria a luz projetada pelo sol de um lado, e a sombra da luz feita pelo planeta do outro lado.

Assim, eles são contrários formados a partir da mesma luz, trazendo, portanto, a mesma ígnea origem, uma verdade, ainda que intuitivamente, captada por Heráclito de Éfeso em suas brilhantes e misteriosas auscultas.

Ao que parece, neste fragmento Heráclito estava enxergando a realidade do Logos do alto de seu pedestal de filósofo e logicamente estava vendo tudo numa abrangência superlativa, como se estivesse observando o planeta terra à distância e, é óbvio, se fosse possível uma situação como esta de se enxergar tudo à distância, o dia e a noite pareceriam só a projeção da mesma luz, iluminado o globo planetário de um lado e paralelamente progredindo na forma de sombra para o outro lado da esfera própria da matéria.

Este fragmento também mostra certa sintonia com as palavras do fragmento (51); “não compreendem como o divergente converge consigo mesmo: harmonia de tensões opostas como as do arco e da lira.” Sim, no presente fragmento também se tem uma situação de divergência com a harmonia de tensões opostas, como é o caso do dia com a noite convergindo para formar a mesma unidade luminosa; pois Heráclito acreditava que o conjunto total do Logos é um, como ele deixa transcrito no fragmento (50).

FRAGMENTO (58): MÉDICOS - CURAR E FERIR

Bem e mal coexistem: os médicos, pois - disse Heráclito - ao cortarem e torturarem por todas as partes e de todas as maneiras ainda pedem uma remuneração aos enfermos, apesar de não a merecerem, eles que produzem identicamente benefícios e sofrimentos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Assim como um bem e um mal coexistem,
os médicos tratam porém ferem também,
auscultando ao Logos talvez pudessem
curar sem cobrar e sem ferir ninguém.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito tinha um temperamento singular e não se dava limites ao emitir um conceito, assim, relaciona a atividade dos médicos com a existência dos contrários "bem e mal", referindo que eles estariam presentes na mesma dinâmica que estes médicos desenvolveriam no sentido de diminuir o sofrimento do alheio ou até de tentar eliminá-lo, pois o móvel de sua ação paradoxalmente trazia a mesma dor que tentavam eliminar ou pelo menos diminuir.

De certa maneira o pensador tinha razão, pois seguramente na Grécia antiga os sofrimentos impostos pelos médicos na tentativa de obterem uma possibilidade de cura eram muito maiores do que hoje em dia.

Muitas coisas que eram invisíveis aos médicos daquela época, hoje em dia com o auxílio de microscópios e outros aparelhos não são mais; a exploração deste mundo que antes era invisível (mundo das bactérias, fungos, vírus, etc.), possibilitou a diminuição do sofrimento dos pacientes e em muitos casos, até mesmo os aboliu, da mesma maneira, sabemos que muita coisa que nos é invisível hoje no século

XXI, tornar-se-ão visíveis no futuro, a aura humana é um exemplo de algo que era invisível, mas que já começa a ser estudado e visualizado com vários ensaios preliminares da fotografia Kyrlian e assim, podemos deduzir que o futuro estudo da aura nos proporcione subsídios para diagnósticos bastante precisos e para tratamentos, quem sabe, sem dor, assim, à medida em que avançamos para o futuro, cada vez menos os médicos necessitarão ferir os seus pacientes com a intenção de fazer o tratamento das doenças.

Jesus de Nazaré, pelos escritos bíblicos sobre a sua pessoa, já havia alcançado esta singular condição, pois conseguia até a façanha de curar cegos, que poderíamos atribuir, na tentativa de compreensão do fenômeno, a uma projeção de ondas mentais direcionadas e potencializadas por uma vontade férrea emanada de sua usina mental em elo com a projeção de energias de sua aura purificada por seus sentimentos elevados, tudo isto sem queimar, cortar ou torturar e nem mesmo cobrar de ninguém e Heráclito, pela profundidade de suas auscultas ao Logos, conseguiu captar e compreender esta sublimada condição humana.

Os médicos, ao intervirem em um paciente, agem com a intenção de aliviar a dor ou o mal de que ele seja portador, entretanto habitualmente eles causam também a dor pela dinâmica terapêutica própria de suas ações, e antes mesmo de Cristo nascer Heráclito de Éfeso já mencionava esta sublimada condição humana, é bem verdade que na antigüidade existiam os magos, que até mesmo foram visitar Jesus de Nazaré no dia de seu nascimento; mas, a que níveis de cura chegavam estes magos? E Heráclito, conhecia as suas atividades secretas? Estas questões logicamente ficam sem resposta, todavia, deve-se levar em consideração que um amante do saber que pesquisa todas as coisas e fatos existentes no Logos, que espera até mesmo o inesperado como ele mesmo cita no fragmento (18), logicamente iria também pesquisar, em sua ausculta, as ações desenvolvidas pelos magos da antigüidade e a partir de suas descobertas, inevitavelmente passariam a se indignar com as atividades e os procedimentos materialistas dos médicos.

FRAGMENTO (59): CAMINHO RETO E CURVO

Caminho do parafuso, reto e curvo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Existe no caminho típico do parafuso uma trajetória onde há o duplo curso, e por mais que possa parecer confuso o seu caminho é reto e, ainda, curvo.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como se percebe uma grande porcentagem de fragmentos apresenta o propósito de fortalecer a teoria da coexistência dos contrários; assim, no presente fragmento, percebe-se que o filósofo expõe a dualidade de caminhos que existe concomitantemente no parafuso, onde, por mais que pareça estranho e até impossível, o reto em associação com o curvo se apresenta em interação com seus íntimos atributos que gera como resultante final um único caminho.

Assim, um parafuso se move em curvas espirais e juntamente se move para dentro da madeira, determinando também um caminho reto, conseguindo, desta forma, somar de uma maneira bastante curiosa os caminhos retos e curvos numa única resultante inerente ao caminho do parafuso.

Algumas traduções sobre Heráclito chegam até nós com algumas interpretações diferentes e ao invés de relatarem o caminho do parafuso, mencionam o caminho dos pintores como sendo reto e curvo, aqui neste fragmento (59), entretanto, se analisarmos também a intimidade dos movimentos do pincel dos pintores, vamos constatar que também nele coexistem os movimentos contrários, pois o pincel ao se mover, o faz concebendo curvas e também retas, na dinâmica que lhe é própria e característica.

Assim, tanto na tradução que relata o caminho do parafuso, que aqui foi inicialmente apresentada quanto nesta segunda hipótese, que leva em conta o caminho dos pintores, há a mesma demonstração da coexistência dos contrários pelos caminhos reto e curvo na mesma ação, evidenciando assim, a íntima relação entre a realidade exposta aqui pelo pensador e as outras inter-relações de contrários apresentadas nos outros fragmentos, pois como é possível constatar, Heráclito também resume a noite e o dia num mesmo denominador ígneo comum no fragmento (57). Os caminhos para cima e para baixo são apresentados, no fragmento (60), como pertencentes a um mesmo caminho; podemos ainda identificar, no fragmento (26), as duas situações contrárias de desperto e adormecido coexistindo numa condição que obviamente engloba a mesma mente e o mesmo corpo; finalmente ainda poderíamos mencionar a coexistência dos contrários representados pelo úmido e pelo seco, ou ainda pelo quente e pelo frio, do fragmento (126), coexistindo na mesma pessoa ou analogamente no mesmo objeto existente dentro do Logos (natureza).

Pode-se naturalmente deduzir do pensamento filosófico de Heráclito que os contrários, pertencem a um todo que é único e que eles apenas se dissociam para dar as nuances e as várias características pelas quais o Logos vai se manifestar, assim a mesma luz se dissocia para gerar o dia e a noite, mas na verdade constitui a mesma essência ígnea; o quente e o frio são dissociações da mesma temperatura quer de um corpo inanimado ou de um ser orgânico; o úmido e o seco se dissociam para a identificação do mesmo estado de hidratação superficial num dado corpo analisado.

Aqui no presente fragmento o pensador dissocia o movimento do parafuso ou o movimento dos pintores, o que proporciona a mesma interpretação, esta dissociação dos movimentos em reto e em curvo simplesmente serve para esmiuçar e ver a intimidade dinâmica da ação em si, pois no parafuso ou no pincel dos pintores as suas ações não estão dissociadas e sim associadas, visto que os contrários em conjunto formam um todo global que é único.

FRAGMENTO (60): PARA CIMA E PARA BAIXO

O caminho para cima e para baixo é um e o mesmo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Congregando-se os sentidos para cima e para baixo em um mesmo referencial, gera-se a mesma direção que confirma que é sempre única no Logos espacial.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento tem correlação com o anterior devido à similaridade de colocações, assim, pode-se observar a convergência dos contrários para um único denominador comum que no presente contexto, logicamente, deveria ser representado apenas por uma única direção contendo os dois sentidos contrários, para cima e para baixo.

Estamos num universo onde os conceitos para cima e para baixo, a rigor não existem, visto que quando o planeta gira em seu movimento de rotação, o que era para cima passa a se caracterizar como sendo para baixo e vice versa, desta forma, tomemos o “caminho” para cima, como sendo o “sentido” para cima e o “caminho” para baixo, representando o “sentido” para baixo, para que assim, ao indicarmos, da superfície do globo, um sentido para cima, estejamos conscientes de que ele representa um sentido diametralmente contrário a outro que tem orientação para o lado oposto do planeta, que obviamente seria para baixo, assim, posteriormente, se indicarmos o mesmo sentido para cima, 12 horas depois, na verdade estaremos indicando o caminho (sentido) que lhe era contrário, já que o planeta continuou em sua dinâmica representada pelo movimento de rotação e, desta forma, eles simplesmente se inverteram.

Esta análise se completa de maneira eficaz, ao concluirmos dentro da lógica da física moderna, que uma única direção é composta e caracterizada por dois diferentes sentidos, contrários entre si, e assim, retornando à análise deste fragmento, respaldados por esta concepção científica, vamos constatar que, realmente, se traçarmos o caminho com o sentido para cima e o complementarmos com os seus prolongamentos para baixo, nós estaremos delimitando, no espaço sideral, uma única direção contendo dois sentidos.

Assim, mesmo entendendo que Heráclito nunca tenha visto o planeta terra em perspectiva do espaço sideral para inserir a sua imaginação neste tipo de conceituação, nem tão pouco possuía as conceituações teóricas que a astronomia e a física moderna nos apresentam, ainda assim nos sentimos a vontade para interpretar os valores deste fragmento sob este prisma, justamente por acreditarmos que em suas auscultas ao Logos, a sua mente desconhecia os limites para a inspiração e para a intuição.

Novamente o pensador mostra que os contrários se apresentam dissociados apenas para a apreciação do homem, talvez para que o ser humano pudesse refletir como Heráclito de Éfeso e chegar à conclusão de que o divergente realmente converge consigo mesmo para formar um todo que é único tal como ele nos mostra no fragmento (51).

Os contrários se apresentam na natureza como coisas ou situações antagônicas entre si, mas curiosamente, estes contrários são expressões ou pontas extremas, como no caso de uma circunferência e, assim, no final da dinâmica pertinente acabariam por se unirem num círculo só.

Mais uma vez Heráclito mostra o seu profundo senso de razão, entendendo os contrários “para cima e para baixo” como sendo apenas as facções ou os sentidos de uma mesma direção. Os homens vivem iludidos por esta aparente contradição ou oposição que um contrário faz em relação ao outro e conseqüentemente acabam tendo uma significativa dificuldade de entender que o conjunto todo é apenas um; de novo lembrando as palavras do fragmento (50).

FRAGMENTO (61): ÁGUA POTÁVEL E IMPURA

O mar, a água, a mais pura e a mais impura, para os peixes, potável e vivificante, para os homens, não potável e mortal.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O mar para variados peixes é potável
porém aos homens ele torna-se mortal,
logo, a vida neste Logos só é viável
se cada ser tiver o seu meio natural.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os contrários, neste caso, estão coexistindo na água do mar, a qual pode ser como aqui o filósofo menciona, a mais pura e ao mesmo tempo a mais impura, dependendo exclusivamente de quem a aprecie, no caso deste fragmento Heráclito cita que para os peixes esta água representa um meio potável e vivificante, enquanto que para o caso do ser humano, ela se torna não potável e mortal.

Tanto neste, quanto nos fragmentos (11), (13) e (37), Heráclito elabora conceitos que, no conjunto, refletem a estabilidade da natureza onde cada uma das espécies de animais, já adequadamente adaptada, desfruta de um meio ambiente específico que lhe reflete a sintonia, deste modo, para os peixes, levando-se em conta suas características, suas proporções, movimentação, maneira de reprodução e principalmente a forma de respiração que é feita por meio de brânquias; é evidente que a água do mar passa a ser a mais adequada para o tipo de vida que lhes é própria.

Contrariamente o ser humano não poderia, de modo algum, viver, com os subsídios que lhe são próprios, num meio ambiente como este, isto é, não poderia viver sem as escamas ou sem alguma pele especial e principalmente

sem ter as brânquias ou sistemas substitutivos próprios dos seres aquáticos, visto que a pele humana entraria em pouco tempo em ato de decomposição e em análise complementar, a movimentação estaria um tanto prejudicada, já que o ser humano possui um corpo preparado para viver em terra e não dentro da água e, enfim, se tivesse que viver na água, todo o organismo pertencente ao ser humano teria que ser transformado e adaptado para se viver no meio líquido.

Este assunto que envolve a distribuição adequada dos diferentes seres dentro da natureza, respeitando as características específicas de cada espécie, é estudado com propriedade em nossos dias pela ecologia, uma ciência especializada nos mecanismos relativos às particularidades pertinentes a cada espécie animal e embora na época de Heráclito ainda não pudéssemos falar desta ciência pela deficiência de recursos, técnicas, pesquisas científicas, etc., ainda assim, o filósofo já identificava, no equilíbrio das espécies em sintonia com o habitat natural a estabilidade perene do Logos. Desta forma, o pensador da antiga Grécia expressa de maneira muito sintética toda a harmonia que sua mente depreendeu em sua profunda ausculta.

Novamente Heráclito demonstra que os conceitos ou os predicados que aparentemente seriam contrários em relação aos outros, sendo, portanto divergentes entre si, na verdade estariam coexistindo no mesmo âmago, assim, aqui no presente fragmento a água mais pura e a mais impura parecem representar duas águas diferentes e, na verdade, representam a mesma água em estado líquido no Logos.

Os contrários só existem para delinear um espaço para a apreciação do homem no Logos, assim a água potável e a não potável é a mesma, mas, se dissocia num e noutro valor sendo potável aos peixes e não potável aos homens, para que a divergência dos contrários possa estabelecer a mais bela harmonia tal como Heráclito de Éfeso menciona no fragmento (8); justamente por delimitar espaços para uma e outra espécie, sem deixar de ser a mesma água, posto que o conjunto todo é um, mas os homens costumam ser cegos e indolentes em relação a esta verdade.

FRAGMENTO (62): IMORTAIS E MORTAIS

Imortais mortais, mortais imortais, vivendo a morte dos outros, morrendo a vida dos outros.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Imortais se transformarão em mortais,
e já, os mortais, em imortais também,
os imortais não serão cultuados mais,
mas, os mortais sobreviverão no além.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Pode-se lucubrar bem a respeito desta enigmática correlação dos contrários, na tentativa de tradução e de assimilação das características deste fragmento da seguinte maneira: os imortais, eram deuses fictícios venerados pelos antigos gregos, eram deuses do Olimpo, seres imaginários que os homens faziam representar em estátuas de pedras, ao passo que Heráclito, contrariamente, alimentava a sua fé na convicção depositada na inteligência ígnea mencionada no fragmento (16), que nós podemos interpretar como sendo o mesmo Deus descrito nos fragmentos (83) e (102), e, assim, ele não podia conceber vida àqueles imortais que, de uma forma rude, eram representados em pedra, tanto é verdade que no fragmento (5) ele relata: "... e fazem suas preces às imagens como se alguém pudesse falar com as paredes".

Conseqüentemente, é dedutível que o pensador acreditava que algum dia os indivíduos acordariam desta espécie de transe coletivo e não mais dariam importância a estas imagens esculpidas em pedras pelos próprios homens, assim, entendemos que os idolatrados imortais mitológicos representados por esculturas estáticas, passariam a morrer simbolicamente no dia a dia na medida em que as estátuas fossem se alterando pela erosão do tempo e as pessoas, pelo

processo de amadurecimento, se conscientizassem da ilusão que estavam vivendo, ou dito de outra forma, da grosseria filosófica de rebaixar o discernimento a ponto de acreditar ou de atribuir vida àqueles seres fantásticos, tão típicos da antigüidade, infantilmente representados em pedra.

Por outro lado Heráclito já nutria a convicção sobre a sobrevivência do espírito como se pode confirmar através do fragmento (98): "As almas olfateiam (respiram), ao baixarem ao Hades (reino dos mortos) e se respiram no Hades é porque, evidentemente, sobreviveram à morte do corpo físico e assim, os homens, que são mortais, se tornam imortais, justamente pela sobrevivência da alma.

Deste modo, com esta curiosa análise é possível a compreensão da última parte do fragmento: "... vivendo a morte dos outros, morrendo a vida dos outros", portanto, estas expressões sugerem uma constante dinâmica no tempo gerúndio, já que acontecem ininterruptamente, assim: "Os homens, após as suas mortes na parcela do Logos visível, estão sobrevivendo no Hades, tal como Heráclito sugere nos fragmentos (25), (27) e (98), enquanto que, paralelamente, estão morrendo as vidas dos seres imortais".

A correlação e a coexistência dos contrários neste fragmento atingem proporções curiosíssimas, pois Heráclito em sua ausculta ao Logos promove uma verdadeira viagem mental, desde os seres mitológicos que ainda polarizavam as atenções dos gregos antigos até os confins do Hades (Logos invisível), local da sobrevivência das almas dos homens.

Assim, Heráclito mais uma vez ressalta que os contrários, ou seja, os divergentes transformam-se uns nos outros ou ainda, de uma forma complementar, convergem consigo mesmos, segundo as palavras do fragmento (51).

O fragmento (126) revela uma conversão natural dos contrários "quente e frio" e também "úmido e seco", analogamente aos fragmentos (59) e (60), entretanto, aqui Heráclito foi muito mais além, mostrando a conversão de divergentes extremos, isto é, entre os mitos supostamente imortais e os seres humanos supostamente mortais.

FRAGMENTO (63): GUARDIÕES - VIVOS E MORTOS

Ante ele que ali está, se levantam e despertos se convertem em guardiões de vivos e mortos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Ante o espírito guardião se levantam
homens que se graduam como guardiões,
visto que, na morte, ainda sustentam
as mais nobres e excelsas convicções.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Bem, faz parte do raciocínio lógico considerar que os mortos mencionados neste fragmento não possam ser os cadáveres ou corpos propriamente ditos, mas sim a alma, já que os corpos deveriam ser jogados fora mais do que a excrementos e não serem guardados, tal como é possível de se confirmar com as palavras do fragmento (96).

Assim, é possível perceber que neste fragmento, o pensador distingue um ser, muito provavelmente algum espírito guardião no Hades que a sua clarividência deve lhe ter revelado em alguma situação peculiar de sua ausculta ao Logos, justamente pela posição de destaque em que ele é colocado sugerindo-se um patamar de autoridade bastante elevado, para que desta maneira, diante dele, as almas e, só podem ser as almas ou espíritos em decorrência dos motivos mencionados no fragmento (98), que poderiam se levantar e se converterem em guardiões de vivos e de mortos.

Sim, é coerente imaginar que somente as almas pudessem se transformar nos guardiões, pois, qual homem teria condições de se tornar guardião de corpos dos vivos e guardião de uma alma, já que a mesma é invisível, ao menos na maior parte do tempo para quem está na matéria?

Pelas ideias aqui veiculadas, podemos imaginar, com sobra de motivos, que Heráclito de Éfeso devesse ter desenvolvido naquela época, uma espécie de “visão mental” que lhe permitia visualizar o corpo da alma, ou seja, como reportam a este tema os espiritistas, o perispírito da mesma, já que este corpo em condições normais, segundo esta fonte, é completamente invisível, tornando-se visível apenas para as pessoas que já tenham desenvolvido a clarividência.

Heráclito demonstra evidências de que já havia desenvolvido em si mesmo esta rara “visão mental”, que lhe possibilitava enxergar o Hades, quando ele cita atividades, destinos e até julgamentos das almas e ele o faz como se as estivesse enxergando, tal como se depreende das palavras encontradas nos fragmentos: (25), (27), (28), (63) e (98).

Finalmente podemos interligar este fragmento com o (29) e assimilar que estes guardiões devem ter íntima relação com os homens que cultivam o seu eu eterno ainda em vida no Logos visível e por terem se tornado melhores, com suas virtudes diferenciadas, adquiriram a primazia de poderem cultivar e desenvolver esta sublimada ação.

Enxergar espíritos é um dom de poucas pessoas e aqui é oportuno recordar a citação bíblica de São Marcos capítulo 5, versículo 9, onde Jesus Cristo vê um espírito, conversa com ele, e chega até a lhe perguntar o seu nome, demonstrando que não sabia quem ele era, ao que o espírito interlocutor respondeu que era legião, porque eram muitos.

A maioria das pessoas costuma acreditar somente naquilo que elas podem ver, ou de alguma forma constatar fisicamente, existe uma tendência natural de se rejeitar o dom da clarividência, ou desta “visão mental”, porque ele ainda não está desenvolvido na população em geral.

No presente fragmento Heráclito cita: “Ante ele que ali está, se levantam e despertos eles se convertem em guardiões de vivos e mortos”; esta só pode ser uma visão espiritual bastante desenvolvida, pois chegava mesmo a ver que aquelas almas que se levantavam perante aquele que se posicionava como uma espécie de referencial de virtudes e ainda subseqüentemente também iriam se tornar guardiões futuramente por possível processo de aprendizado.

FRAGMENTO (64): O RAIO

O raio equilibra todas as coisas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O raio excita bem a energia estática
para causar organização na atmosfera,
diminuindo bem a carga eletrostática
para um bom equilíbrio que se espera.

DEDUÇÃO EM PROSA:

É muito difícil saber exatamente o que a mente holística de Heráclito quis expressar no caso do presente fragmento, sabemos sim, que a sua perspicácia e acuidade mental para auscultar a natureza eram demasiadamente acuradas e ele, com facilidade, se deslocava para o futuro detectando verdades que somente mais tarde vieram a ser comprovadas; desta forma, supomos que cada pensamento que ele tenha escrito, por mais sintético ou obscuro que pareça, deve ter sido a resultante de uma rara inspiração e de uma profunda meditação, para posteriormente extrair a essência e a resultante de seu esforço intelectual nesta forma curiosa que são os fragmentos, que ainda hoje são preciosos referenciais filosóficos para a cultura mundial.

Desta maneira, nos permitimos trazer o presente fragmento para a realidade dos conhecimentos científicos que temos em nossa época, interpretando-os da seguinte forma: as constantes evaporações que ocorrem na natureza, no dia a dia, vão paulatinamente proporcionando o ensejo para o aparecimento de nuvens, as quais vão se formando com diferenças de potenciais eletrostáticos, determinando o surgimento nas mesmas de cargas mais ou menos negativas em sua constituição, promovendo assim, um desequilíbrio eletrostático atmosférico, em conseqüência da diferença de

potencial entre as cargas presentes; formam-se então pólos eletrostáticos entre as diferentes nuvens e entre elas e o solo, e por tudo isto, ocorre, num dado momento, uma brusca despolarização com conseqüente produção de faísca, pela violência da reação que acaba produzindo o raio.

A partir daí surge outro equilíbrio em relação à eletrostática para as nuvens, para o ar e para o solo de maneira abrangente, trazendo desta forma, todo o conjunto atmosférico para a realidade de um equilíbrio mais estável, de tal maneira que as diferenças de potenciais existentes se tornam menos exuberantes, possibilitando circunstâncias atmosféricas e planetárias mais harmônicas.

Indiretamente este fato implicará no equilíbrio de todas as coisas, pois todas as coisas existentes no Logos (natureza), seja de seres vivos da água, da terra ou do ar, dependem fundamentalmente da harmonia que existe neste ar atmosférico, já que até mesmo o fogo está inserido neste equilíbrio, ainda que de maneira oculta, na maior parte do tempo, mas quando acontece o fenômeno do aparecimento do raio, o fogo que existe no raio manifesta a sua presença reequilibrando a toda a atmosfera e o próprio Logos.

Que aconteceria se as polarizações exacerbadas que se exprimem por intermédio das cargas eletrostáticas, continuassem aumentando as suas diferenças de potenciais indefinidamente? Que poderia ocorrer com as estabilidades atômicas dos átomos de oxigênio, tão importantes para o ser humano? Quais alterações poderiam se desencadear para a mudança a estabilidade da camada de ozônio da atmosfera? Que intensidade de efeito estufa direto ou indireto poderia ocorrer se as cargas eletrostáticas não fossem neutralizadas a contento periodicamente na forma de descarga elétrica? Todas estas perguntas ficam no ar sem uma resposta exata que possa elucidar toda a complexidade no meio ambiente que passaria a existir caso não acontecesse este fenômeno periodicamente com o seu subseqüente e eficaz reequilíbrio atmosférico; e, Heráclito, por intermédio de sua profunda ausculta atemporal, pode ter ido, ainda que seja apenas intuitivamente, até a intimidade destas questões.

FRAGMENTO (65): INDIGÊNCIA E FARTURA

Indigência e fartura.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Para manter um absurdo de indigência
homens enceguecidos cultivam fortuna,
empobrecendo o Logos com imprudência
visto que a inteligência ígnea é una.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Não nos parece que Heráclito fosse amante da riqueza (dos bens materiais), fato que pode ser comprovado na oportunidade em que o filósofo abdica de um lugar de honra junto à corte do rei Dario I da Pérsia, ademais seus fragmentos deixam subentendido que "os maiores valores de um homem não estão dentro do bolso", como poderíamos estar inclinados a entender por intermédio das palavras do fragmento (22): "Os que buscam ouro cavam, pois, muita terra e encontram pouco", é evidente que um amante da sabedoria não pode encerrar toda a sua busca e sede de sabedoria num único metal fornecido pela natureza, por mais nobre, mais raro ou precioso segundo a avaliação dos homens, assim, mesmo deixando entrever através dos outros fragmentos, que se posicionava contrariamente ao cultivo da fartura (fortuna), porque este fato aumenta ainda mais os desequilíbrios entre os homens no Logos, ainda assim, o filósofo reconhece e deixa transcrito aqui neste fragmento que tanto fartura quanto indigência são situações contrárias entre si que possuem como denominador comum a própria vida do ser humano no Logos desequilibrado.

A inteligência ígnea que podemos associar com o ente supremo, Deus, seguramente também seria contra os excessos dessa desigualdade, já que é bastante notória a sua

preocupação de guardar, isto é, proteger vivos e mortos como podemos entender através do fragmento (63).

Assim, se considerarmos a situação de indignância exacerbada, iríamos constatar que ela poderia gerar até mesmo a morte por inanição, contrariando obviamente esta citada predisposição de guardar vivos e mortos; ou ainda a justiça, beleza e bondade de Deus relatadas no fragmento (102); sabemos outrossim, que estes acontecimentos são permitidos no Logos, porque Deus possui mecanismos de reajuste entre os homens reservados para o Hades.

A maioria dos indivíduos, por viverem fora da conjuntura, além de não se predisporerem a uma profunda ausculta ao Logos para identificarem estas verdades, o que facilitaria o reequilíbrio, pelo menos parcial entre os seres humanos, ainda possibilitam o ensejo para que a fartura (fortuna) sustente a até aumente o abismo em relação à toska indignância, confirmando as palavras do fragmento (70): "... as idéias dos homens são jogos de criança".

Utilizando mais uma vez o respaldo das citações bíblicas, citamos uma passagem descrita em São Lucas, capítulo 16, versículos de 19 a 31 que se refere ao rico opulento e o mendigo Lázaro, e nesta revelação pode-se confirmar plenamente a conversão dos contrários, pois o mendigo Lázaro vivia com o corpo coberto de chagas e pedia migalhas de pães que caía da mesa do rico, sendo um caso bem típico de "indignância e de fartura".

Curiosamente o rico, que possuía as melhores roupas, pois se vestia de púrpura e Holanda, tal como é descrito, depois da morte do corpo físico vai para o inferno ou região inferior do Hades para levar uma existência de privações e sofrimentos, enquanto que o mendigo Lázaro, por ter passado a vida em sofrimentos, vai para o paraíso (Hades, ou Logos invisível) levar uma vida de venturas.

Percebe-se aqui, nesta citação evangélica a nítida transformação de uma situação adversa em outra que lhe é contrária e o Cristo ainda confirma esta sua revelação em São Mateus capítulo 5, versículo 6: "Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos".

FRAGMENTO (66): DINÂMICA DO FOGO - I

O fogo, sobrevivendo, há de distinguir e reunir todas as coisas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Resfriando o fogo já surge a matéria e, aquecendo-a, surge o fogo de novo, aparece ou desaparece outra nova era a se unir e se dividir no mesmo fogo.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Diferentemente de Tales de Mileto que atribuía a origem de todas as coisas à água, Heráclito imagina de uma forma mais coerente, como sendo o fogo, pois como citado anteriormente, a origem dos diversos planetas, com tudo o que neles existe, encontra respaldo, pelo menos em tese, na possibilidade de que tenha se originado no espaço sideral, a partir de algumas facções, ou seja, labaredas desprendidas do sol, para se obter, a partir do resfriamento, a origem da matéria e dos elementos que nela existem, gerando o Logos visível; este sol mencionado, pode perfeitamente representar o fogo original ao qual Heráclito atribui a gênese simbólica que ele deixou sugerida no aqui presente fragmento.

Vale lembrar que Heráclito de Éfeso não possuía o conhecimento astronômico que temos em nossos dias, mas era dotado de um poder de percepção e de reflexão tal que estas verdades a ele se direcionavam de maneira natural, dado o provável êxtase intelectual que deveria experimentar em suas significativas e profundas auscultas ao Logos.

Assim, a partir do fogo inicial (o sol), obter-se-ia, um determinado planeta, no qual passaria a existir o ar, a água, a terra e os diferentes seres, neles existentes.

Heráclito viabiliza esta possibilidade de gênese transcrita no fragmento (30), onde escreve que: "O Logos, o mesmo para todos os seres, não o fez nenhum dos deuses e nenhum dos homens, entretanto sempre foi, é e será fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas" é claramente, segundo sua concepção, a gênese do Logos a partir do fogo, o pensador complementa esta idéia com as dinâmicas que passam a existir entre estes quatro elementos fundamentais, depois de sua origem, no fragmento (76): onde o pensador escreve: "Morte da terra é tornar-se água, a morte da água, tornar-se ar, e a do ar, tornar-se fogo e vice versa", demonstrando um claro inter-relacionamento presidido pelo fogo, como agente pioneiro, no planeta em questão, ou no Logos visível.

Imaginemos uma estátua feita de qualquer metal, usufruindo da aparência que sua materialização determinou em termos de estatura, coloração e feições, esta estátua, por pertencer ao Logos visível, parece ser bastante concreta e até mesmo parece se eternizar por intermédio da dureza do metal, entretanto submetendo-se a sua íntima estrutura ao aquecimento pelo agente transformador heraclítico, o fogo, esta estátua se derreterá, perdendo a estatura, as feições e até mesmo a coloração original, mostrando quão instável é a harmonia do Logos visível, levando assim os seus elementos íntimos para o estado líquido e posteriormente poderá se solidificar ou se materializar representando qualquer outra forma material que nada tenha a ver com a anterior.

Imaginemos o fogo queimando outras coisas ou um vegetal ou até um ser humano, as cinzas resultantes estariam voltando para a dinâmica ígnea do ciclo biológico e voltariam a se agruparem na constituição de novos corpos, revelando assim que o fogo realmente distinguiu e reuniu todas as coisas no âmago de seu poder transformador.

Finalmente acrescentamos aqui as palavras do fragmento (90): "Pelo fogo tudo se troca e por tudo o fogo, como pelo ouro as mercadorias e pelas mercadorias o ouro" e, de uma maneira análoga, este fogo: "... há de distinguir e reunir todas as coisas existentes no Logos", como Heráclito se faz entender no final do presente fragmento.

FRAGMENTO (67): DINÂMICA DO FOGO - II

O mistério: dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, fome-saciedade, todos os opostos; mas se alternam como o fogo, quando se mistura a incensos e se denomina segundo o gosto de cada um.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O dia e a noite, o inverno e o verão,
ou guerra e paz, ou fome e saciedade,
todos estes contrários em associação,
mantem o Logos e sua ímpar realidade.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O curioso mistério do inter-relacionamento dos contrários, obedecendo a mecanismos de conversões de uns nos outros, possibilita a existência do Logos como natureza em si mesma, para que desta forma, em sua dinâmica, o dia acabe se transformando em noite e vice versa, da mesma forma, o inverno também se transformará um dia em verão, sendo, admiravelmente, também verdadeiro o mecanismo contrário, este processo ainda se alterna com dois outros opostos entre si, que são o outono e a primavera.

Assim, dentro do mistério aqui deste fragmento, a guerra um dia se esgota e possibilita a paz e poderíamos interpretar o mistério, como sendo a dinâmica ou o elo de conversão entre ambas, nesta dinâmica, na mesma linha de raciocínio, a fome quando estiver satisfeita leva à saciedade, levando, no decorrer do tempo, ao mecanismo inverso.

Heráclito de Éfeso menciona que os contrários dia-noite, inverno-verão, guerra-paz, fome-saciedade, enfim todos os contrários se alternam entre si e ele utiliza como referencial de comparação o fogo, com suas transformações e recorre ao curioso exemplo de um incenso onde o fogo

vagarosamente vai consumindo os elementos extraídos da terra e da água, que caracterizavam a essência do antigo vegetal existente, para que através de sua interseção eles passassem para uma existência gasosa, indo se adaptar na condição de elemento ar, e a fusão produziria um aroma resultante da queima do conjunto que conseqüentemente, seria diferenciado e apreciado segundo o gosto de cada um.

É evidente que esta última parte do fragmento é muito subjetiva, porém ainda assim, poderíamos imaginar como sendo uma resultante da fusão destes contrários que simbolizaria, por exemplo, a aurora e o poente, como dois tênues vínculos durante a transformação dos contrários dia e noite, analogamente, numa outra situação a existência do cochilo, quando se principia o dormir e contrariamente o despertar, como uma espécie de elo entre eles, exprimindo este "mistério" de interação entre todos os opostos.

O conjunto global das transformações de todos os contrários entre si seria, conseqüentemente, o responsável pela manutenção do Logos (natureza), ou seja, da realidade que se expressa na matéria tal como nós a conhecemos.

Quando o pensador relata que os contrários se alternam como o fogo e se mistura com incensos, talvez ele apenas estivesse se referindo à descaracterização que eles sofreriam neste processo de transformação, já que o fogo misturado com a matéria do incenso deixa de ser o fogo como originalmente ele o era e passa a ser um “fogo” que existe misturado com os elementos extraídos da “terra”, mostrando logicamente a conversão, ao menos parcial, de um elemento em outro. Da mesma maneira, o mistério da transformação da guerra no seu contrário, a paz, faz com que ela, nesta ação sui generis, tenha que se descaracterizar tal como a guerra era anteriormente para possibilitar o surgimento do seu contrário, a paz. O dia e a noite também obedecem a este mesmo princípio, desta maneira, para que um contrário possa se transformar no outro, basta que a terra gire em seu movimento de rotação, tornando o que era para baixo naquilo que é para cima doze horas depois e que era noite obscura no seu contrário, o dia iluminado.

FRAGMENTO (67a): INSTINTO DE SOBREVIVÊNCIA

Como a aranha no centro da teia logo sente quando uma mosca rompe o fio e assim acorre pressurosa para lá, como que temendo pela integridade do fio, assim também a vida humana, ferida alguma parte do corpo, se dirige para lá como se não suportasse a lesão do corpo, ao qual está unida e segundo certa proporção.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Tal como uma aranha no âmago da teia, que se empenha pela sua estabilidade, o nosso organismo também desencadeia dinâmicas para manter a sua sanidade.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Um pensador observa e interpreta o Logos e os acontecimentos que nele se sucedem com crítica, intuição e análise comparativa, como é o caso deste fragmento, onde pela simples observação, Heráclito percebe a semelhança que existe entre as ações características de uma aranha e o mecanismo de defesa existente no organismo humano.

Do mesmo modo que a aranha desenvolve várias atividades para refazer a sua teia, quando ela é rompida por um inseto intruso, o organismo humano, de forma análoga, também desencadeia verdadeiros mecanismos de defesa, de elevada complexidade, para a hígida preservação da vida e da adequada dinâmica do seu vital funcionamento.

Desta forma, por simples intuição e comparação o pensador da antiga Jônia detectou toda a intimidade do mecanismo de coagulação do organismo que é constituído pelas plaquetas, protrombinas e fibrinas que possibilitam o eficaz estancamento do sangramento, assim como as fases futuras de granulação de um possível ferimento.

Podemos juntamente considerar que a ausculta do filósofo tenha abrangido até os mecanismos típicos de defesa, constituídos pelos eficientes glóbulos brancos que desencadeiam o processo de fagocitose das bactérias e de outros microorganismos que também atuam como agentes agressores e, portanto, ao alcançarem o referido ferimento, passam a atuar no sentido de higienizar o local para que a reparação possa ser feita sem prejuízos perenes.

É evidente que Heráclito não possuía uma noção científica deste mecanismo de defesa do organismo humano, entretanto a sua ausculta ao Logos era tão acurada que a sua mente acabava captando estas verdades que somente a nossa ciência mais moderna pode esmiuçar e descrever.

Esta é uma prova de que Heráclito seguia à risca o pensamento do fragmento (18): "se não se espera não se encontra o inesperado, sendo sem caminho de encontro e nem vias de acesso", pois foi assim que ele pode comparar a teia de aranha cujos fios se ligam ao controle central, (a própria aranha), com os "fios simbólicos" que interligam todo o organismo humano à região central, (o cérebro).

Heráclito ainda relata no final deste fragmento: "... assim também a vida humana, ferida alguma parte do corpo, se dirige para lá como se não suportasse a lesão do corpo, ao qual está unida e segundo certa proporção.", sim, o filósofo aqui compara a teia e o comando da aranha aos comandos sutis que existem no corpo humano, como se todo o conjunto orgânico fosse mantido por "fios invisíveis" aos quais a vida em si estaria unida segundo certas proporções, e uma lesão orgânica representaria o perigoso rompimento de alguns destes imprescindíveis "fios invisíveis".

Finalmente as escolas espiritualistas mencionam que um ser humano também mantém a vida de sua alma presa ao corpo com os fios invisíveis que eles denominam de cordão cardíaco ou cordão dourado e cordão frontal ou cordão prateado, verdade esotérica que Heráclito captou em suas auscultas, já que ele também via as almas no Hades, como é possível de se depreender pelo fragmento (98).

FRAGMENTO (68): REMÉDIOS PARA A MENTE

E é por isso que Heráclito chamava de "remédios" tais coisas (a saber, alguns espetáculos e audições indecentes) por trazerem remédio à angústia e liberarem a mente do que traz consigo no crescimento.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Apesar das muitas feições indecentes algumas audições agiam como remédios, porquanto liberavam as várias mentes dos seus óbices, ansiedades e tédios.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Nos mais variados acontecimentos que Heráclito presenciava, muito provavelmente, ele procurava o ensejo para auscultá-los em sua real profundidade, assim, diante de espetáculos, ou ainda como ele mesmo menciona, diante de algumas audições indecentes que, eventualmente, deve ter presenciado, é fácil concluir que ele procuraria extrair a perspectiva de significação mais íntima e profunda.

Antes de classificar as antigas audições apenas como espetáculos indecentes, Heráclito procurou auscultar a intimidade daqueles eventos e detectou-lhes a condição de lenitivo para as mentes que os presenciavam, porque por intermédio daquelas audições, elas poderiam esquecer, ao menos temporariamente, os seus problemas, aqueles que o filósofo cita que a mente "traz consigo no crescimento".

Estes espetáculos e audições indecentes poderiam ser identificados, por exemplo, com a referência pertinente do fragmento (5), onde Heráclito relata: "É em vão que se purificam, aspergindo-se com sangue, como se alguém que tivesse pisado na lama, quisesse lavar-se com lama, e fazem suas preces às imagens como se alguém pudesse falar com as

paredes"; sim, Heráclito vê a inutilidade na tentativa de se purificarem com o sangue de animais no fragmento (5), mas dá o seu respaldo, aqui no presente fragmento, pelo menos a possibilidade de lenitivo para os problemas do cotidiano para aqueles que estivessem participando ou simplesmente assistindo aos polêmicos acontecimentos citados.

Outro espetáculo da época pode ser evidenciado no fragmento (15): "Se não fosse em honra de Dionísio que fazem a procissão e cantam o hino fálico, praticariam algo muito mais monstruoso...", e finalmente ainda poderíamos considerar o fragmento (14) onde Heráclito menciona os errantes noturnos, os magos, os bacantes, as mênades e os mistas, mostrando que não concordava com eles, pois era sem piedade que se iniciavam nos mistérios em voga entre os homens. Fossem quais fossem os espetáculos indecentes que Heráclito tivesse presenciado, ele conseguiu ver neles apenas uma forma de esquecimento momentâneo para os problemas dos homens, entretanto que nada tinha a ver com a sua profunda e auspiciosa ausculta ao Logos.

Desta forma, a postura de Heráclito de Éfeso era fundamentalmente diferente da dos demais gregos, porque enquanto estes, ao participarem das procissões e cantarem os seus hinos fálicos em homenagem a Dionísio ou outra qualquer tal como, por exemplo, em homenagem a Hades, levando a sério aquela crença religiosa arcaica, Heráclito apenas enxergava aqueles acontecimentos como "remédios" para libertarem as mentes dos homens dos problemas e complexos que trazem consigo mesmos no crescimento e no íntimo desenvolvimento de cada personalidade.

A maioria dos homens atrai os seus problemas próprios e característicos, pois estes se filiam à índole de cada um como se pode detectar no fragmento (119): "Disse Heráclito que, para o homem, a sua índole é o seu gênio divino." e vivenciar as situações no dia a dia para a busca das soluções para estes problemas leva às apreensões e às angústias que estas pessoas conseguiriam abrandar quando estavam assistindo às audições existentes, "... por liberarem as mentes do que trazem consigo no crescimento".

FRAGMENTO (69): OS SACRIFÍCIOS

Estabeleço, pois, duas espécies de sacrifícios: 1) O dos homens purificados, tal que ocorre raramente - (segundo disse Heráclito) de um homem só ou ainda de poucos homens fáceis de contar; 2) Os materiais e os corpóreos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Existem duas espécies de sacrifícios:
a dos purificados e ainda idealistas,
cuja conduta se reverte em benefício,
e o outro modo é o dos materialistas.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento (69) se relaciona com o fragmento (29), no qual se lê que os melhores, preferem a glória do eu eterno ao invés das coisas mortais, é evidente, que aqui o filósofo destaca o sacrifício das coisas meramente materiais, em prol daquelas, superiores, pertencentes à glória eterna.

A correlação que se estabelece entre os homens purificados, que associamos àqueles do fragmento (29), ou até mesmo do fragmento (49), é a de que ambos pertencem a uma estirpe tão elevada, que só ocorre raramente, (de um homem só ou ainda de poucos homens fáceis de contar), é evidente que o próprio Heráclito encontra-se inserido nesta especificação, pois como já mencionamos, ele sacrificou as benesses de uma vida cheia de mordomias, para cultivar o amor à sabedoria numa vida solitária como um eremita nas colinas da antiga Jônia, entretanto, graças a este sacrifício, ele nos pode deixar este raro legado cultural perpétuo que caracteriza os seus profundos fragmentos advindos de suas interessantes e inusitadas auscultas ao Logos.

O sacrifício destes idealistas normalmente não é compreendido pela população em geral que, pela cegueira em relação ao discernimento, passa até mesmo a perseguir estes idealistas e isto multiplica sobremaneira o grau de dificuldade do sacrifício original, justamente por isso é que este tipo de sacrifício tem as características que Heráclito citou: “... duas espécies de sacrifícios: O primeiro é o dos homens purificados, tal como ocorre raramente - de um homem só ou ainda de poucos homens fáceis de contar...”, pois os problemas são multiplicados várias vezes porque a população ainda não reconhece neles a bússola ideológica altaneira que estão vislumbrando; nessa espécie de sacrifício poderemos constatar Jesus Cristo, Paulo de Tarso, Estevão, João Evangelista, João Batista, ao lado de tantos outros que se sacrificaram pelo discernimento de toda a população.

A segunda qualidade de sacrifício seria aquela relacionada, por exemplo, às dificuldades que teriam que enfrentar os homens relatados no fragmento (22), pois como está escrito, os homens cavam muita terra e encontram pouco, é claro que cavar muito traduz um sacrifício, mas, está relacionado com os prazeres materialistas, pois o ouro conseguido com esta atividade passaria a significar o poder monetário suficiente para a aquisição destes prazeres na forma de luxo, mordomia, laser e uma vida voltada para se conseguir um futuro sem grandes dificuldades.

O filósofo enaltece o primeiro tipo de sacrifício, para estabelecer o adjetivo qualificativo de purificados aos indivíduos que se enquadram nesta singular classe de elite, visto que este tipo de sacrifício normalmente se reverte em grandes benefícios para todos os seres humanos existentes no Logos. Quanto ao segundo tipo, Heráclito apenas cita a sua existência e ao invés de elaborar qualquer comentário, apenas deixa uma lacuna para simbolizar a sua indiferença com relação a esta modalidade de sacrifício, porque é óbvio que estes sacrifícios materiais poderiam se transformar em benefícios só para aqueles que se predisusessem a cavar bastante a terra para poderem encontrar o cobiçado ouro que, verdadeiramente, não se transformaria em benefícios ideológicos para o bem maior da população de modo geral.

FRAGMENTO (70): AS IDÉIAS DOS HOMENS

(Heráclito diz que as ideias dos homens são) jogos de criança.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Frequentemente, as ideias dos homens, estabelecem a mais íntima semelhança só com as teorias sem grandes ordens, tal como se dá com jogos de crianças.

DEDUÇÃO EM PROSA:

É natural que Heráclito sugerisse a similaridade entre as idéias dos homens e os jogos de criança, justamente devido ao fato de que estes jogos habitualmente são bastante simples e superficiais, tanto na teoria quanto na prática.

Desta maneira, tornou-se bem caracterizado que esta maioria de homens adultos aqui relatada é a mesma maioria infantil mencionada nos fragmentos (2), (22), final do fragmento (29) e que é a mesma multidão do (104).

Heráclito que se preocupava muito com a íntima ausculta ao Logos, como se comprova com o fragmento (1), com bastante perspicácia como recomenda o fragmento (18), mantendo a prudência como sugere o fragmento (47), certamente tinha dificuldades de encontrar denominadores comuns com a superficialidade, a indolência e a ignorância pertinentes à maioria dos homens de seu tempo.

Assim, o estado de espírito habitual do amante da sabedoria era naturalmente de uma demorada ausculta ao Logos, até mesmo quando se tratava das pequenas coisas, fato que o diferenciava bastante dos outros homens.

No fragmento (17), Heráclito deixa entrever que os homens não entendem coisas semelhantes em relação às mesmas coisas e, devido à vasta diferença de interpretação,

passam a ensiná-las sob enfoques diferentes, isto é, segundo a sua própria compreensão. É sem muita dificuldade que podemos comprovar através dos diferentes fragmentos de Heráclito, a superficialidade de imaginação da maioria dos homens, assim, no fragmento (104) ele relata que os homens chegavam ao disparate de se deixarem conduzir na vida por cantores populares e até pela própria multidão.

Habitualmente, com um limiar de discernimento tão rebaixado, passavam a buscar avidamente o ouro do fragmento (22), o qual lhes proporcionaria os prazeres do corpo mencionados no fragmento (4), buscariam, ainda, os bacanais do fragmento (15), para depois procurarem uma suposta purificação aspergindo-se de uma forma inútil com o sangue de rituais como cita o fragmento (5).

Por todas estas evidências citadas em diferentes fragmentos Heráclito sintetiza a sua conceituação sobre a maioria dos homens no presente fragmento, identificando-lhes o fútil discernimento com os jogos de crianças.

As características principais que existem entre os jogos de crianças são a ausência de complicações exageradas ou de profundas sofisticações, assim também a maioria das mentes dos homens acaba se tornando simplória pela falta de entendimento íntimo dos fatos, dos valores e das relações dos homens com a natureza e de uns com os outros.

A postura do filósofo é diferente da maioria das pessoas, deste modo, enquanto é típico dos homens estarem vivendo a vida no Logos visível lutando para conquistarem os seus valores palpáveis da matéria, o pensador direciona as suas potencialidades mentais na determinação de melhor “auscultar” as coerências mais profundas que se prolongam e são mais significativas para o Logos invisível.

É claro que para uma pessoa como Heráclito que até mesmo já entendia que “as almas olfateiam (respiram) sobrevivendo no Hades”, que neste Hades (mundo invisível dos espíritos) ocorrerão as verdadeiras justiça aos homens, a visão e a compreensão dos comportamentos e dos valores levam mesmo a considerar as idéias dos homens em geral tão simplesmente quanto meros jogos de crianças.

FRAGMENTO (71): ESQUECER E RECORDAR

É necessário recordar também "ao que esquece aonde leva o caminho".

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

É essencialmente necessário recordar ao homem que esqueceu um bom caminho, para, ao Logos, não vir a malbaratar evitando um possível destino daninho.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Relembrando as palavras do fragmento (14): "É sem piedade que se iniciam nos mistérios em voga entre os homens", podemos logicamente concluir que a crueldade dos seres humanos iniciados naqueles mistérios despertava a repulsa e a indignação por parte do filósofo e, portanto, ele deixa escrito aqui no presente fragmento que é necessário recordar a quem esqueceu o seu bom caminho.

Esta mesma preocupação em alertar aos homens, pode encontrar sintonia, pelo menos parcial, com o alerta que o pensador faz aos homens no fragmento (18), pois se considerarmos o pensamento que lá se encontra: "Se não se espera não se encontra o inesperado sendo sem caminho de encontro e nem de vias de acesso", vamos perceber que esta também pode ser considerada uma forma de recordar a quem esqueceu o seu caminho, visto que o pensador está recordando aos homens a necessidade de atenção para que os princípios do Logos não passem despercebidos, porque com eles assimilados, o ser humano passa a ter melhores condições de interpretar e de compreender para onde está levando o caminho que ele escolheu percorrer.

O caráter aparentemente duro de Heráclito nem sempre foi muito bem compreendido, ele que não gostava de

injustiças, como podemos ver no fragmento (121), enquanto a maioria dos seres humanos de sua cidade se satisfazia ao praticá-la. A mesma indignação quanto à injustiça Heráclito demonstra ao escrever as verdades do fragmento (28), onde o pensador refere que: "O mais digno de confiança conhece e dá a sua custódia somente ao que lhe parece digno de fé, entretanto, a justiça (a verdadeira), saberá condenar aos artífices e testemunhas de mentiras" no Logos invisível.

Percebemos a expansão deste caráter altruísta de Heráclito quando ele recomenda aos homens que se tornem amantes da sabedoria no fragmento (35), dizia também a estes mesmos seres humanos para não se expressarem como crianças dos genitores, ou seja, superficialmente, tal como constatamos no fragmento (74) e ainda alertava-os sobre os vãos prazeres do corpo deixando sugerido que a verdadeira felicidade deveria ser algo mais sublime do que este tipo de prazer, mostrando que sua alma era iluminada, embora os homens classifiquem seus fragmentos de obscuros.

De novo vamos contar com o valor das citações bíblicas para ver que o nexo real da filosofia de Heráclito encontra sintonia num nível bastante elevado, assim, vamos encontrar em São Mateus capítulo 5, versículo 15: "Não se acende uma candeia para colocá-la sob o alqueire, todavia coloca-se sobre o candeeiro, para que ela ilumine todos os que estão na casa." Vamos ainda encontrar em São Lucas: capítulo 8, versículos 16 e 17: "Não há ninguém que, depois de ter iluminado uma candeia, a cubra com um vaso ou a coloque debaixo da cama; entretanto colocam-na sobre o candeeiro, para que aqueles que entram vejam a sua luz; - porque não deve existir nada em secreto que não deva ser descoberto, nem nada escondido que não deva ser conhecido e que não deva aparecer publicamente. "Recordar a quem esquece aonde leva o caminho" aproxima bastante Heráclito de Éfeso destas máximas bíblicas tão importantes.

Finalmente podemos constatar também o ato de "esquecer", coexistindo com aqui com o seu contrário que é o ato de "recordar" dentro da mesma idéia no fragmento.

FRAGMENTO (72): COERÊNCIA DO LOGOS

Do Logos com que sempre lidam, se afastam e por isso as coisas que encontram, lhes parecem estranhas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

No Logos em que naturalmente habitam,
as pessoas se deixam mesmo confundir,
dos seus veros princípios se afastam,
e bem pouco elas conseguem discernir.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento possui uma estreita relação com o já citado fragmento (18), justamente pela falta de atenção com que os homens se colocam diante dos acontecimentos como aqui ela é mencionada, em associação com a mesma atenção que é recomendada naquele outro fragmento (47), deste modo, uma boa parcela da verdade dos fatos passaria despercebida em decorrência dos indivíduos assumirem um caráter bastante indolente, este, sem dúvidas, lembrando as referências do fragmento (87), onde o filósofo relata que os seres humanos se deixam espantar pelo Logos em tudo que os cerca, se referindo à maneira pouco analítica que eles se permitem viver; as palavras do fragmento (2) vêm dar um respaldo a esta afirmação, onde Heráclito atribui à maioria dos homens um entendimento próprio e particular por se afastar da conjuntura na qual o Logos tem equilíbrio.

É possível ainda encontrar relação entre a idéia que Heráclito aqui apresenta, com aquela que é veiculada no fragmento (104), onde se pode perceber que ao invés de os indivíduos se disporem a compreensão e assimilação das verdades do Logos, eles se deixariam conduzir por cantores populares e até mesmo pela própria multidão inculta e, para piorar, esta multidão era comandada por líderes maus e

injustos como se pode ratificar pelas citações que o filósofo nos deixa no fragmento (121), evidente, pois expulsando o melhor homem da localidade eles poderiam comandá-la sem nenhuma espécie de questionamento para as suas atitudes e decisões, pois não haveria mais um referencial elevado de comparação em que os cidadãos pudessem se basear.

O filósofo termina o fragmento escrevendo: "... E por isso as coisas que encontram lhes parecem estranhas", é claro, que a partir das evidências extraídas dos próprios fragmentos de Heráclito vamos comprovar que os homens viviam e muitos ainda vivem numa faixa bem superficial de discernimento e, desta maneira, as ocorrências e os eventos que acontecem no Logos lhes são às vezes completamente estranhos e quando eles se dignam a interpretá-los o fazem pautados num discernimento tão débil e primário, que mais se assemelham aos jogos das crianças, em consequência da insipiência citada nos fragmentos (95) e (109).

O presente fragmento ainda guarda uma íntima relação de princípios e de coerência com o embasamento das palavras do fragmento (2) onde Heráclito escreve: "Torna-se necessário seguir a conjuntura, entretanto enquanto o Logos vive esta conjuntura, a massa humana vive como se tivesse um entendimento próprio e particular."

O Logos existe vinculado aos fundamentos que obedecem às leis de ação e reação e de causa e efeito, e enquanto ele vive esta relação equitativa a "massa humana" vive sob a égide de uma relação de princípios de aparência que a matéria, ou energia condensada, lhe fornece.

Os homens normalmente não costumam sequer acreditar que existam espíritos e muito menos que possa existir uma verdadeira justiça neste mundo espiritual que Heráclito denominou de Hades, assim, eles passam a viver valorizando as aparências que a matéria lhes fornece e por isso mesmo chegam a cavar "muita" terra para encontrar "pouco" ouro, tanto no que se refere à quantidade quanto à qualidade daquilo que é encontrado, pois normalmente se encontra pouco ouro em cada jornada de trabalho e além de tudo, de verdade, ele é só um metal a mais da natureza.

FRAGMENTO (73): SONAMBULISMO

Não é para falar e agir dormindo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Logicamente não é recomendável falar e ainda agir quando se está sonhando, pois esta situação pode proporcionar diversos males para quem é sonâmbulo.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este é um fragmento um tanto quanto abstrato e torna-se difícil avaliar o que o filósofo queria dizer, mas pode-se considerar que a tão comentada maioria de homens se comportava de modo indolente diante dos acontecimentos do dia a dia, a qual cantava os hinos fálicos tal como está relatado no fragmento (15) e ainda tentaria, depois de suas várias orgias, se purificarem aspergindo-se com sangue de rituais, como se alguém que tivesse pisado na lama quisesse lavar-se com lama, fazendo preces a imagens de ídolos de pedra, como se alguém pudesse falar com as paredes, como se vê descrito no fragmento (5), demonstrando carência de razão em suas vidas, desenvolvendo essas ações quando estavam despertos e criando muitas situações de cunho totalmente pessoal em suas vidas. Assim, o pensador da antiga Jônia considera, com inteligência, que estes homens, por apresentarem um discernimento tão subliminar e por desenvolverem atitudes tão equivocadas no dia a dia, não deveriam falar e ainda agir estando dormindo.

Aqui neste fragmento, provavelmente Heráclito deveria estar se referindo à situação em que os homens se levantam, falam e caminham mesmo estando dormindo, situação que caracteriza o sonambulismo e o filósofo deve ter presenciado e constatado que estas situações acabam

levando particularidades da vida de cada um a pessoas às vezes malignas tais como aquelas que se iniciavam nos mistérios em voga entre os homens, que utilizam até mesmo uma palavra para usarem contra o alheio para auferirem vantagens pessoais, como se pode depreender dos dizeres do fragmento (14), ou ainda, como aquelas pessoas relatadas no fragmento (107) cujos olhos e ouvidos lhes representariam danosas testemunhas em conseqüência de possuírem almas bárbaras e elas passariam a produzir intrigas em benefício próprio por má índole ou por puro capricho.

Logicamente o pensador também se posicionaria contrariamente ao comportamento típico de um sonâmbulo que se põe a falar sem nenhum tipo de censura, limites, ou noção de perigo em relação às pessoas que poderiam estar-lhes ouvindo os relatos, acreditamos que, mais a título de salvaguardar estas pessoas sonâmbulas da maledicência e da exploração que poderia passar a existir a partir da exposição de seus pontos fracos desenvolvidos no dia a dia de suas vidas, com todas as fragilidades consideradas no fragmento (1) onde o filósofo menciona que aos homens ficaria encoberto o que fizessem acordados e se lhes voltaria a encobrir o que eles fizessem durante o sono, deixando, eventualmente, a sorte à mercê de pessoas perversas.

Uma palavra ou uma frase pode ser manipulada de várias formas em mãos inescrupulosas, assim, se uma pessoa disser: “Eu sou forte” ela pode estar se referindo às características da força muscular, mas também pode estar se referindo apenas à força de caráter e personalidade, pode ainda estar se referindo à força moral, pode mesmo estar se referindo à capacidade que os idealistas apresentam para suportarem os sacrifícios como sugere o fragmento (69) em prol da coletividade como um todo, demonstrando uma resignação estoica e pode traduzir a força das palavras que um advogado tem para fazer valer as suas considerações; deste modo, é melhor se acautelar com as palavras, pois elas podem ser amplamente manipuladas de inúmeras maneiras para defender interesses ocultos e muitas vezes bastante constrangedores mesquinhos e mesmo traiçoeiros.

FRAGMENTO (74): INCONVENIÊNCIA INFANTIL

Não convém agir e falar como crianças de seus genitores, isto é, simplesmente, segundo nos hão ensinado.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Não convém agir, nem tão pouco falar, como pequenas crianças dos genitores, e portanto erroneamente se expressar numa completa ingenuidade de valores.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A idéia que Heráclito de Éfeso aqui expõe, está correlacionada à realidade que se expressa no fragmento (2), pois nele o pensador menciona que a massa, isto é, a famigerada maioria dos homens, estaria vivendo como se tivesse entendimento próprio e particular, assim, passaria a vivenciar a busca do ouro citado nos fragmentos (22) e (90), para que também pudesse cultivar os prazeres do corpo mencionados no fragmento (4), desta forma, por tudo isto, os homens em geral passariam a se representar por idéias mal elaboradas, pelo menos superficiais, assim não conviria a quem buscasse uma significação mais profunda do Logos, agir e falar como crianças de seus genitores, como refere Heráclito, pois seguramente se assim o fizessem, estariam se exprimindo bastante superficialmente segundo o que lhes houvesse sido ensinado com valores equivocados.

Heráclito identifica a população como um todo, vivendo em extrema ignorância em relação aos verdadeiros princípios de equilíbrio que caracterizam o Logos, e os genitores da maioria das pessoas estavam incluídos naquela parcela da multidão que se permitiria conduzir até mesmo por cantores populares ou pela própria multidão inculta como relata o fragmento (104), portanto, estes genitores

insipientes obviamente iriam passar para os seus filhos a sua superficialidade de imaginação, carência de discernimento e tosco embotamento como herança intelectual.

Desta forma, os genitores sem se disporem a uma ausculta para um profundo conhecimento do Logos, deixam a sua mente se tornar superficial, estabelecendo uma íntima sintonia com a indolência mencionada no fragmento (87) ou com a ignorância relatada no fragmento (34), para assim, transmitirem estes conhecimentos acanhados, desconexos e muitas vezes equivocados às suas crianças, que por sua vez passariam a falar, como no presente fragmento se pode ver escrito: "... como crianças de seus genitores...".

Heráclito sacrificou todas as mordomias que ele poderia ter em vida, relegando os prazeres da matéria ao esquecimento e vivenciando uma vida solitária de profunda ausculta perseguindo o verdadeiro significado da existência do ser humano no Logos, com todas as suas forças íntimas e isso o diferenciava demais dos genitores comuns de sua época e, no presente fragmento, ele recomenda aos filhos que se diferenciem também para que passem a enxergar além dos precários limites de seus genitores.

Existe uma tendência natural para que as pessoas imitem umas às outras, crianças dos genitores, por exemplo, somente falam a língua de seus genitores por exprimirem este processo de imitação, assim uma criança de três anos de idade pode começar a falar português, não porque ela esteja pensando na origem semântica de cada palavra ou de cada expressão, não porque ela esteja considerando a língua portuguesa mais coerente e bela do que as outras línguas, mas simplesmente porque ela está imitando os pais e as pessoas que estão à sua volta e é exatamente devido ao fato de ser um processo de imitação que o nordestino adquire o sotaque típico do nordeste, que o gaúcho fala com sotaque dos pampas etc. Da mesma maneira que não pensam que expressam simplesmente um fruto de imitação da língua que estão falando, com sotaques, gírias folclores e tradições, também não percebem que estão imitando os valores e o comportamento muitas vezes superficial de seus genitores.

FRAGMENTO (75): O LABOR NO SONO

E os que dormem, também são operários (e cooperam nas obras que ocorrem no Logos).

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Até mesmo aquelas pessoas que dormem
são boas operárias nos ciclos vitais,
e então o gás carbônico elas expõem
para ser usado pelos vários vegetais.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento pode ser interpretado à luz de duas diferentes considerações:

A) Heráclito, como é perfeitamente dedutível, através dos pensamentos expressos em seus fragmentos, acreditava na sobrevivência da alma e podemos tomar como testemunho verídico as citações do fragmento (98), podemos inclusive concluir que ele até mesmo via suas atividades no mundo espiritual por intermédio de clarividência como é perceptível pelas palavras do fragmento (63), no fragmento (26) ele ainda menciona que a alma do adormecido entraria em contato com a alma do morto, e isto só seria possível evidentemente, no Hades (reino dos mortos).

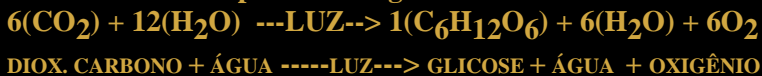
Assim, deduzimos que a alma, no entendimento do filósofo, deva ser operária mesmo ao dormir, tal como advogam os espiritistas e espiritualistas, esta alma poderia, ao dormir, abandonar o seu corpo físico com o seu corpo espiritual que também é denominado de perispírito e nesta situação a alma estaria "livre" do seu corpo de matéria, para poder desenvolver trabalhos que fossem pertinentes ao seu grau espiritual no Hades, e assim estaria colaborando nas obras que ocorrem no Logos.

No fragmento (63) Heráclito cita: “Ante ele que ali está se levantam e despertos se convertem em guardiões de vivos e mortos.” Inicialmente, para que o indivíduo se desperte há a necessidade de que ele estivesse dormindo, então este indivíduo que estava dormindo se despertou, se levantou e depois se tornou guardião de vivos e mortos. Ratificando o que já foi dito, o homem não precisa ter a morte do seu corpo de matéria para trabalhar no Hades ou mundo dos espíritos, assim mesmo dormindo ele pode sair do seu corpo carnal e desempenhar tarefas laborativas pertinentes ao seu grau espiritual, colaborando obviamente nas obras que ocorrem no Logos como um todo.

B) A segunda análise viável para este fragmento só é possível por intermédio de um enfoque dentro da nossa moderna biologia, a qual nos ensina que mesmo dormindo, continuamos a expelir o dióxido de carbono (CO₂), que é utilizado pelos vegetais no intuito de produzirem glicose para o seu sustento e ainda produzirem oxigênio livre para a atmosfera, cujo valor é de vital importância e mesmo imprescindível para todos os seres do planeta.

Mesmo que a pessoa não tenha consciência desta eliminação do dióxido de carbono durante a respiração, o fato é que elas continuam participando diretamente nesta doação molecular para que o equilíbrio atômico atmosférico continue em sua dinâmica natural e também proporcional, pois preserva o conjunto na mesma medida possibilitando a vida tal como a conhecemos no Logos visível (natureza).

Este fenômeno relatado ocorre nos cloroplastos dos vegetais e assim, o CO₂ se liga à água e é catalisado pela energia solar na expressiva reação química que se denomina fotossíntese e se expressa da seguinte maneira:



Assim, podemos concluir que tanto sob o prisma esotérico, quanto sob a luz da ciência, Heráclito encontra respaldo em sua afirmação enigmática e somos forçados a concordar que, até mesmo os que dormem, são realmente operários nas obras que ocorrem no cosmo (Logos).

FRAGMENTO (76): CICLO DOS ELEMENTOS - II

A morte da terra é tornar-se água, a morte da água, tornar-se ar, e a do ar, tornar-se fogo, e vice versa.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Da transformação que se tem na terra,
aparece a água e, dela, aparece o ar,
e este ar ao ser friccionado encerra
o fogo precursor que os fez originar.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O presente fragmento é bastante semelhante aos fragmentos (31), (36), (66) e (90) e demonstra as possíveis conversões dos elementos básicos ressaltados pelo pensador (o fogo, o ar, a água e a terra), que, nas considerações do fragmento aqui analisado, parte do estado sólido que é a terra, em transmutações sucessivas, passando pelo estado líquido (a água), pelo estado gasoso (o ar) e indo até o estado ígneo (o fogo), matriz de todos estes fenômenos.

Na suposta gênese do planeta no Logos a partir do desprendimento de uma gigantesca labareda do núcleo solar, no espaço sideral, que permaneceria orbitando em torno do sol original, em atração gravitacional, após o seu desprendimento, torna-se fácil imaginar que todo aquele globo ígneo passaria a sofrer um processo de resfriamento gradativo, trazendo os elementos da condição ígnea para as condições gasosas, líquidas e sólidas para que eles passassem a caracterizar a natureza com suas dinâmicas específicas do planeta propriamente dito no espaço sideral.

O presente fragmento ressalta as transmutações em sentido contrário ao da aludida gênese, isto é, a partir do elemento sólido ou da terra, passando pelo líquido, gasoso e terminando no elemento ígneo (o fogo), esta situação teórica

teria viabilidade numa suposta condição que poderíamos imaginar se numa viagem hipotética todo o planeta com os seus diferentes elementos se direcionasse de volta para o sol e que, assim, diante da proximidade gradativa do núcleo solar, com a sua elevada temperatura, faria com que os seus elementos planetários fossem se transformando a partir do elemento sólido até se tornarem incandescentes retornando, portanto, para a condição original do elemento fogo que promoveu a gênese inicial do universo.

Heráclito de Éfeso termina este fragmento com a significativa expressão: "... e vice versa", é lógico, esta é a real confirmação de que o pensador admitia esta hipótese teórica, aliás, nem precisaríamos projetar a imaginação tão longe, pois em nosso próprio cenário percebemos que o fogo consegue derreter os elementos sólidos, fazendo-os passarem para o estado líquido, gasoso e ígneo e depois por meio do resfriamento, que também é possível constatar, os elementos se solidificariam passando pelas etapas anteriores que o filósofo sintetiza apenas como: vice e versa.

Somente por intermédio da condensação e da materialização da energia é que o Logos visível adquire as suas características próprias, visto que o dia só pode ser diferenciado da noite se houver algum planeta com a sua matéria condensada a ponto de receber a luz solar de um lado e a sua sombra material possibilitar a noite do outro, da mesma forma só se pode diferenciar o úmido do seco ou ainda a diferenciação do quente e do frio, do completo e do incompleto, do convergente e do divergente, do lixo e do ouro, etc. se acontecer a materialização da energia ígnea fundamental a ponto de se formar a matéria densa.

Assim, esta transformação dos quatro elementos que existem no Logos, presidida pelo elemento ígneo que é o fogo, possibilita o aparecimento dos contrários para que eles possam dar um sentido aparente e uma coerência relativa à vida na matéria para encantar e até iludir os olhos humanos em suas vidas limitadas nesta parcela do Logos visível. Sim, pois "... o todo é um" como menciona o fragmento (50) e a "... visão induz ao erro" como cita o fragmento (46).

FRAGMENTO (77): CICLO DOS ELEMENTOS - III

Para o ar é morte tornar-se úmido e é prazer para ele cair no ciclo vital. Nós vivemos a sua morte e ele vive a nossa.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O ar precisa transformar-se em úmido para entrar no íntimo do ciclo vital, morre gasoso e então aparece líquido, e nós também temos uma morte parcial.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento é evidentemente complementar em relação ao fragmento anterior, aqui Heráclito apenas mostra as transformações acontecendo em sentido contrário ao que é apresentado no fragmento (76), reforçando bem a expressão do final daquele fragmento.

Heráclito aqui apresenta a transformação de um elemento em outro como sendo a "morte" de um estado físico da matéria para "renascer" em outro e ele ainda utiliza uma expressão bastante curiosa em relação ao ar que se tornou úmido: "... é prazer para ele cair no ciclo vital", sim, uma vez que este ar seja convertido em líquido (água), como é o caso de uma gota de orvalho, ele passa a existir num estado físico compatível com a possibilidade de ser ingerido pelos diversos seres que vivem no Logos, passando assim, a fazer parte integrante do ciclo vital, a partir daí, abrem-se possibilidades de associações com uma infinidade de elementos inerentes ao organismo que a tenha ingerido, para que assim possam ocorrer reações químicas e através delas, produtos residuais próprios do metabolismo orgânico.

De maneira sugestiva Heráclito de Éfeso relata: "... nós vivemos a sua morte...", que poderíamos entender

como sendo o ar que respiramos e entra em nossos pulmões para se tornar úmido e oxigenar as hemácias do organismo fazendo com que o sangue venoso se torne arterial e assim nós passamos a viver a sua "morte" em relação ao estado gasoso anterior para assimilá-lo unido ao estado líquido que passará a vigorar dentro do sangue, e depois ainda seria submetido a uma série de transformações químicas no organismo humano até a sua eliminação final na forma de CO₂ para o meio exterior em relação ao organismo.

Enfim, devem-se considerar as últimas palavras do filósofo: "... e ele vive a nossa (morte)", sim, este ar transformado em "úmido" e que caiu no ciclo vital, também de certo modo acaba vivenciando a nossa morte juntamente, pois à medida em que vivemos o nosso dia a dia, passamos a experimentar um envelhecimento paulatino do organismo como um todo onde a vida das células e dos órgãos começa a se esgotar um dia com o passar ininterrupto do tempo, sendo este fato logicamente a nossa "morte parcial" que o citado ar assimilado também passa a vivenciar.

Quando respiramos (inalamos) o ar, ele entra em nossos pulmões na condição de estado gasoso, mas ao entrar nos pulmões e através do fenômeno da hematose ele passa a viver associado às hemácias dentro das veias e artérias sangüíneas já vivenciando a existência de forma compatível ou intimamente associada com o estado líquido.

Consequentemente ele passa a viver a nossa vida relativa juntamente com a nossa morte parcial, visto que estamos vivendo e também estamos morrendo no dia a dia tal como Heráclito demonstra no fragmento (88).

Após a hematose ocorrida nos pulmões o ar passa a viver a nossa "morte", pois estamos vivendo, mas também nós estamos "morrendo" no dia a dia e paralelamente nós também passamos a viver a sua morte, pois vivenciamos a sua primeira "morte" quando ele passou do estado gasoso (ar) para se associar ao estado líquido (sangue) e iremos vivenciar outra "morte" quando ele voltar ao estado gasoso atmosférico fora do organismo, pela expiração.

FRAGMENTO (78): SABEDORIA DIVINA - I

O hábito humano não tem conhecimento verdadeiro, o divino, ao contrário, o tem.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O humano não tem o real conhecimento e, ao contrário, o Deus divino o tem, um ser humano não detecta a contento as verdades que o Logos total contem.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Aqui cabe, novamente, lembrar as palavras do fragmento (1), onde Heráclito ressalta que até mesmo os amantes da sabedoria, em suas íntimas auscultas ao Logos, se mostrariam incapazes ou carentes de experiência para fazê-lo, quanto aos não amantes da sabedoria, isto é, a displicente maioria dos homens, os insipientes, passariam a vivenciar uma harmonia fora da conjuntura do Logos.

Ainda que possa parecer redundante, é assim que o filósofo se expressa e aqui neste fragmento ele coloca do mesmo lado tanto os filósofos com suas auscultas, quanto os não filósofos com suas insipiências, atribuindo-lhes falta de discernimento verdadeiro em contraposição ao ser divino que já vivencia a plenitude total de razão e de emoção.

Os seres humanos não poderiam mesmo possuir um conhecimento verdadeiro já que vivem como se tivessem um entendimento próprio e particular, como menciona o fragmento (2) e além do mais eles tomam como mestres, cantores populares e a própria multidão, ignorando que a maioria é má e a minoria é boa, como descreve o fragmento (104), deste modo o conhecimento verdadeiro poderia, em tese, ser captado pelos homens mais sábios, aqueles que conseguissem uma adequada auscultas ao Logos, mas não,

até mesmo o mais sábio dos homens pareceria um macaco se fosse comparado com Deus, em sabedoria, beleza e tudo o mais, como relata o fragmento (83), ou um menino, como se comprova com as palavras do fragmento (79).

Em nossa concepção, não só damos razão ao filósofo quanto às dimensões deste abismo entre os homens e Deus, mas vamos ainda além, identificando um abismo muito maior do que este mencionado por Heráclito, pois uma inteligência que é capaz de gerar um Logos (universo) de dimensões infinitas com incontáveis galáxias, possuindo cada uma delas, bilhões de sóis em sua estrutura, que por sua vez iluminam uma infinidade de planetas e luas, por todo o cosmo e num simples planeta como o nosso, foi capaz de engendrar os minerais de inúmeras configurações, os vegetais, os animais inseridos em inúmeras espécies e ainda nós, os seres humanos, esta inteligência possui um grau de conhecimento que, incontestavelmente, cava, em relação aos homens, um abismo de amplitude pelo menos igual à que separa um ser humano de uma simples bactéria.

O hábito humano tem a sua apreciação dentro de um conhecimento que nivela a maioria dos homens num patamar de compreensão bastante limitado, desta maneira, eles passam a viver confusos pela aparência transitória das diferentes formas que a energia condensada (matéria) lhes proporciona e então as suas considerações, os seus valores e até as suas bússolas ideológicas passam a ser diretamente proporcionais a esta superficialidade de entendimento em relação às verdadeiras leis que regem o Logos.

Para se viver de acordo com as leis do Logos, que emana diretamente de Deus, em termos de beleza, bondade e justiça como menciona o fragmento (102) é necessário que o ser humano consiga ao menos avaliar e ponderar para poder valorizar tanto o Logos visível quanto o invisível e somente nesta condição de entendimento é que ele poderá ter um hábito humano que expresse o “conhecimento verdadeiro” que Heráclito de Éfeso relata aqui no presente fragmento; ainda assim ele estará num imenso desnível perante a divindade, mas já sem tantos equívocos.

FRAGMENTO (79): SABEDORIA DIVINA - II

O homem é um menino em comparação com o ser divino, assim como um menino em comparação a um homem.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O homem tem semelhança com um menino ao se promover hipotética comparação entre o seu eu e, Deus, o ser divino, pelo elevado desnível de compreensão.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Em várias ocasiões podemos estranhar este modo "sui generis" de se expressar encontrado pelo filósofo e, a bem da verdade, pela maioria dos filósofos pré-socráticos, através de fragmentos curtos, muitas vezes enigmáticos e em outras situações parecendo meras redundâncias de um em relação ao outro; seja por diferenças de enfoques ou ainda pela dificuldade de se mergulhar plenamente na mente do pensador, para captar todas as nuances e conceitos emitidos nos fragmentos, vamos nos limitar em considerar que, da mesma forma como foi citado anteriormente no fragmento (78), Heráclito apenas deixa em evidência o desnível de compreensão entre um homem e a divindade, reportando-se, simbolicamente, à ingenuidade de um em comparação com a plenitude de razão do outro.

No fragmento (83), Heráclito coloca em evidência o abismo de discernimento que há entre a divindade e nós, os seres humanos, referindo que o mais sábio dentre nós chegaria a parecer um macaco em comparação a Deus.

Aqui no presente fragmento, Heráclito ressalta, ainda que, com nuances diferentes, este mesmo abismo, porém estabelece parâmetros diferentes e menciona que o

desnível de compreensão que existe entre um menino e um homem adulto, seria análogo ao que existe entre um homem e Deus, (o único sábio) como já dissemos segundo nossa concepção, acreditamos que o abismo que nos separa de Deus, o criador do universo infinito, é mesmo muito maior do que este que o filósofo imaginou, contudo é bem verdade que o pensador fez questão de deixar bem evidente a pouca diferenciação dos meninos, por exemplo, no fragmento (74), onde ele menciona: "não convém agir e nem falar como crianças de seus genitores, isto é, mais simplesmente, segundo nos não ensinado", empenhando-se, portanto, nesta conceituação apenas para ressaltar a grande diferença de compreensão existente entre ambos.

No fragmento (83), ao invés de um menino ou um homem, Heráclito toma como parâmetro de comparação um macaco, para diferenciar o estágio de ignorância do ser humano com o estágio de sabedoria de Deus, de qualquer forma, constatamos que ele visualizava um imenso desnível de valores e reserva os fragmentos (78), (79) e (83) apenas para ressaltar este gigantesco e desnível.

Um menino pode viver muito despreocupado das responsabilidades que são bem próprias dos adultos, não se preocupa com o sustento da casa, não tem noção criteriosa quanto aos seus compromissos, ele ainda não se preocupa com as atividades profissionais, não tem a responsabilidade de comprar uma casa para morar, pois está morando com os seus pais, enfim, não percebe as dificuldades e os deveres quotidianos da vida e por isso mesmo vive até certo ponto negligente, displicente, indulgente e até insipiente por uma contingência que é própria de sua idade.

O ser humano adulto revela estes mesmos sinais de imaturidade e de irresponsabilidade perante as leis que Deus deixou no Logos, pois estas leis abrangem dois Logos, um visível e um invisível e um homem de poder, na sua ingenuidade de menino, pensa até mesmo que pode ser injusto, posto que ninguém ficaria sabendo de uma possível injustiça que ele engendrasse e então ele se surpreende no Logos invisível como relatam os fragmentos (27) e (28).

FRAGMENTO (80): JUSTIÇA E DISCÓRDIA

É preciso saber que a guerra é comum a todos os seres, e a justiça é discórdia, e todas as coisas se engendram por discórdia e necessidade.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Guerra é algo comum a todos os seres e a justiça se dá pela ação e reação, e então os contrários fazem as vezes da discórdia que causa uma interação.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como foi relatado no fragmento (53), Heráclito considerava a guerra como pai ou ainda como rei de todas as coisas e aqui neste fragmento ele refere que ela é comum a todos os seres e, ao emitir este conceito, o pensador só poderia estar se referindo à "guerra" que simbolicamente existe entre tantos contrários, como poderíamos considerar entre o dia e a noite, ou entre o úmido e o seco, etc.; esta "guerra", e tão somente esta, é comum a todos os seres, ao passo que a outra, que implicaria grosso modo, em uma ou em várias batalhas que teoricamente acontecessem entre os homens, esta modalidade de guerra já não seria comum a todos os seres vivos e sim, logicamente, somente àqueles que participassem destas referidas batalhas.

O pensador ainda menciona aqui, a justiça, como sendo a discórdia e é óbvio que se trata de uma conceituação demasiadamente sintética para a justiça como um todo, entretanto é uma característica do filósofo se expressar de forma sintética. Acreditamos que Heráclito tenha associado a palavra discórdia à justiça justamente porque, para que se possa fazer esta justiça, ou pelo menos reivindicá-la numa determinada circunstância, existe a necessidade de se ter

inicialmente uma "discórdia", tal como se pode depreender pelos dizeres do fragmento (23) e desta maneira passamos a compreender que esta discórdia simplesmente abre o ensejo para a coexistência dos contrários, onde o prudente aparece em discórdia de conduta com o temerário, o insipiente em discórdia de princípios com o amante da sabedoria, ou a indigência em discórdia de valores com a fartura.

Heráclito finaliza este fragmento escrevendo: "... e todas as coisas se engendram por discórdia e necessidade", desta forma, vamos projetar, respaldados pelos comentários anteriores, esta idéia de "discórdia" ou de "guerra", para uma maior abrangência que englobe todos os contrários existentes na natureza, e então, poderíamos concluir que todas as coisas do Logos são engendradas pela necessidade de discórdia e a justiça só seria reivindicada na medida em que surgisse uma discórdia de conduta, de valores ou de princípios entre os homens e até entre objetos.

Curiosamente a justiça "seria praticada", mas "não seria praticada", pois como podemos ler no fragmento (28): "O mais digno de confiança, pois, conhece e dá custódia somente ao que lhe parece digno de fé...", ora, este fato mostra que não existe uma justiça verdadeira sendo feita entre os homens, isto acontecia na época de Heráclito e lamentavelmente ainda acontece em nossos dias o que vem mostrar também uma "guerra" de direitos entre pobres e ricos, pois estes têm condições para contratarem advogados que farão o papel deste "mais digno de confiança" que os protegerão das adversidades, enquanto que pessoas pobres ficarão à mercê das mesmas adversidades sem o apoio do mencionado "mais digno de confiança".

Heráclito conclui o fragmento (28): "... entretanto a justiça saberá condenar aos artífices e testemunhas de mentiras.", e é lógico que esta verdadeira justiça só poderá existir se for praticada dentro da estabilidade do Logos invisível, ou seja, no Hades (reino das almas), pois como ele mesmo menciona no fragmento (27): "Na morte, advêm aos homens, o que não esperam e nem imaginam"; naquele local quaisquer injustiças seriam reequilibradas.

FRAGMENTO (81): DISCURSOS E EMBUSTE

A arte dos discursos usada pelos oradores tem todos os seus princípios dirigidos para este fim (o engano), e de acordo com Heráclito "É a primeira fonte do embuste".

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Uma retórica ou a arte dos discursos, conduz as pessoas para que se ajuste o que é dolo como verdadeiro recurso, assim, é a primeira fonte do embuste.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A arte dos discursos teve oportunidade de ser bastante cultivada na Grécia antiga, visto que era um dos princípios fundamentais da democracia, na qual cada grego podia falar e se expressar, conforme sua capacidade pessoal, em praça pública, gerando desta forma a possibilidade de se destacarem naquela época várias inteligências, por exemplo, as relatadas no fragmento (42): como Arquíloco e Homero, que se destacavam como oradores primorosos, a ponto de se envaidecerem e conseqüentemente despertarem a repulsa nos outros que também cultivavam a sabedoria em vários aspectos como era o caso de Heráclito, tal como podemos abstrair das palavras do fragmento (42).

Heráclito finaliza este fragmento deixando no ar que todos os possíveis argumentos que eram veiculados pelos oradores, acabavam tendo um propósito em comum com aqueles que eram utilizados pelos famosos sofistas da época, os quais se exprimiam de uma maneira empolada, rebuscada e pouco objetiva, mas mesmo assim conseguiam persuadir as outras pessoas de que seus pontos de vista eram sempre corretos, eram por isso mesmo, considerados

os mestres da palavra e eles a tornavam “sofisticada”, pois, a manipulavam da maneira que mais lhes conviesse.

Consequentemente, Heráclito que estava sempre atento em suas auscultas, identificava naquela retórica dos famosos oradores de sua época, uma maneira complicada de conduzir as palavras onde a excessiva elucubração que constitui verdadeiro contorcionismo mental muitas vezes acontecia com o escopo de apenas ocultar o referencial primordial da questão, para dar vazão às superficialidades que muitas vezes até nem representavam mentiras, mas que deslocavam o foco de importância do debate, com o intuito de ludibriar os ouvintes mais incautos e como a maioria dos homens se deixariam conduzir até mesmo pelos cantores populares e tinham como mestre a própria multidão como menciona o fragmento (104), é evidente que se deixariam ludibriar por aqueles oradores que cultivavam a arte dos discursos, principalmente se os oradores fossem discípulos dos aludidos sofistas, por isso Heráclito considerou este cultivo da oratória como sendo a primeira fonte do embuste, pois, obviamente, constatava que estes oradores estavam sempre querendo tirar um proveito particular posterior de seus rebuscados e dissimulados malabarismos mentais.

Heráclito menciona no fragmento (40): “Muita erudição não ensina a ter inteligência...”, sim, e neste fragmento podemos constatar que isto é verdadeiro, porque os indivíduos que estão cultivando a retórica e os sofismas para ludibriar incautos, têm alta erudição e desenvolveram um potencial de cultura que passa, à primeira vista, por inteligência, mas não representa o verdadeiro saber dos filósofos, pois estes se preocupam com a ação e a reação.

Conseguindo ludibriar a população com os seus discursos, estes oradores, como é o caso de muitos políticos, passariam a manipular as situações de acordo com os seus interesses, passariam a subtrair recursos dos cofres públicos depois de se elegerem aos cargos compatíveis com as suas ambições, mas, isto não traduz a verdadeira inteligência, pois se tivessem auscultado ao Logos invisível saberiam que teriam de prestar contas de seus roubos no Hades e que isto poderia lhes surpreender como meros ignorantes.

FRAGMENTO (82): ESCALA EVOLUTIVA - I

O mais belo dos macacos torna-se feio quando comparado à espécie dos homens.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Existe uma típica escala na natureza que se advém do Logos já equilibrado, nela, um macaco não apresenta beleza se ao homem ele vier a ser comparado.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito concebia, na amplitude de seu intelecto, uma escala de grandezas e de valores que ia desde a poeira e cinzas em que se compraziam algumas aves rasteiras até a plenitude de consciência e de justiça em que vive o Deus que é mencionado no fragmento (102).

O pensador, em sua doutrina dos contrários, ressalta que de acordo com a proporção de evolução e de discernimento dos diversos seres, até mesmo as valorizações poderiam adquirir feições contrárias como é o caso dos asnos e dos homens citados no fragmento (9), identificando evidentemente uma diferença de valores de acordo com a diferença de escala evolutiva de um em relação ao outro, assim, os asnos por pertencerem a uma escala evolutiva irracional chegariam até a preferir o lixo ao invés do ouro, somente porque no lixo eles poderiam encontrar alimento, ao passo que o ouro por si só, nada significaria, segundo sua capacidade de apreciação, enquanto que os seres humanos por pertencerem a uma condição racional, já conseguiriam manipulá-lo, para empregá-lo em várias situações.

O filósofo deixa bastante evidente que estava colocando em destaque a diferença dentro da escala de valores que existe no Logos entre as diferentes espécies e

aqui no presente fragmento ele ressalta a diferença de padrão que existe entre a espécie dos macacos e a espécie humana e como o padrão de valores da espécie dos símios é nitidamente inferior à do ser humano, apresentando uma conformação rústica em relação à estética visual, assim, há um prejuízo em relação à conformação das mãos, há uma desproporção de membros, uma textura e uma proporção de pelos existentes na pele muito mais grosseira, uma nítida deficiência na feição e na mímica facial e uma inteligência consideravelmente inferior, desta maneira a desproporção se verifica em todos os aspectos possíveis, devido ao abismo que existe entre uma espécie e a outra.

Se Heráclito ressaltou até mesmo o abismo que existe entre os homens amantes da sabedoria e a maioria de homens ignorantes relatado no fragmento (2), simplesmente pela diferença de postura frente aos mistérios que ocorrem no Logos (natureza), é previsível que ele também colocaria em destaque a diferença de evolução e de padrão estético existente entre os símios e os seres humanos.

A esta carência de valores e de inteligência dos macacos comparativamente aos homens, Heráclito também associa as nossas próprias limitações humanas quando somos comparados com Deus, assim ele cita no fragmento (83): “O mais sábio dos homens parecerá um macaco em comparação com Deus, em sabedoria, beleza e tudo o mais”, sim, pois Deus, diferentemente do homem já alcançou a plenitude de discernimento citada no fragmento (102).

Os homens, pelas suas limitações intelectuais, passam a ignorar os valores próprios de Deus, deste modo, ignoram como foi gerado o Criador dos mundos, ignoram como Ele possibilitou a gênese do universo, de que maneira foram engendrados o sol e as estrelas, etc., e os macacos paralelamente ignoram como pode um homem criar um aparelho de televisão, ou um satélite, ou um automóvel, ou um computador, ou como reter a energia elétrica numa lâmpada, etc. Na época de Heráclito não existiam estes aparelhos, mas com certeza já existia um abismo próximo deste aqui citado, dos homens em relação aos macacos.

FRAGMENTO (83): ESCALA EVOLUTIVA - II

O mais sábio dos homens parecerá um macaco em comparação com Deus, em sabedoria, beleza e tudo o mais.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Mesmo o mais interessante dos homens parecerá apenas um macaco insipiente em saber, em beleza e em outros bens se for equiparado ao Deus onisciente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Emitimos anteriormente uma consideração a respeito de prováveis redundâncias de um fragmento em relação a outro, onde as palavras de um seria apenas a confirmação dos pareceres abordados no outro, com ligeiras variantes, entretanto mais de 2.500 anos nos separam desta obra e paralelamente temos que considerar as dificuldades de tradução e de interpretação de uma língua para outra; assim, levando em consideração a ressalva que acabamos de esboçar, vamos abordar este fragmento sob a óptica que mais nos parece objetiva e aqui novamente o filósofo se prende ao conceito sobre as diferentes escalas evolutivas.

No fragmento anterior verificamos que devido ao fato do macaco pertencer à uma espécie inferior, todas as suas características, quer referentes à estética, quer quanto à funcionalidade dos membros e órgãos ou ainda quanto à sua inteligência e tudo o mais, se encontram num patamar inferior, desta forma, Heráclito em sua auscultação ao Logos identifica este abismo de evolução e de razão que separa a espécie dos símios da espécie humana, como sendo análogo ao abismo que separa o mais sábio dos homens em relação à

divindade, justamente pelo fato de se encontrarem em patamares de compreensão totalmente diferentes.

Um macaco que é representante da espécie dos símios não possui, baseado em sua capacidade intelectual, nenhuma condição de analisar o comportamento de um ser humano, de ponderar sobre aquilo que se está fazendo ou sobre os seus projetos de vida, ou sobre os seus valores morais, estudos, planos, devoção, etc.

O ser humano com o seu potencial intelectual restrito apenas a um planeta de uma única galáxia no universo não conseguirá obter subsídios suficientes para analisar Deus o criador deste universo onde vivemos nem de avaliar-lhe os seus desígnios, potencialidades, sabedoria, senso de justiça, ou de amor por nós e pela sua obra.

A maioria dos homens sequer chega a considerar a amplitude de saber, beleza e tudo o mais que aqui neste fragmento o filósofo atribui à divindade, devido ao grau de indolência que lhes dificulta a capacidade de reflexão mental para detectar a extensão desta diferença entre as limitações do ser humano e a amplitude ilimitada de Deus.

O macaco, em seu dia a dia, e segundo o seu senso crítico, apenas consegue andar, saltar de galho em galho, comer, gritar e fazer as suas necessidades fisiológicas, diferindo sobremaneira de qualquer ser humano.

O macaco não consegue sequer imaginar como o ser humano faz os seus planos, não consegue perceber e entender para imitar o ser humano no ato de fazer o fogo e depois até o ato de aproveitar este fogo para fazer suas refeições, para se aquecer, para derreter metais e para tantas outras atividades a mais.

O ser humano que, por sua vez, já consegue estudar o macaco quanto ao comportamento e quanto à fisiologia e até mesmo quanto aos próprios seres humanos, logicamente apresenta-se num patamar de discernimento comparativamente bastante mais avantajado, entretanto, não entende nada sobre o fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas na gênese do Logos visível e do invisível e somente o único sábio que é Deus pode realmente entendê-lo.

FRAGMENTO (84): TRANSFORMAÇÃO E REPOUSO

Transformando-se repousa.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Transformando-se todo o fogo repousa,
deste modo, a matéria tem sua origem,
transmudam-se todas as várias forças
que as muitas materializações exigem.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O presente fragmento é um dos mais enigmáticos escritos pelo filósofo, entretanto apesar da diversidade de considerações que o mesmo pode pretender atingir podemos esmiuçá-lo da seguinte forma: o fogo é o princípio, a causa de todas as coisas dentro de sua doutrina, uma vez que este fogo encontra-se sob o processo de transformação, isto é, de materialização por intermédio do resfriamento como já foi exposto na gênese teórica de um planeta, existe um processo de estabilização desta matéria (planeta) e desta maneira, se pode dizer que a energia concentrada repousou neste estado específico, embora como o próprio filósofo deixe evidente, que os diferentes elementos que se encontram nesta matéria transformam-se uns nos outros em um sentido e vice-versa, tal como ele sugere no fragmento (76).

Portanto, pode-se imaginar, simbolicamente, que após a transformação deste fogo, um repouso relativo fosse alcançado, já que este repouso não pode ser considerado em termos absolutos, pois, como já foi abordado, o planeta resultante do resfriamento, apresenta os seus elementos num processo de transformações cíclicas, envolvendo um equilíbrio que passa a ser constituído pela dinâmica que caracteriza o ciclo vital planetário no Logos.

O repouso relativo do fogo inicial, passando de sua condição ígnea fundamental para se transformar nos outros elementos existentes e depois se estabilizar nas várias condições subseqüentes, tais como o ar, a água e a terra, naturalmente estaria filiado ao discernimento da divindade mencionada nos fragmentos (86) e (102), que logicamente o ser humano não possui, justamente em consequência do abismo que existe entre ambas as partes consideradas, tal como Heráclito escreve nos fragmentos (78), (79) e (83).

Com o discernimento superlativo que a divindade possui ela manipula as transformações no Logos, pois como cita o fragmento (33): "É lei obedecer à vontade de um só", e assim, mesmo acontecendo todas as várias transformações de uns elementos nos outros no Logos, a verdade é que o conjunto todo apresenta uma grande estabilidade de energia na forma de matéria, que representa a harmonia visível mencionada no fragmento (54) e que embora a harmonia invisível (a do Hades) seja mais estável, ainda assim o Logos global se apresenta equilibrado e estável, para conduzir a transformação do fogo primordial para uma condição de "repouso", exprimindo-se como natureza visível, que é esta energia ígnea condensada e resfriada na qual vivemos.

A vida no planeta terra existe dentro de alguns limites de pressão e de temperatura e o que possibilita esta manutenção estável é a atmosfera terrestre que serve de escudo em relação ao espaço exterior e ainda preserva a temperatura dentro de níveis compatíveis com a vida.

Dentro desta atmosfera se um indivíduo aquece uma estátua de metal ela passa para o estado líquido e depois ele pode fazê-la se solidificar assumindo outra forma qualquer e "transformando-se repousa", esta condição de equilíbrio ígneo existe tanto na natureza em que vive o homem, quanto teve que haver uma harmonia inicial na gênese do Logos por intermédio do fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas tal como relata o fragmento (30) e depois que a sua energia se condensou na forma de matéria se estabilizou como universo visível, pois através de condições que são inerentes à gênese, também este fogo "transformando-se repousa."

FRAGMENTO (84a): FADIGA E ROTINA

Fadiga é trabalhar nas mesmas coisas e obedecer aos mesmos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Fadiga é trabalhar em rude monotonia na execução dos repetitivos serviços, e obedecendo aos mesmos dia após dia, em rotina que se parece com um vício.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O espírito de liberdade de Heráclito era notório e se fazia visível em várias situações, como na ocasião em que se pôs a jogar dados com os meninos, para afrontar aos líderes de Éfeso, por não concordar com a sua maneira de administrar a cidade, pois eles tinham expulsado o cidadão Hermodoro, como menciona o fragmento (121).

Numa outra situação que também evidencia o apreço que ele dava à sua liberdade, como já foi citado, ele recusou a mordomia de viver numa corte de altas regalias, preferindo a condição de eremita, para viver uma vida solitária e rude pelas colinas da antiga Jônia, contudo, era esta vida que lhe permitia a profunda ausculta ao Logos.

É evidente que um cérebro como o de Heráclito necessariamente deveria colocar o dom da liberdade num alto patamar de consideração, já que ela lhe possibilitaria estar sempre auscultando e decifrando os vários mistérios que se sucedessem no Logos, para identificar nele a situação que mais lhe refletisse a sintonia com sua maneira de ser e de viver; assim é até com naturalidade que recebemos os dizeres deste fragmento e concluimos que, seguramente o pensador entraria em fadiga se tivesse que trabalhar em serviços corriqueiros e até repetitivos todos os dias, que

representassem uma espécie de castração à sua capacidade de imaginação e se limitassem a um mecanismo puramente funcional e cotidiano, como constatamos em nossos dias dentro da realidade comercial em que vivemos.

Heráclito complementa o presente fragmento referindo que também seria fadiga obedecer aos mesmos, sim, com seu espírito independente, pesquisador, analítico e fundamentalmente como amante da sabedoria, se limitar a obedecer aos outros homens, ainda mais sabendo que era frívola a mentalidade da maioria destes homens, como se percebe pelas citações do fragmento (104), ser-lhe-ia pior do que uma fadiga, seria seguramente o embotamento, ou o fechamento dos canais intuitivos que lhe caracterizavam a super excitada imaginação e se este fato tivesse acontecido, possivelmente não teríamos nem mesmo a oportunidade de ter conhecido estes seus enigmáticos, todavia maravilhosos fragmentos com a amplitude e a profundidade que lhes são admiravelmente, inerentes e características.

É até dedutível que Heráclito chegasse mesmo a sentir um estado de intensa fadiga ao fazer a sua demorada e abrangente ausculta ao Logos, depreendendo-lhe os seus mecanismos, as leis de causa e efeito, a íntima relação e a conversão dos contrários, “ver” por clarividência as almas no Hades, perscrutar os ígneos mistérios inerentes ao fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas e ainda entender que tudo isto obedecia à vontade de “um único sábio” e que para ele tudo é bom, belo e justo como menciona o fragmento (102).

Entretanto existe algo de diferente neste tipo de fadiga, pois o indivíduo está se fatigando, entretanto está auferindo um amplo discernimento que lhe pode compensar automaticamente qualquer modalidade de cansaço, já que com os frutos de sua ausculta ele entende, por exemplo, que é ignorância cavar muita terra para se conseguir o ouro que na realidade vale muito pouco perante os valores eternos e trabalhar nas mesmas obras e nas mesmas coisas sempre obedecendo aos mesmos, turva o discernimento e acaba representando a pior modalidade de fadiga.

FRAGMENTO (85): DESEJO E ALMA

Lutar contra o desejo é difícil, pois o que quer ele o adquire em detrimento da alma.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Lutar contra o desejo é algo difícil
pois o que ele deseja, ele o adquire,
usando toda a impulsividade possível
sem que em seu eu imortal se inspire.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O pensador, muito antes de ser um amante da sabedoria evidentemente também era um ser humano, e por ser detentor de tal condição, possuía todos os instintos, impulsos, sensações e desejos que a todos e quaisquer seres humanos são próprios, inerentes e característicos.

Ao longo de sua existência, como é perfeitamente dedutível, Heráclito deve ter experimentado sensações das mais variadas proporções entre intuições, reflexões, libido, medo, cólera e aqui neste fragmento, ele coloca em destaque que é bastante difícil lutar contra o desejo pelo seu elo envolvente e que a sua força é tão dominadora, que chega mesmo a ignorar as conveniências ou não para a alma.

O filósofo em sua constante ausculta ao Logos possuía, naturalmente, uma diferença muito expressiva em relação às outras pessoas quanto à sua maneira de ser, e assim, era-lhe difícil uma convivência sem divergências ou atritos com os demais, entretanto, não podemos esquecer que Heráclito sentia atrações e desejos que são pertinentes a todos os seres humanos e assim, ao ser impelido por uma força arrebatadora, por exemplo, a força da libido, quando a mesma se manifestava, que ele viesse a se relacionar mais intimamente com alguma mulher da cidade de Éfeso.

Quando Heráclito relata no presente fragmento que: "lutar contra o desejo é difícil, pois o que quer ele o adquire em detrimento da alma", podemos extrapolar que a sua vontade de viver só, para empreender sua profunda ausculta ao Logos fosse, ao menos de vez em quando, ameaçada pelos "desejos" que aqui ele cita, mas que assim que ele se libertasse do impulso tirânico do desejo e lhe voltasse a luz de razão de filósofo, pretendendo buscar algum tipo de sintonia com a mente da mulher que estivesse ao seu lado, experimentasse um desgosto superlativo, pois a mulher em questão seria apenas mais uma habitante da antiga cidade de Éfeso que, com certeza, se distanciava exageradamente da sua capacidade de imaginação e de investigação e que, conseqüentemente, a sua alma passasse a experimentar grande dissabor, ao confrontar as diferenças de ideais de interpretação da natureza, de aspirações para a vida e tantos outros diferentes aspectos a mais.

Portanto, é dedutível que o pensador passasse a lutar contra o seu "desejo", entretanto que, vez por outras, constatasse que isto é muito difícil.

Outra maneira de se analisar este fragmento é relativamente às pessoas que são casadas, que assumiram um compromisso de fidelidade e, vez por outra, acabam se deparando com algumas situações de atração que desperta a libido e conseqüentemente o desejo e que em muitos casos por falta de autocontrole essas pessoas terminem optando pela satisfação daquele desejo momentâneo, em detrimento de sua alma que assumiu o compromisso moral e altaneiro da fidelidade. Heráclito que permanecia sempre atento em sua ausculta, esperando até mesmo o inesperado como sugere o fragmento (18), também identificava estes casos.

Novamente é possível estabelecer um vínculo entre os fragmentos de Heráclito e as citações bíblicas, pois em várias epístolas de São Paulo e no evangelho de São Mateus o adultério e as fornicções são censurados, num claro convite para que as pessoas controlem os seus desejos para que possam alcançar a plenitude da alma.

FRAGMENTO (86): A FALTA DE FÉ HUMANA

As coisas divinas, para a maioria, segundo Heráclito, escapam ao conhecimento por falta de fé.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

As coisas divinas para a boa maioria escapam de um intuitivo conhecimento, pela falta de fé na divina sabedoria que existe além do espaço e do tempo.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Um homem determinado que saia pela natureza afora, sentindo-lhe a harmonia, vibrando com a dinâmica do rio, auscultando e identificando a estabilidade ecológica que as diferentes espécies de animais desfrutam, sentindo o equilíbrio e a transformação das várias estações sazonais e também a estabilidade dos diferentes astros que existem no cosmo, unido à noção da realidade do inter-relacionamento dos quatro elementos no Logos, chega, sem dúvida alguma, como foi o caso de Heráclito, a imaginar a inteligência ígnea interligando e supervisionando todas as coisas. É evidente que esta visualização deva ser puramente mental e só seja identificada através da observação e da constatação diante de toda a natureza visível e por intermédio da reflexão e da imaginação em relação ao Logos invisível.

Paralelamente como não é possível ao homem ver diretamente a individualidade da "pessoa" de Deus, muitos indivíduos acabam se tornando ateus, agnósticos e céticos, outros, tais como os modernos cientistas contemporâneos advogam a tese do "big-bang" para explicar a origem do universo, como se uma massa inicial tivesse explodido no centro do universo, entretanto, ainda que este fato fosse verdadeiro, ficaria no ar a questão: "Quem colocou aquela

massa inicial no centro do universo, para depois explodir"? Por mais que o ser humano tente negar a existência de Deus, com teses materialistas, sempre restará um questionamento sem resposta para estas teorias; por outro lado eles também repudiam a fé, dizendo que ela por si só é cega, pois, se estaria acreditando num ser que não se está vendo.

Sim, nós particularmente acreditamos em duas modalidades de visão, a visão proporcionada pelos olhos e a visão subjetiva do cérebro, logicamente ninguém viu Deus com a visão dos olhos, entretanto, se nos esforçarmos para "ver" com o cérebro, Deus se tornará "visível" para nós e assim o é, pois, quando nós, com o cérebro, percebemos a existência de um universo que existe inserido nos princípios da lógica, com cada galáxia, constelações, planetas e luas se movendo harmonicamente, obedecendo a princípios físicos e matemáticos, é tal como se o conjunto fosse uma máquina perfeita, e como toda máquina pressupõe a existência prévia de um engenheiro, a fé passa a existir com um embasamento que inquestionavelmente existe dentro da lógica.

Na epístola aos romanos, capítulo 4, versículos de 1 a 15, São Paulo escreve que Abraão foi justificado perante Deus em consequência de sua fé e não em decorrência da tradicional circuncisão, na epístola aos gálatas, capítulo 2, versículos 14 a 17, no discurso que São Paulo fez na igreja de Antióquia ele argumenta que o homem é justificado não pelas obras da antiga lei ultrapassada, todavia sim, por intermédio de sua nobre fé cristã sublimada.

A grande maioria dos estudiosos costuma dividir os diferentes assuntos a serem estudados em tópicos que aparentemente nada tem em comum entre si, assim, aqueles que estudam a religião, só estudam a religião, aqueles que estudam a filosofia só estudam a filosofia e os filósofos e aqueles que estudam a ciência, somente estudam a ciência como se entre um e outro tópico não houvesse nenhum elo ou denominador comum. Não acreditamos nesta hipótese e os assuntos apenas são divididos para se facilitar a didática e apenas porque é muito difícil para um mesmo ser humano estudar e compreender vários tópicos ao mesmo tempo.

FRAGMENTO (87): A INDOLÊNCIA HUMANA

Indolente, o homem se deixa espantar pelo Logos em tudo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O homem, portanto, se deixa espantar pelo Logos vital em tudo que o cerca, muito mal lhe conseguindo visualizar devido à forte indolência que o cega.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O estado de desatenção, de preguiça, de relaxo, de desleixo ou pelo menos de superficialidade em que vivia a maioria dos homens na antiga cidade de Éfeso, contrastava sobremaneira com o cultivo da perspicácia e da atenção de um modo geral, que traduzia a maneira de viver do filósofo e eremita Heráclito, em sua constante ausculta ao Logos.

É dedutível que se Heráclito dissesse a qualquer homem de sua época, que o rio nunca era o mesmo, eles muito provavelmente, na indolência que os caracterizava, se deixariam espantar sem compreenderem exatamente o que ele queria dizer, já que os homens, de uma forma geral, se deixariam espantar mesmo pelas coisas simples da natureza e do seu dia a dia e, assim, por exemplo, seria ainda mais difícil de entenderem o pensador, se ele lhes dissesse: "O contrário em tensão é convergente; da divergência dos contrários a mais bela harmonia e o todo se engendra pelos contrários", tal como está escrito no fragmento (8).

Se Heráclito ainda lhes dissesse: "... o divergente converge consigo mesmo em harmonia de tensões opostas como as do arco e da lira", tal como ele cita no fragmento (51), ou como também poderíamos lembrar das palavras do fragmento (60): "O caminho para cima e para baixo é

um e o mesmo"; sim, em todas estas situações os homens comuns se deixariam espantar já que o discernimento do filósofo nitidamente se expandia bastante além da média dos integrantes da população, pois estes conceitos filosóficos eram fruto de uma demorada ausculta ao Logos de todos os seres que o filósofo empreendeu em sua vida e que eram representantes dos íntimos preceitos existentes na natureza, por ele bem auscultados e adequadamente detectados.

Na realidade, Heráclito nem necessitaria ir tão profundamente em suas teorias para espantar os homens de seu tempo, pois eles se deixaria espantar até mesmo se ele lhes dissesse que "os porcos se comprazem na lama, mais do que na água limpa" tal como ele relata no fragmento (13), enfim, os homens se deixariam espantar, e muitos ainda se deixam, pelo Logos em quase todas as situações, devido à indolência, que representa o embotamento mental em que vive a maioria das pessoas em seu dia a dia e, assim, desde a lama em que vivem os porcos, até as dimensões do infinito, tudo passaria a lhes representar uma oportunidade para se espantarem, em consequência da ampla "cegueira" ou da discrepância em relação ao discernimento.

A principal indolência que leva o homem a se espantar diante dos princípios de causa e efeito pertinentes ao Logos é em relação à ignorância da existência de dois Logos, o visível e o invisível, assim eles se empenham em cavar bastante terra para encontrar pouco ouro tanto em quantidade na matéria quanto em qualidade em relação ao Hades (mundo invisível), pois para a verdadeira harmonia que está no Logos invisível o ouro nada significa.

Além de ignorar a existência do Logos invisível, o Hades, ou reino das almas, a maioria da população também ignora que a sua harmonia é a mais forte e por isso mesmo mais eficaz, como Heráclito escreve no fragmento (54).

Em decorrência da indolência ou da insipiência o homem passa a viver fora da conjuntura do Logos, como Heráclito cita no fragmento (2), e está fadado a se espantar outra vez, pois como ele cita no fragmento (27): "Na morte, advêm aos homens, o que não esperam e nem imaginam.

FRAGMENTO (88): ACÃO DOS CONTRÁRIOS - I

O mesmo é vivo e morto, vivendo-morrendo, a vigília e o sono, o jovem e o velho: pois estes se alterando são aqueles, e aqueles se modificando são estes.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O mesmo homem é morto e ainda é vivo:
a morte e a vida, o sono e a vigília,
o velho e o jovem, são confirmativos
do que vive e morre em seu dia a dia.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Embora Heráclito de Éfeso admitisse a existência dos contrários na natureza como coisas distintas e opostas entre si, é importante ressaltar que, ao mesmo tempo, ele notava a realidade da constante conversão (transformação) de um no outro e vice versa, constituindo um Logos que é fundamentalmente dinâmico e esta conversão comprova que o todo continua sendo um, como cita o fragmento (50).

Aqui no presente fragmento, verificamos que os contrários vivo e morto coexistem no mesmo indivíduo, sim, porque enquanto estamos vivendo o dia a dia é natural que também estejamos morrendo aos poucos, pois o nosso corpo vai envelhecendo e se encaminhando paulatinamente para a morte, o filósofo então se expressa de uma maneira sintética e aparentemente contraditória: "... vivendo-morrendo...".

A vigília e o sono aqui também são destacados e é natural que o indivíduo que esteja dormindo, ao acordar, tenha passado para o outro lado que é a situação contrária, a vigília, sendo que reversamente também voltará a dormir e Heráclito mostra este elo entre o desperto e o adormecido no fragmento (26): "O homem acende a si mesmo uma luz na noite e ao morrer apaga sua vista, vivendo, porém entra em

contato com o morto ao dormir, apagando a sua vista, portanto, o desperto tem contato com o adormecido”.

O pensador destaca ainda aqui, o velho e o jovem como forma de coexistência e, neste caso, podemos imaginar um pouco mais significativamente, considerando que no mesmo indivíduo existem células que são recentes (novas) e outras que já estejam, como acontece no quotidiano, no processo de descamação que há na pele em consequência do envelhecimento, coexistindo assim células jovens com estas outras em processo de degeneração, assim, estão vivendo e morrendo na mesma pessoa ao mesmo tempo.

Outra forma de interpretarmos esta correlação é com a consciência que temos de que o jovem homem um dia se transformará num homem velho e este velho também poderá se converter em jovem, ainda que experimentando os seus processos de transformações que pertencem à outra via de realizações, pois, ao morrer, toda a sua estrutura biológica entra em decomposição, numa fenomenologia que traz todos os seus elementos a condição de retornarem à dinâmica própria do ciclo vital, para que, desta maneira, posteriormente, por intermédio de um novo fenómeno de gestação possam dar origem a outro corpo jovem.

Heráclito de Éfeso que já havia captado, em suas demoradas e profundas auscultas, todas estas verdades, finaliza este fragmento exprimindo-se da forma que lhe é bem característica: "... pois estes se alterando são aqueles e aqueles se modificando são estes”.

Finalmente ainda poderíamos interpretar este fragmento sob a luz da compreensão que temos em relação às nossas concepções, pois na medida em que vivemos no dia a dia, as nossas velhas e errôneas convicções vão morrendo gradativamente também diariamente, então se torna mais fácil de analisar esta realidade se tomarmos um maior espaço de tempo, assim, se compararmos o homem moderno vamos perceber que muitas concepções do homem daquela época já morreram, por exemplo, os deuses do Olimpo e toda a mitologia que era características dos antigos gregos.

FRAGMENTO (89): DESPERTO E ADORMECIDO - III

Disse Heráclito que os despertos têm um mundo único em comum; enquanto os que dormem se voltam para o seu mundo particular.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Os despertos possuem uma razão comum,
e os que dormem têm outra particular,
a primeira está aberta a qualquer um
a segunda é privativa só para sonhar.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Há aqui que se considerarem as palavras deste fragmento sob a lente de dois enfoques diferentes:

A) Como antes já foi descortinado, o pensador Heráclito acreditava não somente na sobrevivência da alma, mas ia além em seus arroubos mentais e atribuía, a elas, até mesmo variadas atividades no reino espiritual (Hades) como podemos depreender do fragmento (63).

É evidente que as atividades neste Hades seriam proporcionais ao seu nível mental (de evolução), onde cada uma possui um grau ou nível específico, suas atividades seriam particulares, isto é, diretamente proporcionais à sua índole e ao seu jeito de ser e assim, o filósofo menciona que os que dormem passam a ter a possibilidade de penetrarem neste mundo que lhes é particular, como é possível de se confirmar também através do fragmento (26), enquanto que os despertos permaneceriam num único mundo comum a todos, que é o Logos visível, ou seja, a matéria que é o substrato da natureza em que vivemos.

Em São Lucas, capítulo 16, versículos 19 a 31 existe uma citação bíblica referente ao rico opulento e o mendigo Lázaro, mostrando que as mordomias e regalias do

rico e as adversidades e carências do mendigo Lázaro se inverteram no mundo dos espíritos e então o rico passou a morar no inferno ou região inferior do mundo das almas e o mendigo Lázaro passou a morar no paraíso, ou região superior do reino das almas, ora se tal fato é verdadeiro então é porque existem regiões, moradias e endereços específicos para se localizar algum espírito.

As escolas espiritualistas revelam uma verdade esotérica na qual os espíritos ao dormir abandonam os seus corpos de matéria e vão para os seus endereços próprios, lugares que lhes guardam afinidades e sintonias particulares e então Heráclito de Éfeso escreve aqui no final do presente fragmento: “... enquanto os que dormem se voltam para o seu mundo particular”, mostrando que em suas misteriosas e surpreendentes auscultas o filósofo já tinha percebido mais esta particularidade do Logos invisível.

B) A outra maneira de considerar este fragmento está embasada nos conhecimentos que temos na moderna psicologia, a qual advoga a tese de que os acontecimentos que se desenrolariam no mundo dos sonhos seriam apenas eclosões de situações que ficariam retidas no subconsciente pela força proibitiva (censura), do superego, entretanto ao dormir, elas viriam à tona para buscar alguma forma de compensação ou mesmo de satisfação e isto realmente, pertence a um mundo totalmente particular do indivíduo, ou seja, a intimidade do seu mundo psíquico.

Seja por um tipo de análise, considerando a vida que envolveria a alma e seus afazeres no Hades (reino dos mortos), onde cada ser passaria a possuir uma vida que correspondesse plenamente ao seu jeito particular de ser e, até mesmo, em relação ao seu grau de merecimento, ou seja, pelas considerações que atribuam todos os episódios em sonho ao subconsciente, ao ego e ao superego, tal como pretende a psicologia, temos que considerar que ambas passariam a caracterizar um mundo totalmente particular de cada indivíduo ao dormir enquanto que os despertos passariam a vivenciar um mundo único em comum que logicamente é o mundo do Logos visível.

FRAGMENTO (90): DINÂMICA DO FOGO - III

Pelo fogo tudo se troca e por tudo, o fogo; como pelo ouro, as mercadorias e pelas mercadorias, o ouro.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Assim, por este fogo, tudo se cambia,
e, por tudo, este fogo, inversamente,
assim como pelo ouro, as mercadorias,
e as mercadorias pelo ouro novamente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O raciocínio deste fragmento já foi analisado sob diferentes aspectos comparativos nas considerações que Heráclito de Éfeso apresentou nos fragmentos: (31), (36), (66) e (76) deste livro anteriormente.

Aqui podemos fazer uma abstração e trazer a imaginação para a compreensão de que o filósofo, em suas observações ao Logos, avaliava os acontecimentos que nele se sucediam e notava que todas as vezes que ele observava o fogo, este a tudo consumia, ou seja, transformava, fazendo com que as formas aparentes retornassem à condição de cinzas (pó da terra), que é, obviamente, um dos elementos fundamentais da natureza considerados em sua doutrina e também havia a fumaça que se misturava ao ar, outro elemento fundamental e subsequentemente este ar iria se condensar, formando nuvens, que acabariam produzindo ainda a água, completando assim as alterações dos quatro elementos fundamentais na natureza.

Heráclito verificava conseqüentemente, que estes três elementos (terra, água e ar), eram obtidos a partir das transformações do elemento inicial, o fogo, como também podemos comprovar através dos dizeres do fragmento (66) e, assim, o filósofo passa a comparar o fogo com o ouro, pois

este ouro, analogamente, poderia ser trocado por qualquer tipo de mercadoria por intermédio da comercialização.

De maneira complementar podemos considerar que o filósofo verificava que o fogo permanecia como que embutido na intimidade dos outros elementos e constatava esta possibilidade quando via, por exemplo, uma pedra bater em outra e produzir faísca, demonstrando que o fogo estava oculto dentro da pedra, "terra"; ele via também no ar, a formação de nuvens que, geravam chuvas e raios em meio a "água" caindo pelo "ar", como se o fogo também estivesse oculto entre estes dois outros elementos.

De maneira análoga, podemos considerar, numa transação comercial, que o ouro representa tanto valor para os comerciantes que a forma principal escolhida para se guardar o lucro obtido de seus trabalhos seja o ouro, pois existem várias aplicações para garantir a valorização do dinheiro, porém, a mais aceita era, e ainda é, o ouro, e por esse motivo ele pode ser trocado por quaisquer mercadorias como se o seu valor estivesse oculto dentro delas.

O ouro é talvez a forma mais antiga de “valor monetário” utilizado pelo homem, é o valor mais almejado nas diferentes transações comerciais e serve de referencial de pagamento de quaisquer mercadorias, por isso mesmo Heráclito o compara com o fogo que é o referencial e o polarizador dos três outros elementos.

Quando se queimam vegetais, pastagens, animais e até mesmo seres humanos os elementos que estavam no estado sólido, líquido e gasoso vão sofrer a combustão e vão virar cinzas (estado sólido) e fumaça (estado gasoso); as cinzas serão absorvidas pela terra e retornarão ao ciclo biológico para a formação de novos vegetais, por intermédio das raízes, para a formação de novos animais e homens por intermédio de novas gestações, onde a fêmea animal e a mulher se alimentam dos subsídios extraídos da terra para formar os novos corpos, mostrando que tudo se troca pelo fogo e ainda por intermédio da fotossíntese que utiliza a luz como manifestação ígnea do sol para se obter e sustentar novamente vegetais, frutos, oxigênio, animais e o homem.

FRAGMENTO (91): O RIO - III

Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Não é possível entrar por duas vezes
Num mesmo rio em que antes se entrou,
pois as águas correram muito velozes,
e então todo o conjunto se modificou.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Podemos imaginar quantas vezes o filósofo, em sua vida de eremita, não deve ter entrado num rio e sentido o volume das águas passar incessantemente em contato com o seu corpo, quantas vezes não deve ter sentido ou visto diferentes peixes numa dinâmica incessante por estas águas, ou ainda corpos estranhos a ele, como por exemplo, troncos flutuando na superfície, cadáveres de animais ou até mesmo humanos, dejetos ou ainda outros objetos que possivelmente possam ter caído na correnteza de suas águas, alterando-lhe assim, as suas características iniciais?

A eventualidade de uma enchente proporcionaria uma mudança ainda mais acerba, não somente quanto ao volume das águas, mas poluindo-as de diferentes maneiras, alterando, assim, também a sua qualidade. O simples fato de caírem gotas de chuva sobre as águas do rio sulcando-lhe a superfície lisa anteriormente formada, já lhe proporciona uma alteração quanto à estética inicial.

Tal como já foi anteriormente comentado, a evaporação destas águas, fenômeno que se dá pelo calor da luz solar, também passaria a determinar uma expressiva modificação de todo o conjunto hídrico do rio, quanto ao seu volume total resultante.

Um pescador que retirasse um peixe das águas deste rio estaria promovendo uma alteração qualitativa e quantitativa de suas características próprias originais.

Em consequência de todos estes acontecimentos ou eventualidades que poderiam acontecer no rio, somado ao volume de água que passava por toda a sua correnteza incessantemente, alterando as condições iniciais, Heráclito, que permanecia vigilante em sua ausculta aos diferentes acontecimentos e modificações do Logos, enuncia: "Não se pode entrar duas vezes no mesmo rio".

A erosão natural do barranco na margem do rio também pode promover algumas alterações que são até mesmo quotidianas, retirando algum material da margem para o fundo do rio, modificando-lhe, por isso mesmo, as suas características hidrográficas incessantemente.

Há também que se avaliem os aspectos mais abrangentes, pois o planeta terra está girando em torno do sol, ambos estão girando em torno da via láctea e todo o conjunto se afastando do centro do universo e ocupando um novo lugar no espaço sideral e levando o rio junto, que passa a ser o mesmo, num lugar totalmente diferente.

Finalmente há que se ponderar sobre o próprio homem que entrou no rio, pois ele continua sendo o mesmo indivíduo, pois tem o mesmo nome, a mesma aparência, a mesma estatura, a mesma idade, a mesma personalidade, entretanto já não é o mesmo que entrou naquele rio, pois a sudorese alterou-lhe o seu volume hídrico e tantas outras alterações a mais como o volume de CO₂ expirado, como necessidades fisiológicas, ferimentos, etc.; assim, é e não é o mesmo homem entrando novamente no rio.

Esta é a terceira e a última análise que Heráclito de Éfeso faz em relação ao rio e podemos perceber um inter-relacionamento complementar entre ambas, ao analisarmos a essência das palavras dos fragmentos (12) e (49a) e, enfim, podemos considerar que muito provavelmente o rio deve ter despertado meditações e reflexões na aguda imaginação do pensador jônico para que ele tivesse reservado a ele três de seus fragmentos, talvez pela similaridade de dinâmica que o rio apresenta em relação ao próprio homem.

FRAGMENTO (92): O DOM DA PROFECIA

A sibila, segundo Heráclito, com sua boca delirante proferindo palavras sem risos, sem adorno e sem perfumes, trespassa com sua voz milhares de anos por virtude de Deus.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A sibila, com sua voz algo delirante, proferindo suas palavras sem adornos, pode prevenir milhares de anos antes: fatos, destinos e também transtornos.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento chega até nós sob a forma de duas diferentes traduções ou interpretações, e uma é esta aqui apresentada que passaremos a analisar:

A) Supondo que esta seja a verdadeira tradução do que Heráclito quis dizer, podemos considerar vários aspectos; assim, é sabido que o filósofo não valorizava os ídolos de pedra a que normalmente se consagravam aquelas tradicionais sacerdotisas da antiguidade, tal como podemos perceber pelo que menciona o fragmento (5).

Já que, como sabemos, os rituais de sangue da época eram realizados na tentativa de se purificarem os pecados com o sangue dos sacrifícios das vítimas imoladas diante dos altares de pedra e quem realizava estes rituais eram as sibilas, ou seja, as sacerdotisas da época; Heráclito conclui o fragmento (5) de maneira irônica: "... e fazem suas preces às imagens como se alguém pudesse falar com as paredes (ou com os ídolos de pedra dos oráculos)".

Aqui o pensador refere que as sibilas proferiam suas palavras com "boca delirante", traduzindo o provável êxtase a que se entregavam, sem risos, sem adornos e sem

perfumes, somente com o sangue das vítimas extraído em prol de uma ilusão que ele satirizou.

Desta maneira, analisando o teor desta tradução, percebemos que Heráclito aceita a possibilidade de que, apesar da excentricidade esotérica que caracterizava o comportamento destas sibilas, a voz trespassaria milhares de anos por virtude ou permissão de Deus, abrindo assim, uma possibilidade de entender que o filósofo aceitava a realidade das profecias, ainda que o mesmo ironizasse a adoração das imagens cultuadas por elas.

O fato de aceitar profecias novamente equipara o discernimento de Heráclito com as verdades bíblicas, que também apresenta vários profetas como Samuel, Isaias, João Batista, João evangelista e outros, o que vem reforçar este paralelo que estamos estabelecendo entre as auscultas ao Logos de Heráclito e as verdades sagradas da Bíblia, pois por mais obscuro que sejam os fragmentos de Heráclito, nós podemos perceber ao menos uma ponta ou um elo de ligação com as verdades bíblicas, as quais também lidam com um lado da vida que para nós ainda é bastante obscuro, também falam de um mundo espiritual que é invisível aos olhos humanos, e também lidam com as curiosas profecias que revelam muito antes, verdades que somente muito depois irão se confirmar, utilizadas portanto, como um veículo de alerta para os homens, como se estivéssemos sendo orientados por aqueles citados guardiões de vivos e de mortos que Heráclito relata no fragmento (63).

B) Na outra tradução que nos é apresentada, se lê apenas: "A sibila, com voz delirante, fala entre caretas..." mostrando um posicionamento bem mais sintético e, pelas lacunas, com margem a muitas interpretações, entretanto que vem corroborar com as sátiras que o filósofo expôs no já mencionado fragmento (5) e onde não se tem nem mesmo a abertura para a possível interpretação de que o pensador aceitava as referidas profecias como hipóteses verdadeiras que poderiam existir no Logos, mesmo em detrimento da adoração de imagens, pois estas sim seriam ilusões por se constituírem de meros ídolos de pedra.

FRAGMENTO (93): A INTUIÇÃO DO SENHOR

O senhor, cujo oráculo está em Delfos, não fala e nem oculta, apenas indica.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O senhor que há no oráculo de Delfos não dá explicação e nem esconde nada, somente indica pela intuição os elos de entendimento da resposta adequada.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O pensamento aqui exposto se relaciona com as palavras dos fragmentos (5) e (92), porque expõe situações relacionadas com as sacerdotisas da época, mencionando os sacrifícios por elas exigidos e executados e toda a ritualística pertinente, podemos associar aqui ao relatado oráculo de Delfos, que constituía o local de preces, oferendas e devoção dos homens da Grécia antiga de um modo geral.

Assim, como já ressaltamos, Heráclito achava absurda a convicção nutrida pelas pessoas daquela época, de fazerem as suas preces às imagens, como ele mesmo cita no fragmento (5). Podemos ainda perceber que ele abre uma paradoxal perspectiva para a viabilidade e a eficiência do dom da profecia que se pode depreender pelas palavras que ele também apresenta no fragmento (92).

No presente fragmento Heráclito descreve que o "Senhor" cujo oráculo está em Delfos não fala e nem oculta, apenas indica; sim, é evidente que não falar e nem ocultar se enquadra nas palavras anteriormente analisadas, onde o filósofo menciona que não é possível falar com as paredes, entretanto no final do fragmento onde ele cita: "... apenas indica", percebemos uma frase que pelo menos deixa, no ar, uma margem à intuição e, assim, este "Senhor" não diria

nada, no entanto, estaria influenciando silenciosamente as pessoas por intermédio da intuição.

O "Senhor" aqui citado, em nosso entendimento, se identifica com o "único sábio" do fragmento (32), ou o "um só" do fragmento (33), ou o Deus dos fragmentos (83) e (102) que poderia influenciar a vida de qualquer homem por intermédio da mencionada intuição, sendo que para os homens bastaria o cultivo da fé, relatada no fragmento (86), ou um amor à sabedoria referido no fragmento (35) para estabelecer, com ele, a sintonia satisfatória e por meio da ausculta ao Logos, detectar-lhe os desígnios.

Podemos ainda considerar o fragmento (16) onde Heráclito menciona que seria impossível ocultar-se do que nunca tem ocaso, assim, se a inteligência ígnea analisada naquele fragmento se encontrasse em quaisquer lugares, evidentemente, estaria no oráculo de Delfos também, mas continuaria sendo verdadeiro que estaria influenciando aos seres humanos apenas pela via da intuição.

Heráclito descreve no fragmento (32): "Um, o único sábio, não se dispõe e se dispõe a ser chamado com o nome de Zeus" sim, isto é verdadeiro pelos comentários expostos no próprio fragmento (32), entretanto se o Criador do universo chega ao ponto de aceitar a ser chamado por um nome mitológico típico da Grécia antiga, sem nenhuma proibição, ao menos aparente, é evidente que Ele também poderia perfeitamente estar presente no oráculo de Delfos, promovendo, na medida do possível e da aceitação dos seres humanos, as suas intuições benígnas, já que os seus filhos, os homens, lá estavam procurando por ele, mesmo sem saber exatamente a quem estavam procurando.

Alguns ainda poderiam perguntar: Mas se Deus estivesse presente no oráculo de Delfos intuindo os homens com os seus fundamentos e com as suas verdades altaneiras, ainda assim eles realizariam os seus sacrifícios grotescos? Bem, seria o mesmo que perguntar: Só porque um professor de matemática conhece profundamente a matéria que está sendo lecionada numa escola, significa que os seus alunos também tenham que ser exímios matemáticos?

FRAGMENTO (94): DIMENSÃO DO SOL - II

O sol não ultrapassará suas medidas, se o fizer as Eríneas, ministras de Dike, saberão encontrá-lo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O sol não poderá passar suas medidas,
assim, as Eríneas, ministras de Dike,
saberão identificá-lo para decididas,
o trazerem a um nível que se permite.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito, em suas meditações no Logos de todos os seres, utilizava principalmente a visão e a audição como cita o fragmento (55), colocando em destaque a visão como enuncia o fragmento (101a). Esta visão que ele preferia, naturalmente, lhe dava os testemunhos de que o sol sempre se mantinha, como se mantém, em suas devidas proporções (dimensões), assim, o pensador captava, via ausculta, que devido ao fato de o Logos vivenciar a sua existência dentro de um equilíbrio já estabelecido refletindo uma harmonia estável, suas proporções não se alterariam.

Consequentemente, ele detectava em sua intuição exacerbada pela ausculta ao Logos, que não seria lógico ou condizente com este equilíbrio já alcançado se um dia o sol promovesse a sua aurora ou ainda o seu crepúsculo tendo, por exemplo, um tamanho dez vezes maior.

Obviamente o filósofo percebe, para que o Logos continuasse a existir, mantendo-se na mesma medida e na mesma razão como cita o fragmento (31), o sol haveria de se manter dentro das mesmas dimensões como aqui neste fragmento é mencionado, mesmo em detrimento da ressalva que o pensador esboçou no fragmento (6) e que foi analisado sob dois aspectos diferentes, entretanto que não chega a

alterar as proporções do Logos de forma a comprometer a dinâmica que viabiliza o seu equilíbrio.

Para que o sol se preserve nas justas medidas, tal como referido, o filósofo lança mão dos símbolos da justiça que existiam na época caracterizados pela deusa da justiça (Dike) e também as Eríneas, que eram as suas ajudantes, para representar por intermédio desta simbologia, uma espécie de autocontrole vivenciado pelo Logos, mas que, evidentemente, tanto esta simbologia da deusa da justiça (Dike), quanto o Logos em si, estariam subvencionados aos ditames do "um só" referido no fragmento (33), que é o mesmo Deus mencionado no fragmento (102) ou ainda o único sábio do fragmento (32), pois todos eles se identificam com a mesma divindade e consciência primordial.

Assim, como para Deus todas as coisas são belas boas e justas, o sol passaria a respeitar as suas justas medidas, pois se ele ficasse maior os seres aqui existentes poderiam se queimar e se ficasse muito pequeno haveria um resfriamento da nossa natureza e a temperatura vigente poderia tornar o ambiente até incompatível com a vida.

Ao manipular “o fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas” na gênese do cosmo, como cita o fragmento (30), Deus que Heráclito menciona no fragmento (102) o fez segundo os seus princípios de coerência e de equilíbrio, assim, o sol, (que é a energia ígnea vinculada diretamente a este fogo eternamente vivo), passa a iluminar os planetas, (energia resfriada do fogo eternamente vivo), segundo diretrizes coordenadas pelo único sábio citado no fragmento (32) para gerar a matéria, pois é lei obedecer à vontade de um só, como cita o fragmento (33), passando assim todo o conjunto formado por sol, terra, os outros planetas e luas a existirem dentro da harmonia já previamente estabelecida.

A deusa da justiça (Dike) apenas é mencionada aqui como um símbolo, pois da mesma maneira que Deus não se importa de ser chamado com o nome de Zeus, também não se importa que a sua justiça e sua harmonia sejam atribuídas a um ser que tenha nome mitológico.

FRAGMENTO (95): A INSIPIÊNCIA - I

A insipiência, pois, é melhor dissimulá-la (mas é difícil se alguém se entrega ao desregramento e ao vinho).

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

É melhor disfarçar a vil insipiência
porém é difícil com um desregramento,
porque o excesso turva a consciência
e a insipiência comanda o pensamento.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento se relaciona intimamente com o fragmento (109) e vários autores do mundo os citam como sendo iguais, contendo exatamente as mesmas palavras como as várias publicações comprovam. Algumas fontes, todavia, apresentam duas versões sobre este fragmento com ligeiras diferenças que vamos considerar e tentar esmiuçar de acordo com a nossa apreciação para a individualização e a adequada diferenciação do mencionado fragmento (109) em comparação com o presente fragmento (95).

O fragmento (95) se fará representar destoando ligeiramente do fragmento (109) e, assim, aqui no presente fragmento, podemos constatar que o pensador atribui a dificuldade de se dissimular uma insipiência ao fato de o ser humano se entregar demasiadamente ao desregramento e ao vinho, vinculando nitidamente este pensamento com o fundamento que é exposto no fragmento (117), onde ele cita que, bêbado, o homem adulto chegaria ao ridículo de se permitir conduzir até mesmo por algumas crianças, em decorrência de um inoportuno rebaixamento do seu grau de discernimento ou de seu nível de consciência.

Diante do desregramento e do vinho a insipiência combatida pelo filósofo ficaria difícil de ser disfarçada e

então emergiria para a tona de uma personalidade fraca e passaria a demonstrar falta de autocontrole, expressando idéias e ideais sem sentido ou desconexos, relativamente à ação motora, rebaixando conseqüentemente, este homem a um patamar inferior até mesmo em relação àqueles que se deixavam conduzir pelos cantores populares ou por toda a multidão, citados no fragmento (104).

Este fragmento (95), portanto, diferentemente do (109), revela uma insipiência vinculada aos desregramentos e fundamentalmente se relaciona aos excessos alcoólicos, representados pela ingestão de vinho, os quais atuariam como agentes nocivos, turvando o raciocínio do indivíduo, expondo-o a uma deficiência de controle de si próprio. Portanto o embotamento mental decorrente da rude ação etílica transforma o homem num ser de alma "úmida", segundo a linguagem própria do filósofo e nesta condição ele passaria a ter dificuldades superlativas para dissimular a inconveniente insipiência, tal como recomenda o filósofo.

No fragmento (117) Heráclito escreve: "Bêbado, o homem adulto é levado até por uma criança impúbere, cambaleante, não vê onde pisa por ter a alma úmida", é claro que um pensador como Heráclito não iria gostar de ter a mesma sensação de um bêbado, pois esta situação leva ao comprometimento e ao embotamento do órgão mais utilizado por um filósofo, o cérebro, rebaixando o limiar de discernimento a um ponto tão baixo que além de tudo ainda poderia até ser conduzido por crianças impúberes.

Heráclito menciona no fragmento (19): "Quem não sabe ouvir, não sabe falar", ora, mas como um bêbado poderia saber ouvir, se justamente o seu discernimento foi rebaixado consideravelmente pelo teor da bebida alcoólica? É bem evidente que o seu nível de consciência deverá estar bastante comprometido e Heráclito recomenda dissimular esta condição de insipiência, entretanto ele adverte que seria bastante difícil ocultar essa torpe condição justamente em consequência do desregramento do comportamento pessoal por causa da "úmida" ação de embriaguez do vinho.

FRAGMENTO (96): VALOR DOS CADÁVERES

Mais do que a excrementos, deve-se jogar fora os cadáveres.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Mais do que a asquerosos excrementos
deve-se desprezar os rudes cadáveres,
visto que almas, nos desprendimentos,
prescindem de corpos mortos no Hades.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Chega a ser muito curioso o fato de analisarmos este fragmento sabendo que ele veio da Grécia antiga, que evidentemente deveria sofrer algum tipo de influência do Egito, já que a cultura egípcia floresceu muito antes e de forma bastante expressiva; assim, é do conhecimento geral que os habitantes daquele Egito antigo despendiam enormes esforços no sentido de preservar o corpo após a morte, na condição de múmia, pois, para eles o corpo era a morada definitiva de uma alma e esta alma ou espírito haveria de reivindicar este mesmo corpo para si novamente algum dia, quando retornasse do Hades, (mundo espiritual).

Heráclito morava do outro lado do mar egeu (no litoral da antiga Jônia), uma distância muito pequena se considerarmos toda a geografia da região e, ainda assim, num local de tanta proximidade com os egípcios, enuncia um conceito contrário ao que era advogado por este povo misterioso que ainda liderava a cultura daquela época e o faz com tanta convicção que menciona que os cadáveres deveriam ser jogados fora mais do que a excrementos.

Heráclito era um pensador autêntico e como tal não se deixaria influenciar pelas credices da época e muito antes de se deixar levar pelas teorias dos egípcios ou de

quaisquer outros povos, ele se dedicava a uma íntima ausculta ao Logos e desta forma ele sentia que, a bem da lógica que ele via reinar no Logos, as almas necessariamente dispensariam os cadáveres para usufruírem de uma vida totalmente independente deles no Hades, (reino espiritual) e, além disso, com perfeição e verdadeira justiça.

Deste modo, podemos constatar que o filósofo, tal como os espiritistas, espiritualistas e esotéricos, acreditava na sobrevivência da alma (espírito), a qual passaria a levar uma vida independente dos corpos físicos no Hades, já que os corpos de matéria pertencem à parcela visível do Logos e que é menos forte como esclarece o fragmento (54).

Desta forma, por pertencerem a esta parcela do Logos que é menos estável (a visível), estes corpos com o tempo se desfariam e os seus íntimos elementos perecíveis se transformariam, para que todo o conjunto retornasse ao ciclo vital próprio da dinâmica da natureza.

Além de se conscientizar da inutilidade destes corpos de matéria para as almas, Heráclito de Éfeso, que era fundamentalmente observador das coisas da natureza, observava que estes mesmos cadáveres, depois de pouco tempo, apodreciam e conseqüentemente eram veículos de doenças como, por exemplo, a peste e por isso mesmo ele recomenda no presente fragmento que se devesse jogá-los fora até mesmo mais do que a excrementos.

Quem sabia previamente, como Heráclito sabia que a harmonia do Logos invisível é mais forte do que a do Logos visível e até mesmo via as almas que olfateiam no Hades, via também no Hades aqueles que se levantam para se tornarem guardiões de vivos e de mortos, é evidente que enxerga a realidade dos seres humanos com uma espécie de poderosa lente a mais, o que lhe possibilita ver aquilo que verdadeiramente tem valor e aquilo que não tem.

Um cérebro que chegava mesmo a perscrutar os mistérios da gênese universal por meio do fogo eternamente vivo, não iria mesmo rebaixar o seu discernimento para acreditar que as almas ainda necessitariam de seus corpos de matéria já mortos para continuarem a existir.

FRAGMENTO (97): REAÇÃO DE ESTRANHEZA

Os cães também ladram para quem não conhecem.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Toscamente os diferentes cães ladram para os homens que eles não conhecem, como as pessoas que também gargalham dos raciocínios que elas desconhecem.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito provavelmente deveria levar uma vida marcada por nuances de ironia, animosidades e rixas com vários pensadores de sua época, como podemos perceber por meio do fragmento (40) onde ele desacata Hesíodo, Pitágoras, Xenófanes e Hecateu ou ainda no fragmento (42), onde ele insulta tanto Homero quanto Arquíloco.

O pensador levava uma vida difícil também com relação aos líderes de Éfeso, que não se constituíam de filósofos na verdadeira acepção da palavra, pois se o fossem teriam que ser amantes da sabedoria e como sabemos os líderes de quaisquer localidades, são pessoas que se impõem pela voz de comando, pelo dinheiro, pela capacidade de articulação e de manipulação pela força de dissimulação e de hipocrisia e até mesmo pela força bruta, não havendo necessidade de serem aqueles que se destacam pela força moral ou por possuírem um intelecto privilegiado.

Heráclito, no entanto, tinha um amor à sabedoria tão intenso que, como já dissemos, chegou a dispensar uma vida abastada que nenhum daqueles líderes rejeitaria.

A ironia e a indiferença de Heráclito já foram mencionadas na ocasião em que ele se põe a jogar dados com os meninos, para afrontar os tais líderes da cidade de

Éfeso pela maneira injusta como governavam; eles por sua vez, preferiram não compreender porque é que um homem adulto se poria a jogar dados com meninos diante de um templo sagrado para eles como era Ártemis, ao invés de procurar se entender com eles, os adultos, e punham se a rir do filósofo, porque na hipocrisia e na superficialidade de suas considerações não conseguiam dar razão ao pensador idealista que rejeitava a autoridade imposta.

Heráclito, jamais desceu do pedestal que erigiu em honra ao seu intelecto de amante da sabedoria e, assim, longe de se deixar impressionar pelo fato de ser apenas um frente a tantos homens, e além do mais eram os líderes de sua cidade, mantinha-se inflexível em sua postura e em sua convicção com tal veemência que podemos correlacionar o presente fragmento à ironia com relação àqueles homens sarcásticos; e quando lemos: "Os cães também ladram para quem eles não conhecem", destacamos a palavra "também" como charge por associação de ideias, onde aqueles homens que riam de Heráclito, por desconhecê-lo, acabavam sendo similares aos cães, aqui mencionados.

Os líderes da cidade, apesar de serem destacados e exaltados perante os demais cidadãos, ainda assim eram apenas homens comuns quando comparados com o cérebro privilegiado de um pensador como Heráclito, eram homens que valorizavam o ouro mencionado no fragmento (22), eram também homens que valorizavam e até participavam das procissões cantando hinos fálicos em homenagem a Dionísio relatado no fragmento (15), ou ainda aqueles descritos no fragmento (5): "É em vão que se purificavam, aspergindo-se como se alguém que tivesse pisado na lama quisesse lavar-se com lama; e fazem as suas preces como se alguém pudesse falar com as paredes".

Tudo isto fazia daqueles líderes apenas homens que viviam fora da conjuntura do Logos, assemelhando-os aos indolentes e aos insipientes e por isso mesmo não iriam jamais compreender por qual relevância o pensamento teria levado um homem a jogar dados com os meninos apenas para afrontá-los ideológica e publicamente.

FRAGMENTO (98): AS ALMAS NO HADES

As almas olfateiam ao baixarem ao Hades (reino dos mortos).

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Os espíritos olfateiam, sobrevivendo,
ao se projetarem no reino dos mortos,
assim no Hades, eles continuam sendo,
as mesmas mentes, sem os seus corpos.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este, dentre os demais fragmentos de Heráclito, é o que o filósofo mais direciona no sentido de dar respaldo à ideia de sobrevivência da alma após a morte do corpo e, deste modo, podemos constatar que ele direciona as poucas palavras da ideia que aqui é veiculada, no sentido de se evidenciar a realidade desta sobrevivência num possível reino espiritual que ele denomina de Hades.

É evidente que se uma alma olfateia após a morte do corpo, então ela o faz dando a revelação de que ainda permanece viva e, desta forma, podemos conjecturar, se ela olfateia, é porque está respirando, a respiração por si só também pode representar um sopro de vida que persistiu nesta alma após a morte do seu corpo de matéria.

A morte do corpo de matéria representa para o filósofo nada mais do que a passagem desta vida de ilusão na matéria, para aquela que, segundo os espiritistas seria a verdadeira, que é a vida no mundo espiritual, ou segundo a linguagem de Heráclito, o Hades, que possui uma harmonia mais estável justamente por pertencer à parcela invisível do Logos tal como menciona o fragmento (54) e nele as almas olfateiam sobrevivendo, depois de abandonarem os seus

corpos mortos para voltarem ao ciclo biológico na parcela menos estável do Logos, que é a visível.

Por intermédio deste fragmento torna-se mais fácil entender porque o filósofo refere no fragmento (25), que as maiores mortes teriam melhores sortes, é que elas passariam a sobreviver num reino invisível pautado por uma coerência mais forte, colhendo teoricamente os frutos benéficos das sementes simbólicas de conduta e de ideal lançadas e cultivadas enquanto elas ainda estavam na vida pertencente ao Logos visível, a matéria.

Para finalizar a análise, podemos complementá-la com as palavras do fragmento (27): "Na morte advêm aos homens aquilo que não esperam e nem imaginam", apenas como mais uma oportunidade de comprovação de que, no entendimento do filósofo, além de sobreviver, a alma ainda teria um destino que, logicamente, teria de ser proporcional aos ideais e principalmente às ações por ela desenvolvidas ainda na matéria, ou seja, no Logos visível.

O fragmento (63) cita: "Ante ele que ali está, se levantam e despertos se convertem em guardiões de vivos e mortos", e neste caso o filósofo só poderia estar se referindo às referidas almas que "se despertam", "olfateiam" e "se levantam" no Hades, para então diante de algum orientador se transformassem em guardiões de vivos e de mortos.

Qualquer um que despertar e se levantar para se tornar guardião de vivos e de mortos, só pode estar no Logos invisível (no Hades), porque se assim não fosse ele poderia se tornar guardião de vivos, porém como ele faria para se tornar um guardião das almas, já que elas são, com exceção dos clarividentes (assim mesmo de modo parcial), invisíveis aos homens que estão vivendo na matéria.

É evidente que uma pessoa que já alcançou um nível de compreensão como este que Heráclito conseguiu, não poderia viver muito bem nem entre os gregos e nem entre quaisquer dos povos da antiguidade, pois até mesmo hoje em dia ele teria dificuldades para encontrar alguma população que estabelecesse uma verdadeira, espontânea e altruística sintonia com as suas verdades assimiladas nesta surpreendente e maravilhosa ausculta ao Logos.

FRAGMENTO (99): UTILIDADE DO SOL - I

Se não houvesse sol, pelo que depende dos outros astros, haveria noite.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Se não existisse o sol, naturalmente,
dependendo somente dos outros astros,
existiria noite, todavia, certamente,
o Logos manteria seus ígneos lastros.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O presente fragmento tanto quanto o (94), põe em destaque o equilíbrio harmônico em que vive o Logos, preservando a sua conjuntura e as dimensões dos astros mencionados, abrangendo o espaço sideral. O sol, como Heráclito já escreveu no fragmento (94), existe dentro de dimensões específicas que são mantidas por uma força maior que ele faz representar simbolicamente pela deusa da justiça (Dike), mantendo-o dentro de limites condizentes com a harmonia que o conjunto todo já adquiriu.

Aqui no fragmento (99), Heráclito tenta imaginar como seria um Logos com todo o conjunto de astros que compõem o firmamento, entretanto sem o sol; ele imagina esta possibilidade esdrúxula e concebe em sua mente que, mesmo assim, o Logos encontraria alguma maneira de se ajustar ante esta nova realidade ainda que fosse necessário estabelecer um novo equilíbrio vivenciado na noite.

Nós entendemos que as estrelas, na realidade são sóis, que iluminam os planetas que orbitam em torno delas, em algum período da sua existência elas acabam como que explodindo, dando origem às estrelas super novas, que seria o resultado visual da explosão em si; seja por este, sejam por quaisquer outros mecanismos que as estrelas, isto é, os

sóis vierem a desaparecer no espaço sideral, será verdadeiro concluir que o conjunto restante do Logos sideral acabará encontrando um novo referencial de equilíbrio para se exprimir e sejam quais forem os planetas que orbitam em torno deste sol que veio a explodir, eles terão que buscar um novo equilíbrio de movimentação e de possibilidades de vida em sua crosta, baseados na nova realidade que passou a se apresentar, haverá evidentemente uma brusca alteração da temperatura vigente, da luminosidade e das condições ideais para a vida existir, mas ainda assim o equilíbrio harmônico do Logos, como um todo, continuará existindo.

O filósofo passava a sua vida mergulhado numa profunda ausculta ao Logos e após meditar profundamente sobre o sol no Logos, ele intuitivamente captou esta verdade que é abordada nos estudos da astronomia contemporânea e conclui, via ausculta, que mesmo deixando de existir o sol, no que dependesse dos outros astros haveria noite, e o Logos continuaria existindo, mesmo sem a vida humana e sob a égide de uma nova dinâmica para a natureza.

O sol é que proporciona o sentido de coerência dos contrários no Logos visível (a matéria), pois é através de sua energia solar que os homens diferenciam o dia e a noite, estando o ambiente com a claridade extraída de sua energia é possível se reconhecer o caminho para cima e o caminho para baixo e por intermédio da dissociação de sua luz nós podemos reconhecer as várias cores do espectro luminoso do vermelho ao violeta, devido ao fato do sol sustentar a vida na matéria é que podemos distinguir o velho do jovem, o convergente do divergente, etc., mas, havendo apenas a noite, as ações que sustentam a vida tal como a conhecemos estariam perdidas e com elas o ciclo vital no planeta.

Mesmo que em algum dia, no desenvolvimento astronômico natural do universo, o sol venha a explodir e conseqüentemente deixar de existir se transformando numa super nova, o Logos representado pelo conjunto global dos astros continuará a existir e os planetas passarão a buscar outro equilíbrio no novo contexto, todavia a verdade é que o cosmo como um todo naturalmente continuará a existir.

FRAGMENTO (100): UTILIDADE DO SOL - II

Limites e revoluções, em que o sol, preposto e vigia, para definir e arbitrar, revelar e fazer aparecer as mudanças e estações, que trazem tudo, como diz Heráclito.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O sol comanda as alterações sazonais viabilizando seus equilíbrios vários, onde características estações anuais harmonizam-se nos íntimos contrários.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O Logos visível em que vivemos, ou a natureza com todas as suas particularidades, as formas de vida que nele existem, tais como os vegetais, os animais, os homens, os rios e todo o mecanismo que sustenta a transformação de todos os diferentes elementos na manutenção do ciclo vital, depende fundamentalmente da energia que é emitida pelo sol ininterruptamente em sua dinâmica própria.

Assim, o pensador escreve: "... revelar e fazer aparecer mudanças...", relativamente a estas mudanças, poderíamos entender como sendo a evaporação da água, a formação de nuvens, as chuvas e toda a gama de alterações que mantêm a dinâmica do ciclo vital no Logos.

O filósofo ainda prossegue: "... e estações que trazem tudo...", sim, as estações trazem a época do plantio, das flores, da colheita, das águas, do frio (inverno), do calor (verão), etc., regendo toda a biologia no ciclo vital do Logos.

As estações ainda apresentam uma característica que realça o equilíbrio na natureza a partir da coexistência dos contrários, assim, o inverno existe como contrário do verão e vice versa, analogamente a primavera existe como contrário do outono e vice versa e ambos ainda intercalados

entre si. As estações estão diretamente subvencionadas à tutela e à força do sol e assim umas vão paulatinamente se transformando nas outras, sob o influxo de sua energia luminosa que preserva a dinâmica de todo o conjunto.

Para complementar a análise deste fragmento vamos nos reportar às palavras do início onde o filósofo escreve: "limites e revoluções, em que o sol, preposto e vigia, para definir e arbitrar...", evidentemente que o sol acaba sendo uma espécie de árbitro ou de regente da dinâmica que passa a existir entre as diferentes estações do ano.

Assim a seiva que dá vida ao vegetal encontra-se encerrada nas raízes dentro do chão, como que para poupar a sua energia, durante o inverno. Esta seiva começa a subir pelo vegetal na primavera, promovendo o fenômeno da floração, atingindo todo o vegetal no verão, época em que o vegetal dá os seus frutos e então ela começa o caminho inverso direcionando-se para as raízes, acontece a queda das folhas no outono, e finalmente a seiva volta a se limitar às raízes do vegetal na estação correspondente ao inverno, todo este fenômeno é, portanto, regido pela energia proveniente do sol, tal como se expressa Heráclito.

O sol define os limites e as revoluções, pois ele é o preposto e o vigia da vida no planeta terra (Logos visível), por intermédio de seus limites e expressivas ações é possível se diferenciar o quente do frio, o úmido do seco, a saúde da doença, o desperto do adormecido, etc.; tornando-se ele assim o preposto, que doa a vida por meio de sua energia, e o vigia da própria vida na natureza visível.

O filósofo de Éfeso termina o presente fragmento escrevendo: "... revelar e fazer as mudanças e estações, que trazem tudo, como diz Heráclito", sim, é a energia solar que demonstra o vínculo de coerência entre os contrários, é esta mesma energia que promove e sustenta as modificações existentes no habitat natural de cada espécie de seres e também induz às mudanças de estações sazonais, cujo mecanismo traz os alimentos para sustentarem todas as formas de vida em constante interação.

FRAGMENTO (101): A BUSCA INTERIOR

Eu me busco a mim mesmo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Naturalmente eu me busco a mim mesmo,
inserido neste Logos bem equilibrado,
e, se um homem não foi gerado a esmo,
seus fundamentos me serão inspirados.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A própria condição de vida de Heráclito lhe proporcionava ensejos para auscultar-se a si mesmo, pois levava como já dissemos a singular condição de eremita e é compreensível que um amante da sabedoria bem antes de auscultar ao Logos global deva auscultar-se a si mesmo em primeiro lugar para identificar melhor o elo entre o seu eu interior e a natureza em que está vivendo.

Desta forma, buscando-se a si mesmo, Heráclito chegava à conclusão de que os órgãos do sentido que mais possibilitavam uma adequada compreensão dos diferentes acontecimentos que se desenrolavam no Logos, era a sua visão e a sua audição e é lógico, buscando esta compreensão em si mesmo podia estender estes valores para os outros homens de uma forma algo genérica e abrangente.

Buscando-se a si mesmo o filósofo ainda percebeu a relação de maior valor para a visão, quando comparada à audição, ele imaginou ainda de maneira enigmática uma transposição de todo o Logos para a condição de fumaça, para que assim um órgão do sentido que ele, nesta busca de si mesmo, deixou subentendido que apresentava um valor secundário, pudesse hipoteticamente ser imprescindível.

Finalmente, esta busca de si mesmo, o levou a valorizar o cultivo à sabedoria, que se pode verificar através dos fragmentos (35), (41) e (112), que o levou à consciência de que todos os eventos e verdades apreendidos no Logos eram fixados em sua mente, assim, os acontecimentos que transcorriam à sua volta proporcionavam-lhe uma maior amplitude de discernimento, já que ele permanecia sempre atento até mesmo ao inesperado como cita o fragmento (18). O pensador deve ter cultivado este princípio com tanta intensidade, tanto esmero e atenção que naturalmente o levou a esboçar o fragmento (113): "Pensar reúne tudo", identificando, possivelmente nesta inusitada realidade, a própria semelhança com a inteligência ígnea que engendrou o Logos, já que nesta inteligência tudo se reúne e ela, por isso mesmo, desconhece o ocaso neste Logos infinito, como está analisado no fragmento (16); desta maneira, qualquer ser humano buscando-se a si mesmo poderá identificar a semelhança que guardamos com esta inteligência ígnea que é Deus, a sintonia e a busca do equilíbrio com o Logos, pois se o homem teve a sua origem em Deus, deve guardar, ao menos, ocultas similaridades com o seu ser.

Se Heráclito tomasse como melhor referencial de discernimento não a si mesmo, mas às pessoas de Éfeso, talvez ele também começasse a participar das procissões antigas cantando hinos fálicos em homenagem a Dionísio, quem sabe se ele também não passaria a “se purificar, aspergindo-se com o sangue, como se alguém que tivesse pisado na lama, quisesse lavar-se com lama...” como cita o fragmento (5), muito provavelmente ele também adotaria o comportamento dos líderes de Éfeso para banir os melhores da cidade como fizeram com o cidadão Hermodoro e tantas outras aberrações de comportamento a mais.

Heráclito só poderia auscultar-se a si mesmo, para deixar estes fragmentos tão ricos, aliás, em meditação é até conveniente fechar os olhos do corpo material para que o espírito possa “ver” melhor com a “visão espiritual”.

O Cristo também em determinada ocasião isolou-se para poder auscultar-se a si mesmo e ficou jejuando por quarenta dias e quarenta noites no deserto.

FRAGMENTO (101a): VISÃO E AUDIÇÃO - II

Com efeito, os olhos são testemunhas mais preciosas do que os ouvidos.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Sem dúvidas os olhos são testemunhas mais preciosas do que são os ouvidos, a visão identifica imagens uma a uma e a audição avalia apenas pelo ruído.

DEDUÇÃO EM PROSA:

A meta de vida escolhida pelo filósofo o fazia evidentemente caminhar exaustivamente pelas colinas da antiga Jônia, procurando alguma chave que lhe permitisse abrir as portas do discernimento para um determinado fenômeno, ou simplesmente analisar com mais propriedade qualquer acontecimento que tivesse lugar na natureza.

As “chaves” da audição e da visão abriam-lhe as “portas” da imaginação para que seu cérebro pudesse compreender vários acontecimentos do Logos à sua volta; assim, a audição com certeza lhe proporcionava ensejo a várias possibilidades de reflexão, mas devemos colocar o dom da visão num nível de destaque mais relevante do que a audição como podemos ler aqui no fragmento (101a).

A visão, naturalmente, fornece subsídios mais fortes e impressionantes à imaginação do que a audição, desta forma, a lama em que vivem os porcos, é mais bem interpretada pela consciência quando se a observa e não quando se a escuta; a visão também é muito mais útil do que a audição para se interpretar toda a gama dos diferentes seres mencionados no fragmento (11): "Todos os animais, tanto os selvagens como os domésticos, os que vivem no ar, tanto sobre a terra, quanto dentro d'água, nascem e chegam

à maturidade obedecendo aos decretos de Deus, (tudo, pois, que rasteja partilha da mesma terra)", assim, a visão destes seres proporciona muito mais detalhes ao cérebro do que simplesmente ouvi-los; vale também, evidentemente, este mesmo princípio para os minerais, os vegetais, os homens e para a própria natureza de forma mais abrangente.

Finalmente, poderíamos destacar a superioridade da visão em relação à audição no que se refere à observação dos astros, aos quais Heráclito via e procurava tirar as suas nuances de interpretação como podemos verificar por meio dos fragmentos (3), (6), (94), (99), (100) e (120); seria muito estranho e poderia se considerar como sendo patético se ao invés de tentar interpretá-los através da visão, o filósofo se dispusesse a ouvi-los, já que o som de suas dinâmicas no espaço sideral nos é completamente imperceptível.

Assim, por toda esta vasta gama de ponderações, Heráclito de Éfeso conclui em suas meditações e ausculta ao Logos: "Os olhos são testemunhas mais preciosas do que são os ouvidos", esta é uma máxima heraclítica que o tempo só veio ratificar como verdadeira, mesmo para os homens que não são predominantemente amantes da sabedoria.

O verdadeiro pensador deve preferir os atributos da visão, mas sem se deixar ludibriar pelas aparências e diferenciações no dia a dia, pois como Heráclito relata no fragmento (106): "... a natureza de cada dia é uma só"; não deve também se deixar enganar pelas aparências ao utilizar o dom da visão naquilo que se está vendo durante o dia e durante a noite, pois como ele menciona no fragmento (57): "... sequer distinguia dia e noite, pois são uma coisa só" e Heráclito ainda nos deixa uma advertência escrevendo no fragmento (46): "... a visão induz ao erro".

A visão num nível mais elevado ainda pode se manifestar como clarividência e o amante da sabedoria passa a ver aquilo que se encontra no Hades (mundo dos espíritos) e isto é bastante útil, pois ao perceber que a vida continua do outro lado o amante da sabedoria passa a se conduzir no Logos com prudência para não se comprometer perante a lei de ação e reação com deslizos de injustiça.

FRAGMENTO (102): SABEDORIA DIVINA - III

Para Deus todas as coisas são belas, boas e justas; os homens, porém, consideram umas injustas e outras justas.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

As coisas da natureza são, para Deus, bastante belas, boas e também justas, mas aquele que ao Logos não entendeu enxerga umas justas, outras injustas.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Deus, segundo Heráclito de Éfeso, pode e deve estar vinculado àquele fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas no processo de formação do Logos, como se vê relatado no fragmento (30), assim este fogo começa a sofrer transformações para dar origem à matéria como é exposto no fragmento (31), esta matéria passa a apresentar um ciclo de conversões de seus elementos como citam os fragmentos (36) e (76), desta maneira, surge a natureza propriamente dita com todos os animais que lhe são característicos, como se vê escrito no fragmento (11), portanto o Logos passa a existir numa conjuntura real com princípios e leis definidas, mostrando-nos que, realmente, todas as coisas são belas e boas, mas os homens sempre se mostram incapazes de compreender seus íntimos mecanismos, como se lê no fragmento (1).

Assim, o Logos se expande pelo espaço sideral, constituindo o universo e ele adquire proporções infinitas, como é possível de se confirmar através do fragmento (45): os homens então passam a se desenvolver neste Logos, na parcela visível, estabelecendo mecanismos de ação e reação que proporcionam o aparecimento de diferenças entre eles,

assim, surgem os ignorantes do fragmento (34), os amantes da sabedoria do fragmento (35), os bêbados do fragmento (117), os sóbrios do fragmento (118), etc., num convívio quotidiano que faz surgir a discórdia citada no fragmento (80) e as aparentes possibilidades de justiça e injustiça, segundo a avaliação e a compreensão dos homens.

Deus, citado aqui neste fragmento, está acima destas supostas possibilidades de justicas ou injusticas, cometidas pelos homens na matéria (Logos visível), já que ele reserva para o Hades (reino dos mortos), mecanismos invisíveis para nós, para reparar as possíveis situações de injustiças como se lê no fragmento (27): "Na morte advêm aos homens o que não esperam e nem imaginam", ou ainda com o fragmento (28): "... entretanto a justiça (a verdadeira que existe no Hades ou mundo espiritual) saberá condenar aos artífices e testemunhas de mentiras".

Assim, enquanto Deus enxerga tudo equilibrado em sua onividência e onisciência, os homens enxergam tudo turvo, caótico e distorcido pela miragem da matéria.

Até mesmo o fato de haver homens que fazem suas procissões e cantam hinos fálicos a Dionísio, ou que se purificam, aspergindo-se com sangue, como se alguém que tivesse pisado na lama, quisesse lavar-se com lama, fazendo suas preces às imagens como se alguém pudesse falar com as paredes, é belo, bom e justo para Deus, porque ao menos serve de momentâneo lenitivo coletivo e Ele vê tudo numa amplitude muito maior do que a nossa capacidade de visão.

É até mesmo dedutível que este estado acanhado de discernimento em que os homens se encontram deveria ser questionado por outros homens que tivessem um nível de percepção maior como era o caso do próprio Heráclito que observava aquelas incoerências e demonstrações de insipiência da população e deixava escrita a sua indignação nos fragmentos como no caso do fragmento (104) e passaria a querer recordar ao que esquece aonde leva o caminho como ele cita no fragmento (71), buscando um reequilíbrio para todos no Logos visível para conseqüentemente também alcançá-lo pela lei de ação e reação no Logos invisível.

FRAGMENTO (103): PRINCÍPIO E FIM

Princípio e fim se reúnem na circunferência do círculo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O princípio e também o fim se reúnem na circunferência que há num círculo, os opostos relativos então se fundem na reciprocidade que gera um vínculo.

DEDUÇÃO EM PROSA:

É perfeitamente nítida em toda a doutrina do filósofo a importância que ele dispensa à coexistência dos contrários se interagindo numa mesma ação, justamente porque ele imaginava que o mecanismo, a maneira de se manter e promover a existência do Logos seria através da coerência do inter-relacionamento entre estes contrários, o que possibilitaria a dinâmica em que ele vive.

Assim, faz parte desta mencionada dinâmica do Logos o fato de o dia se transformar em noite, do sono se transformar em vigília, da doença se transformar em saúde, do vazio se transformar em cheio, de um dia o inverno se transformar em verão, ou, ainda, o mecanismo contrário; estas modificações de uns nos outros, faz com que a vida seja como nós a conhecemos neste Logos de transições.

Aqui neste fragmento ele coloca em evidência a coexistência de um princípio com o fim, a se reunirem na circunferência do círculo; sim, mas para que eles possam se reunir é necessário que haja uma ação, que pode mesmo refletir a dinâmica em que vive o Logos, identificando-o com o universo tal como o conhecemos, com a cinética que lhe é própria. Neste caso haveria necessidade de que um ponto se deslocasse do seu local de origem (princípio) e se

afastasse descrevendo uma circunferência, para que desta forma, ao concluir todo o traçado, determinasse o fim da ação e os contrários pudessem se "fundir".

Podemos constatar também, neste caso específico, um determinado elo interligando os contrários, que aqui estaria representado pela dinâmica da ação do traçado até fazer com que o princípio pudesse se fundir com o fim.

A análise aqui apresentada proporciona uma possibilidade de correlação com a teoria que o pensador advoga no fragmento (51), "... o divergente converge consigo mesmo, harmonia de tensões opostas como as do arco e da lira"; assim, seguindo essa mesma linha de raciocínio, ao iniciar a sua ação, o ponto se tornaria divergente em relação à sua origem e ao se encerrar esta sua movimentação na circunferência, estaria evidentemente, convergindo consigo mesmo, isto é, encerrando a sua dinâmica onde iniciou; é claramente uma harmonia de tensões opostas, como este fragmento (103) também está revelando.

O fragmento (8) relata: "O contrário em tensão é convergente, da divergência dos contrários a mais bela harmonia e o todo se engendra pelos contrários"; tomando-se o princípio e o fim no início da ação, podemos considerar que eles se encontram num estado de tensão simbólica numa existência que converge e interage no mesmo local.

Na medida em que um ponto parte do início da circunferência, abandonando o local de origem, pode-se dizer que os contrários que estavam em tensão inicialmente convergentes entre si formando um mesmo ponto agora se tornaram divergentes um em relação ao outro.

Esta divergência dos contrários, princípio e fim, proporciona a mais bela harmonia, pois a circunferência do círculo está sendo formada em consequência dos pontos se divergirem no início para depois se convergirem no final.

Heráclito demonstra mais uma vez que o elo de coerência do Logos está filiado a esta íntima relação entre os contrários que parte de uma convergência inicial, expande-se por intermédio de uma divergência intermediária e volta para a convergência final, pois o todo é um.

FRAGMENTO (104): SENTIMENTO E RAZÃO

Qual é, pois, a razão e o sentimento deles? Creem em cantores populares e utilizam como mestre a multidão sem saber que a maioria é má e a minoria é boa.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Qual pode ser o sentimento e a razão daqueles que se guiam pelos cantores, e utilizam como um mestre a multidão já que a maioria possui maus valores?

DEDUÇÃO EM PROSA:

É claro que fazia parte da auscultação ao Logos, por parte do filósofo, analisar os homens para identificar-lhes as aspirações, e as escolhas que faziam para o seu dia a dia ou qual espécie de norte magnético simbólico lhes polarizaria as atenções e as escolhas, enfim, todos os matizes pertinentes às diferenças de personalidades dentro do contexto humano por ele analisado em suas magistrais auscultações.

É compreensível que, no Logos de todos os seres, seja o homem o que mais promova alterações significativas no meio ambiente, de acordo com o somatório de todos os princípios, virtudes e crenças que tenha cultivado ao longo de sua vida, visto que cada ser humano apresenta estas particularidades com intensidades totalmente diferentes e isto, logicamente, vai determinar variações com relação aos seus pensamentos e às suas diferentes atividades no Logos e com mudanças significativas no conjunto.

Assim, Heráclito que auscultava a natureza para detectar-lhe os íntimos mecanismos que lhe sustentava a existência, não podia ficar indiferente aos demais homens, pois eles são os que mais determinam alterações de acordo com o seu livre arbítrio, então ele passava à tentativa de

sintonia com a maneira coletiva de pensar e percebia que a maioria dos homens vivia de maneira totalmente superficial, indolente e insipiente, deixando-se conduzir por cantores populares que, se por um lado possuíam o valor do cultivo das canções, por outro, não necessariamente possuíam o cultivo à sabedoria que lhes credenciasse para se elevarem à condição de polos ou de referências mentais para poderem influenciar altruisticamente as outras mentes.

Heráclito, portanto, lhes questionava a razão e também o sentimento, já que a razão, quando mal cultivada e orientada, fere nocivamente o sentimento e o sentimento, quando mal orientado degenera drasticamente a razão.

O filósofo finaliza este fragmento lembrando que estas pessoas (a maioria), acabam utilizando como mestre a própria multidão, isto é, uns aos outros, compreendendo e assimilando, assim, as ideias análogas aos jogos de crianças como relata o fragmento (70), ou passando a se expressarem na superficialidade de considerações das crianças de seus genitores como menciona o fragmento (74).

Se as pessoas da época resolvessem considerar o pensador Heráclito como um mestre a ser seguido, elas necessariamente também teriam que fazer mudanças muito profundas no seu jeito de ser, nas ideias e nos ideais a serem cultivados, na capacidade de meditação ou de ausculta ao Logos, no modo de encarar as procissões da antiguidade, na apreciação dos sacrifícios e rituais, na forma de encarar o valor do ouro apenas como um metal a mais etc.

Para tomar Heráclito como mestre a população simplesmente teria que deixar de ser tal como era para ser e ter valores totalmente opostos, mas como a mudança de valores e de princípios não se faz da noite para o dia e as vezes nem de um milênio para o outro. É evidente que a população continuou a cultivar os seus valores pautados nas palavras do fragmento (70): “Heráclito diz que as ideias dos homens são jogos de criança”; assim, eles levavam uma vida gregária, mas com uma superficialidade de princípios que fazia com que mesmo na vida de eremita de Heráclito não lhe deixasse uma grande sensação de perda.

FRAGMENTO (105): EQUÍVOCO DE HOMERO - II

Heráclito intitula Homero de astrólogo, assim como no lugar em que o poeta diz: "Nego que ao destino logre escapar algum dos homens".

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Heráclito diz que Homero é astrólogo quando este diz: nego que ao destino logre escapar algum dos homens; logo: o livre arbítrio é algo mais genuíno.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como já deixamos sugerido, acreditamos que Heráclito devesse ter algum tipo de embate mental com relação às ideias de Homero tal como podemos perceber por intermédio dos fragmentos (42), (56) e também por meio das palavras do presente fragmento (105).

Homero pertencia àquela classe de homens que acreditava no capricho dos deuses, acreditava, igualmente, como é possível de se deduzir, que a partir do instante em que um ser humano tivesse o seu destino traçado por estes fictícios deuses, ser-lhe-ia impossível safar-se ou promover algum tipo de estratégia para ludibriar a sua "sorte", que segundo esta consideração, já teria sido antecipadamente estabelecida por aqueles seres mitológicos do olimpo.

Heráclito de Éfeso, no entanto, era um pensador mais rebuscado e não acreditava em capricho de deuses, isto é, não acreditava nem mesmo na existência deles, acreditava sim, num único Deus que fez o Logos (universo) infinito, que podemos considerar como sendo o mesmo Logos que teria limites impossíveis de serem encontrados como menciona o fragmento (45), para ser deixado como uma espécie de dádiva para os homens, assim, pelas próprias dimensões

deste Logos, os homens teriam que se desenvolverem por meio do amor à sabedoria, da ausculta aos princípios do Logos e da busca ao conhecimento de si mesmos.

Lembra a existência de um destino quando Deus coloca o homem para viver dentro de um cenário no Logos, mas quando ele começa a viver neste cenário as leis de ação e reação sempre estarão filiadas ao seu livre arbítrio.

Desta forma, torna-se bem compreensível porque Heráclito satiriza Homero, chamando-o de astrólogo, sim, porque enquanto Homero coloca o destino acima do livre arbítrio do ser humano, vinculando-o aos seus desígnios e até aos caprichos dos deuses da época, Heráclito, por meio de seus enigmáticos fragmentos, advoga que o ser humano é o responsável pelo seu próprio destino e além do mais, se algum fato permaneceu injusto nesta vida, isto é, na parcela visível do Logos (matéria), ele será reequilibrado no Hades como evidenciam os fragmentos (27) e (28); portanto, o ser humano pode desenvolver o seu amor à sabedoria, à justiça e ao bem, sem nenhum receio, pois seu destino será benigno, ainda que seja apenas no Hades (reino das almas).

Pelos poemas que deixou escrito, tanto na *Íliada* quanto na *Odisseia*, pode-se perceber a influência que a mitologia da época exerceu sobre o cérebro de Homero, fazendo-o crer na determinação e até mesmo no capricho de deuses do olimpo, credence em vigor na Grécia antiga, designando assim para o grego Ulisses, personagem de suas narrativas, caminhos e descaminhos de acordo com as suas vontades mitológicas, os quais dispunham dos homens quase como brinquedos. Heráclito já não acreditava naquelas crenças mitológicas existentes, porque se assim fosse o fato traduziria a insipiência dentro da sabedoria, pois insipiência é ser governado por seres maníacos e caprichosos como os deuses do olimpo, que eram movidos por desejos, acessos de cólera e até mesmo por preconceito em relação aos homens, enquanto que todo o Logos (cosmo) demonstrava que vivia obedecendo a uma característica relação de equilíbrio que Heráclito denominou de conjuntura, assim seria a falta de coerência existindo dentro da mais fina lógica.

FRAGMENTO (106): HESÍODO II (DIAS BONS E DIAS MAUS)

Heráclito reprova em Hesíodo a idéia de que existam dias bons e maus, e afirma: "A natureza de cada dia é uma só".

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Heráclito censura em Hesíodo a noção de que há dias bons e maus separados, já que eles derivam da mesma rotação orbitária neste Logos já equilibrado.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Mais uma vez nota-se uma polêmica de Heráclito com relação às ideias de Hesíodo, que só vem reafirmar as diferenças de pontos de vista em relação ao mesmo assunto, que chega, entre outros sentimentos, a caracterizar ironia e desdém como vemos nos fragmentos (40) e (57).

Heráclito como já foi dito, tinha um pensamento rebuscado, cultivado e até fortalecido por uma demorada ausculta ao Logos, entretanto sempre se exprimiu de forma muito sintética, profunda e por isso mesmo enigmática para a maioria das pessoas, o que acabou lhe conferindo este epíteto de "o obscuro", justamente porque esta maneira de escrever abre incontáveis perspectivas para a imaginação, podendo consequentemente abranger várias possibilidades para quem tente compreender os seus textos.

Em que se pesem todas estas considerações, nós particularmente acreditamos que, no presente fragmento, o pensador Heráclito tenha se reportado ao dia, como um acontecimento do Logos que se sucede harmonicamente a cada vinte e quatro horas da mesma maneira ensejando as mesmas ígneas procedências, tanto da noite quanto do dia, diferenciando-se pela intensidade luminosa, mas que em seu

conjunto, toda ela é proveniente do sol (a mesma fonte), a qual sustenta toda a natureza com suas formas vivas, para que toda a dinâmica do Logos se mantenha no dia a dia.

Assim, ainda que os animais e principalmente os homens possam desenvolver ações neste Logos, alterando-lhe a dinâmica e a aparência subjetiva com uma infinidade de acontecimentos e realizações, ainda que o inverno se alterne com o verão e o outono com a primavera, mostrando características climáticas contrárias e evidenciando também potencialidades bastante distintas entre os variados vegetais, ainda que se formem nuvens bastante densas promovendo tempestades e outras intempéries no Logos, ainda que os homens sofram situações adversas veiculando tristeza e dor, ainda assim, Heráclito afirma que a natureza de cada dia é uma só, na medida em que passamos a constatar que os dias têm a mesma característica luminosa sempre, pois, nas vinte e quatro horas todo o planeta é vivificado pela mesma fonte que é a matriz luminosa da natureza, o sol.

Desta maneira, Heráclito estava enxergando o dia numa abrangência muito maior do que as particularidades que possivelmente Hesíodo tenha visualizado.

Tomando-se novamente a coerência das palavras do final do fragmento (30): “... mas sempre foi, é e será fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas”, em relação ao fogo eternamente vivo original que pertence a Deus, fica mais fácil de compreender o raciocínio filosófico de Heráclito de Éfeso, pois é este fogo primordial que promove a significação do Logos tal como a conhecemos, é deste fogo que parte o sentido de coerência entre os contrários e é este mesmo fogo que possibilita e sustenta todas as vidas existentes na natureza.

O sol é o representante deste “fogo eternamente vivo” que pertence a Deus e é por intermédio da luz do sol que se pode diferenciar o dia da noite e todos os outros contrários também e Heráclito enxerga este “fogo” como denominador comum, tornando “a natureza de cada dia como sendo uma só”, por ter uma origem só.

FRAGMENTO (107): VISÃO E AUDIÇÃO - III

Más testemunhas são para os homens os olhos e os ouvidos, se almas bárbaras eles têm.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Para os homens os olhos e os ouvidos caracterizam-se como más testemunhas, se de almas defeituosas são providos, pois passam a espalhar suas calúnias.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os homens da antiga Grécia, como de todas as localidades e de todos os períodos, cometiam e cometem muitos erros que os religiosos denominam de pecados, após cometerem estes desatinos eles procurariam como é citado no fragmento (5), se purificarem, aspergindo-se com sangue dos sacrifícios de rituais fantasiosos, procurando assim, se redimirem destes referidos pecados, como se alguém que tivesse pisado na lama, quisesse lavar-se com lama e ainda fazendo preces a imagens como se alguém pudesse falar com os ídolos de pedra ou incoerentemente com as paredes.

Heráclito auscultava ao Logos e evidentemente aos homens, assim, reparava que o móvel original da ação de seus erros naturalmente deveria começar na alma, que por sua vez utiliza um corpo muito bem dotado, constituído por um cérebro que comanda todo o organismo e ainda, de maneira especial, os órgãos dos sentidos, sim, pois com os órgãos dos sentidos o cérebro capta informações sobre as pessoas e o meio ambiente que a alma como um todo irá manipular de acordo com o seu nível de compreensão. É evidente que os órgãos dos sentidos que mais subsídios fornecem ao cérebro são a visão e a audição, que o filósofo já deu preferência em termos de importância no fragmento

(55), destacando como sentido especial a visão, tal como se constata nas palavras do fragmento (101a).

Uma alma bárbara, naturalmente, só utiliza os seus conhecimentos em prejuízo de outrem, como podemos comprovar no fragmento (121), onde os líderes de Éfeso utilizavam a sua força e influência para expulsar o melhor homem da localidade; conseqüentemente se por um lado os olhos e os ouvidos representam os melhores subsídios de impressão para o cérebro, por outro lado eles passam a ser atributos que, ao serem veiculados para as pessoas que possuam almas bárbaras, seguramente passarão a servirem de informações para um nocivo prejuízo do alheio.

Alguns seres humanos, mesmo sem enxergarem e ouvirem bem, já utilizam a retórica como fonte de embuste, ludibriando pessoas, para auferirem benefícios pessoais, como por exemplo, na política, torna-se inquestionável que os olhos e os ouvidos daqueles que possuem almas bárbaras sejam utilizados para seu exclusivo proveito e Heráclito reprova a ação chamando estas almas de bárbaras.

Desta forma, embora os olhos e os ouvidos sejam portadores dos melhores sentidos do ser humano, a visão e a audição, se os homens tiverem almas bárbaras seria melhor se não os tivessem, pois a verdadeira justiça está no Hades, como revelam os fragmentos (27) e (28).

Novamente é possível estabelecer um paralelo entre as considerações heraclíticas e os princípios bíblicos relativamente a Jesus Cristo, pois foi Ele mesmo quem disse no sermão da montanha, numa citação que é possível de se encontrar em São Mateus, capítulo 5, versículo 29: “Se o seu olho direito te serve de escândalo, arranca-o e lança-o fora de ti, porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.”

A bíblia menciona o inferno ou região inferior do mundo espiritual, enquanto que Heráclito de Éfeso cita o Hades e relata no fragmento (27): “Na morte advêm aos homens, o que não esperam e nem imaginam”; mas tanto a citação bíblica, quanto esta citação de Heráclito abordam o mesmo assunto, que é a continuação da vida no além.

FRAGMENTO (108): A DIFERENÇA DO SÁBIO

De quantos ouvi os discursos, nenhum chega a ponto de reconhecer que o sábio é diferente de todos os demais.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

De quantos presenciei seus discursos,
nenhum chegou ao ponto de reconhecer
que a sabedoria traz diferente curso
do que uma multidão está a percorrer.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Os discursos na Grécia daquela época era uma constante entre os seus habitantes, visto que cultivavam a verdadeira democracia e também a liberdade de poderem se expressar em praça pública, desta forma, é natural que Heráclito de Éfeso tivesse tido a oportunidade de presenciar incontáveis discursos, identificando neles, desde os homens ignorantes citados no fragmento (34), até aqueles que já apresentavam inteligências primorosas como se suspeita que fossem os personagens mencionados no fragmento (42) e, que por isso mesmo, eles se deixavam contaminar pela enfermidade sagrada que é a presunção.

O que Heráclito devia ver na Grécia antiga era a exibição dos sofistas por intermédio de oratória que tentava convencer a todos de que os seus pontos de vista eram os melhores e até mesmo corretos, fazendo assim, verdadeiros malabarismos mentais manipulando as palavras até pelo simples gosto de fazerem prevalecer as suas opiniões, são, com certeza, uns dos precursores dos modernos advogados.

Heráclito também presenciava o uso da retórica, bastante empregada por aqueles que se voltavam para a política apresentando suas ideias como se fossem privilegiar

o alheio com inúmeros benefícios sociais e, entretanto, estavam somente floreando as palavras, criando imagens fictícias nas mentes dos ouvintes apenas para auferirem benefícios próprios e Heráclito chama o cultivo da retórica de primeira fonte do embuste no fragmento (81).

Heráclito, portanto, presenciava uma população de ignorantes em contato com oradores ardilosos, não iria esperar observações profundas provenientes da multidão que se deixava conduzir por cantores populares como cita o fragmento (104), e dos oradores, que eram aqueles que revelavam um maior quociente de inteligência, Heráclito cita que nunca ouviu um comentário acertado a respeito do sábio, (isto é, "do amante da sabedoria").

Heráclito cita que o sábio seria necessariamente diferente de todos os demais; percebemos aqui uma alusão do filósofo a ele próprio, visto que para empreender a sua inusitada ausculta ao Logos com tamanha profundidade, desde os fatos corriqueiros até as dimensões do infinito, ele se tornou um homem muito diferente de todos os demais.

Heráclito cita no início do presente fragmento: "De quantos ouvi os discursos...", ora, é intuitivo que se os discursos são proferidos por homens que têm tendências políticas ou apresentam as hipnóticas tendências dos sofistas precursores dos advogados, estes discursos habitualmente são veiculados no sentido de auferir proveitos próprios por meio da retórica e dos sofismas e quem os está proferindo seguramente não apresenta denominadores comuns com um filósofo que ama a verdadeira sabedoria e a verdade.

Em relação aos demais homens da população, é quase que desnecessário comentar, porque estão com suas mentes superficializadas por concepções até mesmo infantis como sugere o fragmento (70): "Heráclito diz que as ideias dos homens são como jogos de criança", por isso mesmo não conseguem identificar o verdadeiro significado da vida e até participam de procissões e ainda cantam hinos fálicos em homenagem a Dionísio, enquanto que Heráclito para fazer a sua maravilhosa ausculta ao Logos, se tornou um eremita a peregrinar pelas colinas da antiga Jônia.

FRAGMENTO (109): A INSIPIÊNCIA - II

A insipiência, é melhor ocultá-la do que levá-la à mostra.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Prudentemente, ocultar a insipiência,
é preferível do que levá-la à mostra,
escutando, aumenta-se a inteligência,
e a vil insipiência não fica exposta.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este é o segundo fragmento que trata a respeito da insipiência e aqui Heráclito sugere que é melhor ocultá-la do que levá-la à mostra; este é um fragmento similar ao (95), visto que, também sugere que se deva dissimular a insipiência, entretanto no fragmento (95) o filósofo vincula a dificuldade com o desregramento e o vinho relacionando-a, pois, com o etilismo, enquanto que no presente fragmento ele apenas sugere que simplesmente se a oculte.

Podemos interpretar que uma maneira de não se levar a insipiência à mostra, como sugere aqui o filósofo, seria colocando-se em prática a recomendação que se lê no fragmento (19): "Quem não sabe ouvir, não sabe falar", sim, porque se colocando na situação de ouvinte, o homem poderia passar à condição de analista dos acontecimentos, selecionando o que melhor lhe conviesse para o aprendizado e conseqüentemente para melhor evolução, ao passo que se começasse a falar sem ainda ter cultivado um discernimento mais refinado, estruturado em embasamento mais coerente, passaria a deixar, obviamente, a sua insipiência à mostra.

A insipiência também pode estar relacionada àquelas pessoas relatadas no fragmento (74): "Não convém agir e falar tal como as crianças de seus genitores, isto é,

mais simplesmente segundo nos não ensinado”, as quais por exibirem os seus acanhados valores assimilados passariam a expressar as suas limitações mentais compatíveis com as palavras que estão escritas no fragmento (70): “Heráclito diz que as ideias dos homens são jogos de criança.”

Com a mente obscurecida pela insipiência estas pessoas passariam a se identificar com aquelas descritas no fragmento (104): “Qual é, pois, a razão e o sentimento deles? Crêem em cantores populares e usam como mestre a multidão sem saber que a maioria é má e a minoria é boa.”

Evidentemente estas pessoas passariam a não compreender corretamente as coisas do dia a dia como sugere o fragmento (17) e também não estariam preparadas para interpretar um acontecimento inesperado tal como Heráclito se faz compreender no fragmento (18).

A insipiência também poderia ser interpretada segundo outro enfoque onde a relacionamos ao fragmento (107), no qual o filósofo atribui más referências aos olhos e aos ouvidos, justamente os dois órgãos dos sentidos mais importantes para a ausculta e compreensão dos diferentes acontecimentos que se sucedem no Logos, se os homens forem portadores de almas bárbaras.

A barbárie que passaria a ter lugar então, isto é, prejudicar outras pessoas com os subsídios conseguidos pelo auxílio dos referidos órgãos, seria uma das variações em que a insipiência poderia se apresentar, porque o mal que seria veiculado a outrem poderia estar incluído até mesmo na condição de artífices e testemunhas de mentiras tal como Heráclito menciona no fragmento (28).

Estas pessoas seriam como o próprio fragmento sugere, submetidas ao critério da verdadeira justiça, que aconteceria no Hades (reino espiritual), dando confirmação ao fragmento (27): "Na morte advêm aos homens o que não esperam e nem imaginam", desta maneira, a ignorância de todos estes aspectos ainda na parcela do Logos visível nada mais seria do que uma demonstração de insipiência que o pensador recomenda para que os diferentes indivíduos não a levem à mostra ou não a exponham em seu dia a dia.

FRAGMENTO (110): NECESSIDADE DA BUSCA

Não é melhor para os homens que lhes aconteça tudo o que querem.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Não é bem preferível, para os homens, que lhes aconteçam tudo o que querem, pois insatisfações originam coragens, assim, homens mais eficazes aparecem.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este também é um fragmento que abre um leque de possibilidades de interpretações e procuraremos analisá-lo dentro do contexto dos diferentes fragmentos e de acordo com as particularidades que marcaram a vida do filósofo.

É natural que, para qualquer homem, o fato de não lhe acontecer aquilo que ele almeja, poderá implicar num sentimento de insatisfação, de uma sensação de algo não concretizado, ou ainda de um objetivo não alcançado, a partir dessa premissa o homem passa a mobilizar dentro de si, energias adormecidas, como se ele possuísse uma espécie de reserva biológica e psicológica, para então redobrar os seus esforços, no sentido de direcionar esta força para alcançar o seu intento numa dada situação.

Muitos homens devem, com certeza, mobilizar uma boa proporção desta mencionada reserva biológico-mental e, desta maneira conseqüentemente, destacam-se da maioria dos outros seres humanos, como Bias referido no fragmento (39) ou Tales de Mileto que o próprio filósofo dá testemunho de sua aguda inteligência no fragmento (38) e também Hermodoro, mencionado no fragmento (121), como o melhor homem dentre os habitantes de Éfeso.

Assim, através da mobilização destas energias de reserva, os seres humanos podem se tornar muito melhores, o filósofo ainda coloca em destaque no fragmento (49): "Um para mim vale mil se for o melhor", a partir daí este homem cultivando valores mais elevados chegará à conclusão que se vê narrada no fragmento (29) e passará a cultivar em si mesmo a real valorização do seu eu eterno, melhorando, conseqüentemente, o seu destino no Hades.

De qualquer forma, esta valorização de si mesmo é movida inicialmente por um sentimento de insatisfação diante das várias circunstâncias, que impelem o indivíduo a mobilizar as energias adormecidas em seu mundo interior, pela não aceitação dos fatos tal como eles se lhe apresentam e assim, ele passa a ter uma conduta superior.

Por tudo isto, o pensador, mergulhado em suas profícuas auscultas em relação aos seres humanos no Logos, menciona que não seria melhor que lhes acontecesse tudo o que quisessem, visto que assim estariam tendo ensejo para mobilizarem de uma maneira bastante mais significativa a enormidade de suas próprias reservas mentais.

O próprio Heráclito com certeza é o exemplo mais significativo desta verdade heraclítica, e ele mesmo se encarregava de limitar as suas possibilidades de mordomias e facilidades como podemos comprovar na ocasião em que ele recusou um lugar de destaque numa corte repleta de facilidades, rejeitando assim todos os benefícios que o cargo lhe proporcionaria, optando voluntariamente por uma vida bastante mais difícil, aliás, tão difícil que acabou ganhando a alcunha de "o filósofo que chora", e logicamente a sua vida devia ser extremamente áspera e bastante limitada quanto ao conforto, quanto à alimentação e tudo o mais.

Em que pese todas as dificuldades e limitações que Heráclito enfrentou, foi justamente nesta modalidade de vida que o pensador encontrou ensejo para germinar e florescer esta sua inusitada, singular e original filosofia que emerge da mitológica Grécia antiga para os nossos dias como uma das mais coerentes, belas e profundas linhas de raciocínio lógico que o ser humano já pode conceber.

FRAGMENTO (111): ACÃO DOS CONTRÁRIOS - II

A doença faz da saúde coisa boa e agradável, a fome, da saciedade, a fadiga, do repouso.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Doença e higidez ou fome e saciedade,
ou fadiga e descanso, são contrários
que encontram em suas reciprocidades
os opostos como vínculos necessários.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como foi possível perceber até aqui, uma boa porcentagem de fragmentos coloca em evidente destaque a coexistência de vários contrários, ao mesmo tempo em que valoriza a dinâmica que existe entre eles, assim, por meio desta interação, a saúde um dia cederá o lugar à doença e aqui o filósofo deixa sugerido que a partir daí o indivíduo passaria a constatar quão boa era a sua saúde, quando o seu organismo se encontrasse no estado físico contrário ao atual, e da mesma maneira, a saciedade com o tempo terminaria cedendo lugar à fome, para que, submetido às torturas desta sensação o ser humano interpretasse o quanto era bom e agradável a saciedade e assim, ao se alimentar sua sensação retornaria naturalmente ao estado contrário.

O pensador ainda menciona a relaxante situação de repouso que passaria para o lado contrário, a extenuante fadiga, obviamente quando o indivíduo se submetesse a um exercício ou a um trabalho excessivo e dentro deste quadro de fadiga que passaria a vigorar ele passaria a refletir o quanto um repouso é agradável e assim, após descansar, recordaria o quanto um exercício também é agradável e isto levaria à conversão dos contrários em interação.

Todo o Logos existe inserido nesta interação, que lhe dá significação e condições de existência, sim, porque até mesmo na dinâmica que caracteriza as espécies de animais há a necessidade de que exista macho e o seu “oposto”, a fêmea, para que eles possam se perpetuar neste Logos, assim, até mesmo os vegetais apresentam seu órgão análogo masculino, o androceu o qual existe em função de uma união com o seu “contrário”, órgão feminino, o gineceu, possibilitando a perpetuação das espécies vegetais.

O órgão sexual masculino pode ser considerado um órgão contrário ao órgão feminino, pois o masculino se expressa naturalmente com o formato de uma saliência orgânica, enquanto que o feminino ao contrário, se expressa com o oposto formato de uma reentrância.

É evidente que o homem não é o contrário da mulher, ele é um ser complementar em relação a ela, mas só é complementar a ela porque os seus sexos são constituídos obedecendo a princípios embriológicos e mesmo fisiológicos contrários entre si, e justamente por serem engendrados obedecendo a cinéticas contrárias é que são complementares entre si, orgânica e esteticamente falando, e se analisarmos as características e particularidades puramente psicológicas também comprovaremos uma predisposição contrária em relação à essência íntima, pois a mulher é mais sensível e sentimental enquanto que o homem se posiciona no aspecto psicológico “contrário”, sendo, em geral, mais racional e prático, salvo obviamente as exceções a esta regra.

Desta maneira, é visível que todas as espécies dos diferentes seres dentro do Logos estão com a sua existência vinculada à ativa interdependência dos contrários, tanto macroscópica quanto microscopicamente e então, dentro deste mesmo princípio analisado, o óvulo feminino poderia simbolicamente representar uma espécie de "contrário" em relação ao espermatozoide, na dinâmica, na dimensão, na forma, na reserva nutritiva e tudo o mais.

Este fato, com certeza endossa as palavras de Heráclito no presente fragmento (111), de que um contrário faria do outro, coisa boa e agradável, identificando entre eles um verdadeiro vínculo de elos primários.

FRAGMENTO (112): A VIRTUDE MÁXIMA

Ser sábio é a virtude máxima e a sabedoria é acolher a verdade e atuar de acordo com a natureza auscultando-a.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Ser um sábio é virtude que é suprema e sabedoria é caracterizar a verdade, assimilando-a com vitalidade extrema após auscultar ao Logos com acuidade.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Novamente Heráclito utiliza a palavra sábio que, a bem da prudência e da verdade, vamos substituir pela expressão que é mais adequada: "amante da sabedoria".

Para o pensador a natureza é o referencial de sabedoria, de ação e reação e de estabilidade que nós temos como um dos derivativos principais da inteligência ígnea maior que é Deus, o Criador do universo.

A observação, a pesquisa e a ausculta constante que um amante da sabedoria pode e deve empreender em relação aos seus mecanismos e princípios de atuação, acaba levando a um acréscimo de sabedoria em si mesmo, pois, auscultando a natureza se estará auscultando também a verdade que rege toda a intimidade do Logos.

Esta realidade se expande pelos mecanismos de sobrevivência das diferentes espécies de animais tanto do ar quanto da terra, a verdade ainda mostra a conversão dos contrários no Logos até aquele que se dedicou a estudar-lhe as particularidades e os desígnios característicos.

Assim, a este constante acréscimo de sabedoria, o filósofo chama de virtude máxima, pois ao assimilar em sua mente todo o conhecimento, estará também assimilando a

sabedoria e a coerência que emanaram diretamente do “único sábio” relatado no fragmento (32), que é o mesmo Deus, mencionado nos fragmentos (78) e (102).

O filósofo destaca aqui, que o ensino de se tornar um amante da sabedoria representaria a virtude máxima dentre todas as várias qualidades que o ser humano poderia almejar e cultivar para si mesmo. Poderíamos a título de associação lembrar as sete virtudes exaltadas pela teologia, que são: a prudência, a temperança, a fortaleza, a justiça, a fé, a esperança e a caridade, associadas a outras que ainda poderíamos colocar em evidência, tais como a orientação, a cordialidade, a resignação, a autocrítica e ainda o perdão, a paciência e a boa vontade; portanto, todos os atributos e predicados benéficos para o comportamento humano que um indivíduo pudesse altruisticamente almejar.

O somatório das virtudes, como aquisições de valor para a mente do amante da sabedoria, poderia ser simbolicamente, comparada com a luz branca, onde as virtudes representariam as diferentes tonalidades desta luz no espectro luminoso e o conjunto se projetaria como luz de discernimento, no horizonte da mente, tornando assim o amante da sabedoria uma espécie de ser iluminado.

Esta luz de razão que o amante da sabedoria passará a ter servirá para guiá-lo pela vida vivenciando e ampliando ainda mais esta plenitude de discernimento por intermédio deste cultivo, pois como ele mesmo escreveu no presente fragmento: “... sabedoria é acolher a verdade e atuar de acordo com a natureza auscultando-a”.

A sabedoria do filósofo só será verdadeiramente iluminada se ele se nortear pelos princípios que são próprios e característicos da natureza, é necessário auscultá-la com bastante atenção e acuidade mental, pois como ele mesmo relata no fragmento (123): “A natureza costuma ocultar-se.”

Sim, não são todas as pessoas e nem mesmo todos os filósofos que conseguirão “enxergar” a gênese do Logos a partir do fundamental “fogo eternamente vivo” e nem a sua sobrevivência embasada na coexistência entre os contrários se não cultivarem o amor à sabedoria.

FRAGMENTO (113): O ATO DE PENSAR

Pensar reúne tudo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Verdadeiramente, o pensar reúne tudo,
tanto matéria quanto energia natural,
e é possível assimilar este conteúdo
pela expansão e pela sintonia mental.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como já foi comentado no fragmento (112), o pensador da antiga Jônia atribuía ao cultivo da sabedoria uma denominação de virtude máxima que simbolicamente designamos como sendo um tipo de somatório de todas as virtudes anteriormente analisadas, como se fosse um tipo de luz branca de virtude a englobar em seu âmago a reunião de todas as demais cores existentes no espectro luminoso.

O amor à sabedoria, portanto, representaria a luz branca simbólica das virtudes, justamente porque ele ilumina toda a mente com sua luz de razão, para que, do acme do discernimento cultivado, o homem projete a luz de compreensão si mesmo para o Logos e para o entendimento dos acontecimentos que se desenvolvem à sua volta.

Não se sabe, é evidente, como o Logos teve a sua origem, o filósofo a imaginava através do fogo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas, sugerindo assim, um controle do mesmo por esta inteligência ígnea mencionada no fragmento (16), para então dar origem ao universo infinito, portanto, a sabedoria desta inteligência ígnea em "expansão", possibilitou a gênese e a preservação do Logos que sustenta todas as vidas em evolução.

Heráclito sentiu a realidade desta formação do Logos e pode perfeitamente ter considerado em sua mente:

"Se a inteligência divina engendrou o Logos por expansão, o mecanismo contrário também deve ser verdadeiro", assim, por meio do pensamento não só esta inteligência suprema, mas também a do homem que necessariamente lhe guarda semelhança, pela filiação, seria capaz, numa espécie de condensação, de reunir todo este conjunto universal em sua mente por intermédio da amplitude da imaginação.

Poderíamos considerar que a imaginação do ser humano passaria a ter uma verdadeira semelhança com um computador, o qual tem armazenado em seus bancos de memória toda uma série de informações. Desta maneira, quando nós necessitamos de algum dado basta acessar os programas específicos da memória e já o teremos em mãos, assim também é a mente humana, que consegue armazenar experiências, fatos, estudos e, num grau mais rebuscado de conscientização, uma ausculta ao Logos como ele fazia.

Por todas estas considerações, que seguramente não passaram despercebidas para a imaginação e para a intuição do filósofo, ele conclui que o nosso pensamento em expansão e em ausculta ao Logos se enquadra nesta máxima heraclítica do presente fragmento: "Pensar reúne tudo".

No espaço virtual ilimitado da mente humana cabem todas as coisas e seres vivos no Logos, as imagens de quaisquer animais, por maiores que sejam, cabem com sobra de espaço virtual, assim cabem também as imagens dos vegetais, dos minerais, dos seres humanos, dos rios, dos mares e até mesmo dos astros do espaço sideral.

Esta é uma das semelhanças que guardamos com o Criador do universo, porque em nossa intimidade mental há a possibilidade de se colocar o próprio universo infinito, é possível também colocar os frutos de elucubração como aquele "fogo eternamente vivo que se acende segundo as medidas e se apaga segundo as medidas", que seria o agente primordial na gênese do Logos (natureza).

Heráclito captou em seu intelecto estas verdades, mas como tinha por hábito se expressar de forma sintética, apenas resumiu tudo na frase do presente fragmento.

FRAGMENTO (114): AS LEIS HUMANAS - II

Para os que falam com inteligência, é mister que se fortaleçam com o que é comum a todos, assim como uma cidade com a sua lei, pois todas as leis humanas são alimentadas por uma única lei divina e esta, com efeito, impera tanto quanto quer a todas as coisas e as transcende.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Deve, quem conversa com inteligência,
fortalecer-se no que é comum a todos,
como uma cidade com leis em vigência,
que tenta expressar as leis do Logos.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Para que se possa ter uma melhor compreensão vamos subdividir o presente fragmento para analisar-lhe os diferentes aspectos, desta maneira, no início podemos ler: "Para os que falam com inteligência...", podemos concluir que aqui Heráclito estivesse se referindo àqueles homens relatados no fragmento (1), que se esforçariam para uma ausculta, isto é, uma melhor compreensão do Logos em que vivem, embora, como o pensador mesmo destaca que seria bastante difícil depreender o real significado das coisas e acontecimentos, ou ainda podemos também associar àqueles que cultivam os valores sublimados de si mesmos, ou seja, o eu eterno que foi mencionado no fragmento (29).

Mais à frente se lê: "... é mister que se fortaleçam com o que é comum a todos..." aqui o filósofo verifica que para se ter uma adequada compreensão das coisas com um embasamento mais estável, o pensador deveria se respaldar por algum denominador comum que a tudo englobasse, tal como o próprio Logos. Logo mais adiante se lê: "... assim como uma cidade com a sua lei, pois todas as leis humanas

são alimentadas por uma única lei divina...”, Heráclito, portanto, identifica aqui, que o indivíduo deveria no intuito de ampliar o seu discernimento na natureza, inspirar-se no próprio Logos, para lhe auferir os princípios e a harmonia da mesma forma que uma cidade deve se sustentar com a sua lei, pois esta lhe possibilita o equilíbrio, visto que toda lei é igual, pelo menos no propósito, no que se refere à abrangência para todos os homens indistintamente e por isso mesmo, representa uma espécie de emanção da lei primordial que identificamos como sendo a lei divina.

Para finalizar, o pensador relata: “... e esta, com efeito, impera tanto quanto deseja a todas as coisas e as transcende”, é fato, indiscutivelmente a lei divina impera sobre todas as outras leis que o ser humano possa inventar, pois ela é tão perfeita que reserva principalmente no Hades, mecanismos de aplicação da verdadeira justiça e transcende a todas as coisas já que na percepção de Heráclito não abre exceções para se desviar com subornos ou trapanças.

Como as almas olfateiam e por isso mesmo elas sobrevivem no Hades, tal como se pode depreender pelas palavras do fragmento (98), a lei divina passa a ter um curioso ensejo de aplicar os seus corretivos e reequilíbrios utilizando este reino das almas como uma espécie de mundo onde é possível aplicar a verdadeira justiça.

É exatamente por este motivo que a lei divina impera tanto quanto quer a todas as coisas e seres e ainda os transcende, porque ela reserva para o Logos invisível a verdadeira aplicação de seus princípios, pois como Heráclito menciona intuitivamente no fragmento (54): “A harmonia invisível é mais forte do que a visível”.

É pela soma de todos estes motivos que Heráclito de Éfeso escreve no fragmento (102): “Para Deus todas as coisas são formosas, boas e justas, os homens, entretanto, consideram umas injustas e outras justas”.

Para o ser humano ainda é muito difícil criar uma lei que seja verdadeiramente imparcial, coerente e justa tal como a lei divina, todavia quem sabe ao longo da evolução humana um dia isto se tornará possível.

FRAGMENTO (115): DIMENSÃO DO LOGOS - II

A vida tem um Logos que se aumenta a si mesmo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A vida apresenta o Logos que aumenta a si mesmo através de suas expansões, igualmente ao universo que movimenta suas galáxias para todas as direções.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Heráclito observava todos os acontecimentos do Logos com espírito arguto detectando as mínimas alterações que nele tinham representação, deste modo, é compreensível que em suas andanças pelos campos cidades e vales, ele visse animais e mais tarde visse também os seus filhotes entre cães, gatos, cabras, porcos, cavalos, etc., representando evidentemente uma proliferação de seres no Logos que se expressa tal como natureza ou meio ambiente.

Com o mesmo espírito de observação o pensador via também os homens se multiplicarem e até mesmo se esforçarem para evoluir, já que isto evidentemente também representa um tipo de crescimento ou de expansão, que o próprio Heráclito experimentava, onde a mente estaria se expandindo a si mesma nas auscultas do dia a dia.

O filósofo que estava atento a tudo isto, pois atenção era o princípio fundamental de sua auscultas ao Logos, como podemos notar pelas palavras fragmento (18), verificava que na vida todos os seres que compunham o Logos estavam em constante crescimento e aqueles recém nascidos, com o tempo também iam crescendo para poder dar origem a outros seres adultos no futuro.

Até mesmo as espécies vegetais estavam incluídas neste conceito de expansão e crescimento no Logos e assim, a polinização feita pelo vento faz com que uma espécie de vegetal consiga germinar em outros campos e da mesma

forma o broto que surge, com o tempo também experimenta novo processo de desenvolvimento e de crescimento até a floração e finalmente a fase de frutificação.

Com todos estes fenômenos acontecendo à sua volta, evidentemente Heráclito percebia que também a sua imaginação experimentava o processo de expansão, o que obviamente ele poderia também extrapolar para os demais seres humanos, pela semelhança que nos é própria, uns se expandindo mais mentalmente e outros menos de acordo com a atenção e o amor à sabedoria cultivados.

Podemos considerar que o presente fragmento se estende, até mesmo, pelo espaço sideral e por todo o cosmo, pois segundo os estudos atuais da astronomia, os cientistas comprovam com modernos telescópios que o universo se apresenta numa verdadeira expansão e, desta forma, as suas galáxias se encontram em movimento como se estivessem se afastando do centro do universo e ainda afastando-se umas das outras, constituindo na realidade um Logos que se aumenta a si mesmo constante e indefinidamente.

Os cientistas criaram a teoria do “big-bang” para a explicação de uma possível explosão que ocorreu a bilhões de anos no centro do universo e a partir daí os sóis, as massas planetárias e as respectivas luas reunidas por força gravitacional, formando galáxias iriam se afastando deste suposto centro do universo pela força da explosão original.

Esta é uma teoria cética que não leva em conta a participação de Deus como autor do universo, mas mesmo que os homens tentem descartar a ação do Criador na gênese do cosmo, ainda restará uma pergunta que desarma qualquer cético, por exemplo, nesta mesma teoria do “big-bang” poder-se-ia perguntar: “E quem colocou previamente a massa que explodiu no centro do universo?”, portanto Deus continua sendo uma necessidade para que pelo menos se tenha uma lógica posterior à criação fundamental, pois os planetas e as luas orbitam obedecendo a leis e princípios físicos e matemáticos que nenhuma explosão geraria, pois uma explosão aumenta a entropia e o universo é a expressão da mais maravilhosa modalidade de entalpia.

FRAGMENTO (116): CONHEÇA-TE A TI MESMO

É dado a todo homem conhecer-se a si mesmo e pensar.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

É facultado a todo homem inteligente conhecer-se a si mesmo ao raciocinar, ampliando os horizontes de sua mente para, no Logos, poder se identificar.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento é um verdadeiro aforismo, pois reúne em poucas palavras um pensamento de longo alcance, entretanto vamos nos permitir aqui uma leve ressalva, pois acreditamos que dificilmente um homem poderia chegar a uma conclusão de que realmente se conhece a si mesmo na plenitude que este fragmento pode pretender alcançar.

Temos a consciência de que a maioria das pessoas e até mesmo os gênios não utilizam completamente todas as potencialidades mentais de que são capazes, pois ao longo da vida a maioria deles se acomoda, às vezes justamente quando eles já tinham armazenado bastante cultura, e poderiam elaborar novas ideias para então colocá-las em prática para surpreenderem até a eles mesmos.

Sabemos, igualmente, que a capacidade mental pode realmente ser direcionada no sentido de desenvolver determinadas faculdades que a maioria das pessoas não cultiva como é, por exemplo, o caso de alguns monges da região do Himalaia, que através de uma energização mental conseguem super aquecer o corpo para suportarem o rigor da temperatura extremamente fria daquela cordilheira, o que seria extremamente difícil para uma outra pessoa que não tivesse aprendido essa curiosa técnica de estimulação

mental. Há ainda os relatos bíblicos mostrando Jesus de Nazaré que usava superlativo poder mental que era capaz de curar, até mesmo, cegos, surdos-mudos, paralíticos, leprosos e tantos outros casos *sui generis* a mais.

Desta forma, o conhecimento de si mesmo em sua plenitude, nos parece simplesmente uma utopia, entretanto é perfeitamente plausível e coerente buscar-se a si mesmo como sugere o fragmento (101), num esforço de ampliar paulatina e racionalmente este autoconhecimento.

Heráclito de Éfeso conclui o expressivo raciocínio esboçado no presente fragmento mencionando que a todo e a qualquer homem, além de conhecer-se a si mesmo, é dado também a conscientização em relação ao dom de pensar; sim, entendemos que aqui ele tenha mencionado o ato de pensar justamente por delinear nele a mais ampla e livre manifestação que um ser pode ter, a verdadeira semelhança com o criador, e que naturalmente é o móvel principal que este ser deve utilizar para o seu auto conhecimento.

Exercitando este ato de pensar ele pôde expandir a sua mente ao infinito ou ainda reunir este infinito em si mesmo, como ele conclui no fragmento (113) por intermédio da curiosa expressão escrita: "Pensar reúne tudo".

Se por um lado reconhecia que a maioria das pessoas vivia fora da conjuntura mencionada no fragmento (2), cometendo as estultices relatadas no fragmento (15) e procurando compensar os seus deslizes do dia a dia com as incoerências citadas no fragmento (5) ou simplesmente se conduzindo na vida de maneira a estranharem tudo, como descreve o fragmento (72), por outro lado ele também reconhecia que era necessário recordar ao que esquece aonde leva o caminho e entendia que era preciso alertar aos homens para que eles não viessem a agir e nem falar como crianças dos genitores ou muito simplesmente como foram ensinados, tal como enuncia o fragmento (74).

Tudo isto nos leva a acreditar que se Heráclito achava a maioria da população insipiente e indolente, por outro lado reconhecia o potencial que todo ser humano possui para pelo menos tentar conhecer-se a si mesmo.

FRAGMENTO (117): ALMA ÚMIDA - BÊBADO

Bêbado, o homem adulto é levado por criança impúbere: cambaleante, não vê onde pisa por ter a alma úmida.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Embriagado, um homem adulto é levado, até por criança, numa situação única, cambaleante, ele segue descontrolado sem ver bem por ter a sua alma úmida.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento, como já relatamos, guarda uma íntima relação com o raciocínio exposto no fragmento (95), já que vincula os excessos alcoólicos com a perda do auto controle, assim, Heráclito no fragmento (95), apresenta a insipiência relacionada aos excessos alcoólicos.

Aqui no presente fragmento, o pensador também deixa sugerido nas entrelinhas que a condição de bêbado, representaria a malfadada consequência de se submeter aos desregramentos e ao vinho, numa situação de tanta insipiência que ele, mesmo sendo um adulto, poderia ser conduzido até por uma criança impúbere.

É evidente que se um homem adulto que deveria estar cultivando melhor o seu eu eterno, como o filósofo já se referiu no fragmento (1) e de si mesmo como se pode ler nas palavras fragmento (101), estiver se dedicando aos desregramentos étlicos, a insipiência se fará manifestar, devido ao que o filósofo chama de "alma úmida", pois o álcool iria para o cérebro para dificultar a elaboração de ideias e como o cérebro é uma espécie de "janela da alma", ao se tornar úmido pelo álcool, consequentemente acabaria permitindo que também a "alma se tornasse úmida".

Neste estado peculiar, ocorre um rebaixamento do limiar de razão que projeta, naturalmente, o homem à turvação de suas ideias e assim, o indivíduo chegaria mesmo ao ridículo de ser conduzido por uma criança, que nada mais seria do que outro ser ainda insipiente, que se limita a imitar os seus genitores como podemos comprovar com as palavras do fragmento (74), onde o filósofo ressalta que não se deve falar tal como estas crianças, já que, obviamente, o aprendizado infantil era algo bastante superficial ou muito simplório e para agravar esta carência de discernimento elas tinham o seu aprendizado com genitores que, em sua maioria ignoravam a conjuntura em que vive o Logos como mostra o fragmento (2), assemelhando-se também àquela multidão que se deixava conduzir pelos cantores populares, ou pela própria multidão insipiente do fragmento (104).

Por isso mesmo passariam seu discernimento superficializado ou equivocado aos seus filhos e estes por sua vez, com toda a sua insipiência se colocariam como condutores daqueles adultos bêbados, ou ainda indivíduos de alma "úmida", tal como menciona Heráclito.

Para Heráclito, o ideal a ser cultivado na vida é em primeiro lugar o pleno domínio e autocontrole de si mesmo como é possível de se concluir a partir do fragmento (118): “A alma seca é a mais sábia e a melhor”, deixando bastante evidente que o homem necessita em primeiro lugar de estar bem sóbrio neste Logos de todos os seres.

Em segundo lugar, tendo o completo domínio de suas ações, o ser humano deve estar sempre atento para quaisquer eventos que possam ocorrer no Logos tal como se pode comprovar pelos pareceres do fragmento (18).

Em terceiro lugar, com o amor à sabedoria citado nos fragmentos (35) e (112), procurando seguir a conjuntura harmônica do Logos mencionada no fragmento (2), se por a distinguir cada coisa existente de acordo com a natureza, como descreve o fragmento (1), entretanto, como efetuar tão profunda ausculta ao Logos se o indivíduo tiver a “alma úmida” ou estiver bêbado e sem adequada percepção?

FRAGMENTO (118): ALMA SECA - SÓBRIO

A alma seca é a mais sábia e a melhor.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Uma alma seca torna-se deveras sábia,
e, muito melhor, inquestionavelmente,
porquanto estando normalmente sóbria,
apresenta um pleno controle da mente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Torna-se evidente, a uma simples análise, que na expressão: "alma seca", o filósofo estivesse se referindo à alma em estado sóbrio, isto é, livre da ação agressiva do álcool para evitar uma turvação significativa da consciência de si mesmo, do local onde se encontrasse e, extensivamente das outras pessoas com as quais se comunicasse.

Com este estado de "alma seca" (sóbria) ele abre a perspectiva para mais uma possibilidade de coexistência dos contrários, quando analisamos junto com o estado de "alma úmida" (bêbado), que o filósofo expôs no fragmento anterior e assim, o mesmo indivíduo pode estar de "alma seca" ou de "alma úmida" de acordo com seu livre arbítrio, limiar de discernimento e predisposição de alma.

Assim, estar com a "alma seca", é uma condição indispensável a qualquer homem que queira, por exemplo, pretender a difícil tarefa de conhecer-se a si mesmo, como foi analisado no fragmento (116), ou compreender na intimidade, porque a vida tem um Logos que se aumenta a si mesmo, tal como menciona o fragmento (115), ou quem sabe uma profunda meditação a respeito de todos os astros observados e comentados no fragmento (99), ou finalmente procurar entender a amplitude da conclusão que Heráclito pretendeu revelar no fragmento (45): "Não se encontraria a

caminho, os limites da vida mesmo quem percorresse outros caminhos, tão profundo é o Logos que possui".

Sim, toda e qualquer compreensão que uma alma possa almejar assimilar para viver melhor no Logos e para traduzir melhor a busca de si mesma que é mencionada no fragmento (101), ela deverá fazer de "alma seca", possuindo o completo autodomínio, pois se mesmo nesta condição, até pensadores renomados como aqueles que são mencionados nos fragmentos (40), (42), (56), (57), (105) e (106) estavam sujeitos a críticas em sua maneira de pensar ou de agir, se até aqueles que buscariam uma profunda ausculta ao Logos, teriam dificuldades como mostra o fragmento (1), imagine se os mesmos se predispusessem a ter reflexões na trôpega condição de "alma úmida", isto é, na condição de bêbados? Seriam, realmente, reflexões caracterizadas pela insipiência que o filósofo recomenda dissimular nos fragmentos (95) e (109), assim, para o amante da sabedoria, somente com a "alma seca" (sóbrio), se poderia auscultar ao Logos para que se conseguisse alcançar um real proveito.

Somente um ser humano sóbrio pode auscultar e compreender adequadamente a íntima relação que existe entre os contrários na natureza, como por exemplo, entre o completo e o incompleto, o convergente e o divergente ou entre a concórdia e a discórdia citados no fragmento (10), entre o caminho para cima e o caminho para baixo citados no fragmento (60), entre o dia e a noite, o inverno e o verão, a guerra e a paz, a fome e a saciedade que são mencionados no fragmento (67) ou entre o princípio e o fim abordados no fragmento (103), se conscientizar das relações existentes no Logos (ou natureza) e procurar conhecer a si mesmo como recomendam os fragmentos (101) e (116).

Assim, após perceber os diferentes mecanismos existentes na natureza, regidos pelos quatro elementos terra, água, ar e fogo e o conhecimento de si mesmo, ao menos parcial, o homem deve buscar entender porque é preferível a glória eterna mencionada no fragmento (29), ao invés de se perder na busca do ouro referido no fragmento (22), mas entendendo que só poderia fazê-lo na condição de sóbrio.

FRAGMENTO (119): ÍNDOLE - GÊNIO DIVINO

Disse Heráclito que, para o homem, a sua índole é o seu gênio divino.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Proferiu Heráclito que, para o homem, sua índole torna-se seu gênio divino, a direcionar desígnios que o impelem para construir o seu próprio destino.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Acreditamos que, no entendimento do filósofo, a índole de um indivíduo deva ser de primordial importância na determinação do seu jeito de ser e de seu caráter, desta maneira, é esta índole que determinará se a sua natureza íntima terá ou não uma ressonância com as almas bárbaras mencionadas no fragmento (107), para que desta maneira, utilizem os subsídios fornecidos pelos olhos e pelos ouvidos de acordo com o seu livre arbítrio. É esta mesma índole que possibilitará ao indivíduo saber se os cantores populares ou a multidão identificada pelas palavras do fragmento (104) lhe poderá servir de mestre, filiando o seu sentimento e a sua razão à bússola simbólica carente de discernimento que eles passariam a lhe representar de forma indolente.

Como o pensador relata esta índole representaria o gênio divino a determinar, por exemplo, que um indivíduo permaneça de "alma seca" e não de "alma úmida", para que a sua mente pudesse estar sempre atenta até mesmo ao inesperado como descreve o fragmento (18), para aprender a diferenciar os acontecimentos como menciona o fragmento (17) e pudesse assim cultivar o amor à sabedoria para poder investigar muitas coisas como refere o fragmento (35).

Esta índole, ou este gênio divino, deve se revelar de maneira especial dentro de alguns homens, como foi o caso de Tales de Mileto, o primeiro a investigar os astros e até a prever os eclipses do sol, os fenômenos e as dinâmicas pertinentes aos solstícios e a quem Heráclito de Éfeso fez uma relevante homenagem no fragmento (38).

Naturalmente, que a presunção comentada nos fragmentos (43) e (46), passaria a constituir uma indesejável particularidade, uma nociva característica de determinados pensadores como é possível de se deduzir daqueles que são mencionados no fragmento (42) e isto, é evidente, depende única e exclusivamente da índole de cada um.

Finalmente, podemos considerar que, até mesmo, para se identificar o Divino na intimidade dos mecanismos da natureza, como um princípio inteligente que proporciona real equilíbrio e sustentáculo para a sua existência, torna-se necessário que se estabeleça uma interação com este gênio divino que existe dentro de cada um de nós e seguramente vem da razão maior, como centelha divina, à semelhança da mesma, embora, evidentemente, no caso do ser humano, com potencialidades particulares e bastante inferiores.

É esta índole do ser humano que o leva a cavar muita terra para encontrar pouco ouro tanto quantitativa quanto qualitativamente, pois habitualmente se encontra pouca quantidade quando se cava e até quando se encontra constata-se que ele é apenas um metal da natureza que o homem pode até valorizar, mas na essência nada representa para o ser humano, mas esta mesma índole o leva a adquirir muitas mercadorias como relata o fragmento (90) e ainda se habitua com as comodidades que turvam o senso crítico.

É a índole que leva as pessoas a participarem de procissões cantando hinos fálicos, a consultarem as sibilas, a sacrificarem aos ídolos de pedra da época, a cultuarem o oráculo de Delfos, a acreditarem nos deuses do olimpo, ou a aspergirem-se com o sangue, como se alguém que tivesse pisado na lama quisesse lavar-se com lama. Esta relatada índole já se encontra refinada e até sublimada em algumas pessoas, assim como era o caso de Hermodoro de Éfeso, de Tales de Mileto e do próprio Heráclito de Éfeso.

FRAGMENTO (120): LIMITE DOS CONTRÁRIOS

Limites da aurora (leste) e do poente (oeste) são a ursa (norte) e o oposto da ursa (sul), como balizas do Zeus fulgente.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Limites da aurora e também do poente,
são a ursa e também o oposto da ursa,
eles são as balizas do Zeus fulgente
que um homem capta, interpreta e usa.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Já percebemos por meio dos fragmentos (3), (6), (94), (99) e (100) que Heráclito observava atentamente aos astros na tentativa de identificar o equilíbrio e a dinâmica dos mesmos no firmamento, como necessidade que ele sentia de estender a sua rara ausculta para além do meio ambiente onde ele vivia, para que assim, todo o Logos infinito pudesse ser englobado virtualmente em sua imaginação.

No presente fragmento verificamos que o filósofo já havia esquadrihado todo o firmamento estabelecendo como que uma bússola mental através da identificação dos quatro pontos cardeais, identificando assim o norte através da constelação da ursa maior e o sul, que ele menciona de forma *sui generis* como sendo o contrário da ursa.

Neste fragmento também podemos observar a coexistência dos contrários, onde a aurora (leste) coexiste como contrário do poente (oeste) e o norte (constelação da ursa) coexiste como contrário do sul, que corresponderia aproximadamente à constelação de Cassiopeia.

Heráclito já especificou no fragmento (32) que: "O único sábio se dispõe e não se dispõe a ser chamado pelo nome de Zeus", já que evidentemente não deixou nenhuma

solicitação para que fosse chamado por este nome de Zeus e contrariamente não deixou nenhum nome reivindicado, no sentido de se identificar qual nome lhe seria grato, assim, o filósofo aqui refere que os quatro pontos cardeais seriam como que balizas no firmamento deste "fulgente Zeus" de sabedoria infinita, visto que, como ele próprio lembra no fragmento (78): "O hábito humano não tem conhecimento verdadeiro e o divino ao contrário o tem"; desta maneira, as balizas que existem no firmamento passariam a constituir referenciais luminosos do Deus onipresente, o qual não se importa de ser chamado pelo nome de Zeus e constitui uma verdadeira bússola estelar para os seres humanos.

Finalmente, podemos concluir que se o filósofo foi capaz de enunciar, há mais de 2.500 anos, estes conceitos sobre os contrários relativos aos pontos cardeais, é porque já naquela época, em suas caminhadas, ele utilizava estes referenciais estelares como "balizas do Zeus fulgente", ou seja, as diferentes constelações existentes como paradigma de busca e de filosofia, ou simplesmente como bússola, para poder melhor caminhar no Logos de todos os seres.

É importante observar que os contrários: aurora-poente e ursa-contrário da ursa ou leste-oeste e norte-sul só podem se manifestar como referenciais em consequência da divergência ou do prévio desmembramento dos contrários promovido pela luminosidade do sol que é uma espécie de representante ígneo pioneiro do "fogo eternamente vivo" que possibilitou a gênese de todo o Logos (natureza).

A luz do sol é que faz diferenciar o úmido do seco, o quente do frio, o dia da noite e logicamente os quatro pontos cardeais, visto que se o sol se apagasse ficaria tudo escuro e tudo se transformaria numa grande noite sem nem mesmo os pontos cardeais como referencial, mesmo porque sem a luz do sol o planeta se resfriaria e as águas dos lagos, dos córregos, dos rios e dos mares iriam se congelar e a vida tal como a conhecemos deixaria de existir.

Assim os quatro pontos cardeais passam a existir tais como as balizas do sol fulgente e conseqüentemente do Deus que aceita ser chamado de Zeus fulgente.

FRAGMENTO (121): AS LEIS HUMANAS - III

Bem merecido seria para os efésios enforcarem-se todos em massa e abandonar a cidade aos meninos, eles que expulsaram a Hermodoro, o seu melhor homem, dizendo: nenhum de nós será o melhor, mas se alguém o for, então que seja alhures e entre outros.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Os homens de Éfeso estavam merecendo o abandono de sua cidade aos meninos, pois, eles baniram Hermodoro dizendo: que o melhor busque um outro destino.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Logicamente Heráclito não visualizava nenhum óbice no fato de um indivíduo se tornar o melhor de todos, tal como era o caso de Hermodoro que o presente fragmento nos apresenta, pois Heráclito deixou escrito o fragmento (49): "Um para mim, vale mil, se for o melhor"; é lógico que se Heráclito recomendava aos homens que se colocassem no Logos com espírito crítico o suficiente para interpretar quaisquer fatos que se lhes aparecessem pela frente como sugere o fragmento (18), é porque ele acreditava que alguns indivíduos terminariam por se distinguirem do restante da multidão ignara mencionada no fragmento (104).

Estes indivíduos procurariam vivenciar os fatos e acontecimentos da vida para que ao ensiná-los soubessem o que estariam fazendo porque já os teriam vivenciado como cita o fragmento (17), procurando sempre se respaldar no amor à sabedoria recomendado no fragmento (35).

Portanto, estes indivíduos passariam a cultivar muito mais intensamente a glória do seu eu eterno relatado

no fragmento (29), tal como o próprio Heráclito estava cultivando ao longo de sua vida.

Hermodoro, pelos dizeres do presente fragmento era um homem muito especial e, por isso mesmo, estava incomodando os líderes da cidade de Éfeso, sim, um homem cheio de virtudes e amante da justiça e do bem acaba contrariando os líderes que estão preocupados em manter a sua liderança de uma forma a não ser questionada, de tal maneira que a justiça vigente acaba se tornando um mero prolongamento de seus desejos e até de seus caprichos.

Heráclito chega a se referir em exagerado tom de cólera em relação aos homens que tinham o poder em Éfeso, diante do disparate de se relegar Hermodoro ao ostracismo apenas porque ele era o melhor cidadão dentre eles.

Pelo que consta o exilado Hermodoro fora viver em Roma e ali teria redigido algumas leis para os romanos. Plínio na sua História Natural faz-lhe a seguinte menção: “Houve também nos comícios uma estátua de Hermodoro de Éfeso – intérprete das leis redigidas pelos decênviros – que foi construída com o dinheiro do Estado – (Plínio, História Natural, XXXIV, 21) Decênviros: sobre os dez magistrados encarregados de elaborar as leis da República, conhecidas como as leis das doze tábuas.

A tal Lei das XII Tábuas foi um importante documento não apenas da História de Roma, mas para toda a posteridade. Foi o primeiro documento legal escrito do Direito Romano, pedra angular onde se basearam todos os corpos jurídicos de praticamente todo o Ocidente.

Segundo relatos históricos e até semilendários preservados por Lívio, no início da República Romana as leis eram guardadas em segredo por pontífices e também por outros insígnies representantes da classe dos patrícios, sendo executadas com especial severidade contra os plebeus. Um plebeu chamado Terentílio (Gaius Terentilius) propôs em 462 a.C. a compilação e publicação de um código legal oficial, de modo que os plebeus pudessem conhecer a lei e não ser pegos de surpresa pela sua execução.

Hermodoro provou que valia por mil e Heráclito tinha razão de se ofender diante de seu ostracismo.

FRAGMENTO (122): APROXIMAÇÃO

E Heráclito diz: Aproximação.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

É preciso que exista uma aproximação, para que haja a união dos contrários, e a ação que há dentro desta relação expressa o vínculo de elos primários.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este fragmento provavelmente é um dos mais enigmáticos de Heráclito porque o cerne de toda uma ideia foi sintetizado numa única palavra: "aproximação", é claro, que esta palavra por si só abre perspectivas para muitas interpretações, mas em se tratando do pensador Heráclito, naturalmente que, devemos analisá-la à luz de sua doutrina dos contrários, porque é justamente esta coerência que dava um amplo embasamento para toda a sua filosofia.

Heráclito de Éfeso, provavelmente, empreendeu uma profunda ausculta, viajou por recônditos ocultos de sua imaginação visualizou em perspectiva as possibilidades de inter-relações entre os contrários existentes na natureza, identificando todo este amálgama de coerência desde as pequenas coisas até a imensidão do cosmo e encerrou toda uma significativa meditação, deixando apenas a palavra "aproximação" como porta de entrada para um universo mental que ele vislumbrou e que procuraremos esmiuçar.

Observando-se, por exemplo, o fragmento (103) verificou-se que após a divergência de um ponto, em relação à sua origem, realizando todo o traçado na circunferência do círculo, ocorrerá a "aproximação" do princípio e do fim para que a conclusão dê a formação a um todo coeso.

Da mesma forma, podemos analisar o fragmento (51), onde podemos ver transcrito pelo filósofo que: "... o divergente converge consigo mesmo: harmonia de tensões opostas como as do arco e da lira", sim, se observarmos um arco, constataremos que uma de suas extremidades aponta para a direita e a outra para a esquerda, como se o mesmo arco possuísse duas pontas divergentes, porém traçando-se o prolongamento complementar e fechando o arco numa circunferência vamos notar a "aproximação" daquilo que apontava para a direita com aquilo que apontava para a esquerda, mostrando que o divergente passaria a convergir consigo mesmo para se harmonizar na resultante final.

Deste modo, associamos o presente fragmento-palavra com os contrários dia e noite, onde a aurora e o poente teriam sentido pela "aproximação" entre ambos; poderíamos ainda tomar como bom exemplo o homem e a mulher, tais como representantes de sexos "contrários" ou complementares, mas que a partir da "aproximação" que ocorreria entre ambos, o Logos passaria a engendrar um aumento de si mesmo através da natural procriação dos filhos, lembrando assim as palavras do fragmento (115): "A vida tem um Logos que se aumenta a si mesmo."

Heráclito também menciona nos fragmentos (36) e (76) a dinâmica e o processo de conversão que existe entre os quatro elementos a terra, a água, o ar e o fogo e conclui já no fragmento (31) que os outros três elementos seriam formados a partir do fogo, que como o sol é o elemento fundamental, colocando-o como um evidente denominador comum de "aproximação" entre todos os vários elementos, justamente para que se pudesse manter o Logos dos seres equilibrado na mesma medida e na mesma razão.

A luz solar possibilita o aparecimento do dia e da noite, do úmido e do seco, do quente e do frio, do jovem e do velho e de todos os contrários na natureza, mas justamente por ser a luz solar a fonte criadora destes contrários, ela passa também a ser o denominador comum entre eles, ou seja, ela representa o elo de "aproximação" entre eles.

Assim, a "aproximação" seria o elo convergente que aproxima os contrários divergentes entre si.

FRAGMENTO (123): NATUREZA MISTERIOSA

A natureza costuma ocultar-se.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

A natureza traz um dom de ocultar-se preservando deveras a sua intimidade, deste modo cabe ao homem inspirar-se para distinguir-lhe as suas verdades.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O poder de síntese deste pensador é realmente surpreendente, todavia podemos verificar que esta natureza que costuma ocultar-se se identifica com o mesmo Logos que o filósofo chama de real no fragmento (1), mas que os homens, mesmo assim, não conseguiriam compreendê-lo, tanto antes quanto depois de tê-lo auscultado, desta forma, por exemplo, embora tenhamos hoje em dia a consciência de que as galáxias estejam se afastando umas das outras pelo espaço sideral, determinando uma expansão no universo, confirmando as palavras do fragmento (115): "A vida tem um Logos que se aumenta a si mesmo", torna-se bastante difícil analisarmos de que maneira este fenômeno se iniciou e para onde estariam se dirigindo estas galáxias.

Desta forma, percebemos que a natureza costuma ocultar seus princípios e dimensões, tal como ratificamos ao lermos o fragmento (45): "Não se encontraria a caminho, os limites da vida mesmo quem percorresse outros caminhos, tão profundo é o Logos que possui", certamente essa ideia de infinito é algo muito difícil de ser assimilado pela mente de qualquer pessoa pois estamos acostumados a ver começo meio e fim em todas as coisas que pertencem ao Logos.

A natureza também costuma ocultar aos homens, de que forma seria a vida da alma após a morte do corpo

físico, que Heráclito provavelmente visualizou, pois chegou a escrever no fragmento (27): "Na morte advêm aos homens o que não esperam e nem imaginam"; o filósofo chegou a captar as verdades sobre a alma do ser humano pois vivia mergulhado em sua profunda ausculta ao Logos, entretanto para a grande maioria dos homens havia e ainda há um verdadeiro véu encobrendo esta realidade da "natureza" espiritual que ele chama de Hades (reino dos mortos).

Existe uma infinidade de reações físico-químicas que ocorre na natureza, mas que, em relação ao verdadeiro mecanismo que lhes caracteriza o potencial de ação, paira uma densa névoa de dúvidas, por mais que o ser humano elabore teorias numa tentativa de explicar a sua intimidade atômico-molecular, ainda assim, muitas dúvidas acabam permanecendo por se tratar de um microcosmo.

Quem observar o mar a partir de uma praia ou mesmo a partir de um navio passa a ter apenas a noção em perspectiva de como é a superfície do mesmo, mas como “a natureza costuma ocultar-se”, o verdadeiro mar está oculto aos olhos humanos e numa situação desta seria, portanto, necessário mergulhar em suas águas para ter uma noção melhor do que vem a ser a sua existência e ao tomar esta atitude o indivíduo perceberá que mergulhou apenas numa ínfima parcela de todo o seu gigantesco conjunto.

Quem observar a fisionomia de um ser humano pode até identificar algum traço de tristeza, ou expressão de alegria, ou o olhar displicente dos indolentes e até mesmo o olhar agudo dos amantes da sabedoria, mas é evidente que só estará observando algumas das inúmeras facetas que caracterizam aquela mente humana, pois o ser humano possui potencialidades que até ele mesmo ignora.

Assim, desde a preferência dos porcos pela lama até a vastidão do cosmo primordial que se formou através do “fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas”, a natureza costuma ocultar-se, por isso, é preciso auscultá-la com acurada sensibilidade juntamente com a atenção do amante da sabedoria.

FRAGMENTO (124): COSMO: DISPERSÃO E ARRANJO

De coisas lançadas ao acaso, o arranjo mais belo,
o cosmo.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Das coisas que são lançadas ao acaso
o cosmo, mostra um arranjo mais belo,
nele, o pensamento não conhece acaso,
e o infinito torna-se-lhes o seu elo.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Muitos pensadores advogam a tese de que o acaso não existe no que se refere à evolução da alma humana, também acreditamos que não, porque entendemos que o seu grau de discernimento assim como de sensibilidade devam ser diretamente proporcionais ao seu empenho e ao seu amor à sabedoria como virtudes cultivadas muitas vezes à custa de um gigantesco sacrifício de si mesma.

O próprio Heráclito também se enquadra nestas considerações e não foi por acaso e sim graças à acurada meditação que ele pode escrever estes raros fragmentos tão profundos e, se para muitos, bastante obscuros, sem dúvida nenhuma ricos de significação e que abrem perspectivas para muitas interpretações filosóficas que até hoje, tanto tempo depois, ainda fascinam os pensadores que, à sua herança literária, tenham a oportunidade de estudar.

Entendemos o acaso como algo limitado e restrito a certas circunstâncias, assim, se arremessarmos dados, os números encontrados serão aleatórios e, até certo ponto, dependerão do acaso, ainda que as leis da probabilidade estabeleçam limites para as alterações, podemos afirmar que sempre, o arremesso seguinte será uma incógnita.

No transcorrer de um temporal, poderíamos ver a faísca de um raio atingindo uma árvore específica em meio a tantas outras, assim, poderíamos perguntar: Por que o raio não atingiu as outras árvores ali existentes?

Podemos também considerar o conteúdo de um livro, no qual o acaso poderia até determinar equívocos esporádicos em algumas palavras ou ainda de acentuação, todavia o acaso não seria suficiente para fazer com que o conteúdo de um livro de medicina se transformasse nos cálculos de um livro de matemática ou vice versa.

Podemos agora nos perguntar por que a via láctea está ocupando este local atual específico no espaço sideral neste momento e não em outro local qualquer, por exemplo: do lado oposto do universo?

Os cientistas atuais defendem a tese de que a massa que teoricamente existia no "centro do universo" teria explodido na ação que eles denominam de "big bang" e que a partir daí todas as galáxias estariam se afastando umas das outras e deste "centro do universo"; entretanto o acaso continuaria sendo a determinante da posição de cada galáxia, pois se considerando que o conjunto todo realmente tenha se espalhado nesta "gênese explosiva", sempre restará a pergunta: Por que esta galáxia veio parar deste lado do universo e não em outro lado qualquer?

Se nós pensarmos em Deus, a pergunta continua sendo a mesma, pois, porque Ele, o Criador do universo, não teria colocado esta galáxia num outro local do infinito? Assim, mesmo que o acaso tenha determinado a localidade de cada galáxia, não tirou a beleza do arranjo harmônico do conjunto, pois a beleza do cosmo é inquestionável.

Enfim, sejam quais forem as situações para que haja a possibilidade de um acaso, sempre continuará sendo verdadeiro que o cosmo, tal como um Logos visível, há de representar a possibilidade mais encantadora que existe.

Heráclito deve ter auscultado estas possibilidades filosóficas ainda que por intermédio apenas de sua poderosa intuição, mas como ele tinha o hábito de externar os seus pensamentos de forma sintética ele apenas conclui: "Das coisas lançadas ao acaso, o arranjo mais belo, o cosmo."

FRAGMENTO (125): DECOMPOSIÇÃO E HARMONIA

Também o ciceão (beberagem composta), se decompõe se não se o agita.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Também o ciceão, uma bebida composta, terá decomposição se não se o agitar, e seus contrários, por tensão oposta, na divergência deverão se harmonizar.

DEDUÇÃO EM PROSA:

O ciceão nos é apresentado neste fragmento como sendo uma beberagem composta e como tal ele deve ser constituído por duas parcelas líquidas bastante distintas entre si, em decorrência muito possivelmente da diferença de densidade entre ambas, dando como resultante evidente um líquido heterogêneo, conseqüentemente o mais denso deles iria para o fundo do vasilhame se não se o agitasse.

De forma simbólica poderíamos aqui estabelecer a inter-relação dos contrários, pois o "líquido leve" estaria coexistindo com o "líquido pesado", numa associação de "convergência em tensão" como menciona o fragmento (8), enquanto estivesse sendo agitado, mas na medida em que cessasse a energia cinética, eles buscariam se harmonizar libertando-se desta "tensão de convergência", através da divergência, portanto ocorreria a precipitação do líquido mais denso do ciceão e, desta forma, os contrários "líquido leve" e o "líquido pesado" estabeleceriam uma espécie de repouso calcado na divergência entre estes contrários por intermédio da precipitação do líquido pesado.

Heráclito escreve do seguinte modo no fragmento (8): "O contrário em tensão é convergente, da divergência dos contrários a mais bela harmonia, e o todo se engendra

pelos contrários”, certamente o ciceão por ser uma bebida composta, apresentando estes dois tipos distintos, um mais denso e outro mais leve, caracteriza os contrários que se apresentam convergentes em um estado de tensão que é mantido pelo movimento de quando se agita o líquido todo.

A energia cinética obtida a partir da agitação do líquido todo funcionaria como uma espécie de vínculo de elos primários para que os contrários “líquido pesado” e “líquido leve” permanecessem momentaneamente unidos.

Na mesma linha de raciocínio pode-se imaginar os átomos de sódio e de cloro existindo dissolvidos em um líquido aquoso, os átomos, portanto se apresentam livres na forma iônica, entretanto haverá uma natural aproximação dos diferentes átomos entre si e ainda haverá uma gradual evaporação da água com o passar do tempo e então o cloreto de sódio começará a se precipitar no fundo do vasilhame observado, representando a grosso modo uma ação análoga a esta decomposição do líquido do ciceão mencionado.

Podemos também relacionar a ideia do presente fragmento com a "harmonia de tensões opostas", que foi relatada no fragmento (51), onde poderíamos interpretar que os divergentes entrariam numa convergência com eles mesmos, certamente, aqui neste caso, os líquidos que só alcançariam um estado de repouso na divergência pela precipitação do líquido mais pesado, durante a agitação do ciceão, estes líquidos estariam convergentes entre si, numa espécie de equilíbrio pela harmonia de tensões opostas.

A agitação do ciceão aqui no presente fragmento funciona como uma espécie de tênue elo estabelecido para que se faça a união entre os "contrários": "líquido leve e líquido pesado", assim, como o traçado da circunferência do círculo acaba estabelecendo um elo entre o princípio e o fim como é possível de se confirmar pelo que o filósofo expressa nas palavras do fragmento (103), ou como ainda poderíamos imaginar que fosse o caso do "morno" como um vínculo existente entre "frio e quente", bem como o ato de cochilar como vínculo entre adormecido e desperto e analogamente a aurora e o ocaso como elos entre o dia e a noite.

FRAGMENTO (125a): RIQUEZA E POBREZA

Que a riqueza não vos venha a faltar, efésios, a fim de que vossa miséria possa desvendar-se toda.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

Que jamais haja uma falta de riqueza aos cidadãos de Éfeso constantemente, pois deste modo a verdadeira pobreza deverá ser elucidada inevitavelmente.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Como já foi analisado anteriormente, Heráclito tinha nítidas discordâncias principalmente com as ideias dos líderes de Éfeso, que se pode confirmar ao ler o fragmento (121), onde o filósofo menciona que seria bem merecido aos efésios abandonarem a sua cidade aos meninos, já que eles chegaram ao disparate e à insensatez de expulsar ao cidadão Hermodoro justamente porque se tratava do melhor homem entre eles e utilizaram como justificativa um argumento ou uma teoria mais absurda do que a própria ação em si, qual seja: "... nenhum de nós será o melhor, mas se alguém o for, então que seja alhures e entre outros".

Por esse tipo de ação e de justificativa teórica se torna possível avaliar o tipo e a qualidade de mentalidade que predominava na elite da cidade de Éfeso.

Para Heráclito, um, poderia ter o valor de até mil, se fosse o melhor, como se pode aferir pelas palavras do fragmento (49) e se alguém chega ao ponto de valorizar tanto uma única pessoa, é evidente que jamais imaginaria cometer o disparate de relegar alguém ao ostracismo.

Heráclito já havia identificado em suas auscultas que os melhores homens diferenciam-se da maioria porque enquanto eles buscam cultivar as maravilhas do seu eu

eterno, relatado no fragmento (29), esta maioria de homens permanece perdida nos valores materiais, oscilando entre os fragmentos (2), (4), (5), (22) e (70).

Podemos considerar, com sobra de motivos, que o filósofo deva ter elaborado este fragmento para projetá-lo qual dardo irônico nas várias mentes superficializadas pela indolência de si mesmas em que viviam os efésios em geral, principalmente os líderes da cidade, já que era justamente em suas mãos que repousava o poder de decisão e a bússola ideológica que norteava as outras mentes enceguedas; aliás, aqui se pode perceber mais um interessante vínculo com as citações bíblicas, pois o Cristo também se referindo aos hipócritas fariseus, ou seja, condutores que haviam na antiguidade disse: “São cegos conduzindo cegos.”

Assim, Heráclito roga que a riqueza (obviamente, a dos bens materiais), nunca lhes faltasse, para que algum dia, depois de assimilarem bastante conhecimento a mais sobre os ideais, as virtudes e as verdades do Logos (vida), possivelmente depois de muitas gerações, já que, naquela que ele conhecia, tanto os meninos quanto os adultos eram insipientes, viessem a compreender que ainda continuavam sendo apenas seres humanos miseráveis de sentimento e de discernimento em relação a eles mesmos.

Heráclito roga neste fragmento que a riqueza conseguida com o ouro mencionado nos fragmentos (9), (22) e (90) não faltasse aos efésios, para que eles se mantivessem bem alimentados e vaidosos para algum dia caírem do seu pedestal de ignorância rústica ao compreenderem que os verdadeiros valores não estão na parcela visível do Logos (matéria), justamente porque a matéria representa apenas uma miragem tão passageira de valores que um dia não pertencerão mais àqueles que imaginavam que os possuíam, entretanto uma existência é muito pouco tempo para que a população compreenda tantas coisas, e mesmo dois mil e quinhentos anos após a morte de Heráclito a população não só de Éfeso, mas de todo o planeta ainda não se encontra realmente preparada para entender que o Logos invisível (Hades) é mais forte do que o visível (matéria).

FRAGMENTO (126): AÇÃO DOS CONTRÁRIOS - III

O frio esquenta, o quente se esfria, o úmido se torna seco e o seco se umidifica.

DEDUÇÃO EM ESTROFE:

O frio se aquece, o quente se esfria,
o úmido se seca, o seco se umidifica,
todos os contrários buscam harmonias,
desta maneira, o Logos se identifica.

DEDUÇÃO EM PROSA:

Este é o último fragmento deixado pelo filósofo e, de certa forma, seria mesmo de se esperar que Heráclito encerrasse a sua curiosa obra esboçando a ideia que mais caracterizou a sua filosofia que é o inter-relacionamento dos contrários e aqui ele ressalta ainda uma vez a dinâmica que agiliza e possibilita esta interação existente entre eles.

Ainda que os físicos modernos defendam a tese de que não exista o frio, mas simplesmente, mais e menos calor, esta variação de temperatura seguramente chegaria a determinar circunstâncias físicas que poderiam e podem ser consideradas contrárias entre si, portanto, a água devido à baixa temperatura, experimentaria uma conformação física modificada para o gelo, enquanto que a alta temperatura a faria se transformar, de maneira contrária, no estado de vapor, por intermédio do fenômeno da ebulição.

Há sempre que se ressaltar que a coexistência dos contrários no Logos e o mecanismo que lhes dá um sentido de coerência é todo ele proveniente da luz do sol que ao iluminar o meio ambiente possibilita a diferenciação do dia em relação à noite, do quente com o frio e do úmido com o seco, pois é exatamente esta luz solar que aquece os objetos

tornando-os quentes e a sombra desta mesma luz tornando-os menos quentes ou frios e até mesmo úmidos ou secos.

O sol é o vínculo direto que existe entre a matéria e o “fogo eternamente vivo que se acende segundo medidas e se apaga segundo medidas” e que possibilitou a gênese do Logos e é o mesmo sol que alimenta o fogo que conhecemos na natureza, o fogo dos raios, o fogo dos explosivos, o fogo de substâncias inflamáveis como a gasolina, etc., e é também este fogo que utilizamos na natureza e que pode tornar os objetos mais quentes ou frios, assim como torná-los secos, depois que foram previamente umidificados.

Heráclito de Éfeso identifica a possibilidade tanto do "frio" se esquentar, quanto do quente também se esfriar, mostrando aqui, este vínculo de elos primários que interliga todos os diferentes contrários entre si, por intermédio da dinâmica já analisada no fragmento (111).

Finalmente verificamos que o filósofo ressalta a conversão das circunstâncias em que se poderia identificar a existência do estado úmido e ainda a interação cinética que poderia possibilitar a sua transformação para o estado físico contrário, o seco, e aqui no presente fragmento o pensador ressalta que tanto num sentido de transformação quanto no outro esta dinâmica de conversão seria possível.

O vínculo de elos primários a que nos referimos, seria uma espécie de substrato de lógica do próprio Logos, a viabilizar a existência e a inter-relação do quente com o frio, do úmido com o seco, do incompleto com o completo, do convergente com o divergente, também da concórdia com a discórdia, do visível com o invisível, do reto com o curvo, do caminho para cima com o caminho para baixo, da guerra com a paz, da fome com a saciedade, da indigência com a fartura, do sono com a vigília, da fadiga com o repouso, do verão com o inverno, do outono com a primavera, da aurora com o poente, do jovem com o velho, ainda da saúde com a doença, da "alma úmida" com a "alma seca", dos mortais com os imortais, do Hades (reino dos mortos) com Dionísio (reino dos ciclos vitais), da noite com o dia, do mal com o bem, do vivo com o morto e, para terminar, a abrangência amplamente significativa do princípio com o fim.



A estátua da deusa Ártemis – Museu do Louvre. O templo de Ártemis (ou a Diana dos romanos) Foi uma das sete maravilhas do Mundo Antigo. Filha de Zeus e de Letó e irmã gêmea de Apolo. Deusa helênica da caça e dos animais silvestres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O princípio e também o fim se reúnem
na circunferência que há num círculo,
os opostos relativos então se fundem
na reciprocidade que gera um vínculo.

*** É possível estudar filosofia em poesia?
Sim, pois se próprio mundo da filosofia desconhece
limites, então, por princípio, tudo está inserido no plano
das possibilidades.**

*** É possível explicar Heráclito tendo por base,
os próprios fragmentos dele mesmo?
Leia as deduções em poesia e em prosa deste livro
e tire as suas próprias conclusões!**

*** Este livro representa uma viagem em poesia e em
prosa ao mundo filosófico pré-socrático deste
pensador eremita tão polêmico chamado Heráclito!**



Impresso no Brasil